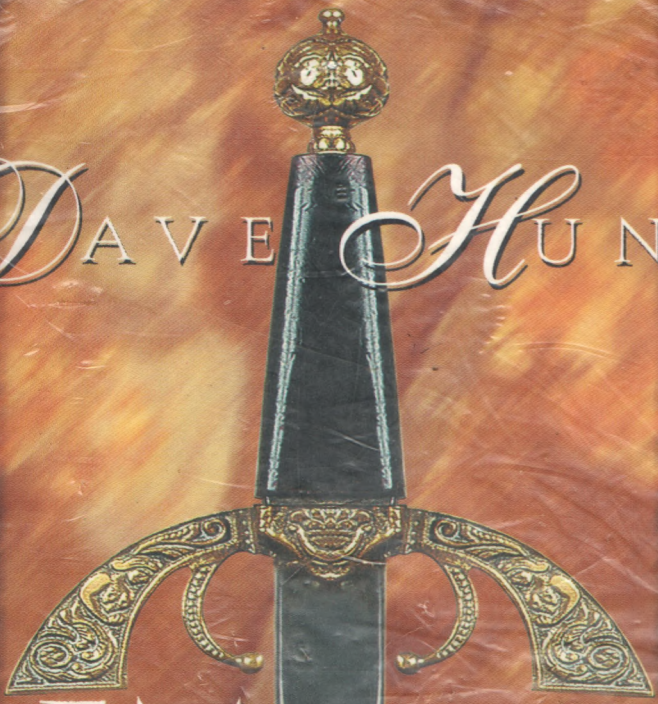
CPAD

DAVE HUNT



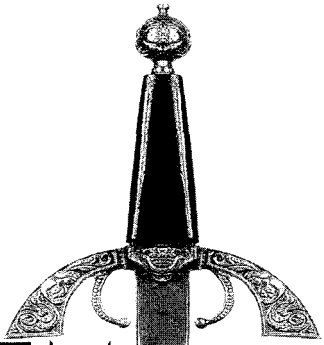
EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ

Respostas a perguntas difíceis



REIS BOOK'S DIGITAL

DAVE HUNT



EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ

Traduzido por Lena Aranha

CPAD

Todos os direitos reservados. Copyright © 2006 para a língua portuguesa da Casa Publicadora d Assembléias de Deus. Aprovado pelo Conselho de Doutrina.

Título do original em inglês: *In Defense of the Faith*
Harvest House Publishers, Eugene, Oregon, EUA
Primeira edição em inglês: 1996
Tradução: Lena Aranha

Preparação dos Originais: Gleyce Duque
Revisão: Daniele Pereira

Capa, projeto gráfico e editoração: Eduardo Souza
Foto de capa: Solmar Garcia

CDD: 248 – Vida Cristã
ISBN: 85-263-0745-2

As citações bíblicas foram extraídas da versão Almeida Revista e Corrigida, edição de 1995, da Sociedade Bíblica do Brasil, salvo indicação em contrário.

Para maiores informações sobre livros, revistas, periódicos e os últimos lançamentos da CPAD, visite nosso site: http://www.cpad.com.br

SAC — Serviço de Atendimento ao Cliente: 0800-701-7373

Casa Publicadora das Assembléias de Deus
Caixa Postal 331
20001-970, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

1ª edição/2006

SUMÁRIO

Por que Crer? 7

1. Evidência, Razão e Fé 15

2. Quem É Deus? 35

3. A Bíblia É Confiável? 61

4. Há Contradições na Bíblia? 89

5. Desafios à Fé 117

6. Evidências de Autenticidade e Inspiração 147

7. E quanto à Oração? 177

8. E quanto ao Mal, Satanás e os Demônios? 205

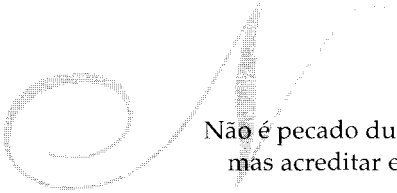
9. E quanto ao Sofrimento e o Inferno? 231

10. Um "Arrebatamento" e uma "Segunda Vinda"? 257

11. Evangelho que Salva 287

12. Certeza da Salvação 315

Notas 335



Não é pecado duvidar de algumas coisas,
mas acreditar em tudo pode ser fatal.
— *A. W. Tozer*

Há espaço para ceticismo como há espaço para a fé;
e, ao considerar um investimento ou a adoção de uma religião,
o ceticismo deve vir primeiro.
— *Irwin H. Linton*
Em *A Lawyer Examines the Bible* ("Um Advogado Examina a Bíblia")

POR QUE CRER?

Se perguntássemos à maioria das pessoas a razão por que crêem, muitas delas teriam dificuldade de oferecer uma base sólida para sua opinião. De modo geral, as convicções pessoais referem-se à lealdade a uma herança ou a uma tradição específica. É surpreendente notar o quanto a fé fundamenta-se na submissão a uma instituição, a um partido político, a uma igreja, ou a um sistema religioso, mas não em fatos. Muitas vezes a fé religiosa é mais uma demonstração de lealdade aos pais, ao sacerdote, ou ao pastor, do que uma convicção real fundamentada em evidência sólida.

Cientistas — os Sumos Sacerdotes de Hoje?

O mesmo acontece em relação ao mundo secular. As crenças existem por razões sociais, a fim de ser aceito em um círculo de amigos ou entre os colegas. Por exemplo, não acreditar na evolução levaria alguém a ser ridicularizado por seus colegas e, até mesmo, a perder sua posição na comunidade acadêmica. Robert Jastrow, um dos astrônomos mais importantes do mundo, foi o fundador (e por muitos anos o diretor) do Instituto Espacial Goddard, que lançou as sondas Pioneer e Voyager no espaço. Jastrow, agnóstico, chocou seus colegas em uma conferência nacional da Associação para Ciências Avançadas ao admitir que

havia evidências de um Criador Superior do universo. Ele também teve coragem de escrever:

> Os astrônomos, curiosamente, ficam contrariados... com a prova de que o universo teve um início. A reação deles fornece-nos uma demonstração interessante das respostas da mente científica — supostamente uma mente bastante objetiva —, quando a evidência revelada pela ciência entra em conflito com os artigos de *fé* professados por sua profissão... a ciência é uma espécie de *religião* (grifo do autor).[1]

Colin Patterson, paleontólogo sênior do Museu Britânico de História Natural, confessou: "Os evolucionistas — como os criacionistas, com quem periodicamente travam batalhas — não passam de crentes. Trabalhei com esse assunto [evolução] por mais de vinte anos, e não houve uma coisa [factual] sequer da qual tivesse tomado conhecimento. É um grande choque saber que alguém pode ser enganado por tanto tempo".[2] Watson, D.M.S., o homem que tornou a evolução popular na televisão britânica, (como Carl Sagan o fez na televisão norte-americana), ao falar diante de uma platéia de biólogos, ressaltou que todos ali compartilhavam da mesma *fé religiosa*:

> A evolução em si mesma é aceita por zoologistas não porque observaram sua ocorrência... nem porque ela pode ser provada logicamente por meio de evidências coerentes, mas porque ela é a única alternativa; a criação especial é claramente inacreditável [algo que muitos cientistas não querem admitir].[3]

Fred Hoyle, importante astrônomo britânico, lembra-nos do fato matemático, muito bem conhecido de que "mesmo se todo universo consistisse de uma sopa orgânica", a chance de essa sopa produzir as enzimas básicas da vida, por meio de processos aleatórios sem uma direção inteligente, seria de aproximadamente uma em dez, com 40 mil zeros depois dele. Em outras palavras, isso jamais poderia acontecer — jamais! Hoyle diz: "A Evolução Darwiniana provavelmente não o alcançará nem mesmo em uma seqüência exata, sem falar nas milhares de células vivas que dependem da mesma para a sobrevivência". Portanto, por que essa

teoria totalmente impossível é ainda muito prestigiada? Hoyle acusa os evolucionistas de defender uma *fé religiosa*:

> A situação [a impossibilidade matemática] é bem conhecida dos geneticistas, mas parece que, mesmo assim, ninguém põe um ponto final decisivo nessa teoria...
>
> A maioria dos cientistas apóia-se no darwinismo por causa do poder que exerce no sistema educacional... Você precisa acreditar nos conceitos ou será considerado um herético.[4]

Ninguém Gosta de Estar Errado

Portando, considerando a concepção de que os cientistas supostamente abraçam as crenças por razões fundamentadas em fatos, não é de surpreender que até mesmo uma pessoa comum também faça isso. Uma afirmação típica é: "Nasci hindu e permanecerei hindu até morrer!" A palavra "hindu" pode ser substituída por "muçulmano", "católico", "batista", "mórmon" ou muitas outras designações religiosas. Infelizmente, o que parece ser uma "fé" profundamente enraizada é, muitas vezes, alimentada pelo orgulho e pela obstinação inata.

Ninguém gosta de estar errado. É particularmente humilhante admitir que a fé religiosa de toda a vida de uma pessoa tenha sido colocada em lugar errado e que a fé herdada de seus ancestrais (ou que o ponto de vista "científico" aprendido na universidade), na verdade, é falsa. Afinal, a ciência (como vários cientistas agora admitem) e o ateísmo algumas vezes também criam "crenças" religiosas.

Muitas pessoas aceitam o que é divulgado por meio do rádio ou da televisão ou dos jornais e revistas como se a mídia não cometesse erros e estivesse livre de preconceito. É claro que ambas as pressuposições são tolas. Nenhuma pessoa ou agência noticiosa é infalível ou não tendenciosa. Isso também vale para escolas, educadores e livros de estudos. Sabemos que uma falsa história tem sido ensinada nos países comunistas, porém, muitas vezes, não reconhecemos que uma falsidade similar foi instilada no ocidente por causa de um preconceito igualmente perigoso e desonesto. É necessário ter coragem e humildade para encarar os fa-

tos, especialmente quando eles frustram tendências e lealdades existentes há muito tempo.

A Ingenuidade Universal

Se uma pessoa não presencia um incidente no momento em que ocorre, parece que não tem outra escolha a não ser acreditar no relato de uma testemunha ocular. Nessa circunstância, parece razoável acreditar no relato de alguém que você conhece pessoalmente e em quem confia de forma plena. Seria desleal duvidar de um bom amigo. Na verdade, duvidar dessa pessoa, aparentemente, equivale acusá-la de mentir ou, pelo menos, de não saber sobre o que está falando e, portanto, não ser confiável.

No entanto, é necessária uma palavra de advertência. Erros fatais podem se cometidos mesmo quando a testemunha ocular é um amigo próximo em quem confiamos completamente. Uma pessoa prudente faz perguntas inteligentes para ter certeza de que o ocorrido foi relatado de maneira acurada e de que a testemunha compreendeu o acontecido da maneira como isso realmente aconteceu. Apenas quando os fatos são claramente estabelecidos, a pessoa pode acreditar no relatório sem se importar com quem o tenha relatado.

Na maioria das vezes, muitos de nós somos ingênuos. Por essa razão, os artistas da vigarice acham alvos fáceis e defraudam milhões de vítimas a cada ano nos Estados Unidos. Todos precisamos ter uma dose saudável de ceticismo. Há uma história que conta sobre um homem que passava por uma rua e jogou uma moeda na caneca de lata que um homem segurava, usando óculos escuros e mostrando um cartaz que dizia: "Ajude um pobre cego". Após dar mais alguns passos o homem que deu a moeda virou-se e ficou chocado ao ver o "cego" tirar seus óculos escuros e examinar dentro da caneca. O homem que deu a moeda retornou rapidamente e declarou com raiva: "Você não é cego!", ao que o "cego" replicou: "Não, senhor, não sou cego. O cego está de folga; estou apenas em seu lugar. Geralmente, eu sou o surdo-mudo que fica na outra esquina".

Não havia necessidade de fazer muitas perguntas ao "cego" para descobrir a verdade antes de jogar a moeda na caneca de lata. Também não são necessárias muitas perguntas para descobrir a verdade sobre uma religião específica, embora poucas perguntas sejam usualmente feitas. Quando se referem à religião, no entanto, na maioria das vezes elas não são nem mesmo permitidas. Nesses vários anos de viagens ao redor do mundo para palestrar a diferentes platéias em países e culturas distintas, sempre valorizei o momento em que os ouvintes têm a oportunidade de desafiar-me com perguntas. Entretanto, disseram-me que a maioria dos pregadores e professores raramente oferece essa oportunidade aos ouvintes.

Qual É a Razão de sua Fé?

Todas as religiões em algum momento ou outro exigem fé — e, freqüentemente, não em Deus, mas no sistema religioso, na igreja em si, no fundador ou no líder religioso. O resultado de depositar a confiança em algo ou alguém que não seja Deus, embora esse algo ou esse alguém possa reivindicar que representa o Senhor, a decepção inevitavelmente aparece. Um indivíduo pode tornar-se cínico e dar as costas a toda religião e, a partir desse momento, rejeitar a possibilidade da verdade. Ou o indivíduo, para que possa conhecer Deus, pode tornar-se um seguidor mais diligente e cauteloso, mais sábio e determinado do que costumava ser, porém agora, mais cauteloso sobre as promessas e ensinamentos de meros homens.

Como veremos nas páginas seguintes, qualquer "fé" que não for fundamentada na razão, apoiada em evidências irrefutáveis, é uma verdadeira loucura. A Bíblia apresenta o registro daquilo que chama de "fé", esse elemento fundamental que oferece a única resposta confiável a todas as questões supremas da vida. Queremos encarar essas questões de forma honesta e aberta e, ao mesmo tempo, termos o maior cuidado de estarmos certos de que as respostas às quais chegamos são válidas. Permitiremos que os críticos desafiem a Bíblia de todo ângulo possível e descobriremos que a evidência em favor da "fé" é absolutamente invencível.

Não há nada errado em formular questões em busca da verdade. Na realidade, apresentar questões é essencial no processo de descoberta da verdade. Quaisquer respostas que sejam oferecidas têm de ser questionadas até que o indivíduo esteja satisfeito de que a verdade foi encontrada. Portanto, este livro é apenas uma série de perguntas que os investigadores sinceros (e muitos críticos, céticos e ateístas) têm feito e de respostas que apresentam uma razão para cada um desses questionamentos.

As questões encontradas nas páginas seguintes foram feitas a este autor por muitas pessoas sinceras do mundo inteiro, as quais estavam honestamente buscando a evidência que pudesse sustentar em si a fé verdadeira ou estavam fazendo o melhor que podiam para destruir a Bíblia e "fé" que a mesma oferece a toda a humanidade. As preocupações expressas pelos questionadores abrangem uma variedade de tópicos, desde como alguém pode saber se a Bíblia é verdade e se Jesus Cristo realmente existiu até se Ele é ou não o Salvador dos pecadores e como alguém pode ter certeza da salvação. A precisão da profecia bíblica é outro dos muitos tópicos que exigirão nossa atenção. A validade científica e histórica da Bíblia também serão examinadas com as questões referentes à existência do Deus da Bíblia e outras preocupações de importância vital.

O plano geral é muito simples: Uma pergunta é feita e a resposta é oferecida conforme a compreensão que o autor conclui sobre assuntos referentes à Bíblia, à ciência, à história e à experiência pessoal. Os capítulos são divididos de acordo com o assunto geral a ser discutido.

Aquele que deseja filosofar deve começar
por duvidar de todas as coisas.
—Giordano Bruno[1]

Quando o fundador de uma nova religião reclamou que esta fez pouco progresso entre as pessoas, Talleyrand replicou: "Apresentar uma nova religião não é um assunto fácil. No entanto, há algo que o aconselharia a fazer [...]. Vá e seja crucificado, depois enterrado e, a seguir, ressuscite no terceiro dia; e depois faça milagres, ressuscite os mortos, cure todas as doenças e expulse demônios — e assim é possível que você alcance seu objetivo". Esta foi a maneira astuta de Talleyrand dizer que aquela religião era um embuste, a qual deveria estar fundamentada em uma mentira.
—Samuel P. Putnam[2]

Como pôde um carpinteiro, [...] nascido em meio a um povo cujos grandes mestres eram limitados, amargos, intolerantes, legalistas pedantes, ser o supremo Mestre religioso que o mundo já conheceu, [...] a figura mais importante na história do mundo?
—W. S. Peake[3]

Nenhuma revolução que já aconteceu na sociedade pode ser comparada àquela que foi produzida pelas palavras de Jesus Cristo.
—Mark Hopkins[4]

Para a mente teórica, [o cristianismo] pode abrigar tudo que a ciência puder descobrir e ainda desafia a ciência a aprofundar-se mais e mais.
—Gordon Allport[5]



1

EVIDÊNCIA, RAZÃO E FÉ

Um Salto no Escuro

Questão: Sempre compreendi que há uma diferença entre crença e fé — a crença está fundamentada no fato, e a fé, uma vez que se relaciona à religião, deve estar divorciada da evidência e da razão. Isso parece razoável, mas ultimamente tenho pensado se isso deveria ser verdade e por que deveria ser verdade. Você poderia me ajudar?

Resposta: Você está lutando com uma compreensão equivocada, que é muito séria e que levou multidões à escravidão religiosa ao longo da história. A Bíblia considera que crença e fé estão no mesmo nível, que não existe diferença entre elas. Um pouco de bom senso e um pouco de reflexão lhe dirão que fé deve ser um fundamento factual seguro tanto quanto a crença. A fé não é um salto no escuro. Além disso, fé em Deus e em sua Palavra, por envolver assuntos eternos, é muito mais importante do que a crença sobre os assuntos referentes a esta vida.

A fé, portanto, deve ser uma base mais sólida do que a mera crença. Alguém pode estar disposto a permitir alguma incerteza em relação aos assuntos terrenos, mas apenas um tolo se sentiria

confortável com, até mesmo, o menor grau de dúvida quanto às coisas que o afetam eternamente. Não é de surpreender que o apóstolo Paulo tenha escrito: "Examinai tudo. Retende o bem" (1 Ts 5.21; grifo do autor).

Lucas nos relata que nos quarenta dias que Jesus passou com seus discípulos após sua ressurreição, Ele "se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas" (At 1.3; grifo do autor). Claramente, Cristo não achou que seria suficiente apenas mostrar-se a seus discípulos sem provar com evidências irrefutáveis sua ressurreição. Ele considerou tanto legítimo quanto essencial provar que Ele era exatamente o mesmo que fora crucificado e que ressuscitara dos mortos no mesmo corpo (mas agora em uma nova e gloriosa forma) que fora sepultado sem vida.

"Vede as minhas mãos e os meus pés, que sou eu mesmo," Cristo disse aos discípulos estupefatos na primeira vez que Ele apareceu-lhes depois de sua ressurreição. "Tocai-me e vede, pois um espírito [fantasma] não tem carne nem ossos, como vedes que eu tenho" (Lc 24.39; grifo do autor). Eles pensaram que estavam vendo um fantasma, mas Jesus provou o contrário. O incrédulo Tomé não estava presente nesta primeira ocasião, e Cristo declarou posteriormente: "Põe aqui o teu dedo e vê as minhas mãos; chega a tua mão e põe-na no meu lado..." (Jo 20.27) Ali estava a tangível evidência irrefutável.

O senso comum diz que a prova irrefutável deve ser exigida antes de se fazer um compromisso, um investimento nesta vida. Portanto, é ainda mais importante estar absolutamente certo e fundamentado em provas sólidas antes de aceitar, pela fé, as coisas que afetam o destino eterno de um indivíduo. A verdadeira "fé" como veremos, pode apenas estar fundamentada sobre fatos — não sobre sentimentos, intuição ou emoção. E, tampouco, a fé surge da submissão cega a algumas autoridades religiosas.

Ver Significa realmente Crer?

Questão: Um famoso adágio diz: "Ver para crer". A Bíblia diz: "Porque andamos por fé e não por vista" (2 Co 5.7). Essas duas idéias parecem estar em conflito direto uma com a outra. Qual delas está correta?

Resposta: A primeira afirmação, embora possa ser parcialmente verdadeira, pode dar uma impressão errada; a segunda é totalmente verdadeira. Embora "ver" com os próprios olhos ou testemunhar uma ocorrência possa ajudar a pessoa a crer, nem sempre a pessoa "vê" de maneira acurada. Portanto, "ver" não é sempre uma razão suficiente para crer em alguma coisa. Como também "ver" não é essencial para crer, pois, obviamente, cremos em muitas coisas que nunca vimos.

Por exemplo, muitas pessoas nunca estiveram na China e, portanto, nunca viram este país com seus próprios olhos. Conseqüentemente, eles acreditam que este lugar existe por meio de abundantes testemunhos dos que já estiveram lá e de muitas outras evidências. Ninguém jamais viu a gravidade, embora já tenhamos observado o que acreditamos que sejam seus efeitos. Bem como nenhum cientista já viu a energia, embora hoje acreditemos que ela seja a matéria de que todo o universo é feito.

Além disso, a aparência pode ser enganosa, como todos sabemos por experiência. A miragem pode fazer com que a areia escaldante de um árido deserto pareça ser água. Um mágico em cena pode iludir a audiência para que "veja" algo impossível. Na verdade, em nenhuma instância nós realmente "vemos" o que estamos olhando. O leitor, na verdade, não vê as páginas e a impressão deste livro. O que ele "vê" é a impressão criada em suas células cerebrais de um reflexo conduzido por pequenas ondas para dentro de seus olhos e depois ao longo de conexões nervosas para seu cérebro. O que quer que essa impressão seja exatamente, com o que a página e a tinta realmente se "parecem" ou realmente "são" pode nunca ser conhecido por nós, meros mortais. Portanto, "ver" não é o que alguém julga que a coisa seja e certamente não é o melhor fundamento para a crença. James Jeans, astrônomo britânico, declarou:

> A grande conquista física do século XX não foi a teoria da relatividade... nem a teoria quântica... tampouco a divisão do átomo... [mas] é o reconhecimento geral de que não estamos ainda em contato com a realidade última...[6]

Andamos por Fé e não por Vista

As palavras de Jesus quando Ele se revelou a para Tomé foram muito instrutivas: "Porque me viste, Tomé, creste; bem-aven-

turados os que não viram e creram!" (Jo 20.29) Pedro escreveu sobre o Cristo ressurrecto que agora está no céu à direita do Pai: "Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso" (1 Pe 1.8). Se "ver é crer", então todos que vivem hoje que, ao contrário de Tomé, nunca viram ou tocaram Cristo fisicamente, não poderiam crer nEle.

De fato, se "ver é crer" fosse verdade, ninguém poderia acreditar em Deus, pois Ele habita "na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu *nem pode ver*" (1 Tm 6.16; grifo do autor). O apóstolo João declarou que "Deus nunca foi visto por alguém" (Jo 1.18; 1 Jo 4.12). Ainda assim, acreditamos em Deus, e milhares de pessoas inteligentes também crêem nEle sem que jamais o tenham visto com seus próprios olhos. Portanto, obviamente, a fé não envolve ver com os olhos, pois a fé faz contato com o que é invisível. O maior capítulo sobre a fé na Bíblia inicia-se com: "Ora, a fé é [...] a prova das coisas que se *não vêem*" (Hb 11.1; grifo do autor).

Essas afirmações bíblicas revelam o grande logro do ensino fundamentado na visualização. Por exemplo, o pastor da maior igreja do mundo insiste que é impossível ter fé e receber resposta para uma oração sem que visualizemos claramente o objeto ou o resultado pelo qual alguém está orando.[7] Ao contrário, a tentativa de visualizar e, conseqüentemente, de "ver" destrói a fé, que apenas pode envolver o que *não vemos*! Lembre-se, "andamos por *fé e não por vista*", e as duas são incompatíveis.

Os elementos mais importantes desta vida física (amor, alegria, paz, propósito, contentamento, verdade, justiça, etc.) não podem nem ser vistos nem explicados. Não muito tempo atrás, o mundo acadêmico acreditava amplamente que a ciência física, um dia, explicaria tudo, inclusive a consciência. Essa esperança vã não é mais admitida pela maioria dos cientistas. John Eccles, prêmio Nobel, apontou que o recente reconhecimento de que a mente é um ente não-físico causou o colapso do materialismo científico.[8] Erwin Schroedinger, outro prêmio Nobel, que desempenhou papel vital na pesquisa, apresentando ao mundo contemporâneo uma nova física, expressou isso de maneira bastante direta:

> A descrição científica do mundo real que me rodeia... silenciou assustadoramente sobre tudo... que se encontra realmente perto de nosso coração, tudo que realmente é importante para nós... [ela] não sabe nada... sobre o bem e o mal, sobre Deus e a eternidade...
>
> De onde venho e para onde vou? Esta é a grande e insondável questão para cada um de nós. A ciência não tem resposta para isso.[9]

O "ver" tem sérias limitações, além de ter muito pouco a ver com o "crer" e *nada* a dizer a respeito da "fé". Devemos ter fé se quisermos saber sobre as coisas mais importantes da vida (amor, alegria, paz, propósito, contentamento, verdade, justiça, etc.), as quais a ciência não pode revelar e a respeito das quais ela nada tem a esclarecer. Porém essa afirmação imediatamente suscita a importante questão de como uma pessoa pode acreditar em algo ou em alguém que nunca viu e que, na verdade, não pode ver. *A fé deve estar fundamentada em evidências que independem de sinais físicos ou comprovação científica, mas que são irrefutáveis.* O restante deste livro tratará bastante desse assunto.

É Errado Querer Evidências para sua Crença?

Questão: Desde criança fui criado em uma determinada igreja e acreditei em tudo que o pastor e meus pais me ensinaram quando eu era jovem. Conseqüentemente, quando fiquei mais velho comecei a ter muitas dúvidas; mas quando perguntei ao pastor sobre elas, ele disse que eu tinha de aceitar as declarações de nosso santo Pai e dos pastores. Eu queria acreditar, porém essas questões continuavam a me incomodar. É errado querer alguma evidência e, até mesmo, alguma prova sobre o que a igreja ensina?

Resposta: É surpreendente a quantidade de pessoas que vai regularmente à igreja e aceitou a perigosa e ilógica idéia de que quando vem para a religião a pessoa não pode nunca questionar nada, pois isso demonstraria uma "falta de fé". Ao contrário, as questões *precisam* ser formuladas e a pessoa não deve ficar satisfeita até que se sinta segura em relação à resposta recebida. O ceticismo, na verdade, é *essencial* como um primeiro passo em

direção à fé, desde que ele não se revista de orgulho nem se transforme em um pretexto para o preconceito. A credulidade ingênua não ajuda a fé verdadeira; na verdade, é sua inimiga.

A fé é a confiança absoluta e total. Certamente, ninguém ou nada além de Deus é merecedor de nossa absoluta e total confiança e, portanto, de nossa fé. Jesus disse: "Tende fé em Deus" (Mc 11.22). Portanto, quando a fé é associada a alguém (pastor, sacerdote, guru) ou a algo (igreja, religião, instituição) que não seja Deus, está mal direcionada. Apenas Deus é onipotente, onisciente e onipresente e, portanto, não nos desaponta quando cremos nEle. Apenas Ele é merecedor de nossa confiança total; e Ele responsabiliza cada de um nós por conhecê-lo pessoalmente e, como princípio fundamental, depositar nossa total confiança *apenas* nEle.

Conhecê-lo *pessoalmente*? Sim. Tanto a Bíblia quanto o senso comum nos mostram isso. Nenhum pastor, sacerdote, guru ou igreja que reivindicam atuar como mediador entre Deus e o homem nos diz: "Confie em mim", estão por meio desta reivindicação exigindo nossa total confiança, que deve ser dirigida apenas a Deus. Obviamente, se for para uma pessoa agir como mediador entre Deus e a humanidade, esta precisa também ser Deus, já que ninguém mais é merecedor de nossa confiança incondicional. Jesus Cristo é Deus que se tornou homem por meio do nascimento virginal. Por isso é que a Bíblia diz: "Porque *há* um *só* Deus e um *só* [*apenas um*] mediador entre Deus e os homens, [que também é Deus] Jesus Cristo, homem" (1 Tm 2.5; grifos do autor).

Qualquer sistema religioso que demanda fé em seus ensinamentos — fundamentado em sua alegada *autoridade* em vez de fundamentar-se em firme evidência —, e o qual é relutante em permitir que suas doutrinas e afirmações sejam livremente examinadas por mentes sinceras e inquisitivas, não pode ser confiável. A idéia de que apenas a elite do sacerdócio ou clero é qualificada para determinar a verdade em relação à religião, moral ou fé e de que seus dogmas devem ser aceitos sem questionamento é uma mentira que já custou a muitos sua liberdade e paz de espírito na terra e os condenou a passar a eternidade no inferno. Deus mesmo disse à humanidade: "Vinde, então, e *argüi-me*" (Is 1.18; grifo do autor). Esperamos seguir esse aviso ao longo deste livro.

Qual É o Papel da Evidência e o da Razão?

Questão: Posso ver que não faz sentido e que seria muito perigoso crer em alguma coisa simplesmente porque alguma igreja ou líder religioso diz que assim devo fazer. Obviamente, deve haver outros fundamentos para a crença. Por esta razão, estou confuso, pois se a "fé" está fundamentada em razão e evidências, não parece ser a verdadeira fé.

Resposta: Sua confusão é resultado de imaginar que a razão e a evidência estão envolvidas *em toda* a fé, o que poderia tornar a fé *totalmente* racional — e aí, eu concordo, isso não faria sentido. Certamente, a fé não é necessária para se acreditar em coisas que são evidentes em si mesmas ou que podem ser de todo comprovadas, tais como o fato de que o sol está no céu e enviando seu calor para a Terra.

Por outro lado, a razão e a evidência podem legitimamente apontar a direção que a fé deve seguir — é *necessário* fazer isso. Na verdade, a fé não deve transgredir a evidência e a razão, ou ela seria irracional. A fé está um passo *além* da razão, portanto, segue apenas a direção apontada pela razão e pela evidência.

A idéia de "salto de fé" (em que a fé deve ser irracional) foi difundida por algumas escolas de filosofia e religião. No entanto, se isso fosse verdade não haveria outros fundamentos para a fé, e esta seria apenas fundamentada em sentimentos e em intuições da pessoa que crê. Em conseqüência, a pessoa poderia acreditar ou ter fé em qualquer coisa. Como diz o ditado: "Se isso funciona para você, está correto" — uma idéia insensata que nega a incondicionalidade da verdade.

De acordo com essa teoria, a *fé* em si mesma é que se torna importante, não o *objeto* da própria fé. Não importa em *que* alguém acredita. A pessoa precisa acreditar em *alguma coisa*, para depois dar o salto. Essa é a *crença* que causa o efeito que alguém busca — uma teoria que contém alguma verdade temporária e limitada. Sim, acreditar na Força da Guerra das Estrelas ou que Deus é uma espécie de gênio mágico que existe para comandar alguém pode, na verdade, trazer uma temporária sensação de

bem-estar. Por fim, essa crença se torna uma desilusão e a bolha de euforia se rompe, deixando a pessoa em uma situação pior do que a anterior.

Fé É a Resposta para a Verdade Demonstrada

À primeira vista pode parecer normal rejeitarmos a razão e a evidência, pois Deus está muito além de nossa capacidade de compreensão total e, dessa maneira, está além de qualquer prova que possamos compreender. Muito menos que a *prova*, como poderia a evidência ter qualquer participação na crença em Deus? Como já vimos, de qualquer modo, se a razão não tem *qualquer* participação na fé, assim a pessoa pode acreditar em qualquer tipo de "deus" — uma idéia claramente falsa. A pessoa deve ter *alguma* evidência até mesmo para crer que existe um Deus. De outra maneira, como a idéia de Deus poderia se sustentar?

Felizmente, a evidência sobre Ele está em todo lugar a nossa volta: "Os céus manifestam a glória de Deus. [...] Porque as suas coisas invisíveis, desde a criação do mundo, tanto seu eterno poder como a sua divindade, se entendem e claramente se vêem pelas coisas que estão criadas, para que eles [toda a humanidade] fiquem inescusáveis" (Sl 19.1, Rm 1.20; grifo do autor). Ninguém pode aprender muito sobre a incrível natureza do universo, nem sobre a beleza da simplicidade da estrutura atômica dos elementos, nem sobre a incompreensível complexidade de uma célula viva com dez mil reações químicas, acontecendo em perfeita harmonia umas com as outras, sem se dar conta de que isso não poderia acontecer por acaso.

A estrutura de uma folha (e quanto mais a do cérebro humano) requer um Planejador inteligente, que está além de nossos mais altos pensamentos ou Ele não seria capaz de criar e governar o universo. Certamente é apropriado que observemos a incrível ordem do universo e que, diante de tal evidência, cheguemos à conclusão de que o universo, bem como nós mesmos, não somos frutos do acaso, mas devemos ter sido planejados e criados por um Ser com inteligência e capacidade para fazer tudo isso. *Evidência e razão apontam para Deus.* Isto não é apenas o autêntico primeiro passo para conhecê-lo, mas também o essencial.

Este Deus, entretanto, a fim de ser o Criador e o Sustentador do universo deve ter habilidades que estão infinitamente além de nossa capacidade de compreensão. A razão pode seguir a evidência apenas até esse ponto e depois percebe que a compreensão de tudo está muito além de sua capacidade. Neste ponto é que a fé dá o próximo passo para conhecê-lo, um passo que está além da capacidade da razão acompanhar, mas que é dado (e precisa ser dado) na *direção* apontada pela razão e pela evidência.

O ateu vê esta mesma evidência, e ele também dá o passo de "fé", para além da razão. Infelizmente, entretanto, ele dá este passo tentando escapar das conseqüências de admitir a existência de Deus e, deste modo, de suas responsabilidades para com seu criador. O ateu dá o "salto de fé" em direção oposta para a qual a razão e a evidência claramente apontam. Ele escolhe negar a evidência e, conseqüentemente, sua "fé" é totalmente irracional, embora, de qualquer modo, seja uma fé genuína.

Há muitas outras evidências específicas para se crer em ambos, em Deus e na Bíblia como sua Palavra, mas trataremos dessas evidências mais tarde.

Evite Tentar "Coagir" a si mesmo a Crer

Questão: Tenho me esforçado com essa coisa chamada "fé" durante toda a minha vida. Eu quero "crer" em Deus e na Bíblia, mas não consigo coagir-me a isso. Continuo sendo importunado por dúvidas. O que devo fazer?

Resposta: De forma alguma "se obrigue" a acreditar em Deus ou na Bíblia. Deixe-me sugerir que você inicie encarando a necessidade racional de que Deus exista. Nem o universo nem nós mesmos existiríamos ou teríamos qualquer propósito ou significado sem Deus. A Bíblia inicia-se assim: "No princípio, criou Deus os céus e a terra" (Gn 1.1). Ela não questiona a existência de Deus, pois este fato é evidente em si mesmo por meio do universo que nos rodeia e que foi inserido por Deus na consciência de cada pessoa.

A Bíblia declara de maneira inapelável: "Disseram os néscios no seu coração: Não há Deus" (Sl 14.1; 53.1). Qualquer ser huma-

no racional deve concordar com este pronunciamento. Apenas um tolo poderia pensar que o universo existe por acaso. Conforme Linus Pauling, ganhador do prêmio Nobel, declarou, apenas uma célula viva do corpo humano "é mais complexa que a cidade de Nova Iorque". É um absurdo imaginar que a vida em si mesma (a qual é um mistério que está além da capacidade de sondagem da ciência) e a incrível complexidade da substância que mantém a vida tenham acontecido por acaso.

Todas as Evidências Apontam para Deus

Suponha que dois sobreviventes do naufrágio de um navio tenham ficado, por dias, à deriva em um bote salva-vidas no oceano Pacífico e, por fim, são arrastados para a praia de uma ilha. A grande esperança deles, claro, é que a ilha esteja habitada para que possam ter alimento, cuidados médicos e meios para retornar a sua distante terra natal. Seguindo seu caminho para dentro da floresta, repentinamente encontram uma fábrica automatizada operando a pleno vapor. Apesar de nenhuma pessoa aparecer, os produtos estão sendo manufaturados, embalados e rotulados para embarque.

Um deles exclama: "Deus seja louvado! A ilha é habitada! Alguém deve ter feito esta fábrica e a supervisiona!"

"Você está louco", seu companheiro replica. "Você esteve exposto ao sol por muito tempo. Não há absolutamente nenhuma razão para acreditar que esta coisa foi planejada e posta para funcionar por qualquer ser pensante. Isto apenas aconteceu por acaso sabe-se lá há quantos bilhões de anos."

O primeiro homem deu uma olhada para os pés e viu um relógio com a pulseira quebrada caído sobre a sujeira. Novamente, ele exclama: "Olhe! Um relógio! Isso prova que a ilha é habitada!"

"Você deve estar brincando", seu companheiro replica. "Esta coisa é apenas uma conglomeração de átomos que, por acaso, chegou a essa forma após bilhões de anos de seleção aleatória."

Nenhuma pessoa em sã consciência pode imaginar que uma fábrica ou um relógio poderia surgir por acaso. Portanto, como qualquer pessoa racional poderia insistir que o universo veio a

existir por acaso e, muito menos, que as complexas formas de vida da Terra possam ter surgido por acaso! Uma simples célula viva de uma folha ou de um animal é milhares de vezes mais complexa do que uma fábrica e um relógio juntos. O corpo humano consiste de trilhões de células, de milhares de tipos diferentes, todas trabalhando juntas em perfeito equilíbrio. Nossos melhores cientistas não podem produzir um cérebro humano mesmo com toda tecnologia e computadores disponíveis hoje. Apenas Deus pode fazer isso. Certamente, isso não se deve ao acaso!

Também não faria sentido Deus criar o homem se não tivesse um propósito definido para ele. Nada é mais frustrante para uma pessoa inteligente do que não ter propósito algum na vida. Nem mesmo a idéia de propósito poderia surgir por acaso, pois propósito e acaso são opostos. Não existe plano sem planejador. Portanto, sabemos que Deus tinha um propósito para nos criar. E assim, Ele precisava ter uma maneira de nos comunicar seu propósito.

A Bíblia afirma ser a palavra de Deus para a humanidade e explica os propósitos e planos divinos. Não se espera que acreditemos nessa afirmação sem evidências suficientes, mas, de fato, essa afirmação é fundamentada por um vasto número de evidências. Muitas delas estão nos museus do mundo todo e são tão irrefutáveis que qualquer pessoa capaz de ler a Bíblia não tem desculpa para duvidar dessas afirmações. Apresentaremos muitas dessas provas ao longo deste livro.

A maior prova da existência de Deus que a Bíblia oferece é o cumprimento de centenas de profecias específicas. Em Isaías 46.9,10 Deus diz que prova sua existência ao anunciar o que acontecerá antes que aconteça. Em Isaías 43.10, Deus diz à nação de Israel que ela precisa ser sua testemunha de que Ele é Deus, tanto para si mesma quanto para o mundo. Como isso acontece? Por causa das muitas profecias que Deus fez em relação a Israel e que se cumpriram: que os judeus seriam espalhados por todas as nações da terra; que seriam odiados e perseguidos e mortos como nenhum outro povo (anti-semitismo); que seriam preservados apesar dos milhares de tipos de Hitler que tentaram exterminá-los; que, nos últimos dias, seriam trazidos de volta a terra deles... e muitas outras profecias que foram claramente cum-

pridas e estão no processo de serem cumpridas bem diante de nossos olhos.

Não abordaremos esses detalhes aqui, pois, em outros livros, já tratamos detalhadamente com a profecia. Entretanto, o objetivo é que ninguém deve acreditar em nada sem uma razão sólida para isso e que a evidência que leva a humanidade a acreditar em Deus e na Bíblia é absolutamente inconfundível.

Se Temos a Evidência e a Razão, por que a Fé?

Questão: Se a evidência e a razão são partes essenciais da fé, não vejo por que Deus deve nos exigir a fé. Por que não nos dá a prova de tudo? Ter de dar este passo de fé parece ser irracional para mim.

Resposta: A resposta para sua questão é ditada por nossos limites pessoais, não por alguma exigência exorbitante que Deus faz. Teríamos de ser como Deus para que tudo fosse provado e racionalizado para nós. Obviamente, não somos como Ele: somos finitos, e Deus é infinito. Simplesmente não temos a capacidade de *compreender* tudo sobre Deus e seu universo. Portanto, precisamos confiar nEle quando nos fala sobre coisas que não podemos compreender de forma plena. É nesse momento que a fé entra em ação.

O que podemos compreender em relação ao universo e de nossa responsabilidade para com Deus a partir de nossa razão e consciência é suficiente para nos pôr na direção correta. Para saber, fundamentado na evidência, que Deus existe, temos de pedir-lhe para revelar-se a nós e mostrar seu desejo para nossa vida. Estamos dispostos a confiar nEle e em qualquer coisa que nos diga, mesmo que não a compreendamos de forma alguma. Descobrimos (conforme veremos) que Ele nos falou de forma clara e compreensiva por intermédio da Bíblia.

A Fé Revela um Universo que Está além da Compreensão Humana

A fé verdadeira esclarece para nós um conhecimento de Deus e de sua verdade que não poderíamos descobrir de outra forma.

Esse é o valor da fé em Deus. Assim que o conhecemos e temos confiança de que realmente o estamos ouvindo, então compreendemos sua verdade ao acreditar no que Ele diz. Como resultado, conseguimos conhecer e compreender o que, de outra forma, seria impossível de captar. Por exemplo, a Bíblia declara: "Pela fé, entendemos que os mundos, pela palavra de Deus, foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente" (Hb 11.3).

Essas palavras, escritas quase dois mil anos atrás, relata-nos claramente que o universo foi feito de uma substância invisível. Ninguém naquela época nem durante os muitos séculos que se seguiram tinha o conhecimento científico para oferecer a evidência que fundamentasse essa afirmação. A *prova* teve de esperar até que a ciência moderna alcançasse o que a Bíblia dissera mil e oitocentos anos antes. Hoje, sabemos que o universo inteiro é composto de uma substância invisível denominada energia. Apesar dos avanços brilhantes da ciência, embora conheçamos muito *sobre* energia, ainda não conhecemos exatamente o que ela é. No entanto, pela fé, o crente conheceu tudo que precisava saber: Que Deus falou e o universo passou a existir por meio de seu infinito poder, como também sabemos que Ele o fez a partir de algo que é invisível.

O fato de essas palavras serem encontradas na Bíblia é uma das muitas razões para se acreditar nela em vez de em qualquer outra escritura que seja sagrada para as muitas religiões do mundo. Estas outras escrituras, ao contrário, longe de conter afirmações que a ciência pode apenas confirmar e não consegue refutar (como é o caso da Bíblia), contêm numerosas idéias ridículas que refletem o grau de entendimento da humanidade naquele momento e a cultura de onde e de quando foram escritas.

Já se acreditou que a Terra era plana e sustentada em sua parte inferior assim como um casco de uma tartaruga flutuando em um mar. Os gregos pensavam que Atlas, um gigante, segurava o universo em seus braços. O relato dos egípcios sobre a criação envolvia deuses (como o deus sol que nasceu em uma flor), alguns dos quais eram compostos com partes de animais e de homens. Platão achava que o mundo era um ser vivo e que os terremotos eram

causados quando ele se balançava. A Bíblia, embora tivesse sido escrita no mesmo período e por homens provenientes dessas mesmas culturas, é completamente destituída de tais mitos. Até mesmo o Alcorão, cuja origem é bem mais recente, contém mitos árabes. Conforme é salientado com freqüência:

> A Bíblia é o único livro antigo que é acurado em todos os detalhes científicos. Outros livros sagrados antigos do Oriente incluem lendas e erros muito infantis para serem levados em consideração. Até mesmo livros comparativamente modernos, como o Alcorão, possuem erros históricos e cronológicos em abundância.[10]

Há muitas outras razões para crer que a Bíblia é, conforme ela afirma ser, a palavra infalível de Deus. Consideraremos essas razões nas páginas a seguir em resposta a numerosos outros questionamentos.

A Fé É um Poder da Mente?

Pergunta: Um dos meus livros favoritos é *The Power of the Positive Thinking* ("O Poder do Pensamento Positivo"). Nesse livro, o autor diz que "pensamento positivo" é apenas uma outra palavra para "fé". Percebo que seu discípulo principal diz a mesma coisa: a "fé" é o que ele denomina "pensamento da possibilidade". Ele chamou Jesus Cristo de "o maior pensador possível de todos os tempos". Isso é algo que me incomoda, mas não sei a razão. É possível explicar isso?

Resposta: Já mencionamos que Jesus disse: "Tende fé em Deus" (Mc 11.22), e que só podemos ter fé em Deus, pois apenas Ele é digno de nossa total confiança. No entanto, um ateísta pode ensinar "pensamento positivo" em seminários, e muitos ateus assim fazem. Obviamente, o pensamento positivo não diz respeito à fé. Na verdade, é exatamente o oposto da fé.

A teoria do pensamento positivo é que o pensamento do indivíduo, independentemente de ser positivo ou negativo, influencia o corpo, a personalidade e, conseqüentemente, a sua saúde. Além disso, acreditam que o pensamento do indivíduo pode in-

fluenciar, até mesmo, outras pessoas e o mundo ao seu redor. Portanto, o sucesso ou insucesso é supostamente gerado pelo poder da mente. Esta é, na verdade, uma antiga crença oculta da qual seus proponentes modernos reivindicam obras por meio de algum poder psíquico misterioso que todos nós possuímos, mas temos de aprender a usar.

Portanto, a fé é posta em Deus e em sua onipotência, não no suposto poder da mente, quer consciente quer inconsciente. Que diferença! Para o pensamento positivo não importa se Deus é real ou não; o que importa é a *crença* do indivíduo. Portanto, "Deus" é transformado em um placebo que ativa a crença. O indivíduo pode acreditar em alguma fonte de energia cósmica ou qualquer outra coisa. Tudo que interessa é apenas que ele *creia*. É o poder da *crença* que supostamente causa o efeito desejado. O que desencadeia essa crença é irrelevante. Assim, percebe-se claramente que aquele que confunde fé com pensamento positivo como possibilidade afastou-se de Deus, de sua verdade e de seu poder, e foi terrivelmente enganado tanto em questões temporais quanto eternas.

Uma Escolha Inevitável e Vital

Eis aqui a escolha com a qual nos defrontamos: ou confiamos no poder de uma crença que temos e que ativa algum poder psíquico misterioso da mente ou confiamos em Deus e em seu infinito poder, o que é obviamente demonstrado em todos os lugares do universo. Apenas um tolo escolheria o poder da mente em vez do poder de Deus. A fé verdadeira busca a Deus para que este faça o que nem a mente do indivíduo (consciente ou inconsciente), nem seus talentos e seus esforços podem realizar.

Um elemento importante da fé, portanto, é a *submissão à vontade de Deus*.

Dificilmente a fé poderia ser exigida para crer que Deus faria o que é contrário à sua vontade; tampouco essa fé desejaria que Ele assim o fizesse. A fé confia que Deus cumprirá sua palavra e realizará a vontade dEle na vida do indivíduo.

Eis aqui um outro erro: Muitas pessoas religiosas tentam usar "fé" para fazer com que Deus realize a vontade delas. Muitas

pessoas acham que a oração é uma técnica religiosa para fazer as coisas de sua própria maneira. Eles colocam sua visão naquilo que querem e depois utilizam a oração como um meio de convencer Deus a fazer com que essa visão se realize. E se alguém aparecer e oferecer um seminário sobre técnicas para conseguir com que suas orações sejam "respondidas" (como a visualização daquilo pelo que se ora ou declarar com confiança que algo sobre o que estou orando já foi obtido, etc.), haverá milhares de pessoas que gostarão de aprender como conseguir realizar as coisas de sua própria maneira.

Jesus, por meio de seu exemplo, deixou claro que ninguém jamais começou a orar antes que primeiro dissesse do fundo de seu coração a Deus: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42). Paulo exemplificou a mesma verdade. Ele teve uma aflição a que se referiu como "um espinho na carne", do qual pediu que Cristo o libertasse:

> Acerca do qual três vezes orei ao Senhor, para que se desviasse de mim. E disse-me: A minha graça te basta, porque o meu poder se aperfeiçoa na fraqueza. De boa vontade, pois, me gloriarei nas minhas fraquezas, para que em mim habite o poder de Cristo (2 Co 12.8,9).

Ninguém pode ter fé em Deus — isto é, a absoluta e total confiança nEle — sem conhecê-lo. E quando a pessoa conhece de fato a Deus, então sinceramente quer a vontade dEle para si, não a sua. Obviamente, Deus é mais sábio do que qualquer mero ser humano. Além disso, Ele provou que nos ama. Portanto, não faz mais sentido que, em vez de tentar que nossa vontade finita e falível seja realizada, confiemos na sabedoria infinita e no amor de Deus para realizar o que é melhor em nossa vida? Essa é a verdadeira "fé em Deus". Nada mais faz sentido.

Confrontando o Dilema de Lênin

Questão: Obviamente, toda a idéia de fé em Deus foi inventada por líderes religiosos a fim de iludir e escravizar seus seguidores. Essa é uma coisa que todas as religiões têm em comum:

uma classe de elite formada por clérigos que arrebanham pessoas para acreditar em algum Deus mítico e depois fingem que são intermediários desse Deus para manter as pessoas sobre seu poder — e cobram muito para assim fazer!

Resposta: Essa é a teoria de Lênin. Ele também era materialista. Não existia nada para Lênin, exceto o mundo físico, e a única maneira para conhecer esse mundo era entrar em contato com ele. Lênin, assim como Freud, acreditava que o homem era um mecanismo de estímulo-resposta, sem espírito nem alma, apenas um punhado de moléculas de proteínas ligadas por nervos. O comportamento do homem foi aprendido por meio da experiência e, conseqüentemente, poderia ser reprogramado por meio da "modificação comportamental", uma palavra educada para "lavagem cerebral", que os comunistas transformaram em uma arte primorosa — embora ela só funcionasse por meio da destruição da pessoa.

É claro, não havia espaço para Deus nessa teoria e foi precisamente isso que criou problemas para Lênin quando ele ousou pensar sobre essa concepção. O homem pode apenas conhecer aquilo que existe no reino físico. Os animais não têm deuses, portanto, por que o homem em seu processo evolucionário desenvolveu tal fantasia?

De acordo com sua teoria, o homem é um mecanismo estímulo-resposta e, portanto, pode apenas conhecer aquilo que o estimula. Quando ele toca algo quente ou frio e aprende sobre "quente" e "frio". Quando ele toca ou é atingido por algo duro ele aprende sobre "duro". Tudo que pode conhecer sobre as coisas é o que já experimentou: o estímulo do mundo físico e sua resposta instintiva que foi herdada através de milhões de anos de evolução e que depois foi modificada e reprogramada de acordo com sua experiência pessoal. Até mesmo a ciência não tem outra fonte de conhecimento.

De acordo com essa teoria, o homem não consegue nem mesmo *pensar* ou *fantasiar* sobre algo que não existe no mundo físico. É óbvio, que com a ajuda de um pouco de bebida alcoólica ele pode ter visões de elefantes cor-de-rosa, mas a cor-de-rosa existe, e os elefantes também. Ele pode sonhar com o "paraíso" ou com

o "céu", mas isso estaria sempre em conformidade com sua experiência: uma "terra boa para caça" para o índio americano ou uma terra de luxo para os faraós, cuja evidência seriam os arcos e flechas ou as vestes e jóias enterradas com os mortos.

Que "Estímulo" Causou a Resposta "Deus" nas Mentes Humanas?

A teoria parecia consistente e poderia ser demonstrada aos céticos provocadores por meio da visualização de uma nova cor primária para o arco-íris. Ninguém conseguiu fazer isso. Obviamente, não existe nada exceto o mundo material e ninguém pode conceber nada que não exista e que não tenha sido experimentado. Havia apenas uma falha: as pessoas tolas tinham essa fantasia em relação a Deus. Qual a origem disso?

Aqueles clérigos desprezíveis devem ter inventado "Deus" e desde que assim o fizeram encheram as mentes das pessoas comuns com essa ilusão a fim de mantê-las aprisionadas. O comunismo as libertaria desse ópio do povo! Tudo bem, mas de onde os clérigos obtiveram essa idéia se ninguém pode pensar em nada que não exista? Qual foi o "estímulo" que causou essa "resposta-Deus?" Esse é o ponto essencial. Conforme a teoria de Lênin, Deus tinha de existir ou ninguém seria capaz de sonhar com essa idéia.

Não é interessante notar que a Bíblia, ao contrário dos filósofos que estão tentando desenvolver provas da existência de Deus há séculos, não perca seu tempo com explicações desse tipo? A Bíblia é o único livro em que alguém certamente esperaria ver muitos argumentos complexos apresentados em favor da existência de Deus, mas nenhum deles é oferecido!

Certamente, aquele fato diz algo importante sobre a Bíblia e sobre Deus: *Ele já fez contato com a consciência de cada pessoa.* Todos sabem que Deus existe, e isto inclui você. Portanto, a Bíblia nem mesmo argumenta sobre a questão, pois o fato de que toda a humanidade possui esse conceito comprova a existência dEle.

Se devemos adorar um poder muito superior a nós mesmos, não faz sentido venerar o Sol e as estrelas?

—*Carl Sagan*[1]

A única diferença entre o panteísmo e o ateísmo é no uso da palavra Deus. O ateísmo afirma que toda existência é única; afirma a universalidade da lei e assim como o panteísta, afirma a moralidade natural.

—*Samuel P. Putuam*
Líder ateísta do século XIX[2]



2

QUEM É DEUS?

"Um Poder Superior qualquer que Seja o Nome?"

Questão: Por que os cristãos se opõem tão veementemente a outros conceitos de Deus que são respeitados em outras religiões? Concordo com o que o vice-presidente, Al Gore, disse em uma Oração Presidencial no desjejum, em Washington, D.C., em 1993: "Fé em Deus, confiança em um poder superior, *qualquer que seja o nome que este poder receba* é, em minha opinião, essencial". Pense na união que existiria se as religiões parassem de discutir sobre esse assunto e honrassem todos os conceitos de Deus de forma aberta e fraternal!

Resposta: É verdade, pense na unidade que existiria se todos concordássemos que dois mais dois é igual a cinco — mas isso não funciona. Um "Poder Superior?" De que maneira superior? *Superior* a quê? E o que isso significa?

Com todo o respeito que devo a você e ao vice-presidente, sua proposta é totalmente irracional. Além disso, você não está sendo "aberto" nem "fraternal", conforme acredita. Ao insistir na aceitação de *qualquer* "Poder Superior" e, portanto *qualquer* deus, desse modo, você recusa honrar o único e verdadeiro Deus ou, até mesmo, admitir sua existência.

Esta falácia foi exposta no livro de Alan Bloom, *The Closing of the American Mind* ("O Término da Mente Americana"). Bloom aponta que a "franqueza" tornou-se a nova moda nos Estados Unidos, principalmente na educação. Todas as idéias têm de ser respeitadas, nada pode ser considerado errado e ninguém deve ser "inferiorizado" ao sugerir que alguém pode estar errado. Ele explicou que os norte-americanos, na verdade, tornaram-se tão abertos a tudo que se fecharam à idéia de que uma coisa pode estar certa e outra errada. O *término* da mente americana... por meio da *abertura*! Da mesma forma, você e o vice-presidente tornaram-se tão abertos para todos os deuses que se fecharam à possibilidade de que é possível de que haja apenas um verdadeiro Deus e os outros sejam falsos.

Algumas Considerações Práticas

Vamos apresentar nossa proposta de forma prática. Como você se sentiria se todos negassem sua individualidade única e sua identidade pessoal específica e olhassem para você como simplesmente um representante do conceito geral de humanidade? Você gostaria de ser confundido com um assassino, um estuprador, um impostor, um ladrão ou algum outro criminoso simplesmente por que cada um deles também representa a humanidade? E, para justificar esta caricatura, o que você acharia se fosse dito que "qualquer ser humano" serve? Por que não achar isso se "qualquer Poder Superior" serve?

Não pode haver maior insulto do que essa negação da verdade sobre você como uma pessoa única! Você tem qualidades definidas e aspectos que o distinguem de todas as outras pessoas que já existiram ou existirão nesta terra. Você é um indivíduo e não deve ser confundido com ninguém mais. Negar sua individualidade seria o mesmo que negar sua existência.

Suponha que sua esposa, ou marido, ou filhos, ou amigos não tivessem nenhum relacionamento pessoal com você, mas simplesmente observaram você como algum tipo genérico de representação de humanidade. Suponha que não fizesse a menor diferença para seu cônjuge se compartilhasse a intimidade da relação mari-

tal e a convivência no mesmo lar com você ou qualquer outra forma de humanidade! Afinal, esse tipo de relacionamento não precisa ser com uma pessoa em *particular*, mas meramente com *qualquer* pessoa — assim como *qualquer* "Poder Superior, qualquer que seja o nome que este poder receba", é o quanto nos basta.

E será que a farsa não é ainda maior se sugerirmos que as qualidades e atributos pessoais de Deus, que é separado por um abismo intransponível de sua criação e todos os seres, são sem significado? Que paródia dizer que "qualquer Poder Superior", "qualquer deus", serve! Como ousa dizer que o amor de Deus por você não significa nada, e que adorar, e confiar, e amar alguma fonte de energia cósmica, ou um ídolo, ou, até mesmo, o demônio o deixa igualmente feliz!

Criar o Universo Exige Qualidades Definidas

O fato é que nenhum ser pensante pode abraçar "qualquer deus" como Criador deste universo — é preciso existir um Criador. A lógica de nossa própria existência e do incrível plano e estrutura do universo que nos rodeia força-nos a tirar certas conclusões sobre Deus. Fundamentados em tais conclusões, precisamos rejeitar qualquer conceito de deus que viola esses requerimentos. Não é verdade que "qualquer deus" serve. E nenhum "poder" independentemente de quão "maior" poderia ter criado o universo e a humanidade. Apenas um Deus pessoal com poder, sabedoria e amor infinitos poderia realizar essa obra.

Certamente, ninguém poderia, de forma racional, atribuir a criação deste universo a algum ídolo feito por mãos humanas em argila, pedra ou madeira! E menos ainda, um *ídolo* poderia criar a humanidade. Tampouco, qualquer *ídolo* poderia nos amar ou ser digno de nosso amor. Tampouco, qualquer *ídolo* estabelece o padrão de bom e mal que reconhecemos que foi posto em nossa consciência. Quem possivelmente poderia acreditar que um ídolo que foi feito pelas mãos humanas e precisa ser carregado teria qualquer poder para fazer quer o bem quer o mal?

No entanto, a maioria da humanidade ao longo de toda a história tem confiado em ídolos. Até mesmo hoje, um mundo

supostamente moderno, com rádio e televisão que noticiam amplamente os avanços surpreendentes da ciência, bilhões de pessoas ainda adoram ídolos. Tampouco, isto é verdade apenas na Ásia, África e América do Sul. Milhares de cidades modernas dos Estados Unidos e Europa também confiam em ídolos palpáveis e os adoram. Esta confiança distorcida leva às trevas espirituais e à escravidão.

A humanidade será julgada, e de forma justa, por essa grande tolice. A consciência e inteligência que Deus nos deu, contradiz tamanha loucura supersticiosa. A Bíblia aponta para a loucura de se confiar em ídolos:

> Os ídolos deles são prata e ouro, obra das mãos dos homens. Têm boca, mas não falam; têm olhos, mas não vêem; têm ouvidos, mas não ouvem; nariz têm, mas não cheiram. Têm mãos, mas não apalpam; têm pés, mas não andam; nem som algum sai da sua garganta. Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e todos os que neles confiam (Sl 115.4-8).

No entanto, o indivíduo deve considerar os ídolos e todo outro conceito de "deus" como igualmente válido se "qualquer Poder Superior" serve. Caso contrário, como e onde traçar a linha divisória? Quando, em Assis, Itália, o papa João Paulo II reuniu adoradores de serpentes, adoradores do fogo, espiritualistas, animistas, feiticeiros, como também hindus, budistas e muçulmanos, fez a surpreendente afirmação de que todos estavam orando para o mesmo Deus! [3] Obviamente há inúmeros deuses e falsas religiões, e a Bíblia denuncia cada um destes, pois seduzem a humanidade e impedem que esta venha a conhecer e obedecer ao Deus único e verdadeiro.

Quem É "Alá"?

Questão: "Alá", ao contrário do que você escreveu em *Jerusalém: Um cálice de Tontear* e em outras publicações, é o Deus único e verdadeiro da Bíblia. Isto pode ser comprovado pelo fato de que a tradução da Bíblia para a língua Hausa, na região norte da Nigéria, onde há muitos muçulmanos, utiliza Alá como a desig-

nação para o Deus verdadeiro de Abraão, Isaque e Israel, o Jeová do Antigo Testamento e o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo. Que melhor forma poderia existir para encorajar os muçulmanos a acreditar na Bíblia?

Resposta: Infelizmente, este é um erro comum, também encontrado nas traduções para o árabe da Bíblia, que é usada em alguns países muçulmanos. Este é um grave erro. Longe de ajudar os muçulmanos, isso permite que eles continuem a confiar em seu deus falso, Alá. A identificação de Alá com Jeová causou grande confusão e dano.

Uma dos maiores promotores dessa ilusão é a igreja católica romana. O Vaticano imagina que a diferença entre o Deus do cristianismo e o Alá do islamismo pode ser varrida para debaixo do mesmo tapete ecumênico. Por exemplo, *Os Cânons e Decretos do Vaticano II* declaram que Alá é o "Criador... o Deus único e misericordioso, o juiz da humanidade" — em outras palavras, o Deus único e verdadeiro da Bíblia.[4] Portanto, isso não poderia estar mais longe da verdade.

O Deus Lua da Tribo de Maomé

Alá não é uma palavra árabe genérica para Deus, mas o *nome* de um deus particular dentre muitas deidades que foram tradicionalmente reverenciadas na antigüidade por tribos nômades da Arábia. Alá era o principal deus dentre aproximadamente trezentos e sessenta ídolos na Caaba, em Meca. Naquele templo para ídolos pagãos, ainda hoje de pé em Meca, mas agora o foco da adoração muçulmana, havia uma deidade que se ajustava a cada um dos milhares de viajantes que por ali passavam nas caravanas mercantes.

Alá é uma contração de *al-Ilah*, o nome do deus lua dos *quraishes* nativos, a tribo de Maomé, que por séculos, antes de o islamismo ser inventado, era adorado com sacrifícios de animais e seres humanos. Ibn Ishaq, o biógrafo mais antigo de Maomé, relata que o avô de Maomé estava prestes a sacrificar um de seus filhos, Abed Alá (que posteriormente se tornaria o pai do profeta

Maomé), quando uma feiticeira o persuadiu a sacrificar um camelo em lugar de seu filho.

O nome do pai de Maomé, Abed Alá, é uma contração de *Abd ul Allah*, que significa servo de Alá. É fato histórico que Alá era adorado muito tempo antes do nascimento de Maomé. Quando Maomé rejeitou o politeísmo, adotou a deidade tradicional de sua tribo, o deus lua, como a designação para o Deus único do islamismo, supostamente sua nova religião.

As Práticas Pagãs Persistem no Islamismo da Atualidade

De fato, muito do islamismo é uma transposição das leis e costumes tribais primitivos já existentes à época de Maomé. Até mesmo o mês sagrado do Ramadã fora estabelecido muito tempo antes da época de Maomé.[5] Tampouco, os muçulmanos podem negar que Alá, séculos antes de Maomé, já era uma das muitas deidades pagãs (como Baal e Moloque), a quem o Deus da Bíblia, Jeová, proibira que seu povo, os israelitas, adorasse. Certamente, Alá e Jeová não são o mesmo Deus!

O símbolo de Alá era a lua crescente, que Maomé também adotou no islamismo. Esse símbolo pode ainda ser observado em mesquitas, minaretes, templos e bandeiras árabes. Quando Maomé conquistou Meca, após encontrar um pretexto para quebrar o tratado de paz que fizera com os líderes daquela cidade, destruiu os ídolos na Caaba, inclusive Alá, e começou a pregar contra a idolatria. No entanto, esse novo profeta que proclamara a si mesmo como tal, manteve o templo de ídolos e reteve o ritual pagão de beijar a pedra negra (há muito tempo uma parte integrante da adoração de ídolos), que estivera embutida no canto sudoeste da Caaba, "cerca de um metro e meio acima do solo, na altura exata para ser beijada", conforme o relato de Will Durant.[6]

Aquela pedra, na realidade feita de um "material vermelho escuro, de forma oval e com cerca de dezoito centímetros de diâmetro",[7] ainda permanece na mesma posição desde a antigüidade até hoje, e tem de ser beijada pelos muçulmanos no cumprimento da exigência de peregrinação a Meca, como parte da supostamen-

te nova religião do Islã. Parece que Maomé manteve a pedra negra como o deus Alá (sem sua imagem) como uma concessão parcial a fim de preservar algo que fosse familiar aos árabes.

Confusão Grave e Enganosa

Os tradutores da Bíblia, ao usar Alá para denominar Deus, não só não ajudaram, como também criaram confusão. Alá não é mera designação lingüística para Deus, como *Dios*, em espanhol, ou *Dieu*, em francês. Alá é o *nome* de um ídolo pagão da antigüidade que foi adotado como o deus do islamismo. Se em árabe Alá fosse meramente a palavra genérica para Deus, então esta palavra, quando o Alcorão é traduzido para outras línguas, seria substituída, sem qualquer hesitação, pela palavra "Deus" de cada língua. Ao contrário, eles insistem que *Alá* deve ser usado em todas as línguas. Seria uma blasfêmia chamar o deus muçulmano de qualquer outro nome. E a punição para a blasfêmia contra Alá é a pena de morte no Paquistão e em outros locais.

O Deus de Israel também tem um *nome*, YHWH, hoje pronunciado Jeová, mas Iavé na antigüidade. A maioria dos cristãos desconhece o *nome* de Deus, pois o Antigo Testamento substitui YHWH por Senhor. Deus disse a Moisés: "Mas pelo meu nome, o Senhor [YHWH], não lhes fui perfeitamente conhecido" (Êx 6.3; grifo do autor); e na sarça ardente, Deus explicou o significado de seu nome: "EU SOU O QUE SOU" (Êx 3.13,14). YHWH não significa apenas aquele que *é*, mas aquele que tem existência própria que *é em si mesmo e por si mesmo*.

Contrastando "Alá" e "Iavé"

Fica muito claro que Alá *não* é o Deus da Bíblia por uma série de outras razões, pois seu caráter e características são opostos. O Alcorão diz que Alá não é pai e não tem um filho (embora tivesse três filhas, Al-Uzza, al-Lat e Manah, representadas em meio aos ídolos na Caaba), e ele não é um ser trino, mas uma entidade sozinha e impossível de ser conhecida. Alá destrói os pecadores em vez de salvá-los, tem apenas compaixão pelos justos, não lida

com as pessoas por meio da graça, pois apenas recompensa as boas ações e não tem nenhuma forma justa e reta para redimir o perdido como o Deus da Bíblia. A idéia de Alá tornar-se um homem para morrer pelos pecados do mundo seria uma heresia para os muçulmanos. Fica muito claro nos ensinamentos sobre Alá, do Alcorão e do Hadite (da tradição islâmica), que ele *não* é o Deus da Bíblia.

Antes, o Deus da Bíblia é *amor*, uma impossibilidade para Alá. Alá, uma entidade unitária, é incompleto: ele estava sozinho e não poderia amar nem ter comunhão até que outras entidades começassem a existir. O mesmo não acontece com YHWH ou Iavé. YHWH são três pessoas em uma: Pai, Filho e Espírito Santo, completos em sua perfeição, e não necessitam de ninguém mais para amar e ter comunhão ("o Pai ama o Filho", há comunhão na Trindade). Somente a respeito de Deus é possível dizer o seguinte: Ele é *amor* em si mesmo.

Alá jamais poderia dizer: "Façamos o homem à nossa imagem" (Gn 1.26). O estudioso muçulmano não tem nenhuma explicação para essa expressão, embora também seja encontrada no Alcorão uma paráfrase desse versículo bíblico. Poderíamos apontar outras razões, mas isso deveria ser suficiente para mostrar que o uso do *nome* Alá para o Deus da Bíblia na tradução para o Hausa ou qualquer outra tradução é um grande equívoco!

Conceitos Contraditórios sobre Deus — qual É o Correto?

Questão: Os conceitos mais antigos e mais populares de Deus são o panteísmo, a crença de que tudo — isto é, o universo — é Deus, ou o politeísmo, a crença de que há muitos deuses. Por que um desses dois ou ambos não pode ser verdade? Por que a Bíblia é tão veemente contra essas crenças e por que condena com tanta firmeza aqueles a quem chama de pagãos, que sinceramente têm essa crença há milhares de anos, decerto, desde muito antes do aparecimento de Jesus Cristo?

Resposta: O panteísmo é, na verdade, o mesmo que ateísmo. Obviamente, se tudo é Deus, então nada é Deus porque o termo

perdeu qualquer significado. O panteísmo leva a numerosas contradições: Deus seria tanto o vazio de um vácuo quanto a substância da matéria; Ele seria tanto a doença quanto a saúde, tanto a morte quanto a vida; tanto o mal quanto o bem. Além disso, se o universo mesmo for Deus, então não há um ponto de referência externo do qual o universo pode ser avaliado e o qual lhe dá propósito e significado. Tampouco há esperança de mudar o curso descendente dele ou da humanidade.

Nada tem significado nem valor em si e por si mesmo, mas apenas se algum ser pessoal conceder uma utilidade para isso e valorizá-lo. Essa é uma verdade universal que vale igualmente para *tudo*. Um carro não tem significado nem propósito em si mesmo, a não ser que haja alguém para dirigi-lo. O anel de diamante mais caro não tem valor, a não ser que haja alguém que queira comprá-lo, possuí-lo e usá-lo... e assim por diante. Obviamente, o que é verdadeiro em relação a cada parte do universo é de igual modo verdadeiro em relação ao todo. De acordo com a segunda lei de termodinâmica (a lei da entropia), este universo, como um relógio, está perdendo sua força. Se abandonado a si mesmo e sem alguma inteligência externa com poder infinito para recuperar o universo de sua ruína previsível, todos os sonhos e esquemas do homem, quer pessoais ou corporativos, serão um dia como castelos de areia destruídos pelo oceano cósmico do nada. Todo o universo estará se aproximando do zero absoluto e tudo será como se jamais tivesse existido. Que tipo de deus é esse? Sem um Criador que tivesse um propósito eterno para sua criação e que fosse capaz de alcançá-la de fora (não por meio da reencarnação ou da evolução), mas pela *ressurreição* e nova criação, nem o universo nem o homem poderiam ter um significado supremo. O panteísmo pode oferecer apenas a ausência de significado, a desesperança e o desespero supremo.

No mundo da academia de hoje, há o neopanteísmo, denominado de *ecoteologia*. É o antigo panteísmo, sustentado agora por algumas pessoas altamente escolarizadas. O professor da universidade de Georgetown, Victor Ferkiss, um de seus defensores, diz que "a idéia se origina com a premissa de que o univer-

so é Deus". Ferkiss, como muitos outros ecologistas de hoje, parece pensar que a adoração panteísta da natureza "impedirá a exploração ambiental do universo".[8]

Neo-Paganismo e o Retorno à Natureza

O indivíduo não pode adorar ao mesmo tempo a criação e o Criador; e a Bíblia adverte que há sérias conseqüências causadas pela adoração da criação em vez do Criador (Rm 1.18-32). A consciência do indivíduo torna-se embotada e a humanidade torna-se uma presa fácil para todos os tipos de maldade e comportamento cruel, porque não há moral na natureza. Procure encontrar um leão compassivo ou uma águia honesta — ou um furacão solidário.

Herbert Schlossberg, historiador e filósofo, lembra-nos: "Os animais não agem de forma moral nem imoral; eles apenas agem naturalmente. Um sistema de ética que diz que os seres humanos precisam tomar como base o comportamento na natureza justifica, portanto, qualquer comportamento, pois a natureza não demonstra ética".[9] Sir John Eccles, ganhador do prêmio Nobel, concorda:

> Os conceitos de injustiça, de iniqüidade... a obrigação de honrar e de respeitar... são compreensíveis apenas em um contexto *moral* e para seres morais.
>
> No universo sem propósito da mera natureza... não há nem justiça nem misericórdia, nem liberdade nem equidade. Há apenas fatos..."[10]

A tentação de adorar o universo parece ser praticamente um risco ocupacional para os cientistas ateus. Seus argumentos contra Deus, com freqüência, traem a adoção quase subconsciente tanto como uma desculpa para negar o Criador infinito (a quem o homem, de outra forma, teria de prestar contas) como uma tentativa de encontrar alguma base para o propósito e o significado. Considere essas palavras no frontispício de um enorme compêndio sobre o ateísmo (mais de oitocentas páginas), intitulado *400 Years of Freethought* (400 anos de Livre-Pensamento), publicado em 1894: "No entanto, não duvido que, através das eras, haja a

existência de um propósito crescente, e o pensamento do homem é ampliado com os poderes dos sóis".[11]

A pedra angular do livre-pensamento, conforme explicado no livro, é a rejeição de "toda autoridade" e "a conquista da natureza".[12] Portanto, a partir desse "propósito", quais são os poderes cheios "dos sóis" e que parte eles podem desempenhar na ampliação do pensamento do homem? A contradição é quase risível, mas que opção o ateísta tem ao tentar reprimir seu reconhecimento inato de que o propósito e o significado existem? Ele é forçado a atribuir algo desse tipo à mesma natureza.

Carl Sagan, um ateísta moderno, tornou-se muito reverente e adorador diante da presença do Cosmos, a quem ele dá o crédito por ter gerado a nós e a toda a vida. Conforme citado no início deste capítulo, ele diz que faz sentido reverenciar o sol e a lua. *Reverenciar o sol e a lua?* Fundamentado em quê? Em que isso é diferente do inclinar-se diante de um pedaço de madeira ou pedra como se fosse um deus? O que o sol ou a lua têm a ver com a moral, com propósito e significado, com amor e beleza?

A Loucura do Politeísmo

Quanto ao politeísmo, se há mais do que um deus, então quem está no comando? Os muitos deuses do politeísmo entram em guerras e roubam as esposas uns dos outros, e ninguém estabelece um padrão nem chama o universo a prestar contas disso. Não há fundamento para a moral, a verdade ou a paz no céu, portanto, isso também não pode ocorrer na terra.

Se um deus é mais forte ou tem mais autoridade do que os outros, portanto, nenhum dos outros deuses pode realmente ser Deus. Assim, retornamos ao monoteísmo. Conforme a Bíblia diz:

> Entre os deuses não há semelhante a ti, Senhor, nem há obras como as tuas. [...] Porque tu és grande e operas maravilhas; só tu és Deus (Sl 86.8,10).

Se há muitos deuses, para que deus devemos orar? Para o deus favorito da pessoa? Qual o fundamento de um deus em particular para se tornar o favorito de uma pessoa? Deve-se ao

fato de que alguma vez essa pessoa orou a ele e parece que respondeu à oração? Como pode haver qualquer certeza de que um deus em particular pode fazer o que lhe foi pedido? Isso se assemelha a orar para vários santos. No entanto, São Cristóvão, o santo patrono dos viajantes, a quem milhares de pessoas pedem proteção foi recentemente retirado do panteão católico. A hierarquia da igreja admite hoje que Cristóvão foi um mito e que qualquer poder que ele aparentava ter demonstrado em favor de seus devotos era obviamente uma ilusão.

O mesmo acontece com todos os deuses das muitas religiões do mundo. De fato, elas são piores do que mitos; são representantes de Satanás e seus subordinados. Por trás de cada ídolo há um demônio que o utiliza para desviar a pessoa do Deus verdadeiro, conforme Paulo afirma: "Antes, digo que as coisas que os gentios [pagãos] sacrificam [a seus deuses], as sacrificam aos demônios e não a Deus. E não quero que sejais participantes com os demônios. Não podeis beber o cálice do Senhor e o cálice dos demônios; não podeis ser participantes da mesa do Senhor e da mesa dos demônios" (1 Co 10.20,21; grifo do autor).

Deus não faz concessões, porque o que está em jogo é o destino eterno de cada pessoa que já viveu, vive ou viverá. Suponha que um certo homem convence um grupo grande de pessoas a lhe dar as posses que têm e a segui-lo, pois o que ele promete é um verdadeiro paraíso na terra — mas em vez disso, leva-os a um pântano onde todos são tragados pela areia movediça. Ele não deveria ser processado como mentiroso e assassino? Quanto mais sério é promover deuses falsos e vender entradas para o céu que na verdade levam as pessoas para o inferno!

Conhecer a Deus

Questão: Gostaria de conhecer Deus e pedi-lhe que se revelasse a mim, mas nada acontece. Nenhuma luz se acendeu, nenhuma mensagem foi escrita no céu, nenhuma revelação repentina aconteceu. Para mim, parece que se Deus realmente existisse, Ele gostaria que acreditássemos nEle e, portanto, faria algo tangível para que soubéssemos de sua existência. É errado pedir por *alguma evidência inquestionável da existência de Deus?*

Resposta: Não, e a evidência está a seu redor — mais do que você necessita. No entanto, o tipo de evidência que você espera não acontecerá de forma alguma. Imagine que alguma mensagem com seu nome repentinamente aparecesse no céu. Como você saberia que foi Deus quem a pôs ali? Suponha que você, neste momento, escutou uma voz audível dizer em alto e bom som: "Eu sou Deus! Adore-me!". O que isso lhe diria sobre Deus? Como você saberia que Ele realmente falou?

Na verdade, Deus *já* falou com você. O projeto do universo é uma mensagem de Deus que lhe transmite sua existência como Criador e sua sabedoria e poder infinitos. Estas coisas — amor, alegria, paz, moral, pureza, bondade, confiança, justiça, gentileza —, que você valoriza acima de tudo e que, em seu coração, sabe que fazem com que a vida valha a pena, transmitem a você o caráter de Deus. Sua consciência lhe diz que você é moralmente responsável diante de Deus, que você violou suas leis e que ficou aquém de seu padrão perfeito. Sua consciência também lhe diz que não há forma alguma de você compensar por ter desobedecido às leis de Deus. Você não pode comprá-lo com sacrifício, orações, boas obras nem rituais.

Suponha que você recebeu uma multa por excesso de velocidade. Você gastaria tempo tentando convencer o juiz de que dirigiu naquele trecho da rodovia mais *dentro* do limite de velocidade do que *acima* dele? Será que ele dispensaria a multa fundamentada na teoria de que suas "boas ações superam as más?" Você sabe que aquilo não funcionaria com um juiz terreno e certamente não funcionaria com Deus. Você lhe diria que, se ele o liberasse desta vez, jamais infringiria a lei novamente? Você sabe o que o juiz lhe diria: "Se você jamais infringir a lei novamente, apenas estará fazendo o que a lei exige. Você não ganha nenhum crédito *extra* por assim fazer. Isso não compensa por ter violado a lei no passado. A penalidade terá de ser paga conforme a lei prescreve". Isso funciona da mesma maneira com Deus.

A Testemunha da Consciência

Sua consciência lhe diz que a única forma de você possivelmente escapar da severa penalidade exigida pela justiça infinita

de Deus, por causa da violação de suas leis, seria o perdão do Senhor. E você sabe que Ele não pode zerar suas ofensas sem mais nem menos. Por uma simples razão, isto dificilmente o encorajaria a melhorar seu comportamento. Além disso, violaria as leis do Senhor. Ele tem alguma forma para que Ele mesmo pague a penalidade — a penalidade que você não pode pagar —, para que você possa ser perdoado por sua graça.

Você não sabe qual poderia ser esse método, mas sabe que um Deus cujo amor e justiça são perfeitos poderia, de alguma forma, oferecê-lo a você. Se há uma explicação para essas boas novas, certamente está na Bíblia. De fato, Deus já explicou isso tudo naquelas páginas. Você já estudou a Bíblia seriamente e buscou verificar a evidência que demonstra que ela é a Palavra infalível de Deus?

Há evidências suficientes — históricas, arqueológicas e científicas — para provar que a Bíblia é a Palavra infalível de Deus. De fato, apenas neste livro fornecemos evidências irrefutáveis desse fato. Mas você realmente não precisa disso. Esse tipo de prova é como cobertura de um bolo. Se você apenas ler a Bíblia com a mente e o coração abertos, saberá que Deus fala ao seu coração como só Ele pode falar.

Recomendo que você comece com o Evangelho de João e continue a ler os livros seguintes, Atos e Romanos. Depois leia esses três livros novamente. Deus prometeu em sua Palavra: "E buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes de todo o vosso coração" (Jr 29.13). Essa é uma promessa na qual você pode confiar! Busque a Deus de todo o seu coração e teste-o ao buscar na Bíblia para que Ele se revele a si mesmo!

Devo Acreditar que Deus Existe antes de Buscá-lo?

Questão: Em minhas leituras diárias da Bíblia defronto-me com um versículo que realmente deixa-me intrigado: "Ora, sem fé é impossível agradar-lhe [a Deus], porque é necessário que aquele que se aproxima de Deus creia que ele existe e que é galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6). Em vez de Deus revelar-se a si mesmo a um coração que o busca, parece que a pessoa já deve acreditar em Deus antes de buscá-lo. Como poder ser isso?

Resposta: Alguém buscaria a Deus a não ser que já acreditasse que Ele existe? Isso seria uma perda de tempo. Na verdade, todos, inclusive você, sabem que Deus existe.

Conta-se uma história verdadeira sobre um pregador das ruas de Londres que anunciava a seus ouvintes de que todo ateísta era um tolo porque a Bíblia assim o dizia. Um ateu bastante renomado que estava na multidão gritou para aquele pregador que aquilo era um insulto difamatório, o qual ele considerou como uma ofensa pessoal e, portanto, processaria o pregador por danos. "Não é difamação falar a verdade", o pregador respondeu.

"E não há verdade a não ser que se possa prová-la!", o ateu contra-argumentou, "Você terá de provar no tribunal que eu sou um tolo ou exigirei cada centavo do seu bolso!"

"Não preciso ir ao tribunal para provar isso", o pregador disse calmamente."Você diz que é ateu?"

"Sim, e não apenas por mero acaso. Passei minha vida tentando provar que Deus não existe. Isso é um mito pernicioso!"

"Você gastou sua vida tentando provar que Deus não existe?", o pregador replicou. "Diga-me o seguinte: se não é tolo um homem que gasta a vida tentando lutar contra algo que não existe, quem é realmente tolo?"

Da mesma forma, alguém precisa ser tolo para gastar algum tempo buscando a Deus sem estar convencido de que Ele existe. Deus espera que o primeiro passo para conhecê-lo seja admitir o fato óbvio de que Ele existe. Além disso, Deus espera que cada pessoa se aproxime dEle para ter um conceito apropriado de quem Ele é. Ele não honrará quem faz orações a um ídolo ou a alguma "força" ou "poder superior". Toda pessoa, graças ao fundamento da evidência, é responsável por vir a ter uma compreensão apropriada de Deus e por não buscar nenhum falso deus. Deus também exige que aqueles que se aproximem dEle acreditem verdadeiramente que Ele não é um Deus caprichoso nem embusteiro, mas um Deus que "é galardoador dos que o buscam".

Que "Deus" Você Busca?

O que qualquer pessoa que busca sinceramente a Deus já deve ter concluído sobre este Deus que deseja conhecer? A razão e a evidência declaram o seguinte: para criar o universo, Deus deve ser Todo-poderoso (onipotente) e conhecer tudo (onisciente) e ser capaz de tocar todas as partes do universo ao mesmo tempo (onipresente). Ele precisa ser tão pessoal quanto nós para que seja capaz de nos criar. Ele precisaria personificar perfeitamente tudo o que reconhecemos como as qualidades mais sublimes às quais a humanidade aspira — amor, verdade, justiça, paciência, gentileza, compaixão, etc. — ou não haveria nenhuma justificação para a admiração que sentimos por esses atributos. Além disso, Ele precisaria conhecer as conseqüências futuras de toda ação em seu universo. De outra forma, Ele poderia cometer equívocos terríveis. E, é claro, Ele existe eternamente como Deus. Certamente não poderia evoluir ou desenvolver-se a partir de algo ou alguém que fosse menor do que Deus.

O verdadeiro Deus precisa ser capaz de criar tudo a partir do *nada* e não apenas construir ou manufaturar seu universo a partir de materiais já disponíveis. *Apenas Deus*, não a energia, a matéria, a gravidade ou a eletricidade, deve ter existência própria a fim de poder ser a causa de tudo. Finalmente, Ele precisa ser perfeitamente bom e justo ou não haveria explicação para o reconhecimento da noção de certo e errado impresso na consciência de toda a humanidade sobre toda a terra. Essas são as qualificações mínimas do Deus verdadeiro sem as quais não poderíamos confiar nEle, adorá-lo e amá-lo.

Embora possamos compreender as necessidades das habilidades acima descritas, também está totalmente além de nossa capacidade compreender um Ser como este: um Deus que sempre existiu e, portanto, não tem começo nem fim; que não só criou tudo do nada, mas, a fim de não perder o controle de sua criação, sabia onde cada partícula subatômica de cada átomo existente estava, está ou estará; Ele conhece os pensamentos e ações de cada pessoa que já viveu, vive ou viverá. Obviamente, esse Deus está além de nossa capacidade de compreensão.

Entretanto, ao mesmo tempo que este Deus está além de nossa compreensão, já vimos que tanto a razão quanto a evidência exigem, como a única explicação para a existência do ser humano e do universo que nos rodeia, que exista um Deus como esse. Negar esse Deus, embora Ele seja incompreensível, seria uma afronta à razão e ao senso comum. É incompreensível e irracional pensar que existiu um período em que nada existia e achar que tudo, inclusive Deus, surgiu de alguma forma do vazio do nada. É totalmente irracional sugerir que a vida e a inteligência surgiram sem qualquer ajuda do espaço morto e vazio e que, daí em diante, evoluiu por acaso.

Aquele que busca a Deus, ao chegar a essas conclusões sobre Ele, fundamentado em toda evidência que o rodeia e em sua própria consciência, está agora pronto para clamar para que esse Deus se revele a si mesmo. Os passos precisos, as circunstâncias e convicções internas por meio das quais Deus se revelará variam de acordo com cada indivíduo. Entretanto, é por meio de sua palavra que chegamos à revelação mais completa e mais clara de Deus. E na Palavra de Deus vemos que Ele se revelou a si mesmo em Jesus Cristo, que declarou: "Quem me vê a mim vê o Pai" (Jo 14.9).

Jesus também disse: "Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Quem quiser conhecer a Deus tem que conhecer a Jesus. Ele foi revelado na Palavra de Deus, e revela a si mesmo àqueles que abrem seu coração para Ele. Conforme disse: "Eis que estou à porta [de todo coração humano] e bato; se alguém ouvir a minha voz e abrir a porta, entrarei em sua casa..." (Ap 3.20; grifo do autor)

Jesus Cristo Foi realmente Deus?

Questão: Nosso professor das aulas de estudos bíblicos para adultos disse que Jesus era meio Deus e meio homem. Ele insiste que Deus pode apenas agir em resposta a nossas orações e que, quando o indivíduo ora por algo e não é curado, significa que não houve orações e jejuns suficientes. Essas idéias são bíblicas?

Resposta: Não. Até que haja evidência contrária, daremos ao professor o benefício da dúvida e assumiremos que aquilo em que *acredita* é certo, embora ele esteja apresentando dificuldades

para *expressar* suas idéias. É isso mesmo, Deus é o pai de Jesus, e Maria sua mãe, mas isso não o torna meio Deus e meio homem. Esse erro é similar ao ensinamento da igreja católica romana de que Maria é "a mãe de Deus". Jesus existe como Deus por toda a eternidade e, portanto, muitos séculos antes do nascimento de Maria. Desta forma, ela não está no *mesmo nível de Deus* por ser a mãe de Jesus, mas apenas do *corpo humano* por meio do qual Ele nasceu neste mundo.

Maria era virgem quando Jesus nasceu. Conseqüentemente, conforme a Bíblia nos relata, o bebê que ela deu à luz não foi concebido por nenhum homem, mas pelo Espírito Santo. É impossível compreendermos totalmente o que isso significa, mas sabemos o que não significa. O nascimento virginal não é o mesmo que ter um pai irlandês e uma mãe francesa e, deste modo, ser meio irlandês e meio francês.

Jesus é totalmente Deus e totalmente homem: "Aquele que se manifestou em carne..." (1 Tm 3.16) Ele não é um meio Deus que se manifestou como meio carne. Esse mesmo versículo afirma: "Grande é o mistério..." Isaías disse que a criança nascida de uma virgem receberia o nome de "Emanuel", que significa "Deus [não meio Deus] conosco" (Is 7.14; cf. Mt 1.23; grifo do autor) e, conforme Isaías relatou, Ele seria: "Maravilhoso, Conselheiro, Deus Forte, Pai da Eternidade, Príncipe da Paz" (Is 9.6). Se esse não fosse o caso, Jesus não poderia ser nosso Salvador.

Em todo o Antigo Testamento, Deus diz que é o *único* Salvador (Is 43.11; 45.15,21; Os 13.4). Obviamente, isso é verdade, porque a salvação é um trabalho infinito, incluindo o pagamento total da penalidade infinita pelo pecado, algo exigido pela justiça infinita de Deus — algo que apenas *Deus* poderia realizar. Por conseguinte, para Jesus ser nosso Salvador, precisa ser *Deus*. Paulo o chamou de "Deus nosso Salvador" (1 Tm 1.1; 2.3; Tt 1.3,4; 2.10,13; 3.4), da mesma forma que Pedro (2 Pe 1.1) e Judas (v. 25) também o fizeram.

No entanto, era necessário que o Salvador viesse como *homem*, sendo que o homem é pecador e não Deus. A penalidade pelo pecado foi proferida contra o *homem*, não contra Deus; por-

tanto, deve ser paga por um *homem*. No entanto, nenhum homem finito poderia pagar essa penalidade. Assim, Deus em seu infinito amor e graça, tornou-se homem por meio do nascimento virginal para que Ele, como homem, pudesse receber o julgamento que merecíamos, tornando o perdão possível para nós.

Para ser nosso Salvador, Jesus tinha de ser *totalmente Deus* (Is 43.11) e *totalmente homem* (Rm 5.12-21), não um composto híbrido, meio a meio, de cada um deles. Pergunte ao seu professor se é isso que ele quis dizer.

Nossas Orações

É óbvio que Deus não precisa de nossas orações para agir. Ele conseguiu existir por uma eternidade e criar o universo e os anjos e a humanidade sem nossas orações. Certamente, não foram nossas orações que fizeram com que Cristo nascesse no mundo e morresse por nossos pecados. Tampouco são nossas orações que conduzirão a um novo universo, embora Deus nos dê o privilégio de orar: "Venha o teu Reino" (Mt 6.10).

Se Deus pudesse *apenas* agir em resposta a nossas orações, estaria à nossa mercê, suas mãos estariam atadas a maior parte do tempo, incapazes de fazer o que Ele em sua infinita sabedoria e conhecimento sabe o que precisa ser feito, mas que nós, em nossa compreensão limitada, desconhecemos ou nem sequer chegamos a pensar. Além disso, Ele não poderia resolver as emergências que não soubéssemos que ocorreriam, pois não oramos a respeito delas. A idéia de que Deus "pode apenas agir em resposta a nossas orações" não só não é bíblica, como também é ilógica.

Dizer que o não ser curado é o resultado de pouca oração e jejum é igualmente falso. Este ensinamento implícito é que pode fazer com que Deus execute, por meio de nossas orações, o que queremos, desde que oremos e jejuemos com empenho por um tempo suficiente — em outras palavras, podemos impor nosso desejo a Deus. E quanto à vontade de Deus? Isso também sugere que a vontade de Deus é curar todos o tempo todo. Ao contrário, Ele tem algo melhor para nós do que perpetuar nossa vida por tempo indeterminado neste corpo de pecado.

"Nada Existe, exceto Deus?"

Questão: Assisti a uma entrevista com Sir John Marks Templeton na revista de Robert Schüller, *Possibilities* ("Possibilidades"). Ele é o homem que concede o prêmio anual *Templeton Prize* para promover uma apreciação dos benefícios de todas as religiões do mundo. Fiquei chocado ao ler em uma entrevista que Templeton acredita que "nada existe, exceto Deus". Estou confuso. Pensei que isso fosse panteísmo, no entanto, foi divulgado em uma revista que pertence a um homem considerado um líder evangélico. Como isso é possível?

Resposta: Isso *é* panteísmo. É também a doutrina básica de cultos como ciência da mente, ciência religiosa e ciência cristã. O que eles ensinam é basicamente o mesmo que o pensamento positivo de Peale e o pensamento da possibilidade de Schüller, o que explica por que este poderia promover isso em sua revista. Aqui está como funciona o "nada existe, exceto Deus" na área da mente científica e do pensamento positivo/da possibilidade: Deus é bom e Deus é tudo. Portanto, tudo é bom. Entretanto, nada que não é bom — pecado, doença, sofrimento, morte, etc. — é real, mas, tão somente, uma ilusão do pensamento negativo. A maneira de ser liberto dessa ilusão do pensamento negativo é tornar-se um pensador positivo ou da possibilidade.

A Bíblia, entretanto, ensina que o pecado, o sofrimento, a doença e a morte são, na verdade, reais. "A alma que pecar, essa morrerá" (Ez 18.4) é o pronunciamento do julgamento justo de Deus e, certamente, trata tanto o pecado quanto a morte como algo real. Jesus curou os doentes e ressuscitou os mortos. Ele não ensinou as pessoas a negar a realidade desses fatos por meio do pensamento positivo ou do pensamento da possibilidade. Tais conceitos são totalmente contrários à Bíblia.

Nossa libertação do pecado e da morte não vem por meio da negação da realidade desses maus pensamentos através do poder da mente, mas pela fé em Jesus Cristo, que sofreu a agonia da cruz e pagou a pena que sua própria justiça proferira contra o pecado. Ele morreu por nossos pecados e "ressuscitou para nos-

sa justificação" (Rm 4.25). Se o pecado e a morte não existem, então a morte de Cristo por nossos pecados e sua ressurreição são meras alegorias e não eventos reais — algo que se opõe aos fatos históricos.

Se "nada existe, exceto Deus", então o universo é Deus, e nós somos parte de Deus e, portanto, seres divinos e perfeitos. Na verdade, se "nada existe, exceto Deus", então Satanás, apresentado na Bíblia como um ser real, é Deus. Ninguém poderia imaginar uma ilusão maior do que essa.

O Deus da Bíblia está separado de sua criação e é distinto dela; criação essa que Ele criou a partir do nada. A criação, como um relógio, está perdendo sua força, pois está separada do Senhor por causa da rebelião de suas criaturas (Satanás e seus subordinados, aos quais a humanidade aderiu), uma rebelião que levou Deus a pronunciar seu julgamento sobre toda a criação. Se Deus fosse o universo, então Ele também, como um relógio, estaria perdendo sua força. Esse *não* é o Deus da Bíblia!

E quanto à Trindade?

Questão: Os cristãos geralmente acreditam na Trindade, um "Deus" que é três pessoas e apenas um Ser supremo. No entanto, a palavra "Trindade" não aparece *nem uma vez sequer* na Bíblia, que afirma claramente que há apenas *um* Deus, não *três*. Como você poderia justificar a crença na "Trindade" fundamentado na Bíblia?

Resposta: Há apenas dois conceitos básicos de Deus: (1) panteísmo/naturalismo — em que o universo é Deus; e (2) sobrenaturalismo — em que Deus ou os deuses existem de forma distinta e separada do universo. Já demonstramos a tolice desse primeiro conceito, o que nos deixa apenas com o último. No sobrenaturalismo há duas visões opostas: (1) politeísmo — em que há muitos deuses (tanto os mórmons quanto os hinduístas são politeístas); e (2) monoteísmo — em que há apenas um Deus. Já demonstramos que o politeísmo também tem falhas desastrosas. O problema básico é a diversidade sem unidade.

Há também duas visões opostas no monoteísmo: (1) a crença de que Deus é um ser unitário, como no islamismo e judaísmo que insistem que Alá ou Jeová é "um", o que significa um ser sozinho. A mesma crença também é defendida pelas seitas pseudocristãs como As Testemunhas de Jeová e Pentecostais Unitaristas, que negam a Trindade e afirmam que Pai, Filho e Espírito Santo são três "títulos" ou "funções" de Deus. Aqui, a falha desastrosa é a *unidade sem diversidade.*

A Necessidade de Unidade e Diversidade

Está claro que Deus possui tanto *a unidade quanto a diversidade.* O Alá do Islã, ou o Jeová das testemunhas de Jeová e judeus, ou o Deus dos grupos "cristão" unitarista seriam incompletos em si mesmos. Eles seriam incapazes de amar, ter comunhão ou amizade antes de criar outros seres capazes de interagir com eles demonstrando essas qualidades. Por sua própria natureza, a qualidade de amar e a capacidade para comunhão e amizade exigem um outro ser pessoal com quem compartilhar. E Deus não poderia compartilhar a si mesmo de forma plena a não ser com um outro ser igual a Ele. A Bíblia diz que "Deus *é* caridade [amor]" em si mesmo. Isso só poderia ser verdade se Deus mesmo consistisse de uma pluralidade de ser que, embora separados e distintos, fossem um.

Apesar da palavra "Trindade" não ocorrer na Bíblia, o conceito é claramente ali expresso. A Bíblia apresenta um Deus que não precisou criar nem um ser para experimentar amor, comunhão e amizade. Esse Deus é completo em si mesmo e tem existência própria e eterna em três pessoas: Pai, Filho e Espírito Santo, individualmente distintos um do outro, mas, ao mesmo tempo, eternamente um. Essas três pessoas já existiam antes mesmo que o universo, os anjos ou o homem fossem criados.

Em contraste, o Deus do islamismo e o Deus do judaísmo contemporâneo não podem *ser* amor em si mesmos e por si mesmos, pois quem poderia amar na solidão antes da criação de outros seres pessoais? Tal deficiência em Deus afetaria o homem, que em todos os aspectos de seu ser foi feito à imagem de Deus.

Pluralidade e Singularidade: ambos se Aplicam

O primeiro versículo da Bíblia apresenta Deus como um ser *plural*: "No princípio, criou Deus os céus e a terra". Se Deus fosse um personagem unitário, então a palavra singular para Deus, *Eloah* seria utilizada. No entanto, em vez da forma singular, o plural, *Elohim*, que literalmente significa *Deuses* é usada. No entanto, o *verbo*, *bara*, utilizado com *Elohim*, está no singular. Esse *substantivo plural* (*Elohim*) é utilizado para se referir a Deus mais de 2.500 vezes no Antigo Testamento e, quase sempre, com o verbo no singular, indicando assim tanto unidade e diversidade quanto singularidade e pluralidade no Deus da Bíblia. Foi *Elohim* (Deuses) que, nesse primeiro capítulo de Gênesis, disse posteriormente: "Façamos o homem à *nossa* imagem, conforme a *nossa* semelhança" (v. 26; grifo do autor).

Na sarça ardente, Deus (*Elohim* — literalmente *Deuses*) disse a Moisés: "Eu Sou o que Sou" (Êx 3.14). Aqui, *Elohim* (Deuses) fala, mas não diz: "Nós somos o que somos". Antes diz: *Eu sou o que sou*. Tampouco a palavra *Elohim* é a única forma na qual a pluralidade de Deus é apresentada.

Observe, por exemplo, Salmos 149.2: "Alegre-se Israel naquele que o fez" (em hebraico, "fabricantes"); Eclesiastes 12.1: "Lembra-te do Criador nos dias da tua mocidade" (em hebraico, "criadores"); e em Isaías 54.5: "Porque o teu Criador *é* o teu marido" (em hebraico, "criadores" e "maridos"). O unitarismo não tem explicação para esta apresentação consistente, ao longo de todo o Antigo Testamento, tanto da unidade quanto da pluralidade de Deus.

Bem no cerne da confissão de Israel, em Deuteronômio 6.4, em que declara: "que Deus é o único SENHOR" (conhecido como *shema*), essa é a forma plural para Deus (*elohenu*): "Ouve, Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor" (*Shema yisroel adonai elohenu adonai echad*). A palavra utilizada para único, *echad*, significa, com freqüência, a unidade de mais de um. Se essa não fosse a intenção, então *yachid*, que significa o unitário e *o um absoluto*, seria utilizada. A palavra *echad*, por exemplo, é utilizada em Gênesis 2.24, em que homem e mulher tornam-se *"ambos* uma carne"; em Êxodo 36.13 (grifo do autor), quando as várias partes

tornam-se "assim, *um* tabernáculo" (grifo do autor); em 2 Samuel 2.25, quando muitos soldados "fizeram*um* batalhão" (grifo do autor); e, assim, em vários outros textos.

Isaías, o grande profeta hebreu, declarou a respeito do nascimento do Messias: "Porque um menino nos nasceu, um filho se nos deu; e o principado está sobre os seus ombros; e o seu nome será Maravilhoso, Conselheiro, *Deus Forte, Pai da Eternidade...*" (Is 9.6; grifo do autor) Esse conceito não é encontrado em nenhuma outra literatura de outras religiões mundiais, mas é exclusivo da Bíblia: Um filho nasceria neste mundo, e apesar de ser homem, seria o Deus Forte. Embora fosse Filho, Ele seria ao mesmo tempo o Pai da Eternidade.

Isaías apresenta claramente a *deidade* de Cristo, a paternidade de Deus e a unidade do Pai e do Filho. Todas as três pessoas da Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo) são claramente vistas no seguinte texto: "... desde o princípio [...] eu estava ali; e, agora, o Senhor Jeová me enviou o seu Espírito" (Is 48.16). Só poderia ser Deus quem está falando, esse único que existe desde o princípio; no entanto, Ele diz que foi enviado por Deus e por seu Espírito. Na Trindade, duas pessoas são invisíveis (Deus Pai e o Espírito de Deus) ao passo que uma é visível, o Filho de Deus que se tornou homem.

Algumas Analogias Úteis

Como podemos entender completamente este conceito das três pessoas, em que cada uma é separada e distinta (o Pai não é o Filho, e o Filho não é o Espírito Santo), mas que são um Deus? É impossível compreender isso. Os críticos argumentam que como a Trindade não pode ser completamente explicada pela razão humana, não pode, portanto, ser verdadeira. No entanto, quem poderia explicar totalmente Deus mesmo se Ele fosse apenas uma entidade unitária? Ninguém. Não conseguimos sequer explicar a alma e o espírito *humanos*, muito menos o Espírito de Deus, embora todos esses termos sejam usados repetidamente na Bíblia.

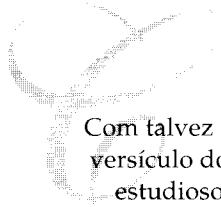
Entretanto, podemos ver analogias à Trindade em todos os lugares. O universo é composto de três elementos: espaço, tempo e matéria. Os primeiros dois são invisíveis, mas a matéria é visível.

Cada um desses três é dividido em três: comprimento, largura e altura; passado, presente e futuro; energia, movimento e fenômeno. Comprimento, largura e altura são separados e distintos um do outro, portanto, são um, pois cada um é o todo. O comprimento contém todo o espaço, assim como a largura e a altura. O mesmo acontece com o tempo: passado, presente e futuro são distintos um do outro e, portanto, cada um é o todo. E aqui mais uma vez, dois deles (passado e futuro) são invisíveis, ao passo que o presente é visível.

O homem, que foi feito "à imagem de Deus" (Gn 1.27; 9.6; etc.) é formado de três elementos: corpo, alma e espírito, dos quais, mais uma vez, dois (alma e espírito) são invisíveis, e um, o corpo, é visível. A forma como o homem funciona como um ser também reflete a mesma analogia da Trindade. Concebemos algo em nossa mente (invisível), talvez um poema ou uma sinfonia; expressamos isso por meio da fala, ou da escrita, ou da música e isso passa a fazer parte do presente, o mundo visível; depois é apreciada pela emoção, também, mais uma vez, invisível.

Poderemos oferecer algumas analogias, mas essas devem ser suficientes. Não há dúvida de que a Bíblia apresenta claramente três pessoas distintas, e cada uma delas é Deus. Ao mesmo tempo, a afirmação clara de que há apenas um único e verdadeiro Deus é apresentada repetidamente para nós. Cristo ora ao Pai. Ele está orando para si mesmo? A Bíblia nos diz: "O Pai enviou seu Filho *para* Salvador do mundo" (1 Jo 4.14). Ele enviou a si mesmo? Ou será que algum "poder" orou por um "título" e o enviou, como a Igreja Pentecostal Unitária quer nos fazer crer?

Cristo disse: "As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo [de minha própria iniciativa], mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras" (Jo 14.10); "E eu rogarei ao Pai, e ele vos dará outro Consolador, [...] o Espírito da verdade" (Jo 14.16,17). Em todo o Novo Testamento, Pai, Filho e Espírito Santo são honrados separadamente e agem como Deus, mas apenas em concordância um com o outro.



Com talvez algumas poucas exceções, pode-se dizer que o texto de cada versículo do Novo Testamento foi estabelecido pelo consenso geral dos estudiosos de forma que qualquer discussão de sua leitura deve se relacionar preferencialmente à interpretação das palavras em vez das dúvidas relacionadas às palavras em si.

Mas em cada uma das trinta e sete peças teatrais de Shakespeare [escritas apenas há quatrocentos anos] há provavelmente centenas de leituras ainda em discussão, e grande parte das quais afeta diretamente o significado da passagem em que elas ocorrem.

—*John Lea*[1]



3

A BÍBLIA É CONFIÁVEL?

Os Manuscritos do Mar Morto Repercutem negativamente na Bíblia?

Questão: Conforme minha compreensão, a descoberta dos manuscritos do mar Morto foi um golpe contra a Bíblia. As cópias mais antigas de alguns textos do Antigo Testamento que já foram descobertas estavam incluídas nesses achados e descobriu-se que são muito diferentes das cópias posteriores que já possuímos. Se os copistas cometeram tais erros naqueles poucos séculos, a Bíblia de hoje deve estar muito mais distante dos manuscritos originais do Antigo Testamento!

Resposta: Não sei onde você obteve essa informação, mas ela é falsa. Foi *antecipado pelos críticos da Bíblia* que grandes diferenças seriam encontradas, mas não foi o que aconteceu. Considere, por exemplo, o manuscrito de Isaías agora em um museu de Jerusalém. A cópia mais antiga que temos de Isaías, antes das descobertas do mar Morto, era datada de 900 d.C., e aquela descoberta na coleção do mar Morto era datada de 100 a.C. Portanto, ali se apresentava uma oportunidade para ver que mudanças, em um espaço de mil anos, poderiam ter ocorrido por meio de erros inadvertidos dos copistas.

Essa comparação revelou algumas variações de ortografia, algumas mudanças estilísticas e raramente uma palavra, aqui e ali, que foram deixadas de fora ou adicionadas, mas que não modificavam o significado do texto. Portanto, esses mil anos de cópias desse texto mostraram que o mesmo foi preservado sem nenhuma mudança real ou significativa. O fato é que a descoberta dos manuscritos de Isaías na caverna de Qumran ofereceu uma evidência contundente de que o Antigo Testamento que temos em nossas mãos hoje é como o dos documentos originais.

E quanto à Inspiração Divina?

Questão: A Bíblia cristã-judaica não é o único livro que alega ser inspirado por Deus. Há também o Alcorão, o Vedas do hinduismo, o Livro de Mórmons e outros que afirmam que são provenientes de Deus. O fato de que o cristianismo ensina que os outros livros não são verdadeiros não lança sérias dúvidas sobre a Bíblia também? Se muitos outros livros podem estar errados, por que não esse também? Afinal, um ateísta apenas duvida de um livro a mais do que os cristãos.

Resposta: Quer as escrituras das outras religiões sejam verdadeiras quer falsas, isso não tem nenhuma influência na validade ou não da Bíblia. Portanto, o fato de que dez dos onze competidores não conseguiram ganhar uma corrida dificilmente pode ser considerado um argumento plausível de que ninguém poderia ter ganhado a corrida. O fato de existir muito dinheiro falso não sugere, nem por um momento, que o dinheiro real não exista. Na verdade, isso contribui para confirmar sua existência, pois de outra maneira não haveria propósito em falsificá-lo. O fato de que bilhões de pessoas aceitem que os escritos sagrados de várias religiões tenham sido inspirados por Deus demonstra a profunda sede que a humanidade tem da revelação divina, que sempre existiu em todas as épocas, raças culturas e em todos os lugares.

Esta sede poderosa e universal não pode ter sido desenvolvida por meio da evolução. O corpo humano não tem fome ou sede

de alimentos ou bebidas que não existem e que sustentariam sua vida. A única exceção seria se alguém experimentasse algo que fosse danoso, mas delicioso, ou que produzisse sentimentos ilusórios de bem-estar ou poder e depois o almejassem de forma não natural. A necessidade por essa droga ou bebida intoxicante jamais teria nascido se ela não fosse realmente saboreada ou experimentada. Portanto, ninguém pode afirmar que a crença em Deus era "o ópio do povo" sem admitir a existência de Deus. É necessário que alguém tenha "experimentado" algo real, conforme a Bíblia nos desafia a fazer: "Provai e vede que o Senhor é bom..." (Sl 34.8)

Logicamente, a sede universal por Deus é um argumento persuasivo de sua existência; e a sede por revelação proveniente dEle demonstra que tal revelação existe também. Se aquilo que afirma ser proveniente de Deus realmente o é, entretanto, pode apenas ser determinado se fundamentado nos fatos — e apenas a Bíblia passa nesse teste como veremos.

O fato de que o mundo está cheio de falsas profecias que afirmam ser provenientes de Deus é exatamente o que uma pessoa deveria esperar, dada essa sede inata por Deus e a propensão do coração humano de iludir-se a si mesmo e aos outros. Tampouco pode ser inferido do fato de que muitas falsas profecias foram proferidas que, portanto, nenhuma profecia verdadeira já foi feita. Que a humanidade, de modo geral, em todos os lugares, em todas as épocas e em todas as religiões tem sido suscetível a falsas previsões é evidência de uma crença intuitiva de que a verdadeira profecia seja possível e importante.

A Bíblia necessita ser examinada conforme seus próprios méritos. Será demonstrado que é verdadeira ou falsa, fundamentada nas evidências internas e externas tomadas em conjunto — não pela comparação dela com os escritos sagrados de outras religiões. Além disso, a afirmação da Bíblia de que é a *única* revelação de Deus para a humanidade implica que todos os outros escritos sagrados são falsos. Portanto, a falsidade desses escritos é um argumento a favor da Bíblia, e não uma prova de que ela não possa ser verdadeira.

Até que Ponto os Documentos Bíblicos São Confiáveis?

Questão: Ensinaram-me no seminário, e li também a mesma acusação em um bom número de livros acadêmicos, que o Novo Testamento não é confiável, pois foi escrito por homens que nem mesmo foram contemporâneos de Jesus, séculos depois da época de Cristo. O "Seminário de Jesus", um grupo de estudiosos com títulos impressionantes, faz esta afirmação hoje. Há alguma evidência em contrário?

Resposta: Essa acusação é refutada não apenas pelos manuscritos, mas pelas citações que temos de todo o Novo Testamento em outros escritos do final do século I e início do século II. Há provas até mesmo em escritos dos inimigos do cristianismo. Por exemplo, Celso, um amargo oponente do cristianismo que nasceu no início do século II, referiu-se aos quatro Evangelhos como parte do livro sagrado dos cristãos, os quais já eram bem conhecidos em sua época. Apenas essa pequena evidência refuta a afirmação que o Novo Testamento foi escrito apenas séculos mais tarde! Além disso, há mais do que provas suficientes no próprio Novo Testamento de que o mesmo existiu, conforme seus escritores afirmam, escrito por contemporâneos de Jesus.

Os autores das Epístolas de Pedro e João testificam que conheceram Jesus pessoalmente e que foram testemunhas oculares de tudo que Ele fez em seu ministério terreno. Pedro escreve: "Porque não vos fizemos saber a virtude e a vinda de nosso Senhor Jesus Cristo, seguindo fábulas artificialmente compostas, mas nós mesmos vimos a sua majestade" (2 Pe 1.16). João, ao falar por si mesmo e pelos outros apóstolos, testifica que teve um relacionamento íntimo com Cristo: "O que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram..." (1 Jo 1.1)

Se o Novo Testamento que inclui tais testemunhos juramentados não foi escrito pelos próprios apóstolos, mas foi forjado por outros grupos séculos (ou até mesmo apenas décadas) mais tarde, ele todo é uma fraude! Quem quer que seja que escreveu tais fábulas estava mentindo e estava assim fazendo com a intenção deliberada de enganar incontáveis multidões ao longo dos sécu-

los vindouros. E, tragicamente, se esse for o caso, a ilusão foi aceita por bilhões de pessoas desde aquela época. Entretanto, aquele cenário contém numerosos problemas intransponíveis.

Evidência Interna Irrefutável

Primeiro, há uma consistência interna nos sessenta e seis livros da Bíblia, embora tenham sido escritos ao longo de mil e quinhentos anos por mais de quarenta pessoas, e a maioria delas jamais teve contato uma com a outra. Esses escritores das Escrituras, que pertenciam a épocas históricas distintas e a regiões e culturas totalmente diversas, tinham apenas algo em comum: a afirmação de que o que escreviam era inspirado pelo único e verdadeiro Deus. O intrincado padrão da verdade que foi tecido sem contradições ao longo da Bíblia, de Gênesis a Apocalipse, produz um poderoso testemunho em relação à validade dessa afirmação, que não pode ser explicada de nenhuma outra forma. Quanto às aparentes contradições, lidaremos com elas.

Essa continuidade e concordância ao longo da Bíblia é um dos argumentos mais poderosos de que ela é a Palavra de Deus. Para demonstrar o quanto este argumento é notável, Josh McDowell conta-nos essa história verdadeira:

> Um representante da *Great Books of the Western World* ("Os Grandes Livros do Mundo Ocidental"), veio a minha casa a fim de recrutar vendedores para essa série... Eu o desafiei a que pegasse apenas dez desses autores, todos com uma mesma posição, da mesma geração, do mesmo lugar, da mesma época, da mesma disposição, do mesmo continente, da mesma linguagem e que abordassem apenas um assunto controverso (a Bíblia fala de centenas deles com harmonia e concordância). A seguir, perguntei a ele: "Eles (os autores) concordariam?" Ele hesitou e depois replicou: "Não".[2]

Obviamente, qualquer escritor fraudulento (por exemplo, que escrevesse sobre a vida e obra de Cristo), teria de conhecer a Bíblia intimamente e ser capaz de manter sua consistência interna sobrenatural. É altamente improvável que qualquer mentiroso deliberado teria a motivação ou a habilidade para assim fazer.

Há um problema a mais. Um estudo cuidadoso do Novo Testamento revela sinceridade e veracidade praticamente impossíveis de falsificar. Além disso, a Bíblia tem demonstrado um poder sobrenatural, acessível a todos aqueles que acreditam em sua mensagem, na recuperação de seres humanos que são libertos de seu pecado e degradação e que passam a desfrutar da alegria, amor, liberdade e transformação de vida. Que uma fraude deliberada pudesse causar tamanho benefício é absurdo. Seria preciso mais fé para acreditar *nesse* cenário do que aceitar a afirmação da Bíblia, a saber, que é divinamente inspirada!

Corroboração Contemporânea

Há abundância de provas adicionais de natureza distinta. Tomamos conhecimento através das descobertas arqueológicas de citações em outros escritos de que o Novo Testamento já estava totalmente em circulação, pelo menos, até o fim do século I. Muitas pessoas que ainda estavam vivas naquela época conheciam os apóstolos e, para elas, os escritos deles soavam verdadeiros conforme os fatos ocorridos. Se as Epístolas não dissessem a verdade, haveria um protesto veemente — mais uma vez, não temos essa evidência. Inquestionavelmente, os rabinos judeus teriam se apegado à menor mentira ou exagero a fim de desacreditar essa "nova religião", conforme eles a concebiam, a qual estava minando a liderança que tinham sobre o povo e levava milhares de judeus a se converter a ela. Não há registro de qualquer ataque a esses fundamentos por parte daquele grupo.

Além disso, há evidências abundantes e inquestionáveis no Novo Testamento que foram escritas por testemunhas oculares. Lucas, por exemplo, refere-se aos outros escritores dos Evangelhos como testemunhas oculares "desde o princípio" e afirmou que eles registraram os "fatos que entre nós se cumpriram". Ele não era um idiota ingênuo que estava disposto a acreditar em qualquer fábula com a qual se deparasse, mas afirmou que já havia se informado "minuciosamente de tudo desde o princípio" (Lc 1.1-3). Ele declarou que estava desempenhando essa tarefa de

escrever a história de Jesus para seu amigo Teófilo, para que ele pudesse conhecer "a certeza das coisas..." (Lc 1.4)

As descobertas arqueológicas da modernidade confirmam a veracidade do testemunho de Lucas e o fato de que ele realmente foi contemporâneo dos apóstolos, Portanto, tinha condições de conhecer e relatar os fatos. No capítulo 2, Lucas refere-se a um "decreto da parte de César Augusto, para que todo o mundo se alistasse" e afirma que isso "foi feito sendo Cirênio governador da Síria" (v. 1,2). Alguns críticos continuam a afirmar dogmaticamente que Cirênio, também conhecido como Quirino, tornou-se governador da Síria apenas em 6 d.C., uma data muito tardia para o nascimento de Cristo. Eles ignoram que os achados mais recentes demonstram que Quirino foi governador da Síria *duas vezes*, a primeira, talvez, de uma data tão remota quanto 7 a.C. até 1 d.C. Lucas estava obviamente se referindo a seu *primeiro* governo, não ao segundo.

A Verificação Histórica Confiável

No capítulo 3, Lucas fornece uma lista com informações detalhadas que continha nomes, lugares, cargos e datas, a qual certamente uma pessoa não seria capaz de fornecer algumas décadas (e muito menos séculos) depois:

> E, no ano quinze do império de Tibério César, sendo Pôncio Pilatos governador da Judéia, e Herodes, tetrarca da Galiléia, e seu irmão Filipe, tetrarca da Ituréia e da província de Traconites, e Lisânias, tetrarca de Abilene, sendo Anás e Caifás sumos sacerdotes... (Lc 3.1,2)

Observe que as referências de Lucas não são apenas a César, mas a *Tibério*. Até mesmo a época do decreto nos é fornecida: no "ano quinze" do reinado desse imperador. Esses fatos foram verificados por historiadores modernos e não poderiam ser conhecidos de ninguém que escrevesse séculos mais tarde, conforme os céticos afirmam que aconteceu. Os títulos técnicos dos cargos ocupados pelas outras pessoas — governador, tetrarca, sumo sacerdote — nos são fornecidas, juntamente com a localização de cada um deles. Cada fato apresentado foi verificado em anos re-

centes após escavações e pesquisas laboriosas. Seria impossível fazer afirmações tão precisas até mesmo cinqüenta anos depois do fato. Portanto, temos todos os motivos para acreditar que Lucas, conforme ele afirma, estava ali presente quando os eventos relatados ocorreram.

Sim, e quanto a Pôncio Pilatos, que Lucas afirma que era o governador da Judéia na época? Os céticos negaram sua existência por muitos anos, pois não era possível encontrar nenhum vestígio de sua existência. Josefo mencionou Pilatos em sua obra *Antiguidades Judaicas*, mas suspeitava-se que esta foi adição posterior, feita por alguém que adulterou o texto. Mas, certo dia, a comprovação positiva foi descoberta em uma escavação arqueológica: uma pedra, de cerca de dez centímetros de espessura, foi extraída nas ruínas reviradas de um anfiteatro romano antigo, em Cesaréia.

Descobriu-se que César, por ter sido ofendido por Pilatos, decretou que toda evidência de sua existência fosse apagada. No entanto, esta pedra em particular, exatamente em virtude de seu tamanho, foi preservada e utilizada como um assento em um teatro. Pilatos havia sido rejeitado, portanto, não poderia ser visto — até essa descoberta nas ruínas. Essa pedra está hoje em Cesaréia (Israel moderno) como mais um testemunho, dentre muitos outros, da confiabilidade do registro bíblico.

Hoje, a evidência acumulada que autentica a Bíblia em todos os aspectos é irrefutável. Qualquer crítico que continue a papagaiar as acusações ilusórias que antigamente foram levantadas contra a Bíblia assim faz *apesar dos* fatos e não *por causa* desses fatos. Até mesmo o bispo Robinson, famoso por ser um "teólogo da morte de Deus" e, alguns anos atrás, um dos principais proponentes de uma datação de séculos mais tardios para os escritos bíblicos, reconhece agora a historicidade dos documentos do Novo Testamento e que os mesmos foram escritos, por testemunhas oculares, no início do século I.

Devemos Ser Especialistas em todas as Religiões?

Questão: Se há tantos livros sagrados de várias religiões, os quais afirmam ser verdadeiros, como alguém pode ter certeza de

que a Bíblia é a verdadeira palavra de Deus sem primeiro examinar todos os outros? Embora um outro escrito sagrado possa ser, em sua maior parte, falso, não poderia mesmo assim conter verdades suficientes, o que significa que talvez valha a pena empenhar nosso tempo e esforço para examinar todos os escritos religiosos?

Resposta: Essa filosofia leva à conclusão do liberalismo, a saber, não há verdade definitiva nem resposta conclusiva para qualquer questão existente. Por exemplo, como alguém poderia ter certeza que dois mais dois *só* pode ser quatro, sem primeiro examinar se também não poderia ser três, ou cinco, ou seis, ou sete, ou qualquer outro número? Como os números são infinitos, ninguém jamais viria a terminar essa busca. O mesmo acontece com a religião: ninguém poderia viver o bastante para examinar todas as afirmações de todas as religiões que existem. Tampouco tal esforço é necessário.

Graças a Deus, não chegamos à verdade por um processo de eliminação. O fato de que dois mais dois é igual a quatro *e apenas quatro* pode ser comprovado sem que examinemos todos os outros números. E o mesmo acontece com a Bíblia: sua validade pode ser determinada a partir de um exame dela mesma.

A Exclusividade das Afirmações Bíblicas

Se a Bíblia é verdadeira ou não depende dos fatos relacionados nesse livro em particular. Não é por meio do exame de todos os outros livros sagrados que se conclui que nenhum dos outros livros é verdadeiro e, por esta razão, aceitar a Bíblia porque é o único livro religioso que sobrou. Todo livro sagrado, inclusive a Bíblia, poderia e seria falso se Deus não existisse e/ou se Deus não tivesse escolhido revelar a si mesmo e seu desejo à humanidade por meio da escrita. Se Ele fez isso ou não é uma questão que não pode ser respondida por meio de um processo de eliminação, mas deve ser determinada factualmente.

Além disso, se a Bíblia é a palavra de Deus, conforme afirma (termos como "Assim diz o Senhor", "E eis que veio a palavra do

Senhor veio a...", etc são encontradas cerca de 3,8 mil vezes na Bíblia), então todos os outros livros sagrados devem ser falsos, como todos os outros deuses são. O Deus da Bíblia diz que Ele é o único e verdadeiro Deus. "Eu sou o primeiro e eu sou o último, e fora de mim não há Deus. [...] Há outro Deus além de mim? Não! Não há outra Rocha que eu conheça. [...] E não há outro Deus senão eu [...] porque eu sou Deus, e não há outro" (Is 44.6,8; 45.21, 22). Se só Ele é Deus, então só a Bíblia por meio da qual Ele nos fala pode de ser também sua Palavra.

Assim que alguém conhece o Deus verdadeiro não há necessidade de checar todos os outros deuses possíveis para verificar se, por um acaso, um deles pode ter alguma legitimidade. Essa possibilidade é eliminada ao se constatar que o Deus da Bíblia é o *único* Deus verdadeiro. E assim que alguém verificar — por meio de provas internas e externas, por evidências arqueológicas, históricas e, acima de tudo, ao ter um encontro com o Cristo e Deus da Bíblia — a afirmação de que a Bíblia é a *única* Palavra de Deus, então não há necessidade de examinar qualquer outro livro sagrado para saber se um deles pode também conter alguma verdade.

A única razão para tornar-se familiar com outras religiões e outros escritos religiosos seria para mostrar àqueles que seguem esses sistemas falsos qual é o erro e, a partir disso, resgatá-los.

O que a Arqueologia Diz sobre a Bíblia

Questão: Fiquei sabendo que há uma grande quantidade de evidências arqueológicas que provam que a Bíblia não é confiável. Não me lembro dos detalhes e, talvez, nenhum deles tenha sido dado, mas a impressão que vários professores da universidade me passam é que a evidência arqueológica contra a Bíblia é muito contundente.

Resposta: Há muitas afirmações de que a Bíblia não é verdadeira, mas nenhuma delas se sustentou após um escrutínio cuidadoso. A Bíblia afirma ser a Palavra de Deus, e que Ele inspirou os profetas e apóstolos em seus escritos para o benefício de toda a humanidade. Como tal é preciso que ela seja infalível e sem

qualquer erro. Portanto, não seria necessária "uma grande quantidade" de evidências arqueológicas ou de qualquer outro tipo para refutar a Bíblia. Apenas uma evidência bastaria.

Paulo escreveu: "Toda Escritura divinamente inspirada" (2 Tm 3.16), e Pedro declarou que: "Os homens santos de Deus falaram [ou escreveram] inspirados pelo Espírito Santo [Espírito de Deus]" (2 Pe 1.21; grifo do autor). Apenas um erro *na substância* da Bíblia (não um erro do copista ou do impressor) provaria que ela não é o que afirma ser, a Palavra Santa de Deus. Você não me deu exemplos específicos, portanto, posso apenas responder de forma geral.

A Bíblia é, sem sombra de dúvida, o livro mais notável como também o mais controverso do mundo. Sua afirmação de que é inspirada por Deus levou aqueles que não acreditam em Deus e os que seguem religiões rivais a atacar sua credibilidade. Na verdade, ela, como nenhum outro livro da história, foi atacada por céticos determinados e críticos profissionais por séculos. Em todas as ocasiões, entretanto, quando os fatos foram estabelecidos por meio das descobertas arqueológicas, provou-se que a Bíblia estava correta, e seus críticos, equivocados. Isso aconteceu 100% das vezes — como deveria ser, já que a Bíblia é realmente a Palavra de Deus.

Apenas para dar um exemplo, o primeiro capítulo da Bíblia tem muito a dizer sobre os heteus. De acordo com o registro bíblico, este era um povo numeroso e poderoso na época de Abraão e que permaneceu na região até, pelo menos, na época do rei Davi. Sabemos que um dos capitães do exército de Davi era um heteu, chamado Urias. Davi planejou que Urias fosse morto, a fim de cobrir seu pecado de adultério com a esposa dele que ficou grávida. No entanto, décadas de escavações não conseguiram descobrir nenhuma evidência arqueológica dos heteus. Por conseguinte, os céticos afirmaram que a Bíblia era um livro de mitos, pois apresentava detalhes fictícios em relação a um povo que jamais existira.

Mais tarde, as descobertas começaram a aparecer. Hoje, temos evidências arqueológicas em abundância de que aquilo que a Bíblia relata em relação aos heteus é absolutamente verdade. Um museu inteiro em Ancara, Turquia, é dedicado às relíquias dos heteus.

Algumas confirmações mais recentes foram possíveis por meio do achado do "agora famoso fragmento de inscrição aramaica [uma pedra], que se refere à casa de Davi, em 1993, em Tel Dan. Alguns estudiosos [...] negaram que Davi fosse uma personagem histórica ou que o reino unido precedeu Judá e Israel".[3] Mais uma vez, a Bíblia foi justificada. Em 1994, mais dois fragmentos da mesma inscrição em pedra foram descobertos, e estes novamente mencionavam a casa de Davi.[4] Muitos outros exemplos similares podem ser dados.

Hoje, ninguém duvida da existência do rei Davi e da história de seu reino conforme registrado na Bíblia. Em setembro de 1995, toda a nação de Israel começou a celebração, cuja duração foi de quinze meses, do aniversário de três mil anos da fundação de Jerusalém por Davi.

A Bíblia, como resultado de sua comprovação contínua por achados arqueológicos, é utilizada por meios arqueólogos da atualidade como um guia para localizar cidades da antiguidade. Na verdade, as escolas públicas de Israel ensinam os alunos a história de sua terra e seus ancestrais a partir do Antigo Testamento, pois sabem que é infalivelmente acurado.

A verdade é que em vez da evidência arqueológica apontar *contra* a Bíblia, é toda a *favor* dela. Qualquer pessoa que diga o contrário ignora as evidências atuais ou é totalmente tendencioso e não está disposto a se defrontar com elas.

E quanto aos Manuscritos?

***Questão*:** Segundo minha compreensão, a Bíblia que temos origina-se de alguns manuscritos antigos que são cópias das cópias das cópias do original que já se perdeu há muito tempo. Esses originais, especialmente os do Antigo Testamento, poderiam ser milhares de anos mais antigos do que os manuscritos mais antigos que conhecemos. Como podemos saber que o que temos hoje está próximo do que foi escrito nos originais?

***Resposta*:** Bernard Ramm nos lembra: "Os judeus o preservaram [o texto do Antigo Testamento] como nenhum outro manuscrito já foi preservado [...] eles tinham uma contagem do núme-

ro de letras em cada documento. Eles tinham uma classe especial de homens em sua cultura, cuja única tarefa era preservar e transmitir esses documentos com praticamente perfeita fidelidade — escribas, mestres da lei e massoretas. Quem já contou as letras e sílabas e palavras de Platão ou Aristóteles, Cícero ou Sêneca [como os judeus o fizeram para o Antigo Testamento]?"[5] Não é de admirar, portanto, que os manuscritos de Isaías encontrados com os do mar Morto não apresentavam nenhuma variação significativa em mil anos de cópias. Em contraste, conforme já observado, há muitas questões que dizem respeito ao texto de Shakespeare, que tem apenas quatrocentos anos de idade.

F. F. Bruce, estudioso bíblico, escreve: "Não há nenhum corpo de literatura antiga do mundo que desfrute de tão rica e boa comprovação textual como o Novo Testamento".[6] J. Harold Greenlee explica: "O número de manuscritos do Novo Testamento disponíveis são impressionantemente maiores do que qualquer outra obra da literatura antiga... [e] os mais antigos manuscritos existentes do Novo Testamento foram escritos muito próximos da data da escrita original ..."[7] Para o benefício da comparação, eis aqui algumas obras seculares bem aceitas da antiguidade, que mostram o autor, a data em que foram escritas, e o número de manuscritos ainda existentes e o número de anos em que o manuscrito mais antigo foi copiado após a data do escrito original:

Sófocles	496-406 a.C.	100	1400
Heródoto	480-425 a.C.	8	1300
Eurípedes	480-406 a.C	9	1500
Tucides	460-400 a.C.	8	1300
Platão	427-327 a.C.	7	1200
Aristóteles	384-322 a.C.	5	1400
Demóstenes	383-322 a.C.	200	1300
César	100- 44 a.C.	10	1000
Lucrécio	60 a.C.	2	1600
Tácito	100 a.C.	20	1000

Em contraste, há cerca de 24.600 cópias dos manuscritos do Novo Testamento, alguns dos quais chegam a datar até um século depois dos originais e muitos outros até cerca de trezentos a quatrocentos anos após os originais. Portanto, por que se escuta continuamente a falsa afirmação de que os manuscritos bíblicos não são confiáveis? O fato de que essa mentira persiste nos círculos acadêmicos demonstra um tremendo preconceito contra a Bíblia *por causa do que ela diz*. A Palavra de Deus condena a consciência. Como é interessante notar que questões sobre a exatidão dos manuscritos jamais são levantadas em relação a outros manuscritos da antiguidade — a não ser que ofereçam provas da validade da Bíblia. *Antiguidades Judaicas*, de Josefo, oferece considerável comprovação do Novo Testamento e da vida e morte de Jesus; portanto, essa obra também recebe ataques violentos.

A Bíblia é o livro mais citado do mundo, milhares de vezes mais do que qualquer outra obra secular. Isso não apenas é verdade hoje, mas sempre foi assim. Conseqüentemente, o indivíduo pode reproduzir todo o Novo Testamento e muito do Antigo Testamento por meio de citações em cartas e epístolas pessoais, escritas um século depois de Cristo comissionar seus discípulos para a pregação do evangelho.

Confiabilidade Imcomparável

Quanto à validade dos manuscritos do Antigo Testamento e sua confiabilidade, considere a seguinte afirmação de Robert D. Wilson, de Princepton, em seu livro *Scientific Investigation of the Old Testament* ("Investigação Científica do Antigo Testamento"). Ele era fluente em mais de quarenta línguas semíticas e também um dos maiores especialistas e estudiosos de linguagem de todos os tempos. O professor Wilson escreve:

> Por quarenta e cinco anos contínuos... devotei-me a um grande estudo do Antigo Testamento, e todas suas línguas, e todas as evidências arqueológicas, e todas suas traduções...

Os críticos da Bíblia que o organizaram para encontrar falhas... afirmam que possuem todo o conhecimento e virtude da verdade, e todo o amor pela verdade. Uma de suas frases favoritas é: "Todos os estudiosos concordam". Quando um homem [diz isso]... quer saber quem são os estudiosos e por que eles concordam. De onde eles obtêm essa evidência...? Desafio qualquer homem fazer um ataque ao Antigo Testamento fundamentado na evidência que não pode ser investigada...

Após aprender as línguas necessárias, iniciei a investigação de toda consoante do hebraico do Antigo Testamento. Há cerca de 1 milhão 250 mil delas; e foram necessários muitos anos para completar essa tarefa. Eu tinha de observar as variações do texto... dos manuscritos ou em notas dos massoretas... ou de várias versões, ou em passagens paralelas, ou nas emendas conjecturais dos críticos; e depois tive de classificar os resultados... para reduzir o criticismo do Antigo Testamento a uma ciência absolutamente objetiva; algo fundamentado na evidência, e não na opinião...

O resultado desses quarenta e cinco anos de estudos que dediquei a este texto foram os seguintes: posso afirmar que não há uma página do Antigo Testamento sobre a qual precisamos ter qualquer dúvida...

[Por exemplo, para ilustrar sua exatidão]: há vinte e nove reis da antiguidade, cujos nomes são mencionados não apenas na Bíblia, mas também em monumentos de sua época... Há cento e noventa e cinco consoantes nesses vinte e nove nomes próprios. No entanto, descobrimos que nos documentos hebraicos do Antigo Testamento há apenas duas ou três de todas essas cento e noventa e cinco sobre as quais pode haver alguma dúvida se foram escritas da mesma forma conforme escritas em seus monumentos [que os arqueólogos até agora descobriram]. Algumas destas remontam a 4 mil anos e estão tão bem gravadas que cada letra está clara e correta...

Compare essa exatidão com... a do maior estudioso de todas as épocas, o bibliotecário de Alexandria, de 200 a. C. Ele compilou um catálogo com os reis do Egito, em que constam trinta e oito deles. De todos esses reis apenas três ou quatro são identificáveis. Ele também fez uma lista dos reis da Assíria; em

apenas um caso podemos dizer a quem se refere; e este único não está grafado corretamente. Ou compare Ptolomeu, que fez um registro de dezoito reis da Babilônia. Nenhum destes nomes está corretamente grafado; você pode não saber a quem ele se refere se não os conhecer por meio de outras fontes.

Se alguém falar da Bíblia, pergunte-lhe sobre os reis mencionados nela. Ela se refere a vinte e nove reis e a dez diferentes países aos quais pertencem estes reis; todos estão incluídos na Bíblia e em monumentos. Na Bíblia, o nome de cada um deles está correto, bem como o de seus países e a ordem cronológica também está correta. Pense no que isso significa...!

Embora o estudo dos sistemas religiosos dos povos da antiguidade demonstre que havia entre eles uma tentativa de chegar a Deus, em *nenhum lugar* percebe-se que eles alcançaram uma compreensão clara do único e verdadeiro Deus, o Criador, o Preservador, o Juiz, o Salvador e o Santificador de seu povo. A religião deles era do tipo que exigia uma demonstração exterior; a religião do Antigo Testamento é essencialmente voltada à mente e ao coração; a religião do amor, alegria, fé, esperança e salvação por meio da graça de Deus. Como podemos justificar tudo isso?

Os profetas de Israel declararam que seus ensinamentos eram provenientes de Deus. A escola da crítica moderna antagoniza essa afirmação. Eles dizem que os profetas deram voz às idéias de sua própria época e que eles eram limitados por seu ambiente. Mas, se esse é o caso, como essas mensagens de esperança e salvação não vieram dos oráculos de Tebas e Ménfis, nem de Delfos e Roma, nem da Babilônia, nem dos desertos da Média, mas são provenientes dos apriscos e casas humildes de Israel, sim, dos cativos ao longo dos rios em uma terra estrangeira?

Onde essa Profecia se Encaixa e por quê?

Questão: Ouvi dizer que as profecias da Bíblia são estruturadas de tal forma que seu alegado "cumprimento" poderia se ajustar a quase qualquer acontecimento. Isso é verdade? E se não for, qual é o propósito da profecia? Parece-me que o fato da Bíblia envolver-se com profecia a coloca no domínio da especulação e diminui sua credibilidade e confiabilidade, assim como deprecia seus excelentes ensinamentos morais.

Resposta: A Bíblia é aproximadamente 30% de profecia e apenas por essa razão é absolutamente única. Não há profecias no Alcorão, no Vedas ou no Baghavad Gita do hinduísmo, nos dizeres de Buda e Confúcio, no Livro de Mórmons, em qualquer outro livro, exceto na Bíblia. Tampouco há qualquer profecia em relação à chegada de Buda, *Krishna*, Maomé, Zoroastro, Confúcio, ou o fundador ou líder de qualquer outra religião do mundo. O Messias judaico é absolutamente único a esse respeito. Sua vinda foi prevista em dezenas de profecias específicas que foram cumpridas nos mínimos detalhes na vida, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

Há um número de razões para a profecia bíblica: provar a existência de Deus ao dizermos o que acontecerá antes que aconteça; identificar o Messias ao especificar os numerosos detalhes que dizem respeito a sua vinda, incluindo até mesmo a época e o local; avisar os fiéis sobre as condições e perigos existentes nos últimos dias. (Lidamos com esses elementos das profecias em outros livros.) Quanto às profecias da Bíblia serem "estruturadas de tal forma que seu alegado 'cumprimento' poderia se ajustar a quase qualquer acontecimento", isso simplesmente não é verdade, conforme qualquer exame das profecias bíblicas comprova.

Um Registro Profético Impecável

As profecias cumpridas comprovam conclusivamente tanto a existência de Deus quanto a Bíblia, que é sua Palavra; por esta razão elas têm sido criticamente examinadas em muitas tentativas vigorosas para refutá-las. Por exemplo, no livro de Daniel, muitos detalhes factuais em relação aos impérios medo-persa, grego e romano foram dados, mas os céticos tentaram arduamente comprovar que essas profecias foram, na verdade, escritas depois que os eventos ocorreram. Caso contrário, eles teriam de admitir que a Bíblia, de fato, previu o futuro. A datação de Daniel foi, portanto, atacada de todo ângulo possível e imaginário nos últimos dois séculos. No entanto, todo ataque falhou, e o livro de Daniel permanece incontestável até hoje.

Obviamente, foi uma total perda de tempo tentar provar que Daniel fora escrito depois da ascensão e queda desses quatro impérios mundiais que ele previra. Até mesmo a maioria dos críticos céticos tiveram de admitir que esse livro fazia parte do cânon do Antigo Testamento, pelo menos, antes da vinda de Cristo e que os eventos subseqüentes ao nascimento de Cristo foram apresentados de forma acurada. O livro de Daniel, por exemplo, (como veremos posteriormente), previu o dia exato (6 de abril de 32 d.C.) em que Jesus montaria um jumentinho para entrar em Jerusalém (conforme foi profetizado em Zacarias 9.9) e seria aclamado como Messias — o dia que hoje é celebrado como Domingo de Ramos. Daniel previu a divisão do Império Romano em duas partes (oriental e ocidental) séculos antes que ela ocorresse. Essa divisão política e militar entre o Império Romano Oriental e Ocidental ocorreu em 330 d.C., quando Constantino mudou sua capital para Constantinopla. A divisão religiosa ocorreu em 1054 d.C., quando o papa Leão IX excomungou Miguel Cerulário, patriarca de Constantinopla.

Abordaremos profecias específicas posteriormente. Antes de continuar, entretanto, consideremos uma breve citação, do fascinante livro *A Lawyer Examines the Bible* ("Um Advogado Examina a Bíblia"), que diz respeito à profecia:

> As profecias sobre os judeus, assim como as da vinda do Messias,... [são] específicas (em comparação com os oráculos de Delfos e outros oráculos pagãos que... resguardam-se contra os erros)... e tão numerosos que tornam o cumprimento acidental quase que infinitamente improvável,... como também são de tal natureza que os eventos previstos parecem de antemão destrutivos e sem paralelos na história humana...
>
> [Considere] o fato de que a Páscoa dos judeus é celebrada continuamente há três mil e quinhentos anos (embora os fogos sagrados da Pérsia e os que são oferecidos às virgens vestais de Roma, os quais deveriam permanecer acesos para sempre, estiveram apagados por séculos)... à luz das narrativas nós a encontramos nesse mesmo velho livro: "E este dia vos será por memória, e celebrá-lo-eis por festa ao Senhor; nas vossas gerações o celebrareis por estatuto perpétuo" (Êx 12.14).[3]

Uma Mentira Esmerada

Questão: Meu professor de psicologia na universidade afirma que qualquer pessoa pode extrair a idéia que quiser da Bíblia. Isso pode ser entendido como qualquer coisa que a pessoa leia e queira acreditar. Conforme ele diz, essa é a razão pela qual há tantas diferenças entre aqueles que afirmam seguir a Bíblia: entre católicos e protestantes e entre as centenas de denominações protestantes. Como alguém pode confiar na Bíblia em relação a qualquer assunto?

Resposta: Um momento de reflexão demonstraria o absurdo da premissa básica desse argumento. A linguagem tem significado. Uma afirmação pode ser estruturada de forma que seu significado seja incerto ou ambíguo e, portanto, parece apoiar duas idéias contraditórias. Nesses casos, a incerteza ou ambigüidade será prontamente reconhecida por qualquer pessoa que leia ou escute essa afirmação. Ninguém seria enganado por aquilo que não tivesse um significado claro nem prestaria atenção nele.

Essa surpreendente afirmação do professor, entretanto, vai muito além de afirmar que a Bíblia é contraditória ou ambígua. Ele está afirmando que é possível extrair dela *qualquer* idéia que, aparentemente, pode ser justificada logicamente. Se isso fosse realmente verdade, somente por essa razão a Bíblia seria o livro mais notável do mundo, pois é a única obra escrita que não pode significar qualquer coisa que o indivíduo escolha.

Quanto às numerosas diferenças de interpretação e opinião doutrinais entre protestantes e católicos romanos — e mesmo as várias denominações protestantes, como também dentro da igreja católica —, isso é previsível. É inevitável que as interpretações e opiniões humanas difiram, pois somos meros seres finitos. Tragicamente, a teimosia e o orgulho também entram nessa equação. Essas são diferenças normais, dadas as fragilidades humanas, e certamente não exigem essa explicação referente à idéia ridícula de que a Bíblia é capaz apenas de qualquer interpretação de acordo com o que o indivíduo deseja ali encontrar.

Desafio seu professor, ou você, ou qualquer outra pessoa a construir uma sentença que possa logicamente ser considerada

da maneira que a pessoa quiser interpretá-la. Nenhuma palavra tem uma variedade infinita de significados, e muito menos uma sentença ou parágrafo com muitas palavras reunidas com uma seqüência significativa pode ser construída a fim de fundamentar numerosas idéias contraditórias. Eu também já escutei muitas vezes essa acusação contra a Bíblia. Ela demonstra o quanto as pessoas querem ser capazes de descartar as Escrituras, abraçando idéias tolas neste processo.

Inspiração Divina É Essencial?

Questão: Não há dúvida de que a Bíblia contém alguns dos mais sublimes ensinamentos morais que podem ser encontrados na literatura do mundo. Quer essas palavras sejam emprestadas de outras religiões, quer sejam provenientes da pena de Salomão ou dos lábios de Cristo, quer tenham sido escritas séculos depois e equivocadamente atribuídas a eles, parece-me ser algo que não tem muita importância. É o ensinamento que deve ser considerado. Tampouco o fato de que a Bíblia obviamente tem muitos erros e contradições diminui seus ensinamentos morais. Não vejo por que a Bíblia precisa ser defendida como infalível.

Resposta: Há muitos problemas com sua tese. A Bíblia não apenas apresenta alguns ensinamentos morais sublimes, mas ela faz muitas afirmações que não podem ser ignoradas e que têm uma relação com seus ensinamentos. Ela afirma repetidamente que é a Palavra de Deus inerrante e que seus ensinamentos são inspirados por Deus, não inventados por homens nem emprestados de nenhuma outra religião. Se ela mente sobre seu fundamento, então por que eu deveria aceitar qualquer outra coisa que ela me oferece? Além disso, tal mistura de mentiras e preceitos morais sublimes apresentaria uma contradição difícil de explicar.

A Bíblia também afirma que conta a verdadeira história dos judeus e de outras nações da antiguidade; o verdadeiro registro da vida, morte e ressurreição de Cristo; o verdadeiro registro da Igreja Primitiva, a perseguição que esta sofreu dos rabinos e autoridades romanas; a conversão de Paulo e suas viagens missio-

nárias, e os ensinamentos, que ele afirmou ter recebido não de outros apóstolos, mas diretamente do Cristo ressurrecto. Se essas e muitas outras afirmações não são verdade, então a Bíblia está praticamente cheia de mentiras. Você não admitiria que se a Bíblia está cheia de mentiras, esse fato refletiria negativamente em seus ensinamentos morais?

Além disso, esses outros elementos apresentados na Bíblia, em complemento aos seus ensinamentos morais, estão entrelaçados de tal forma com o todo que constituem uma parte integrante da fé cristã. É necessário que a Bíblia seja totalmente aceita ou totalmente rejeitada. Se ela não for verdadeira em uma área, então o cristianismo passa a ser indefensável e insustentável. Cada parte da Bíblia está tão intimamente ligada a todas as outras que se uma delas não se sustenta o todo também não se sustenta. A Bíblia não contém erros e contradições, conforme você sugere; se esse fosse o caso, ela não seria digna de nossa confiança.

O promotor Irwin H. Linton examinou cuidadosamente a Bíblia, exatamente como faria com um caso legal. Ele fundamentou sua fé na Bíblia a partir das evidências. Linton explicou a importância vital da Bíblia ser ou não em sua totalidade realmente a Palavra de Deus:

> A exatidão do registro de um caso legal é algo que precisa ser estabelecido sem qualquer dúvida antes que o Tribunal de Apelação aceite a causa ou uma opinião seja formada a respeito do julgamento em questão; e a infalibilidade do registro sobre o qual repousam os princípios eternos de nossa fé — a deidade de Cristo, sua morte voluntária e vicária, a ressurreição corporal e o iminente retorno em poder e glória — são todos interpretados como incertos em uma mente para a qual a exatidão do registro bíblico foi posto em dúvida.
>
> Se não dermos fé e crédito total à Palavra Escrita que vimos, a experiência comprova que corremos grande perigo, mais cedo ou mais tarde, que nosso amor e honra que dedicamos à Palavra Viva [Cristo], a quem não vimos, diminuam; pois nossa convicção de que... Deus tornou-se carne e habitou entre nós... está fundamentada nos fatos sobre os quais essa conclusão repousa; e se o registro dos fatos for impugnado, quem pode ater-se à conclusão fundamentada neles?

> O efeito mortal sobre minha fé e as dificuldades insuperáveis com as quais me encontro envolvido quando fiz uma tentativa de julgamento da visão... de que a Bíblia possa estar errada e é apenas humana em todos seus aspectos, exceto os ensinamentos religiosos, tornou para sempre esse assunto claro para mim.[9]

Quem Poderia Acreditar nos Milagres da Bíblia?

Questão: Parece-me que o caso mais forte contra a Bíblia refere-se aos milagres que ela descreve. Eles são tão fantásticos que tornam não confiável qualquer outra coisa que a Bíblia diz. Conforme Reinhold Seeberg diz: "O milagre já foi todo o fundamento de toda a apologética, depois tornou-se uma muleta apologética e hoje é [...] uma cruz que a apologética precisa carregar". Obviamente, a Bíblia foi escrita por homens bastante ingênuos e supersticiosos, para quem a fantasia era normal e que, portanto, não ficavam envergonhados ao contar sobre esses alegados milagres. Como você possivelmente pode confiar em um livro que apresenta fábulas obviamente fictícias, especialmente quando a ciência moderna já provou que os milagres não acontecem?

Resposta: Ao contrário, não apenas a ciência nunca "provou que os milagres não acontecem", mas tal prova seria categoricamente impossível, uma vez que a ciência lida apenas com os fenômenos naturais. Obviamente, os milagres não acontecem na *natureza* nem *naturalmente.* Um milagre, por sua própria definição, é *sobrenatural.* Ele desafia todas as leis da física ou não seria um milagre. *Um milagre* está além da habilidade de explicação da ciência e, portanto, também deve estar além da habilidade da ciência para refutá-lo.

Por conseguinte, não há nenhuma base válida, lógica ou científica, para dizer que os milagres não ocorrem exatamente da forma como a Bíblia os descreve. A insistência em uma posição semelhante trai um preconceito que em si mesmo impede uma pessoa de encarar as evidências abundantes em favor dos milagres. Quando perguntaram a Albert Einstein que efeito sua teoria da relatividade teria na religião, ele respondeu de forma direta: "Ne-

nhum. A relatividade é meramente uma teoria científica e não tem nada a ver com religião".[10]

Milagres são impossíveis apenas se o universo for um sistema fechado e não existir nada além dele. Nesse caso, obviamente, o que quer que seja que aconteça deve ser uma ocorrência natural que funciona de acordo com as leis que governam o universo. Thomas H. Huxley, famoso evolucionista e ateu, "comprovou" que os milagres não poderiam acontecer ao definir a "natureza" como "aquilo que é — a soma dos fenômenos apresentados a nossa experiência; a totalidade dos eventos passados, presentes e futuros".[11] Entretanto, apesar da afirmação de honrar a evidência e a lógica, Huxley não fornece nenhuma evidência ou razão para apoiar sua asserção. Ele apenas descarta os milagres ao estabelecer regras que os tornam impossíveis, algo que seria similar a comprovar o ateísmo pela declaração de que Deus, por definição, não existe. Milagres seriam impossíveis no panteísmo, pois é um sistema de crença em que a natureza é tudo.

Entretanto, se Deus, o infinito e transcendente Criador do universo, existe de forma distinta e separada de sua criação, então os milagres são possíveis. Na verdade, são *inevitáveis*, se for para Deus intervir no declínio dos assuntos humanos e da natureza. Sempre que Deus nos alcança de fora para efetuar qualquer coisa que não está de acordo com o curso normal dos eventos (como a salvação e a ressurreição), isso é um milagre. Portanto, se você acredita em Deus, acredita em milagres.

Apenas o Cristianismo Exige Milagres

O cristianismo não fica embaraçado com o registro dos milagres na Bíblia. Ao contrário, o cristianismo é fundamentado no maior milagre de todos: a ressurreição de Cristo. Jesus afirmou que ressuscitaria dos mortos, de forma distinta de Maomé, Buda, Confúcio ou qualquer outro líder religioso, de forma que nenhum deles ousaria fazer tal afirmação. Se Ele não ressuscitou é um mentiroso, e o cristianismo, uma fraude. Atente para o testemunho de Paulo:

> Também vos notifico, irmãos, o evangelho que já vos tenho anunciado, [...] que Cristo morreu por nossos pecados, [...] e que

> foi sepultado, e que ressuscitou ao terceiro dia, [...] e que foi visto por Cefas e depois pelos doze. [...]
>
> E, se Cristo não ressuscitou, logo é vã a nossa pregação, e também é vã a vossa fé. E assim somos também considerados como falsas testemunhas de Deus, pois testificamos de Deus, que ressuscitou a Cristo (1 Co 15.1,3-5, 14, 15).

O cristianismo não se desculpa pelos milagres nem recua ou dá de ombros como se realmente esse fato não fosse importante, a saber, se milagres acontecem ou não. O cristianismo *exige* milagres. Esse não é o caso de religiões como o budismo, o hinduísmo, o islamismo, ou qualquer outra religião do mundo, as quais se sentem confortáveis sem os milagres. Seus líderes abandonaram uma filosofia de vida e certas regras para seguir uma religião sem nenhuma comprovação de que Buda, Krishna, Maomé e outros estão vivos ou mortos ou se realmente existiram.

A fé cristã se sustenta ou cai diante da vida imaculada, da morte sacrificial e da ressurreição miraculosa de Jesus Cristo — e todos os outros milagres são ocorrências menores em comparação a esse. Se a ressurreição realmente aconteceu, então, para Deus, fazer o cego enxergar, ou curar qualquer outra doença, ou fazer com que o coxo ande, ou abrir o mar Vermelho é obviamente possível.

O Testemunho que Passa nos Testes mais Severos

Quanto à afirmação tendenciosa de que aqueles que registraram os milagres não passavam de pessoas simples e ignorantes, as quais achavam que essas coisas eram normais, a evidência é totalmente contrária. Os discípulos ficaram assustados quando viram Cristo andando sobre a água (Mt 14.26), ficaram com medo dEle, como também questionaram que tipo de pessoa era quando acalmou a tempestade com uma palavra (Mc 4.41). Quando Ele, depois de sua ressurreição, apareceu no meio deles vivo, de início acharam que estavam vendo um fantasma e ficaram petrificados (Lc 24.37). Na verdade, eles eram tão céticos que Jesus teve de provar que era Ele mesmo que estava ali!

Esse não era o comportamento de pessoas ingênuas que viviam em um mundo fantasioso. Ao contrário, os discípulos tinham uma clara percepção do que era normal e ficavam amedrontados com os milagres de Cristo, os quais, inusitadamente, abalavam o mundo deles. Escutamos o soar da veracidade em seus relatos desses eventos quando confessam seu medo e descrença.

Consideraremos a evidência específica da ressurreição em um capítulo posterior. Nesse momento, entretanto, citaremos alguns dos mais importantes especialistas do mundo em evidências, os quais foram convencidos da ressurreição de Jesus Cristo precisamente graças ao fato de esta fundamentar-se na evidência. Lord Lyndhurst, reconhecido como uma das mais importantes mentes jurídicas da história britânica, declarou: "Sei muito bem o que a evidência é; e eu lhe digo, evidência existente como esta da ressurreição ainda não foi derrubada".[12] Simon Greenleaf, uma das maiores autoridades norte-americanas sobre evidências jurídicas durante o período de sua vida, chegou à mesma conclusão, e o mesmo aconteceu com Sir Robert Anderson, chefe da divisão de Investigação Criminal da Scotland Yard, assim como muitos outros aos quais não temos espaço suficiente para nomear. Professor Thomas Arnold, que foi catedrático de história moderna em Oxford, escreveu:

> Tenho o hábito, há muitos anos, de estudar as histórias de outras épocas, examinando e pesando a evidência daqueles que escreveram sobre elas, e não conheço nenhum fato na história da humanidade que tenha sido provado por evidências, as melhores e mais completas capazes de satisfazer a compreensão de um investigador honesto, do que o grande sinal que Deus nos deu: a morte e ressurreição de Cristo.[13]

Muitos jovens que buscam a verdade foram levados à descrença por declarações desdenhosas — feitas por clérigos liberais ou professores universitários, que as proferiram com a finalidade de demonstrar uma sabedoria superior —, como afirmar que "nenhuma pessoa inteligente acredita em milagres da Bíblia e muito menos na ressurreição!" Mas, na verdade, nada pode estar mais longe da verdade. As poucas afirmações acima devem

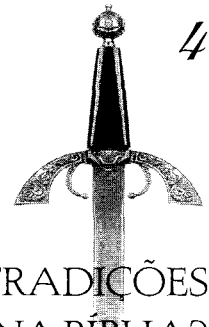
ser suficientes para contrapor-se a essa desinformação. Na realidade, muitos dos cristãos mais simples e honestos são os mais brilhantes, os mais reconhecidos e os mais bem qualificados para examinar e avaliar a evidência que estaremos considerando cuidadosamente.



A Bíblia não é um livro que um homem escreveria
se pudesse ou que ele poderia escrever se quisesse.
—Lewis S. Chafer

Os infiéis, por dezoito séculos, refutam e desbancam esse livro, mas
mesmo assim ele permanece hoje tão firme quanto uma rocha.
Sua circulação cresce, e ele é mais amado, prestigiado
e lido hoje do que em qualquer outra época...

Quando o monarca francês propôs a perseguição dos cristãos [...],
um velho estadista e guerreiro disse-lhe: "Senhor, a Igreja de Deus é uma
bigorna que destruiu muitos martelos". Assim, os martelos dos in fiéis
estão procurando destruir esse livro há muito tempo, mas os martelos
estão gastos, e a bigorna ainda resiste.
Se esse livro não fosse o livro de Deus,
os homens o teriam destruído há muito tempo.
—H. L. Hastings[1]



4

HÁ CONTRADIÇÕES NA BÍBLIA?

Em que Ano Jesus Nasceu?

Questão: Mateus diz que o nascimento de Cristo foi durante o reinado de Herodes [o Grande] (Mt 2.1). Herodes, conforme todos os registros, morreu em 4 a.C., logo, Cristo não poderia nascer depois dessa data. No entanto, Lucas diz que Jesus completou trinta anos no ano quinze do império de Tibério César (Lc 3.1,23), que começou a reinar em 14 d.C. Portanto, isso significa que Jesus tinha trinta anos em 29 d.C.? E que, por conseguinte, nasceu em 1 a.C., três anos depois da morte de Herodes, o que destrói totalmente a datação de Mateus! Lucas, em mais uma outra contradição, data o nascimento de Cristo à época em que Cirênio era governador da Síria, mas ele só ocupou esse cargo em 6 d.C. O bispo episcopal John S. Spong, de Newark, New Jersey, diz que essas contradições comprovam que a Bíblia não é confiável.[2] Acredito que a Bíblia é verdadeira. Você poderia me ajudar?

Resposta: As aparentes contradições que você menciona (assim como muitas outras) foram levantadas de forma ferrenha (na verdade muito ferrenhas) por um número de céticos como uma "comprovação" de que a Bíblia contém erros e, portanto, não pode ser a Palavra de Deus. Temos que nos lembrar que já "foi prova-

do" muitas vezes que a Bíblia está errada, com base no conhecimento, científico ou histórico, disponível à época dessas contestações. Entretanto, em todo caso, quando todos os fatos foram finalmente revelados, a Bíblia foi justificada, e todos os críticos foram envergonhados. O mesmo acontece em relação a esse fato.

Quirino — Cirênio Foi Governador da Síria duas Vezes

Primeiro, as datas que o bispo Spong e outros críticos utilizam nessa presumida refutação jamais, por meio algum, eram exatas. Os historiadores não as aceitam. Seria tolo descartar a confiança que um indivíduo deposita na Bíblia fundamentado em datas que são, na melhor das hipóteses, questionáveis. Por exemplo, Will Durant, em *The Story of Civilization* ("A História da Civilização"), volume III, indicou que ele não sabia quando Quirino (uma outra grafia para Cirênio, que encontramos em Lucas) iniciou seu governo na Síria. Se Durant, um dos mais respeitados historiadores, disse que a data exata é desconhecida, eu suspeitaria de um crítico que, a fim de "comprovar" que a Bíblia está errada, afirma dogmaticamente que Quirino iniciou seu reinado em 6 d.C.!

Além disso, com base em novas evidências, surgidas depois que Durant escreveu sua história, como já observado, outros historiadores como A. W. Zumpt estão convencidos de que Quirino foi governador da Síria *duas* vezes, na primeira, seu governo se iniciou em uma data, pelo menos, tão remota quanto 4 a.C. Seu governo terminou em 1 d.C. John Elder acredita que a primeira vez que Quirino governou foi em data tão remota quanto 7 a.C. [3] O nascimento de Cristo, obviamente, não pode ter sido posterior a 4 a.C., que teria sido quando Quirino foi governador pela primeira vez, exatamente como Lucas afirma.

E quanto a Tibério César — os Fatos São ainda mais Interessantes

Quanto ao problema alegado em relação ao reinado de Tibério César, a evidência histórica para sua resolução já é bem conhecida há muitos anos. Isso mesmo, Augusto César morreu em 14

d.C. e essa data é, portanto, geralmente mencionada como o início oficial do reinado de seu sucessor, Tibério César. No entanto, os céticos são tão ávidos por achar uma falha na Bíblia que deixam de escavar mais profundamente para encontrar a razão perfeitamente idônea para uma data mais anterior. Na verdade, Tibério, embora tecnicamente ainda não fosse César, já havia começado a governar o império alguns anos antes da morte de Augusto, pois este último já estava bastante idoso e sua saúde bastante fragilizada. As rebeliões custaram a vida daqueles possíveis sucessores, os mais próximos de Augusto. Este, sem ajudante nem sucessor, adotou em 2 d.C. Tibério como filho e coregente. Subseqüentemente, Tibério foi enviado por Augusto para debelar as rebeliões e desempenhou maravilhosamente essa tarefa. Will Durant escreve:

> Quando ele [Tibério] retornou em 9 d.C., após cinco anos de campanhas árduas e cheias de êxito, toda a Roma, que o odiava por seu puritanismo austero, resignou-se ao fato de que, embora Augusto ainda fosse príncipe, Tibério já começara a governar.[4]

Considerando o início de seu governo em 9 d.C., "no ano quinze do império de Tibério César" (Lc 3.1), corresponderia a 24-25 d.C. Se Jesus nasceu em 4 ou cinco a.C., logo antes da morte de Herodes e durante o primeiro governo de Cirênio, na Síria, de acordo com essa data Ele teria 29 anos no início de seu ministério, em 24-25 d.C. Observe que Lucas declara que Ele "*iniciou por volta* dos 30 anos de idade". Obviamente, se Ele nasceu em 6 a.C., teria 30 anos em algum momento no curso do ano 24 d.C. Não dispomos de datas precisas, mas o que sabemos confirma o acurado testemunho de Lucas.

O exposto acima demonstra, mais uma vez, quão obliquamente erradas e enganosas são as críticas tendenciosas de supostos estudiosos como os do Seminário Jesus (e de líderes religiosos apóstatas como o bispo Spong), os quais afirmam que o Novo Testamento não pode ser confiável, pois foi escrito séculos depois da época em que Jesus viveu. Na verdade, a datação fornecida por Lucas, que as descobertas arqueológicas levaram anos para confirmar, não poderia ser conhecida e registrada com tal preci-

são décadas mais tarde, muito menos séculos depois dos acontecimentos como os críticos insistem em dizer que foi o que aconteceu. Ela só poderia ser determinada por testemunhas oculares que viveram nessa época e presenciaram os acontecimentos, como os escritores da Bíblia afirmam que aconteceu.

Por que Deus Permitiu Aparentes Contradições na Bíblia?

Questão: Vocês cristãos parecem ter sempre uma maneira de "conciliar" qualquer contradição ou inconsistência que os "incrédulos" possam descobrir na Bíblia. Entretanto, não importa quão convincente possa parecer a "conciliação", tenho uma pergunta pessoal que é recorrente: por que parece haver tantos problemas na Bíblia que vocês se esforçam tanto para resolver? Parece-me, na verdade, que há tantas inconsistências (mesmo que supostamente vocês consigam resolver algumas) que isso em si mesmo é uma evidência de que a Bíblia é muito falha e, portanto, não pode ser a Palavra de Deus.

Resposta: Ao contrário, as muitas *aparentes* contradições e inconsistências da Bíblia são provas convincentes de sua credibilidade. Se três testemunhas atestam que presenciaram um acidente e cada uma delas o descreve exatamente da mesma maneira, palavra por palavra, quem ouvir o relato terá bons motivos para suspeitar de fraude e descartar o testemunho destes. Entretanto, se cada um descreve com suas próprias palavras e a partir de sua perspectiva pessoal, a pessoa passa a acreditar nelas. Além disso, se parece haver conflito em seus testemunhos, mas este foi resolvido por meio de uma sondagem profunda do incidente, isso acrescenta significante credibilidade ao testemunho deles. É o mesmo que acontece com as aparentes contradições encontradas na Bíblia.

Irwin Linton, em *A Lawyer Examines the Bible* ("Um Advogado Examina a Bíblia"), expõe isso muito bem: "As narrativas isentas e sem artifícios da Bíblia, obviamente tão despreocupadas de

querer dar uma *aparência* de consistência, mostram com muita clareza aquelas irregularidades que são as marcas honestas quer no trabalho de artesão em um tapete oriental quer na espontaneidade de um testemunho humano, as quais, muitas vezes, atraíram oponentes que tentavam colocá-la sob um destrutivo fogo cruzado que, entretanto, trouxe mais claramente à luz a verdade e a consistência da Bíblia".[5]

Um dos pontos mais fortes da Bíblia, em sua reconciliação, portanto, é o poderoso reforço das *aparentes* inconsistências que provam a veracidade de suas narrativas.

William Paley chama a atenção para este fato em seus escritos:

> Agora, em pesquisas históricas, uma inconsistência reconciliada torna-se um argumento positivo. Primeiro, por que um impostor geralmente se previne a fim de não dar uma aparência de inconsistência. Segundo, por que quando as aparentes inconsistências são encontradas, é raro que algo, exceto a verdade, os torna capaz de reconciliação.
>
> A existência de dificuldade comprova a ausência daquele cuidado que geralmente acompanha a consciência de fraude; e a solução comprova que não é o conluio de proposições fortuitas com os quais temos de lidar que preserva cada circunstância em seu lugar, mas que o fio da verdade envolve o todo.[6]

As duas Genealogias de Jesus

***Questão*:** Há duas genealogias contraditórias para Cristo que traçam seus ancestrais até José. Mateus diz que o pai de José era Jacó, mas Lucas diz que seu pai era filho de Eli. Como ambos não podem ser verdadeiros, pelo menos um deles está equivocado, mas não podemos saber qual deles. Provavelmente, ambos estão errados. Tampouco consigo perceber como os cristãos conseguem defender essas duas genealogias, uma vez que ambas dizem que José é o pai de Jesus e, portanto, negam o nascimento virginal.

***Resposta*:** Se alguém estiver determinado a comprovar que a Bíblia é falsa a fim de justificar sua relutância em acreditar em Deus, então suponho que esse argumento possa parecer uma boa

possibilidade, embora seria necessário uma considerável ginástica mental para mantê-lo. Por outro lado, um pouco de reflexão — e imparcialidade — pode resolver este aparente problema.

Em primeiro lugar, nem Mateus nem Lucas diz ou deixa implícito que José é o pai de Jesus. Ao contrário, ambos fazem um relato claro de que Maria era virgem quando Jesus nasceu. O indivíduo pode rejeitar o nascimento virginal de Cristo, mas é absurdo justificar essa rejeição ao afirmar que Mateus e Lucas, apesar das afirmações claras de que José *não era* o pai, distorcem, não obstante, a verdade e apresentam uma genealogia em que dizem que José *era* o pai.

Examinemos as genealogias. Mateus, de forma cuidadosa, denomina José de "marido de Maria" *não* o pai. Ele explica essa aparente anomalia: "Maria, sua mãe, desposada com José, antes de se ajuntarem, achou-se ter concebido do Espírito Santo". Ele explica que "José [...] não a conheceu [não teve relações sexuais com ela] até* que deu à luz seu filho" (Mt 1.25; cf. 1.16,18). Além disso, Mateus declara que o nascimento de Jesus cumpre a profecia do Antigo Testamento: "Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho, e ele será chamado pelo nome de EMANUEL. (EMANUEL traduzido é: Deus conosco)" (Mt 1.23).

A genealogia de Mateus é definitivamente a de José. Isso é claro por causa do uso de "gerou" para cada geração, e até acabar com "Jacó gerou a José, *marido* de Maria" (1.16; grifo do autor). José, embora não seja o pai de Jesus, era o chefe da casa e desempenhava o papel de "pai adotivo". Como a linhagem real era herdada através dos homens, José tinha de ser da casa de Davi.

A genealogia da linhagem materna de Jesus feita por Lucas é tão clara quanto a de Mateus. A palavra "gerou" não é usada. Lucas afirma que Jesus "sendo (como se cuidava [isto é, imaginava]) filho de José, e José, de Eli" (Lc 3.23). A palavra filho não está no original. Obviamente, José era genro de Eli, o pai de Maria.

A Consistência Lógica

Lucas relata a experiência da aparição do anjo Gabriel para dizer a Maria que ela daria à luz o Messias. A resposta atônita dela é

registrada: "Como se fará isso, visto que não conheço varão?" (Lc 1.34) Em vez de sugerir que José era o pai de Jesus, Lucas deixa claro que ele não é: que ela era uma virgem e que o Messias seria concebido nela por meio do "Espírito Santo" (Lc 1.35). Imediatamente depois disso, Lucas não apresenta uma genealogia em que José, apesar de tudo, era o pai de Jesus! Demos crédito a Mateus e Lucas por, pelo menos, possuírem uma razoável inteligência.

Nem Lucas contradiria Mateus e apresentaria uma genealogia para José completamente diferente. Mateus diz-nos que Jacó era o pai de José e apresenta toda a sua genealogia. Os registros estão disponíveis no Templo e onde também cada família a guardou. Lucas, mesmo sem consultar nenhum registro, sabe os nomes do pai e do avô de José meramente por meio de conversas com amigos e vizinhos dele. E ele não apresentaria uma genealogia completa a não ser que tivesse certeza de que era acurada. Certamente Lucas conhecia os fatos, "já informado minuciosamente de tudo desde o princípio" (Lc 1.3) e tivera grande cuidado ao investigá-las tanto que notificou seu amigo Teófilo sobre "a certeza das coisas..." (Lc 1.4) A pessoa só pode concluir que ele traçou a genealogia por meio de Maria, mãe de Jesus, e há boas razões para que ele assim tenha feito.

O fato de Jesus ter nascido de uma virgem significa que Ele não tinha em suas veias, pela descendência masculina, o sangue do rei Davi. Portanto, para que Ele fosse fisicamente relacionado ao rei Davi, era necessário que sua mãe fosse descendente de Davi. Lucas, conseqüentemente, cujo foco nesse ponto esteve quase totalmente voltado para Maria, supriu a falta dessa informação, dando-nos a genealogia de Maria. Afirmar qualquer coisa diferente disso é considerar Mateus e Lucas possuidores de uma estupidez que está claramente contra a inteligência e honestidade ostentada em seus testemunhos.

Confusão a Respeito do Canto do Galo?

Questão: Em Mateus, Lucas e João, Jesus diz a Pedro que antes que o galo cante *uma vez* na manhã seguinte, ele o negará três vezes. Já em Marcos 14, Jesus diz a Pedro, tão claramente

quanto fizera antes, que ele o negará antes que o galo cante *duas vezes*. Essa aparente contradição me perturba. Você pode ajudar-me?

Resposta: Essa é mais uma das numerosas *aparentes* contradições, as quais os céticos e críticos exploraram na tentativa de desacreditar a Bíblia. No entanto, uma pequena investigação e uma clara reflexão demonstram que, por fim, elas não são contradições. Na verdade, o fato de que uma linguagem diferente seja utilizada nos quatro Evangelhos prova que os escritores não estavam copiando de "Q" ou de alguns documentos similares como os críticos especulam. Isto também demonstra que a inspiração do Espírito Santo não destrói a liberdade de expressão das distintas testemunhas (a liberdade das distintas testemunhas para expressar a si mesmas). E, essa mesma liberdade de expressão, explica as muitas contradições aparentes.

Compararemos cuidadosamente as quatro histórias contadas em todos os quatro Evangelhos. Mateus 26.34 diz: "Antes que o galo cante", enquanto Lucas 22.34 e João 13.38 usam a forma negativa: "Não cantará hoje o galo". Obviamente, Jesus não está se referindo a um galo específico nem ao galo cantando *uma vez*, mas àquele momento da manhã que é conhecido como *"hora do galo cantar"*. Essa é a expressão usada em Marcos 13.35, por exemplo, quando se refere à hora ("se à tarde, se à meia-noite, se *ao cantar do galo*, se pela manhã" [grifo do autor]), em que Jesus deverá retornar. Portanto, Jesus adverte Pedro de que antes da habitual *hora do canto do galo*, na manhã seguinte, ele terá negado, três vezes, o Senhor. Na verdade, os quatro Evangelhos concordam que isso foi o que aconteceu.

Longe de contradizer os outros Evangelhos, Marcos dá-nos um detalhe adicional à advertência que Jesus fez a Pedro e, por meio disso, fornece-nos uma percepção adicional. Ele nos faz saber que Jesus também disse a Pedro: "Antes que o galo cante *duas vezes*, três vezes me negarás" (Mc 13.40; grifo do autor). Essa é, em si mesma, uma afirmação singular. Quando o galo começa a cocoricar, o primeiro som é rapidamente seguido do segundo, do terceiro, do quarto e de tantos cocoricós subseqüentes quanto o número de galos, na vizinhança, que formarem o coro.

Marcos, portanto, revela que apesar de a primeira negação de Pedro ter ocorrido no período antes da "hora do galo cantar" naquela manhã, já um galo (ou talvez alguns) o fizeram imediatamente após Pedro pronunciar as palavras. Como sabemos que esse primeiro cocoricó foi no período antes da "hora do galo cantar?" Lucas, apesar de não relatar o lapso de tempo entre a primeira e a segunda negação, nos informa que havia passado "quase uma hora" (Lc 22.59) entre a segunda e a terceira negação.

O Ignorar da primeira Advertência Benevolente

O cocoricar incomum de um galo, uma hora ou mais antes do horário normal e imediatamente antes da primeira negação de Pedro, pode tê-lo induzido à repetição — o que não deixa dúvida quanto à razão de o Senhor fazer essa advertência incomum e prover uma circunstância incomum. Apesar de Pedro ter jurado morrer por Cristo, ele ainda negou, por mais duas vezes, o Senhor e, na última, com extrema irreverência (Mc 14.71). Imediatamente antes da terceira negação, soou o coro de galos do alvorecer (a *"hora do galo cantar"*) e, por fim, após repetir a negação, Pedro sai para ficar sozinho e chorar amargamente (Mt 26.75; Lc 22.62).

A veracidade do relato é revelada pelo fato de que nenhuma delas repete a outra, mas cada uma delas fornece uma parte da informação que é necessária para o todo. E a inspiração de Deus, orientando o que cada um deles diz, apesar dos pontos de vista independentes, é percebida na notável harmonização de todos os quatro testemunhos, os quais são necessários ser vistos em conjunto para que possamos ter o panorama completo do episódio.

Ao investigar, de maneira suficientemente profunda, para conciliar o que, à primeira vista, parecia uma contradição, aprendemos uma lição valiosa. Vemos a graça de Deus para com Pedro, quando Ele faz com que um ou mais galos cocoriquem prematuramente, para evitar que Pedro, após a primeira negação, fosse mais adiante. Deus não faz também a cada um de nós, às vezes, advertências similares para nos fazer recuar do precipício de desonra e desgraça em que estamos prestes a cair? Algumas vezes, prestamos atenção à advertência de Deus, enquanto, outras vezes, como

Pedro, prosseguimos, impetuosamente, até sermos completamente dominados pelo remorso e chorarmos de arrependimento.

Há mais Contradições Envolvendo a Negação de Pedro?

Questão: Li algo em um artigo publicado por um grupo de ateístas sobre Pedro ter negado o Senhor que me deixou espantado. O artigo aponta que, de acordo com o relato de Marcos, a segunda negação de Pedro acontece quando responde à *mesma* criada que provocou a primeira negação (Mc 14.69). No entanto, Mateus 26.71 diz que a segunda negação foi provocada por *outra* criada, e Lucas 22.58 diz que foi por um *homem*. Marcos 14.66-69 e Mateus 26.58,71 relatam que, após a primeira negação, Pedro saiu de perto da fogueira no pátio e encaminhou-se para o portão onde foi questionado por alguém. Mas João 18.25 relata que Pedro estava no pátio, esquentando-se na fogueira, quando foi questionado. Como podemos conciliar tudo isso?

Resposta: Sempre fico impressionado com a quantidade de tempo e esforço que os críticos gastam para tentar achar falhas na Bíblia. A pessoa precisa trabalhar arduamente para encontrar essa série de aparentes contradições. Eis aqui mais uma instância em que o aparente desejo de encontrar discrepâncias cria zelosamente problemas inexistentes.

Marcos 14.69 diz claramente "*a* criada", não a *mesma* criada, o que é consistente com Mateus que diz "*outra* criada". Lucas 22.58 não diz que foi um homem quem o inquiriu. Pedro respondeu: "*Homem*, não sou", que poderia ser uma expressão que ele usava habitualmente; e, se não era esse o caso, Pedro poderia ter dito isso por causa do homem, ao lado dele, que ouvira a pergunta da criada. Ela não estava sussurrando ao ouvido de Pedro, em uma tentativa de não deixá-lo embaraçado! A principal preocupação de Pedro era, obviamente, defender-se frente ao homem que estava ao seu lado na fogueira, o qual ouvira a acusação condenatória.

De fato, precipitando a segunda negação, a criada, como seria de esperar, está, na verdade, falando não somente com Pedro, mas também ao homem que está se aquecendo, na fogueira, ao

lado dele. Isso fica claro tanto em Mateus 26.71 ("disse aos que ali estavam") quanto em Marcos 14.69 ("começou a dizer aos que ali estavam"). João 18.25 mostra claramente que o homem que no questionamento feito a Pedro. Não é de surpreender que ele tenha dito: "*Homem...*" Não há nada contraditório nesse relato, embora eles sejam relatados de perspectivas distintas. Insistir que isso é contradição revela o desejo de ser o dono da verdade.

Como também, em nenhum dos relatos, não há nenhuma afirmação de que Pedro esteja "indo para a porta", nem isso fica implícito. João narra que Pedro ficou, assim que chegou, do lado de fora por um curto período de tempo até que foi levado para dentro da sala. Mateus, Marcos e Lucas são consistentes quanto ao fato de Pedro estar no palácio, depois ir até o pórtico, mas ainda assim estar no palácio no momento em que faz as três negações.

Quem Viu o Jesus Ressurrecto — quando e onde?

Questão: Uma das mais estrondosas contradições na Bíblia está no relato da suposta ressurreição de Cristo, sobre a qual todo o cristianismo está fundamentado. Marcos 16.12, por exemplo, diz que Maria Madalena foi ao sepulcro ao nascer do sol. João 20.1 diz que ela foi ao sepulcro enquanto ainda estava escuro. Qual deles é verdadeiro?

Resposta: Chequei algumas versões de Marcos 16.1,2 em que o texto grego foi traduzido por: "ao despontar do sol" e "ao nascer do sol". Apenas em uma versão encontrei: "depois do nascer do sol"; todas as outras *versões* dizem: "ao nascer [*anatello*] do sol" ou "ao despontar do sol".

A palavra grega *anatello* não é uma afirmação exata de tempo e significa, mais precisamente, o iniciar da ação do nascer do sol. A palavra grega significa que o sol acabou de surgir no horizonte. Qualquer pessoa, a não ser que queira criar uma polêmica, permitiria que o termo "o nascer do sol" englobasse o período pouco antes de o sol raiar no horizonte como também o período logo após. Além disso, em João 20, a expressão "Maria Madalena foi" poderia referir-se a toda a jornada, desde sua casa até o se-

pulcro. Como esse percurso deveria envolver alguma distância, ela poderia ter se levantado naquela manhã "enquanto ainda estava escuro" (Jo 20.1) para chegar ao sepulcro quando o sol estivesse surgindo no horizonte.

Obviamente, Maria Madalena vê a alguma distância, assim que tem uma clara visão da entrada do sepulcro, que a pedra foi removida. João não registra que ela esteve *no* sepulcro até muito mais tarde. Além disso, a palavra grega *skotia*, traduzida por "escuro", significa também "penumbra", "indistinto", o que não significa necessariamente breu, preto como carvão. Para ser totalmente honesto, se você levar essas duas afirmações para uma corte a fim de tentar provar que elas são contraditórias, o juiz rapidamente rejeitaria o caso.

Quando e onde Foi o Sermão da Montanha?

Questão: Lucas 6.12,17, a respeito do famoso sermão da montanha, diz que Jesus *desceu* de uma montanha e *parou em um lugar plano* para discursar a sua audiência. Entretanto, Mateus 5.1 diz que Jesus *"subiu a um monte"* e *assentou-se* para discursar para sua audiência. Quantas contradições como essas serão necessárias para que o cristianismo admita que a Bíblia não é a Palavra infalível de Deus?

Resposta: Seria possível que, em sua ânsia de provar que a Bíblia é falível, você tenha negligenciado o óbvio? Certamente, você deve saber que os Evangelhos não narram cada evento na seqüência em que ocorreram. Em Lucas 6.12-19, Jesus vai a uma montanha e ora durante toda a noite, depois, no dia seguinte, encontra seus doze discípulos. Essa circunstância também é descrita em Mateus 10. Ela não tem ligação com o sermão da montanha — e, muito menos, como você sugere, é seguida por ele — o qual é narrado anteriormente, no capítulo 5, por Mateus.

Em Lucas, no capítulo 6, entre os versículos 19 e 20, há uma lacuna. O versículo 20 inicia-se com uma circunstância anterior, e o sermão da montanha é citado *fora de seqüência* dos acontecimentos. Não há conexão entre a parte do Evangelho narrada do

versículo 12 ao 19 com o Sermão da Montanha, que se inicia no versículo 20. Não há contradição entre Mateus e Lucas.

Outra Tentativa Veemente de Provar uma Contradição

Questão: As histórias das assim chamadas "transfigurações" de Jesus no monte parecem ter sérias contradições. Mateus 17.1 e Marcos 9.2 dizem que ela ocorreu *seis dias* depois que o incidente se apresentou. Mas Lucas 9.28 diz que foram *oito dias* depois do incidente. Estou perplexo. Você pode me ajudar?

Resposta: Na verdade, Mateus e Marcos dizem: "E seis dias **depois** (*meta*, em grego)", o que poderia significar, pelo menos, o *sétimo dia; e Lucas diz:* "**Quase** oito dias depois..." "Em oito dias" é uma expressão idiomática (como "quatro noites") para dizer uma semana depois, e a palavra "quase" indica que o espaço de tempo não é preciso. Essa crítica ao relato do Evangelho perde-se em minúcias sem sentido e, mais uma vez, os céticos que acusam a Bíblia de contradição seriam motivo de riso em uma corte.

Esclarecendo a Questão dos Anjos

Questão: A ressurreição de Cristo é fundamental para o cristianismo; ainda assim, aqueles que escreveram os Evangelhos apresentam conflitos mesmo em relação a esse assunto da maior importância! Mateus diz que um anjo desceu do céu, retirou a pedra e sentou-se sobre ela. Maria Madalena e a outra Maria aproximaram-se e ficaram amedrontadas. O anjo disse-lhes para que não tivessem medo e convidou-as para entrar no sepulcro e ver o local onde Jesus estivera (Mt 28.1-6).

Em contraste, Marcos diz que Maria Madalena, Maria, a mãe de Tiago, e Salomé não viram o anjo até o momento em que entraram no sepulcro. O anjo, depois, apontou para onde Jesus estivera (16.1-6).

Lucas, em outra contradição, diz que as mulheres entraram no sepulcro e, enquanto buscavam o corpo de Jesus, *dois* anjos, repentinamente, apareceram a elas (Lc 24.1-4). Observe que Marcos

também diz que o anjo, quando se dirigiu às mulheres, estava sentado, enquanto que Lucas afirma que os dois anjos estavam de pé (Mc 16.5; Lc 24.4).

Um relato diz que as mulheres viram Jesus e, depois, foram contar a seus discípulos; outro diz que Jesus as encontrou enquanto caminhavam para contar as novidades aos discípulos (Mt 28.9); e a terceira versão diz ainda que elas "fugiram do sepulcro" e não contaram para ninguém que viram Jesus (Mc 16.8). Os discípulos foram informados de que Jesus os encontraria na Galiléia (Mt 28.7; Mc 16.7) e, ainda, Lucas e João dizem que ele foi encontrá-los em Jerusalém. O que você pode fazer desse impossível emaranhado de contradições?

Resposta: Examinemos os relatos mais cuidadosamente, lembrando que cada um dos escritores dos Evangelhos apresenta uma versão resumida do que aconteceu. Nem todos os movimentos e palavras dos anjos, das mulheres e dos discípulos são narradas em cada um dos Evangelhos. Além disso, cada relato é feito a partir de uma perspectiva distinta.

Antes de qualquer coisa, Mateus *não* diz que as mulheres viram um anjo do lado de fora e que ele as convidou para entrar. Isso não é afirmado em parte alguma em nenhum dos Evangelhos.

Mateus inicia a história do ponto de vista dos soldados romanos. Ele relata que a guarda militar, vendo o anjo retirar a pedra e sentar-se sobre ela, ficou petrificada: eles "ficaram muito assombrados e como mortos" (28.4). Depois fugiram para a cidade (28.11).

Obviamente, os soldados já tinham partido, e o anjo que retirara a pedra deveria estar dentro do sepulcro no momento em que as mulheres chegaram e encontraram a pedra retirada (Mc 16.4; Lc 24.2). Sabemos que os soldados não poderiam ainda estar lá enquanto o anjo estava do lado de fora do sepulcro, sentado na pedra, com "seu aspecto [...] como um relâmpago" (Mt 28.3). Será que alguém poderia imaginar tal cena, em que aquelas mulheres tiveram a coragem de caminhar através de um pelotão de soldados aterrorizados e dirigir-se a um anjo imponente para perguntar-lhe onde estava Jesus?

No relato de Mateus, o convite feito pelo anjo: "Vinde e vede o lugar onde o Senhor jazia" (Mt 28.6), é similar ao relatado por

Marcos: "Eis aqui o lugar onde o puseram" (Mc 16.6). Ambas as narrativas são compatíveis com as instruções, provenientes do interior do sepulcro, dadas às mulheres, que examinavam com cuidado seu interior e, depois, hesitantemente entraram nele. O fato de um Evangelho se referir especificamente a um anjo em uma determinada posição (e silenciar sobre o outro, que estava em uma posição distinta), enquanto o outro menciona *ambos* os anjos, não representa uma contradição de maneira alguma, mas a variação normal que se espera de dois relatos verdadeiros sobre o mesmo evento, feitos a partir de diferentes perspectivas.

Mulheres Distintas Fazem Coisas Distintas

Nenhum Evangelho, relatando a ação a partir das mulheres, disse que elas viram Jesus antes de ir contar o ocorrido aos discípulos. Tampouco há qualquer contradição no fato de que algumas mulheres fugiram para suas casas, e outras foram contar aos discípulos sobre o sepulcro vazio. Havia algumas mulheres ("e foram elas", Lc 24.1; "as outras que com elas estavam"; v. 10), e não apenas as três que foram nomeadas; e Maria Madalena agiu por conta própria e não em conjunto com o grupo de mulheres. Ela não entrou no sepulcro, mas imediatamente foi contar aos discípulos. As outras mulheres entraram no sepulcro e viram os anjos, os quais as instruíram para contar aos discípulos que Ele havia ressuscitado. Algumas das mulheres fugiram aterrorizadas, enquanto outras foram contar aos discípulos e, no caminho para a cidade, Jesus as encontrou. Não há nenhum "emaranhado de contradições" nisso.

Maria Madalena já havia alertado os discípulos e retornara ao sepulcro com Pedro e João (Jo 20.1-11). Depois que eles viram que o sepulcro estava vazio e saíram anunciando o milagre, ela, confusa e de coração partido, demorou-se lá, e, nesse momento, foi que Jesus veio até ela.

Algumas das mulheres, assustadas e desnorteadas, retornaram para suas casas e não disseram nada sobre o ocorrido. Outras delas foram contar aos discípulos. Não há nenhum conflito aqui, mas apenas a diferença normal de atitudes que seria de se esperar em um grupo de mulheres.

Nem há qualquer conflito entre a instrução para que os discípulos fossem para a Galiléia e o fato de que eles não fizeram imediatamente as malas e foram para lá, mas estavam, naquela noite, no interior de uma sala em Jerusalém, quando Cristo apareceu para eles. Era compreensível a relutância deles em obedecer mais essa ordem daquEle que *pensaram* ser o Messias, mas que parecia não mais o ser, apesar dos rumores de que havia ressuscitado. Não há conflito, de forma alguma, nos relatos.

Um fato é incontestável: na manhã do terceiro dia após sua morte, o sepulcro em que o corpo de Jesus foi colocado estava vazio. Todos os relatos deixam isso bem claro, e todas as evidências fundamentam esse fato. Tampouco as autoridades romanas ou os rabis podiam exibir o corpo de Jesus, embora ambos o teriam exibido a fim de parar a revolução que estava criando alvoroço em todo lugar e que, mais tarde, tornou-se conhecida como cristianismo.

Esqueça a "Sexta-feira da Paixão"!

Questão: A Bíblia diz que Cristo foi crucificado no dia antes de sábado, o que quer dizer na sexta-feira. A igreja aceita esse fato, o que pode ser comprovado pela celebração da "Sexta-feira da Paixão". A Bíblia diz também que Ele ficou "três dias e três noites" no sepulcro, o que é claramente impossível, já que Ele foi crucificado na sexta-feira à tarde e ressuscitou bem cedo, na manhã de domingo, conforme a Bíblia afirma, e os cristãos acreditam. Essa contradição não pode lançar dúvida sobre tudo o mais que a Bíblia diz e, mais precisamente, sobre o cerne do cristianismo: a crucificação e a ressurreição de Cristo?

Resposta: Nesse caso, os críticos estão corretos: Cristo não poderia ser crucificado na tarde de sexta-feira e nem a Bíblia diz que foi. Os que defendem essa posição fazem isso, mais ou menos, dessa maneira: "O dia judeu se inicia e termina com o pôr-do-sol. Uma parte do dia é contada como um dia inteiro. Portanto, o dia que se iniciou no pôr-do-sol da quinta-feira foi o primeiro dia; do pôr-do-sol de sexta-feira até o de sábado, o segundo dia; e do pôr-do-sol de sábado até o amanhecer de domingo, o terceiro dia".

Conforme esse cálculo, há três *dias*, mas somente duas *noites* (sexta-feira e sábado). Mas Cristo, especificamente, declarou: "... assim estará o Filho do Homem três dias e três noites no seio da terra" (Mt 12.40). O fato de que Cristo ressuscitou no domingo de manhã fica claro em todos os quatro Evangelhos. Entretanto, Ele teria de estar morto e enterrado no sepulcro na noite de quinta-feira, como também nas noites de sexta-feira e sábado.

Cristo Foi Crucificado na Quinta-feira

De fato, fica bastante claro nos Evangelhos que Cristo foi crucificado na quinta-feira e morreu várias horas antes do pôr-do-sol (quando a sexta-feira se inicia). Portanto, Ele passou parte da quinta-feira, toda a sexta-feira e todo o sábado (*três dias*) no sepulcro. Também passou as noites de quinta-feira, sexta-feira e sábado (*três noites*) no sepulcro e ressuscitou no alvorecer do domingo. A confusão origina-se do fato de que sua crucificação deu-se à "véspera de sábado" (Mc 15.42). Lucas e João concordam: "E amanhecia o sábado" (Lc 23.54); para que "não ficassem os corpos na cruz, visto que era dia de preparação (para o grande dia de sábado)" (Jo 19.31).

Portanto é um engano concluir que, como o dia depois de sua crucificação era o sábado, que Ele *foi* crucificado na sexta-feira. *Sábado não é o único sabá.* Há outros sabás especiais que podem cair em qualquer dia da semana, dependendo do calendário. De fato, João nos relata que o dia após a crucificação não era um sábado sagrado qualquer, mas um sabá *especial*: "Pois era grande [especial] o dia de sábado" (Jo 19.31). Também não resta a menor dúvida a respeito de que sábado especial aquele se tratava: a Páscoa dos judeus.

Quando os rabis, na manhã de sua crucificação, trouxeram Jesus diante de Pilatos, "não entraram na audiência, para não se contaminarem e poderem comer a Páscoa" (Jo 18.28). Essa é a manhã depois da Última Ceia, mas os rabis ainda não haviam comido a Páscoa — nem Jesus e seus discípulos. A Última Ceia *não* era a Páscoa, como comumente se pensa. Esta deveria ser

celebrada na noite seguinte, a qual, para choque e espanto dos discípulos, tornou-se a noite da crucificação de Cristo. (Lidaremos com isso de forma mais detalhada posteriormente.)

Na Cruz, no Momento em que o Cordeiro da Páscoa Foi Sacrificado

Em notável cumprimento da profecia de Êxodo 12.6, Cristo — a quem João Batista chamava de "o Cordeiro de Deus" (Jo 1.29,36), e Paulo, de "nossa páscoa" (1 Co 5.7) — foi crucificado na mesma hora em que o cordeiro da Páscoa era sacrificado por toda a nação de Israel: "E era a preparação da Páscoa" (Jo 19.14). Depois, conforme determinado em Êxodo 12, os cordeiros eram assados e comidos, naquela mesma noite, com o pão asmo. A Páscoa marca o início da festa, com duração de sete dias, conhecida como a Festa dos Pães Asmos, o primeiro dia dos quais era o sábado, no qual nenhum trabalho poderia ser feito: "Sete dias comereis pães asmos; [...] e ao primeiro dia [da festa] [...] ao sétimo dia [...] nenhuma obra se fará" (Êx 12.15,16; grifo do autor).

Portanto, o pôr-do-sol da quinta-feira (especificamente nesse ano, 32 d.C., quando Cristo foi crucificado) marcou o início da Festa dos Pães Asmos, quando se come nessa noite o cordeiro da Páscoa. Aquele primeiro dia duraria até o pôr-do-sol de sexta-feira e era um sábado especial, um "grande dia", o primeiro dia da Festa. Isso era imediatamente seguido pelo sabá normal, do pôr-do-sol de sexta-feira até o de sábado. As mulheres não puderam, portanto, ir ao sepulcro até o domingo de manhã. Cristo esteve no sepulcro três dias e três noites. Ele foi crucificado na quinta-feira, o mesmo dia que os profetas predisseram (como veremos). Não há contradição nenhuma quando conhecemos os fatos.

Paulo não Sabia Contar?

Questão: Parece haver uma grande falha no testemunho de Paulo em relação à ressurreição de Cristo. Ele diz que depois que Cristo apareceu a Pedro, Ele apareceu aos "doze" (1 Co 15.5). No entanto, os Evangelhos afirmam claramente que Judas, um dos primeiros dos doze apóstolos, suicidara-se antes da ressurreição

e que havia apenas *onze* discípulos vivos para quem Cristo poderia aparecer. Há alguma saída para essa contradição? Caso contrário, esse fato põe em dúvida todo o resto da história da ressurreição.

Resposta: Obviamente, Cristo "apareceu aos onze, estando eles assentados juntamente, e lançou-lhes em rosto a sua incredulidade e dureza de coração" (Mc 16.14); "E acharam congregados os onze [...] E, [...] o mesmo Jesus se apresentou no meio deles" (Lc 24.33,36). No entanto, Ele também "foi visto, uma vez, por mais de quinhentos irmãos" (1 Co 15.6). Sem sombra de dúvida, entre eles estava Matias, que foi escolhido para tomar o lugar de Judas para que o número de discípulos voltasse novamente a ser doze. Sem dúvida, a partir do que Pedro disse (citado abaixo) quando Matias foi escolhido, esse homem também havia visto Cristo em outras ocasiões.

Em Atos 1.15-26 vemos que há "quase cento e vinte" (v. 15) discípulos reunidos. Pedro os lembra que os profetas previram a traição de Jesus por Judas e a subseqüente morte deste, como também previram que "outro" tomaria o seu lugar (v. 20). Para ser apóstolo, conforme Paulo nos lembra, o indivíduo precisava ter visto "a Jesus Cristo, Senhor nosso" (1 Co 9:1). Portanto, quando os onze discípulos estavam prestes a escolher o sucessor de Judas, Pedro declarou que a substituição poderia apenas ser feita dentre os "varões que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre nós, começando desde o batismo de João até o dia em que dentre nós foi recebido em cima" (At 1.21,22). Fica bem claro, porém, que embora o foco dos quatro Evangelhos seja o círculo especial dos doze discípulos, havia outras pessoas que também estavam com Cristo o tempo todo, e uma delas era Matias.

Matias preenchia os requisitos e foi escolhido para tomar o lugar de Judas. Assim, tornou-se um dos doze apóstolos e testemunhou tudo que os outros onze testemunharam, inclusive a ressurreição. Na verdade, ele provavelmente estava presente quando Cristo apareceu pela primeira vez aos onze. Não há registro de quantos outros discípulos estavam presentes naquele momento.

Quer ele estivesse presente naquela noite quer não, o fato é que Cristo apareceu para Matias, e ele tornou-se um dos doze.

Paulo tornou-se cristão alguns anos depois da substituição de Judas por Matias. Seria bastante razoável, portanto, que quando Paulo declarou que Cristo foi visto "pelos doze" (1 Co 15.5), ele queria dizer os doze (inclusive Matias) que, naquele dia, estavam ali presentes, não os primeiros doze dos quais Judas fazia parte.

Erros de Copistas até mesmo na Versão Almeida Revista e Corrigida?

Questão: Deparei-me com uma lista de numerosas contradições na Bíblia. Eis aqui apenas algumas: 2 Samuel 8.4 afirma que Davi tomou de Hadadezer "*mil e seiscentos* cavaleiros", mas em 1 Crônicas 18.4, que Davi tomou "*sete mil* cavaleiros". Uma discrepância similar ocorre entre 2 Samuel 10.18 ("*setecentos carros e quarenta mil* homens de cavalo") e 1 Crônicas 19.18 ("*sete mil cavalos de* carros e quarenta mil homens de pé"). Essas são apenas algumas das discrepâncias — e elas se encontram na Almeida Revista e Corrigida, que sempre acreditei que fosse perfeita em cada uma das palavras. Ajude-me!

Resposta: A Bíblia é infalível em seus manuscritos originais, não em toda cópia que alguém produziu desde o momento em que foi escrita. Nem todo copista, como também nem todo *tradutor*, trabalhou de forma tão precisa a ponto de toda cópia da Bíblia, em todas as línguas, ser perfeita em todas as palavras. Esses erros que você apontou foram feitos por alguém ao longo dos séculos passados, quando os documentos eram copiados à mão.

Alguém deveria buscar os manuscritos disponíveis para determinar quando esses erros, em particular, aconteceram. E, indubitavelmente, ao comparar os muitos manuscritos que ainda temos, seria possível determinar o que o original realmente disse — se mil e seiscentos ou sete mil, se quarenta mil homens de cavalo ou quarenta mil homens de pé, etc. Entretanto, não valeria a pena investir todo o tempo e o esforço necessários para determinar isso, pois esses erros não afetam nenhum ensinamento doutrinário.

Alguns tipos de erro de cópia ou tradução que, teoricamente, afetam a doutrina, poderiam também ter se infiltrado em um manuscrito em particular, mas temos tantas cópias dos manuscritos, de datas de muitos séculos atrás, que, pela comparação entre eles, esses erros podem ser descobertos e corrigidos. Na verdade, nenhuma das mais importantes traduções da Bíblia existentes hoje contém erros doutrinários. Embora haja algumas diferenças importantes nas traduções existentes, quer nas mais antigas quer nas modernas (inclusive muitas deficiências nessas últimas), qualquer discrepância na maioria dessas traduções são corrigidas por outros versículos da mesma versão.

Estêvão Confundiu-se?

Questão: Estêvão, em seu discurso perante o conselho de rabis, em Atos 7.15,16, afirmou que Jacó foi enterrado em Siquém, "na sepultura que Abraão comprara [...] aos filhos de Hamor". Essa afirmação apresenta uma clara contradição com o texto de Gênesis 50.13, em que se diz que Jacó foi levado "à terra de Canaã" e sepultado "na cova do campo de Macpela, que Abraão tinha comprado [...] a Efrom, o heteu". Estêvão confundiu-se? Acho isso muito perturbador. Por que Deus não o inspirou para dizer tudo corretamente?

Resposta: Como Lucas está escrevendo inspirado pelo Espírito Santo, podemos ter certeza de que Estêvão disse o que Lucas registrou. Não podemos culpar Lucas por qualquer equívoco. A possibilidade mais óbvia, portanto, é que Estêvão realmente se confundiu. No entanto, aquele fato não reflete negativamente na Bíblia e, tampouco, prova que a Bíblia não é a Palavra de Deus, conforme os céticos gostariam de sustentar.

Lembre-se, a Bíblia registra as palavras de muitas pessoas que claramente não foram inspiradas por Deus: as desculpas de Adão e Eva, a mentira de Caim sobre sua inocência em relação ao assassinato de Abel, os longos discursos feitos por aqueles que vieram "confortar" Jó, as muitas vezes que o faraó voltou atrás na palavra que dera a Moisés e Arão, as explosões do rei Saul

contra Davi, as acusações do sumo-sacerdote contra Jesus, e assim por diante. A Bíblia não garante a veracidade de toda fala que registra, a não ser que fique claro que a pessoa falava inspirada por Deus.

Não fica explícito que o discurso de Estêvão tenha sido inspirado pelo Espírito Santo, como também as palavras de muitas outras pessoas registradas nas Escrituras. A Bíblia não tenta esconder os pecados ou erros, até mesmo de seus maiores personagens, como Abraão e Davi. Portanto, por que Estêvão deveria ser resguardado de um lapso em seu discurso? Entretanto, examinemos um pouco mais profundamente para saber se Estêvão realmente confundiu-se ou não, e quanto.

Primeiro, Estêvão não afirmou especificamente que *Jacó* foi enterrado em Siquém. Eis aqui aquele trecho de seu discurso: "E Jacó desceu ao Egito e morreu, ele e nossos pais; e foram transportados para Siquém e depositados na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro aos filhos de Hamor, pai de Siquém" (At 7.15,16). A referência de Estêvão a "nossos pais" *não* inclui Jacó ("ele *e* nossos pais"; grifo do autor), mas seus filhos. Foram os "pais" que foram enterrados em Siquém. Sabemos que Jacó foi enterrado na cova do campo de Macpela, ao lado dos ossos de Sara, de Abraão, de Isaque e sua esposa, Rebeca, e da esposa de Jacó, Lia. Sabemos se *algum* dos doze filhos de Jacó, os "pais" dos judeus, foram realmente enterrados em Siquém? Sim.

Foi-nos relatado, especificamente, que José foi enterrado em Siquém: "Também enterraram em Siquém os ossos de José, que os filhos de Israel trouxeram do Egito, naquela parte do campo que Jacó comprara aos filhos de Hamor, pai de Siquém, por cem peças de prata" (Js 24.32). Isso está de acordo com a afirmação de que "chegou Jacó salvo à cidade de Siquém [...] E comprou uma parte do campo [...] dos filhos de Hamor, pai de Siquém, por cem peças de dinheiro" (Gn 33.18,19). Se José, um dos "pais", foi enterrado em Siquém, é bem possível que alguns de seus irmãos, que também eram "pais" dos filhos de Israel, estivessem também ali enterrados. O Antigo Testamento não nos diz onde eles estavam enterrados, portanto não temos fundamento para dizer que Estêvão foi impreciso em relação a esse aspecto.

Uma Explicação Possível

O único problema que ainda temos é a afirmação de Estêvão, a saber, que Abraão comprou o campo em Siquém. Embora não haja nenhum registro de que Abraão estivera em Siquém, ele pode muito bem ter passado por essa cidade em suas muitas viagens, pois localizava-se em uma região central. Ele poderia até mesmo ter comprado um campo ali, do qual Jacó, alguns anos mais tarde, comprou uma porção adicional. Portanto, não podemos ser dogmáticos ao afirmar que Estêvão não foi preciso em sua afirmação. Ele, naquela época, poderia saber algo que hoje não podemos saber.

Por outro lado, é possível que Estêvão tivera um lapso, e este foi registrado na Bíblia exatamente conforme ele disse. Ele estava sob grande pressão, rodeado por aqueles que o odiavam e o matariam. Ele reuniu todos os elementos da verdade, mas, compreensivelmente, confundiu-se um pouco em relação a eles. Estêvão era apenas um mero mortal. Ele poderia cometer erros como nós, e a Bíblia é honesta, algo tremendamente animador, ao permitir que conheçamos alguns equívocos que aconteceram, não apenas com Estêvão, mas com outras pessoas também.

Sim, sabemos que Estêvão estava cheio "do Espírito Santo de sabedoria [...], cheio de fé e de poder, [e] fazia prodígios e grandes sinais entre o povo" (At 6.3,8). Portanto, sabemos que estar cheio do Espírito Santo e ser inspirado por Deus não o torna uma máquina robotizada, incapaz de cometer erros humanos, desde que a pessoa não esteja proferindo profecias, as quais não podem conter erros.

Por que Deus Permitiu que Estêvão Errasse?

Se Estêvão cometeu um grave erro, por que Deus não o impediu de assim fazer? Por que Ele deveria fazer isso? Na verdade, isso não faria a menor diferença. Os rabis nem mesmo reagiram. Uma razão para permitir esse erro (se foi isso o que ocorreu) e seu registro poderia ser o de ensinar-nos a lição que acabamos de mencionar. Uma outra razão, sem dúvida, é fortalecer a

credibilidade da Bíblia aos olhos dos que buscam a verdade honestamente e que a estão examinando, para saber se eles podem ou não confiar nela. Na verdade, o registro honesto dessa pequena imprecisão conta a favor da Bíblia.

Se a Bíblia tivesse sido reunida com a intenção deliberada de fraude, séculos ou mesmo anos mais tarde, e esse discurso tivesse apenas sido elaborado como parte de uma história fictícia, os forjadores certamente não teriam cometido esse grave erro. Eles poderiam ter examinado o Antigo Testamento, e certamente o teriam feito, para resolver qualquer dúvida ou imprecisão a fim de certificar-se de que a estavam apresentando de forma correta. O Antigo Testamento é consistente, e os forjadores certamente teriam se apegado àquela história e evitado essa aparente contradição.

O fato de que, no discurso de Estêvão, há esse equívoco é uma prova a mais de que a Bíblia é um registro honesto. Além disso, demonstra para nós que nenhum escriba posterior ousou "corrigir" esse erro. E esse fato demonstra mais uma vez a reverência com a qual os copistas lidaram com aquilo que sabiam que era a Palavra infalível de Deus, como também eles se abstiveram de adulterar o texto, mesmo quando parecia haver um equívoco que necessitava de correção.

O Milênio É o Reinado Derradeiro?

Questão: Em relação à profecia que diz respeito ao reino futuro de Cristo sobre o mundo, a partir de Jerusalém, a Bíblia afirma: "Do incremento deste principado e da paz, não haverá fim..." (Is 9.7) No entanto, a Bíblia também diz que seu reinado durará apenas mil anos e que terminará com uma guerra mundial (Ap 20.6-9). Qual é a afirmação correta: o reino que durará para sempre ou o de mil anos; a paz ou a guerra? Certamente, ele não pode ser ambos. Como alguém pode acreditar que a Bíblia é a Palavra infalível de Deus, quando contém tantas contradições; em particular, contradições relacionadas aos conceitos fundamentais como o Reino de Cristo, que supostamente é a culminação de tudo?

Resposta: Há uma explicação simples e óbvia: o Reino Milenar de Cristo não é "principado e [...] paz", que a Bíblia diz que jamais terá fim. Esse fato fica claro por muitas razões. Certamente, mil anos não são intermináveis, e a guerra não pode ser igualada à paz. No entanto, a maioria dos cristãos imagina que o milênio é o "Reino" pelo qual devemos orar: "Venha o teu Reino" (Mt 6.10), que é assunto de muitas profecias bíblicas. Na verdade, não é.

É surpreendente que as contradições óbvias sejam ignoradas pelos cristãos que insistem em igualar o milênio ao Reino eterno de Cristo. Os críticos, porém, que diligentemente buscam por cada contradição aparente que possam encontrar, perceberam esse problema, mas em sua avidez por condenar a Bíblia, negligenciaram uma solução simples: o milênio não é o Reino.

Cristo disse: "Aquele que não nascer de novo não pode ver [ou] [...] entrar no Reino de Deus" (Jo 3.3,5). Obviamente, haverá muitos indivíduos que não nasceram de novo e que viverão no milênio, caso contrário, estes não seguiriam Satanás: "E, acabando-se os mil anos, Satanás será solto da sua prisão e sairá a enganar as nações que estão sobre os quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, cujo número *é* como a areia do mar, para as ajuntar em batalha. E subiram sobre a largura da terra e cercaram o arraial dos santos e a cidade amada; mas desceu fogo do céu e os devorou" (Ap 20.7-9). Esses rebeldes, obviamente, não são cristãos nascidos de novo! No entanto, apenas aqueles que nasceram novamente podem estar no Reino.

Além disso, Paulo nos diz que "carne e sangue não podem herdar o reino de Deus" (1 Co 15.50). No entanto, a terra estará habitada no milênio por um grande número de pessoas consideradas "carne e sangue". Eis aqui uma outra razão pela qual o milênio não pode ser o Reino. (O papel singular e único que o milênio tem a desempenhar será discutido posteriormente.)

Assim, o que é o Reino? O fato de ele ser *eterno* indica que existirá no novo universo eterno que Deus criará após destruir este: "Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão com *grande* estrondo, e os elementos, ardendo, se desfarão, e a terra e as obras que nela há se queimarão. [...]

Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pe 3.10,13).

Obviamente, nem um reino nem nada mais desta terra pode ser eterno até que o universo atual seja destruído, e um novo, criado. Apenas naquele momento podemos dizer que é chegado o Reino eterno, cuja paz jamais terá fim e que não pode ser herdado por carne e sangue, em que a exigência para ali entrar é nascer de novo. Conforme Paulo nos informa:

> Depois, virá o fim [consumação], quando tiver entregado o Reino a Deus, ao Pai, e quando houver aniquilado todo império e toda potestade e força. [...]
>
> E, quando todas as coisas lhe estiverem sujeitas, então, também o mesmo Filho se sujeitará àquele que todas as coisas lhe sujeitou, para que Deus seja tudo em todos (1 Co 15.24,28).

* Mateus indica claramente que Maria e José tiveram um relacionamento matrimonial normal *depois* do nascimento de Jesus, negando, portanto, o dogma da *virgindade* perpétua de Maria, que foi inventado séculos mais tarde. Isso é consistente com as descrições de Jesus, feitas por Mateus e Lucas, como o *primogênito* de Maria (Mt 1.25; Lc 2.7), o que deixa implícito o nascimento subseqüente de outros filhos, que, com freqüência, acompanhavam sua mãe (Mt 12.46; Mc 3.32; Lc 8.20), dos quais alguns nomes foram registrados para nós (Mt 13.55,56).

Todo estudante cuidadoso e todo leitor atencioso da Bíblia acha que existem algumas coisas difíceis de compreender nas palavras do apóstolo Pedro, aquelas que dizem respeito às Escrituras... (2 Pe 3.16), mas que são tremendamente verdadeiras.

Quem de nós não descobriu coisas na Bíblia que nos desconcertaram, coisas essas que no início de nossa experiência cristã nos levaram a questionar se a Bíblia, afinal, era a Palavra de Deus? Na Bíblia, descobrimos algumas coisas que parecem impossíveis de ser reconciliadas com outras que também estão na Bíblia. Descobrimos algumas coisas que parecem incompatíveis com a idéia de que toda a Bíblia é de origem divina e totalmente inerrante...

[A Bíblia é] uma revelação da mente, e do desejo, e do caráter, e do ser de um Deus infinitamente grande, perfeitamente sábio e totalmente santo... [mas] a revelação... [é] feita para seres finitos cujo conhecimento é imperfeito e cujo caráter também é imperfeito e, por conseguinte, esses seres são imperfeitos em seu discernimento espiritual... Portanto, em virtude das necessidades específicas do caso, deve haver dificuldades nesse tipo de revelação proveniente desse tipo de fonte transmitida a tais pessoas. Quando o finito tenta compreender o infinito é normal haver dificuldades...

Não é prudente tentar ocultar o fato de que essas dificuldades existem. Faz parte da sabedoria, como também da honestidade, encarar francamente essas diferenças e as levar em consideração.

—*R. A. Torrey*[1]



Como Deus Pode se Arrepender?

Questão: Em Gênesis 6.6, está escrito que: "Arrependeu-se o Senhor de haver feito o homem". Jonas 3.10 diz: "E Deus se arrependeu do mal que tinha dito lhes faria". Um bom número de vezes, ao longo de todo o Antigo Testamento, a mesma palavra hebraica expressa um arrependimento similar da parte de Deus. Como Deus, que supostamente é perfeito pode se arrepender? E por que necessitaria fazer isso se Ele sabe de antemão tudo o que acontecerá, mas permite que coisas assim aconteçam?

Resposta: É verdade, conforme você afirma, que se Deus é perfeito e sabe de antemão tudo o que acontecerá, certamente Ele não poderia se "arrepender" no sentido de haver cometido um erro. Na verdade, há tantos versículos na Bíblia que declaram que Deus não pode se arrepender dessa forma, que podemos ter certeza de que, nesse sentido, Ele jamais se arrependeu ou se arrependerá. Por exemplo: "Deus não é homem, para que minta; nem filho de homem, para que se arrependa: porventura, diria ele e não o faria? Ou falaria e não o confirmaria?" (Nm 23.19)

Portanto, o que devemos entender quando a Bíblia diz que Deus se arrependeu ou se arrependerá? Inúmeros versículos

fornecem a necessária compreensão. Por exemplo: "Agora, pois, melhorai os vossos caminhos e as vossas ações e ouvi a voz do Senhor, vosso Deus, e arrepender-se-á o Senhor do mal [julgamento] que falou contra vós" (Jr 26.13). Quando Deus se oferece para se "arrepender" do julgamento que Ele pronunciou sobre o pecador, se este deixar sua pecaminosidade, está claro que seu "arrependimento" é simplesmente sua resposta cheia de graça em relação ao homem arrependido de seu pecado. Esse fato fica bastante evidente por meio de muitas passagens das Escrituras como estas:

> Mas, se o ímpio se converter de todos os seus pecados que cometeu, e guardar todos os meus estatutos, e fizer juízo e justiça, certamente viverá; não morrerá (Ez 18.21).
>
> No momento em que eu falar contra uma nação e contra um reino, para arrancar, e para derribar, e para destruir, se a tal nação, contra a qual falar, se converter da sua maldade, também eu me arrependerei do mal que pensava fazer-lhe (Jr 18.7,8).

Uma Mudança de Ação, não de Pensamento

Obviamente, depois que as condições que Deus estabeleceu forem cumpridas, se Ele se "arrepender", não quer dizer que Ele mudou sua atitude ou ação porque estava errado ou porque não previu o futuro. Ele apenas mudou sua ação em relação aos que se arrependeram, exatamente como prometeu. Não há nem remorso nem arrependimento. Tampouco, nenhuma dessas duas atitudes é possível para Deus. Essa foi a natureza de seu "arrependimento" ao não destruir Nínive, conforme Jonas declarara que Ele faria. Em todos os casos em que o "arrependimento" é atribuído a Deus, sua ação é bastante consistente com o princípio apresentado reiteradamente por Ele em sua Palavra. Sempre que há arrependimento e abandono do mal por parte de uma pessoa ou nação, Deus perdoará e não executará o julgamento que pronunciou previamente.

E quanto ao "arrependimento" de Deus em Gênesis 6? Evidentemente, é o inverso desse descrito acima. Em vez de as pessoas abandonarem o mal e se voltarem para o bem e, em conse-

qüência disso, Deus "arrepender-se" do julgamento que pronunciara em relação a elas, as pessoas que Deus criara e declarara boas se voltaram para a maldade. Por conseguinte, Deus "arrependeu-se", da bênção que lhes prometera. Na verdade, tão grande era a maldade delas que toda a humanidade que criara merecia ser destruída.

Felizmente, um homem, Noé, "achou graça aos olhos do Senhor" (Gn 6.8). Esse fato nos diz que embora a graça seja livre, como deve ser, há condições para recebê-la. Deus disse: "Não contenderá o meu Espírito para sempre com o homem" (Gn 6.3). O tempo para o julgamento chegara, mas um homem, diferente de todos os outros, estava disposto a arrepender-se e obedecer a Deus e, portanto, poderia ser o recipiente da graça divina.

Os pais devem padronizar sua disciplina de acordo com o exemplo de Deus. Há um ponto em que o retorno se torna mais improvável e, por fim, há o ponto sem retorno no oferecimento do perdão a um filho que erra e sempre implora piedosamente por misericórdia. Se nunca existir uma punição, então a graça é sem sentido, e a lição exigida nunca é aprendida. A graça que Deus estendeu a Noé tem significado apenas em relação ao julgamento proferido contra todas as outras pessoas. E o mesmo acontece com a salvação que Deus nos oferece em Cristo: ela é significativa e desejável apenas à luz do julgamento eterno que, de outra forma, teríamos de enfrentar por nossos pecados.

Jesus Estudou na Índia com os Gurus?

Questão: Os Evangelhos silenciam sobre aproximadamente dezoito anos na vida de Jesus, o período que se estende desde a última vez que escutamos falar de Jesus no Templo, quando era um menino de doze anos (Lc 2.41-52), e o início de seu ministério com cerca de trinta anos de idade (Lc 3.23). Já encontrei inúmeras vezes o relato — não apenas no *Evangelho de Aquário*, mas também nos jornais — de que Jesus, nesses anos dos quais não há registro, estava na Índia estudando com os gurus. Supostamente, a sabedoria que Ele conquistou ali se tornou a base para seu ministério. Por que não?

Resposta: O registro mais amplamente divulgado envolve um tal Nicholas Notovitch que afirmou que, enquanto viajava no Tibete, nos fins do século XIX, os lamas tibetanos lhe contaram que existia um registro que relatava a visita de Jesus a um monastério do Himalaia. No início do século XX, supostamente, a mesma coisa foi relatada a um outro viajante que esteve no Tibete. Entretanto, ninguém capaz de ler e traduzir esses "registros" jamais os viu; tampouco, nenhuma cópia foi trazida para o ocidente a fim de ser examinada. E, agora, parece que esses "registros" foram destruídos.[2]

Se a Bíblia não fosse fundamentada em evidências melhores do que essa, os críticos, justificadamente, a teriam descartado muito tempo atrás. Portanto, essas afirmações especulativas recebem, instantaneamente, crédito por parte daqueles que exigem prova para tudo que a Bíblia diz. Esse padrão de dois pesos e uma medida tem um profundo viés da parte dos céticos que afirmam estar interessados apenas na verdade.

Toda a Evidência Aponta para o Lado Oposto

Primeiro não há a mínima evidência histórica ou arqueológica de que Jesus visitou a Índia e, muito menos, de que lá *estudou*. Além disso, essa teoria é refutada por tudo que Jesus disse e fez em seu ministério. Os ensinamentos que Jesus apresentou aos judeus estavam em consonância com toda a Escritura desse povo (que Ele, com freqüência, citava como fonte de autoridade) e não exibia o menor sinal de alguma influência do hinduísmo ou budismo. Se Ele tivesse estudado com os mestres da Índia ou do Tibete, Ele seria obrigado a sustentar o ensinamento deles e honrar seu guru. Na verdade, os ensinamentos de Jesus eram a antítese de qualquer tipo de misticismo oriental.

Além disso, o relato do Novo Testamento, que se junta de forma consistente, não é compatível com o fato de Jesus ter feito viagens tão extensas. As pessoas de sua cidade natal, Nazaré, o conheciam como "o carpinteiro, filho de Maria e irmão de Tiago, e de José, e de Judas, e de Simão" (Mc 6.3). Certamente, fica claro que

Ele era uma personalidade bastante conhecida em sua cidade natal, que cresceu e viveu na comunidade local, e não que Ele era um Marco Pólo judeu que viajou para lugares exóticos e distantes.

Os amigos e conhecidos ficaram perplexos quando Jesus, repentinamente, começou a viajar pela Galiléia e pregar para grandes multidões. O fato de Jesus apresentar-se como um líder religioso foi um escândalo para a família e para os vizinhos. Eles os tratavam com um certo desdém, proveniente da familiaridade, não com a reverência que certamente teriam dado a alguém que viajara muito e estudara em terras tão distantes como a Índia e o Tibete.

Todo guru que vem para o ocidente elogia e honra seu mestre, pois todo hindu, inclusive os próprios gurus, deve ter um guru a quem seguem. No entanto, o suposto "guru Jesus" jamais se referiu a seu guru nem citou qualquer escrito religioso, exceto as Escrituras judaicas. Ele afirmou que foi enviado por seu Pai no céu (Jo 5.23,30, 36; etc.), um termo desconhecido dos gurus e odiado pelos rabis, e não por algum mestre do oriente.

Os gurus afirmam ser homens que alcançaram, por meio da ioga e de práticas acéticas, a "realização" mística em que o Atmã (a alma individual) é idêntico ao Brâman (a alma universal) e, por conseguinte, tornaram-se deuses "auto-realizados". Se Jesus tivesse estudado com eles teria ensinado essa mesma ilusão. Portanto, em total contradição com esse sonho impossível e longe de afirmar ser um homem que lutava para alcançar a natureza divina, Jesus apresentou-se como o EU SOU (Jeová) do Antigo Testamento, o Deus de Israel que se humilhou a si mesmo para tornar-se homem:

> [...] Se não crerdes que eu sou, morrereis em vossos pecados. [...] Antes que Abraão existisse, eu sou. [...] Antes que aconteça, para que, quando acontecer, acrediteis que eu sou. [...] Um pouco, e não me vereis; [...] porque vou para o Pai. [...] Saí do Pai e vim ao mundo; outra vez, deixo o mundo e vou para o Pai. [...] *Eu e o Pai somos um* (Jo 8.24,58; 13.19; 16.16,28; 10.30; grifo do autor).

Diferenças Irreconciliáveis entre Cristo e os Gurus

Os gurus negam a existência do pecado ou de qualquer padrão absoluto de moral. O darma de cada pessoa é distinto, a

saber, uma substância individual que deve ser descoberta na jornada mística rumo à união com o Brâman. Cristo, de forma totalmente oposta, afirmou ser a "luz do mundo" (Jo 8.12), cuja vida expôs a maldade da humanidade. Além disso, Ele prometeu enviar o Espírito Santo para convencer o mundo do "pecado, e da justiça, e do juízo" (Jo 16.8). Jesus anunciou que veio para chamar os pecadores ao arrependimento (Mc 2.17) e para salvá-los do julgamento eterno por meio do sacrificar a si mesmo pelos pecados de todo o mundo.

A vida e os ensinamentos de Cristo se encontram em total contradição com o hinduísmo que teria aprendido na Índia. Se Ele ali tivesse estudado, quando retornasse a Israel, certamente teria praticado e ensinado aos judeus o que teria aprendido. Essa teoria não encontra apoio algum nos registros do Novo Testamento que nos foram entregues por testemunhas oculares.

Os gurus ensinam um ciclo contínuo de morte e encarnação, enquanto Jesus ressuscitou, conforme disse que aconteceria, e prometeu a mesma libertação da morte a seus seguidores. Reencarnação e ressurreição são opostas; ninguém pode crer em ambas. Os gurus ensinam um retorno contínuo a esta terra, vida após vida, para melhorar o suposto "carma" de cada indivíduo, enquanto Jesus ensina o perdão dos pecados pela graça, a exigência para que uma pessoa vá para o céu. Para os gurus, o céu é um estado místico de unidade com o absoluto. Jesus, ao contrário, ensinou que estar no céu é habitar para sempre na casa de seu Pai em que há "muitas moradas" (Jo 14.1-4). Os gurus são todos vegetarianos, Jesus comeu o cordeiro da Páscoa, alimentou multidões com peixe e, até mesmo, depois de sua ressurreição comeu peixe como uma demonstração para seus discípulos de que havia ressuscitado em corpo, e não era um "fantasma", como eles supunham.

Há muitos gurus, mas Jesus afirmou que era único e o único Filho de Deus, o único Salvador dos pecados. Os gurus ensinam que há muitos caminhos que levam a Deus. Jesus declarou: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Tudo que Jesus disse e fez opõe-se aos ensinamentos do hinduísmo e do budismo, e contradizem as falsas afirmações de que Ele estudou na Índia ou no Tibete.

Essa teoria fraudulenta demonstra, mais uma vez, como seria impossível inventar uma história fictícia sobre Jesus e ajustá-la aos eventos reais desta terra. A teoria equivocada de que Jesus estudou na Índia com os gurus simplesmente não se ajustaria de forma alguma com os registros do Novo Testamento — e se elas se ajustassem a ele, o Novo Testamento seria incompatível com o Antigo Testamento, em vez de ser, como tinha de ser, seu cumprimento. Tampouco os registros do Antigo ou Novo Testamento se ajustariam à história do mundo, a não ser que ambos fossem verdadeiros. A harmonia perfeita das Escrituras com a história é revelada por qualquer estudo cuidadoso e honesto dessas duas fontes, as Escrituras e a história.

A Relação entre as Mitologias e a Bíblia

Questão: A Bíblia afirma ter sido inspirada por Deus. No entanto, encontramos registros similares de algumas das histórias que ela relata (Adão e Eva, a tentação no jardim do Éden, Noé e o dilúvio, etc.) em mitos de muitos povos antigos do mundo todo. Alguns desses mitos parecem muito mais antigos do que a Bíblia. Por exemplo, há relatos em placas assírias, anteriores aos livros de Moisés, que narram a criação, a tentação no jardim, o dilúvio e a torre de babel, em uma linguagem muito similar ao registro de Gênesis. O primeiro homem dos mitos babilônicos chamava-se Adami. Não é possível, portanto, que pelo menos parte da Bíblia, em vez de ser inspiração divina, seja proveniente da mitologia pagã?

Resposta: Sugerir que a Bíblia emprestou os relatos de Gênesis de mitos pagãos cria mais problemas do que soluções. Ainda nos restam duas questões: Qual foi a fonte dos relatos pagãos e qual é a explicação para as semelhanças em todos esses registros, inclusive os da Bíblia? É matematicamente impossível que raças distintas e culturas espalhadas pelo mundo todo e sem contato umas com as outras desenvolvessem todas elas, e de forma independente, esses registros mitológicos semelhantes sobre a origem e a história da humanidade. As probabilidades contra um acontecimento dessa natureza são astronômicas.

Portanto, todos os relatos, incluindo os da Bíblia, precisam ter a mesma *fonte em comum*, a qual se originou fora de qualquer raça ou cultura. Não há dúvida quanto a isso. Esse fato nos confronta, mais uma vez, em relação à questão da *identidade* dessa fonte em comum e de *como* todas essas pessoas que estavam espalhadas por vastas áreas tiveram contato com elas — ou como a fonte alcançou as pessoas.

De maneira bastante interessante, os próprios relatos propiciam a única explicação plausível: todas aquelas pessoas de várias raças e cores eram descendentes de um grupo de pais criados por Deus e houve um dilúvio que espalhou novamente pelo mundo uma família, da qual todas as pessoas descendem. Matematicamente, a evolução é impossível, como já vimos. Além disso, se, durante milhares de anos, a evolução gradual de qualquer símio para o homem tivesse ocorrido, teria deixado milhares de fósseis de elos esquecidos (criaturas que não eram nem símios nem homens) espalhados na vasta área da terra, embora *nenhum* tenha sido achado. E se a evolução fosse um fato, não haveria um único casal de pais comuns para todas as pessoas; haveria centenas ou talvez milhares desses casais de pais e, por conseguinte, não haveria explicação para que uma simples mitologia fosse conhecida por todas as pessoas.

No entanto, Adão e Eva teriam certamente contado a história de sua criação, o engano da serpente e a expulsão do jardim do Éden para seus filhos, e estes para seus filhos, e assim por diante. Essa história seria, com certeza, conhecida pela família de Noé que a teria passado ao longo de toda sua descendência com o relato do dilúvio, conforme eles vivenciaram. Não há outra explicação racional possível para que essa mitologia, que as pessoas têm em comum, tenha se espalhado pelo mundo a não ser por meio do recontar esses eventos.

Além disso, hoje, na Turquia, próximo ao monte Ararate, onde a Bíblia diz que a arca de Noé repousou depois do dilúvio (Gn 8.4), os nativos que vivem naquela região ainda se referem ao cume do monte como "o monte de Noé". Mesmo sem os vários relatos daqueles que afirmam ter visto uma enorme embarcação no cume congelado do monte Ararate, que só podem ser os res-

tos da arca de Noé, temos outras fortes evidências. Uma tradição local bastante antiga harmoniza-se com essa história largamente difundida pelo mundo. Essa confirmação é bastante firme, e não pode ser ignorada.

Mitologias Deturpadas Trazem uma Luz mais Esplendorosa para a Bíblia

Onde quer que os arqueólogos escavem ao redor do mundo encontram antigas representações de uma mulher, uma serpente e uma árvore em íntima relação umas com as outras, o que corrobora o relato de Gênesis. Além disso, sabemos que há, pelo menos, um cerne de verdade nessa história muito difundida. Entretanto, quando vemos os relatos não-bíblicos, sabemos que existem obviamente muitos elementos mitológicos que foram deturpados na transmissão de um evento histórico. Um fato de grande significância (ao qual retornaremos em um capítulo posterior) é que a serpente é universalmente apresentada como o símbolo da sabedoria ou o deus-Salvador, exatamente o oposto do que a Bíblia diz.

Em acréscimo à deturpação do papel da serpente, todos os relatos pagãos incorporam elementos obviamente mitológicos e fantásticos. Apenas o relato bíblico apresenta um grupo de histórias reais, em vez de mitos. Isso se ajusta com o restante da Bíblia e corresponde ao que sabemos sobre a história da humanidade até hoje. Entretanto, o relato bíblico coloca-se de um lado, e todos os outros relatos, apesar das similaridades que apresentam com a história de Gênesis, estão juntos em oposição a ela.

Essa distinção entre a Bíblia e todos os outros relatos é significativa. Isso indica que o relato bíblico não foi emprestado de outros relatos. Evidentemente, todos os relatos não-bíblicos foram originados nos mesmos eventos históricos, e as diferenças apareceram mais tarde. Todos os mitos pagãos são variações uns dos outros, portanto, nenhum deles é confiável como autêntico. Eles devem ter sido deturpados de uma maneira ou de outra. Visto que o relato bíblico é consistente com o restante da Bíblia, pode reivindicar a mesma infalibilidade da inspiração de toda a Palavra de Deus. Os relatos pagãos são similares o suficiente para

confirmar o relato bíblico, mas diferentes o bastante para dar sustentação ao fato de que apenas o registro mais antigo é autêntico. O relato bíblico não se originou da tradição oral transmitida de geração a geração (e, portanto, ele não é vulnerável a esse inevitável erro que é inerente a esse processo de transmissão), mas da inspiração de Deus.

O que Significa Mover Montanhas pela Fé?

Questão: Jesus disse claramente: "Porque em verdade vos digo que, se tiverdes fé como um grão de mostarda, direis a este monte: Passa daqui para acolá — e há de passar; e nada vos será impossível" (Mt 17.20). Ainda não ouvi falar de um cristão que tenha movido uma montanha ou que tenha tornado isso possível. No entanto, não há absolutamente nenhuma condição; essa promessa é um equívoco. Mateus e Lucas (e este dá sua versão do ocorrido em 17.6) mentiram, ou Jesus mentiu. Qual deles mentiu? Ambos os casos provam que a Bíblia é contraditória, não é mesmo?

Resposta: Nem Mateus nem Lucas nem Jesus mentiram. Tenhamos cuidado em abordar a Bíblia com a reverência apropriada. Mesmo que não possamos explicar rapidamente ou conciliar cada dificuldade que a Bíblia apresente, as evidentes corroborações da autenticidade e exatidão daquelas passagens que podemos entender são esmagadoras e apontam para a origem divina da mesma. R. A. Torrey lembra-nos:

> O que poderíamos pensar sobre um iniciante em álgebra que, após tentar em vão, por meia hora, resolver um problema difícil declara que não há solução possível para o problema, pois ele não pode achar nenhuma solução! [...] As dificuldades com que se defrontam as pessoas que negam que a Bíblia tem origem e autoridade divinas são, de longe, mais numerosas e mais significativas do que aquelas com que se defrontam as pessoas que acreditam em sua origem e autoridade divinas.[3]

Nesse caso, o aparente conflito é resultado da compreensão errada de fé. Ela não é algum poder que pode ser atirado em

circunstâncias, ou pessoas, ou coisas, a fim de torná-las alinhadas com a ambição ou desejo de alguém. Se esse fosse o caso, Cristo teria nos dito que esse poder misterioso é tão incrivelmente poderoso, que só precisamos de uma quantidade minúscula dele (do tamanho de um grão de mostarda) a fim de realizar o que quer que desejamos. Portanto, o universo seria controlado pelo homem, e não por Deus. Seria terrível se os homens tivessem a sua disposição tal poder. Felizmente, eles não o têm, nem Jesus prometeu isso.

A fé não é um poder que a pessoa possua, mas a completa confiança e dependência em relação a outra pessoa ou objeto. *A fé deve ser dirigida a um objeto.* Não há nada nem ninguém mais merecedor de nossa total confiança além de Deus. Jesus disse: "Tende fé em Deus" (Mc 11.22). Portanto, o que é a fé? Ela é a confiança segura no amor e na graça do poder e sabedoria de Deus.

É fácil mostrar o absurdo da idéia de que a "fé" é algum poder que o homem possa dominar. Suponha que dois homens queiram mover uma montanha, mas cada um deles para uma direção diferente do outro. Qual deles conseguirá mover a montanha, em que exato momento e para onde ele quer que ela vá? O homem que tiver mais fé? Essa má compreensão, bastante comum, é rejeitada pela afirmação de Jesus, a saber, de que é necessário apenas uma pequena quantidade de fé para mover uma montanha.

Deus apenas — não a Fé — Pode Mover Montanhas

A montanha (ou qualquer outra coisa) não será movida pelo poder da *fé*, porque a fé não tem poder em si mesma, nem por si mesma. A montanha só pode ser movida pelo poder de *Deus*. Portanto, ela será movida, apenas quando e para onde Deus quiser que se mova.

Sem dúvida, ninguém pode ter aquela fé que move montanhas em um momento específico e em uma determinada direção, salvo se for a vontade de Deus que ele faça esse movimento. E como alguém pode adquirir esse discernimento e convicção? Obviamente, apenas por meio do conhecimento pessoal de Deus e do aprender a confiar nEle. Seria uma tolice completa confiar

em um estranho ou em alguém que ainda não tenha demonstrado sua confiabilidade.

A fé põe o homem em contato com Deus, levando-o a conhecer e a confiar em Deus e saber os desejos dEle. Pela fé, o homem pode tornar-se um instrumento efetivo do desejo de Deus aqui na terra. Raramente as montanhas reais precisam ser movidas, se é que isso acontece. Entretanto, isso seria possível se fosse o desejo de Deus. Jesus usou o exemplo extremo de mover uma montanha em resposta à fé em Deus para mostrar que *nada* é impossível para aqueles que estão em contato com Deus e que obedecem a seus propósitos e seu poder.

Por que Jesus, após a Ressurreição, não se Mostrou aos Romanos e Rabis?

Questão: Se Jesus realmente ressuscitou dentre os mortos, por que não se mostrou abertamente aos rabis, aos judeus comuns e aos romanos? Dessa forma, não ficaria claramente estabelecido o fato de que Ele voltou do sepulcro? E uma aparição pública de Cristo desse tipo não teria convertido todos, naquele dia, ao cristianismo? O fato de que mesmo a Bíblia admita que Ele não fez isso, não é uma presumível evidência contra a suposta ressurreição? Se Ele estava realmente vivo, por que não provou claramente isso?

Resposta: Você subestima a teimosia e a maldade do coração humano. Além dos discípulos, houve muitas testemunhas oculares que atestaram às multidões de amigos e familiares, bem como aos rabis, sobre o fato de que Cristo ressuscitou Lázaro dos mortos depois de seu corpo ter ficado por quatro dias na sepultura (Jo 11.43-46). Não há dúvida de que esse incrível milagre ocorreu. Na verdade, os rabis admitiram entre si, no conselho, que Cristo fez "muitos sinais" (v. 47,48). Ainda assim, esse fato não amoleceu o coração deles nem os fez desejar encarar a verdade sobre Cristo.

Ao contrário, o fato de que Cristo ressuscitou Lázaro na frente de muitas testemunhas (e por causa desse milagre irrefutável,

muitas pessoas acreditaram que Ele era o Messias) apenas aumentou a determinação dos rabis de matar Cristo. E, agora, eles estavam determinados em matar Lázaro também, para evitar que ele fosse uma prova do poder divino de Cristo (Jo 12.9-11)! Essa oposição fanática a Cristo não era racional e, portanto, não poderia ser mudada, independentemente de que fatos posteriores eles pudessem testemunhar.

Não, isso não teria mudado a mente nem as ações dos líderes religiosos e seculares, mesmo que o próprio Cristo, aquEle que eles crucificaram, aparecesse na frente deles, vivo novamente. E por que Ele deveria ter feito isso? Por meio de sua realização das profecias do Antigo Testamento e dos milagres que foram confirmados por tantas testemunhas (as quais, como os espiões, relataram tudo aos rabis — Jo 11.46), Cristo deu aos líderes religiosos de Israel evidências mais do que suficientes de que Ele era o Messias. Indubitavelmente, alguns dos próprios rabis testemunharam seus milagres. No entanto, mesmo assim eles o crucificaram.

Os Romanos e os Rabis Tiveram mais Provas do que Precisavam

Além disso, os rabis tiveram evidências mais poderosas da ressurreição de Cristo, do que o testemunho das pessoas comuns que viram com seus olhos quando Lázaro saiu da sepultura "tendo as mãos e os pés ligados com faixas..." (Jo 11.44) Eles tinham o relato de testemunhas oculares, os disciplinados e treinados soldados romanos que guardaram o sepulcro de Cristo, que contaram sobre sua confrontação aterradora com o anjo que afastou a pedra para expor o sepulcro vazio. O coração dos rabis era tão duro que, a despeito do testemunho de um pelotão — que fora valente, mas, agora, mal conseguia parar de tremer de medo — subornaram os guardas para que dissessem que os discípulos roubaram o corpo de Cristo enquanto eles dormiam (Mt 28.13).

Tanto os rabis quanto as autoridades romanas sabiam muito bem que Cristo ressuscitara dentre os mortos. Fornecer mais provas da ressurreição para aqueles que estavam determinados a negá-la, não teria mudado nada. Isso apenas teria tornado todo o

julgamento deles mais severo ainda graças às evidências adicionais pelas quais poderiam ser responsáveis. Portanto, Cristo estava sendo indulgente em não aparecer para os rabis e para a multidão de pessoas que, em hipótese alguma, creriam. Ele, claramente, estava seguindo seu próprio conselho de não deitar "aos porcos as vossas pérolas" (Mt 7.6).

Eles, como também as outras pessoas, foram confrontados por muitos indivíduos que foram ressuscitados e que, indubitavelmente, testemunharam a eles sobre a ressurreição de Cristo: "E abriram-se os sepulcros, e muitos corpos de santos que dormiam foram ressuscitados. [...] depois da ressurreição dele [Cristo], entraram na Cidade Santa [Jerusalém] e apareceram a muitos" (Mt 27.52,53; grifo do autor).

Depois disso, os rabis e todas as pessoas, no milagre realizado por intermédio dos discípulos, em nome de Cristo e por meio de seu poder, tinham provas adicionais da ressurreição:

> E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça (At 4.33).
>
> E muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos. [...] [e] o povo tinha-os em grande estima. E a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais, de sorte que transportavam os enfermos para as ruas e os punham em leitos e em camilhas, para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles. E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos, os quais todos eram curados (At. 5.12-16).

Essa grande transformação dos discípulos, que os fariseus reconheciam, era prova mais do que suficiente da ressurreição. Os discípulos, medrosos como eram, haviam abandonado Cristo no jardim e fugido para salvar suas vidas. No entanto, aqui estão eles, "homens sem letras e indoutos" (At 4.13), agora não mais medrosos, mas acusando os rabis, de forma ousada por ter entregado Cristo para ser crucificado. Apesar das ameaças de surras, prisão e morte, esses homens, anteriormente covardes, agora se colocaram corajosamente diante dos rabis e, com grande convic-

ção, testemunharam que o Senhor havia ressuscitado dentre os mortos. Além disso, em nome dEle, estavam fazendo espantosos milagres que persuadiam multidões. Nenhuma outra prova era necessária.

Uma Grande Injustiça?

Questão: Alguns de meus amigos pensam que o ensinamento sobre Cristo morrer na cruz para pagar por nossos pecados, o cerne do cristianismo, é em si mesmo uma razão para rejeitar o cristianismo. Eles argumentam que é injusto que uma pessoa inocente seja presa e executada no lugar de um criminoso e que essa prática encorajaria o pecado. Isso me deixou perplexo. Você poderia me ajudar?

Resposta: O problema deles é a falta de compreensão do que, na verdade, aconteceu na cruz. Primeiro, Cristo é absolutamente único. Ele é Deus e homem em uma pessoa, o único que pode morrer pelo pecado dos outros. Além disso, sua morte em nosso lugar não é para ser entendida como uma sugestão de que "uma pessoa inocente seja presa e executada no lugar de um criminoso".

Além disso, Cristo fez mais do que simplesmente morrer em nosso lugar. E se tudo que aconteceu se resumisse a isso, então Barrabás seria a maior testemunha "cristã" de todos os tempos. É uma verdade literal que Cristo morreu no lugar de Barrabás e, por isso, este foi solto. No entanto, Barrabás nada sabia sobre o verdadeiro significado da cruz. Ele não podia entender, até onde sabemos, que Cristo morreu por seus pecados, como também não creu em Cristo como seu Salvador. Tudo que a morte de Cristo realizou para aquele criminoso foi colocá-lo fora da prisão para que continuasse a levar sua velha vida de pecado. Isso não é o evangelho!

O trabalho redentor de Cristo fez mais do que simplesmente pagar por nosso pecado. Quando Cristo morreu, aqueles que confiavam que Ele era seu Salvador, morreram nEle. Os crentes aceitaram a morte de Cristo como se fosse a morte deles mesmos e, nesse ato de fé, desistiram da vida que levavam. Assim, o Cristo ressuscitado pode viver neles. Paulo, em seu testemunho, declara:

> Já estou crucificado com Cristo; e vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou e se entregou a si mesmo por mim (Gl 2.20).

Portanto, os crentes não escapam meramente da morte, mas são trazidos, por meio da morte de Cristo, para a vida da ressurreição, a vida que não é mais deles, mas a vida de Cristo que trazem em si: "Se um morreu por todos, logo, todos morreram [isto é, morreram nEle] [...] para que os que vivem não vivam mais para si, mas para aquele que por eles morreu e ressuscitou [...] Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo" (2 Co 5.14-17; grifo do autor).

> Porque já estais mortos, e a vossa vida está escondida com Cristo em Deus. Quando Cristo, que é a nossa vida, se manifestar, então, também vós vos manifestareis com ele em glória (Cl 3.3,4).

Uma Injustiça, embora Fosse a Justiça Suprema

Sim, em certo sentido foi uma injustiça para Cristo ter morrido em nosso lugar. Nenhuma pessoa comum teria cumprido a exigência de justiça ao cumprir a punição prescrita a outra pessoa. Uma pessoa comum, ao ser presa e executada no lugar de algum criminoso, também não obteria os resultados gloriosos que a morte de Cristo alcançou para nós.

Muitas vezes, esquece-se que a morte que Cristo sofreu na cruz não foi meramente o resultado do que o *homem* fez a Ele, mas, do julgamento eterno que *Ele próprio*, em sua retidão, decretou contra o pecado. Ele tomou nossos pecados sobre si mesmo. Portanto, a derradeira justiça foi consumada porque a penalidade pelo pecado foi integralmente paga, uma penalidade que não poderia ser paga de nenhuma outra maneira.

Além disso, àqueles que crêem em Cristo foi dada a vida eterna, como um dom voluntário da justa graça de Deus. Esse procedimento não seria possível de outra maneira. Em Cristo, vemos a perfeita retidão e o justo perdão pelo pecado, algo que nenhuma das religiões do mundo pode oferecer.

Por que os Evangelhos não se Harmonizam?

Questão: Os cristãos tentam explicar as contradições encontradas nas narrativas dos quatro Evangelhos, dizendo que são resultado de quatro testemunhas distintas, cada uma delas apresentando sua perspectiva do que aconteceu. No entanto, essa explicação não se aplica à variação de palavras atribuídas a Jesus. Ele usou as palavras registradas por Mateus, ou, na verdade, proferiu as palavras escritas por Marcos, ou as que Lucas ou João nos oferecem? As palavras não podem ser mudadas! Se esses escritores realmente foram testemunhas oculares, por que não há concordância em suas lembranças? E se eles foram inspirados pelo mesmo Espírito Santo, por que há contradições?

Resposta: Primeiro, não há *contradições* entre os quatro Evangelhos. Há *variações* nos relatos, mas eles são exatamente o que se espera do relato independente de uma testemunha ocular. Além disso, conforme já observado por nós e outros estudiosos, essas variações provam que os escritores do Evangelho não estavam em conluio nem copiaram os relatos de algum documento trivial, como os críticos os acusam de ter feito. Eles oferecem relatos independentes, exatamente conforme cada um deles declara.

As variações são, na verdade, uma importante evidência da autenticidade da Bíblia. Elas oferecem muitas provas de que os copistas posteriores ou tradutores não alteraram os registros a fim de levianamente fazer com que houvesse concordância entre os relatos.

O fato de que as aparentes contradições tenham sido deixadas no Evangelho é uma confirmação de que esses registros inspirados pelo Espírito Santo, conforme a igreja aceita, não foram por essa razão revistos, mas reverentemente deixados como eles foram escritos. Obviamente, não havia, como insistem os críticos, uma "revelação progressiva" e nenhum "desenvolvimento" no registro.

Por que há exatamente quatro Evangelhos? Se o registro é inspirado por Deus, por que Ele o fez dessa maneira? Por que

não apenas um relato, o que teria economizado espaço e papel, como também tempo de leitura, uma vez que os quatro Evangelhos parecem tão repetitivos? O Espírito Santo, que inspirou esses relatos, tinha boas razões para assim fazer.

Um dos maiores propósitos para haver quatro Evangelhos é o fato que acabamos de assinalar: demonstrar a autenticidade dos registros, o que não teria sido possível de outra maneira. Quatro testemunhas dão um testemunho que uma apenas não poderia dar. Além disso, contar a história de quatro perspectivas distintas oferece uma visão mais ampla da obra de Cristo e de seus ensinamentos do que apenas um relato poderia dar.

Tampouco, os discípulos confiaram em sua memória falível. Se esse fosse o caso, teríamos pouca confiança no registro que fizeram. Obviamente, eles não tinham transcrições manuais, muito menos um gravador para lançar mão. Eles não ousariam pretender dar-nos as verdadeiras palavras de Jesus a menos que tivessem o apoio da inspiração do Espírito Santo. Portanto, por que há variação naquelas palavras uma vez que seus relatos provêm do mesmo registro correto sob a inspiração de Deus?

Há muitas possibilidades razoáveis para isso. Jesus, seguramente, ministrou ensinamentos similares sobre certos assuntos, algumas vezes, em lugares distintos para pessoas diferentes. Nesse caso, o palavreado não poderia e não era exatamente o mesmo. Jesus, conhecendo o coração de seus ouvintes, sem dúvida, introduzia, em uma localidade, algumas variações específicas e, em outra localidade, outras variações distintas.

De qualquer modo, há ocasiões em que uma explanação pode não se ajustar. Algumas vezes, quando o mesmo ensinamento é dado em um Evangelho distinto, fica claro que cada um dos evangelistas descreve o mesmo local e ocasião; ainda assim, há diferenças no registro da forma nos diferentes Evangelhos. Como isso é possível?

Aqui, como exemplo, citarei uma daquelas ocasiões que nos são dadas pelos três primeiros Evangelhos. João, que fornece incidentes e ensinamentos, que não encontramos nos outros Evangelhos, não menciona essa ocasião específica. Os outros três Evangelhos registram o mesmo ensinamento e no mesmo local — na

presença de publicanos, na casa de Mateus (também chamado de Levi), a quem Jesus acabara de chamar para ser seu discípulo. Os fariseus criticaram Jesus pelo fato de seus discípulos fazerem refeições com pecadores, e Jesus replicou:

> Não necessitam de médico os sãos, mas sim, os doentes. Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício. Porque eu não vim para chamar os justos, mas os pecadores, ao arrependimento (Mt 9.12,13).
>
> Os sãos não necessitam de médico, mas sim os que estão doentes; eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores (Mc 2.17).
>
> Não necessitam de médico os que estão sãos, mas sim os que estão enfermos. Eu não vim chamar os justos, mas sim os pecadores, ao arrependimento (Lc 5.31,32).

Uma Explicação Razoável

Embora essas três declarações dadas por Cristo variem levemente no uso das palavras, todas elas têm o mesmo significado. Apenas Mateus acrescenta alguma coisa: "Ide, porém, e aprendei o que significa: Misericórdia quero e não sacrifício..." Por que os outros não relatam isso? Por que eles deveriam assim fazer? Uma vez não é suficiente? É irônico que, por um lado, os céticos critiquem os Evangelhos por repetir os mesmos incidentes e ensinamentos, e, por outro lado, quando há alguma variação legítima eles protestam!

O relato de Mateus diz que Cristo fez um comentário contundente em benefício dos fariseus. Em Oséias 6.6, Ele se refere aos mesmos com uma reprovação em razão da falta de misericórdia deles. E os fez saber que precisavam se arrepender e que o perdão do pecado apenas seria dado da mesma maneira que a cura física — pela misericórdia de Deus.

Temos três relatos em perfeita consonância. A única diferença é que dois dos três relatos não nos dizem *tudo* que Jesus disse. Na verdade, talvez nenhum deles o faça. Não sabemos realmente se isso ocorreu. Não há contradição nos três relatos, como também não há nada que indique conluio ou adulteração nos relatos

ou que contradiga a inspiração do Espírito Santo. Pode-se chegar à mesma conclusão por meio do exame completo de todos os Evangelhos. Uma investigação pessoal pode constatar essa verdade para todas as outras aparentes inconsistências.

E sobre Salomão, aquele Velho Pecador e Idólatra?

Questão: Contaram-nos que "quando Salomão estava velho", idolatrava falsos deuses e deusas, tentou matar Jeroboão (que Deus escolhera como seu sucessor), além de praticar outras maldades. Portanto, como Deus poderia tê-lo inspirado para escrever partes da Bíblia; e como poderia ser o "mais sábio homem que já vivera"; e como poderia afirmar ser ele que "dormira com seus pais". O que presumivelmente garante que ele foi para o céu?

Resposta: Salomão começou bem. Seu coração era reto com Deus, e Deus o amou e abençoou abundantemente (1 Rs 3.11-13). Deus o inspirou para escrever (Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão), mas isso ocorreu antes de ele cair em pecado. Sua ruína, que ocorreu mais tarde em sua vida, foi seu amor por mulheres bonitas. Ele nunca estava satisfeito:

> E o rei Salomão amou muitas mulheres estranhas [estrangeiras], e isso além da filha de Faraó, moabitas, amonitas, edomitas, sidônias e hetéias, das nações de que o Senhor tinha dito aos filhos de Israel. Não entrareis a elas, e elas não entrarão a vós; de outra maneira, perverterão o vosso coração para seguirdes os seus deuses. A estas se uniu Salomão com amor. [...]
>
> Porque sucedeu que, no tempo da velhice de Salomão, suas mulheres lhe perverteram o coração para seguir outros deuses; [...] Porque Salomão andou em seguimento de Astarote, deusa dos sidônios, e em seguimento de Milcom, a abominação dos amonitas. [...] Então, edificou Salomão um alto a Quemos, a abominação dos moabitas, [...] e a Moloque, a abominação dos filhos de Amom.
>
> E assim fez para com todas as suas mulheres estrangeiras, as quais queimavam incenso e sacrificavam a seus deuses. Pelo que o Senhor se indignou contra Salomão, [...]. Pelo que disse o

> Senhor a Salomão: [...] certamente, rasgarei de ti este reino e o darei a teu servo (1 Rs 11.1-11).

Como ele poderia ter sido o mais sábio homem (à parte de Jesus Cristo) que já viveu e cair em tal insensatez e grave pecado? Na verdade, por essa mesma razão, Salomão serve como um exemplo especial para todos nós: um homem sábio, mais sábio que qualquer outro poderia sequer pretender ser, pôde desviar-se para tão longe do Deus que ele amara. Torna-se necessário que escutemos com bastante atenção a admoestação de Paulo: "Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia" (1 Co 10.12).

A razão para o pecado de Salomão também é séria: ele desobedeceu ao Senhor. Precisamos ser sérios para perceber que um passo na direção da desobediência leva a outro, até que acumulamos tal monumento em caminho descendente que há pouca esperança de recuperação!

O fato de que a Bíblia apresenta honestamente os pecados de Salomão e de outras importantes pessoas é mais uma evidência de sua autenticidade. Um relato fictício tentaria glorificar os personagens mais importantes e encobrir suas falhas. Naquela época, essa era a natureza dos relatos escritos sobre os faraós e outros soberanos e administradores. Eles eram tratados como divindades. Além disso, a menção dos pecados de Salomão, Davi e outros provoca questionamentos e cria conflitos, algo que um relato fictício evitaria. Aqui temos mais uma evidência da autenticidade e da impecável integridade do registro.

Quanto à afirmação "e adormeceu Salomão com seus pais" (1 Rs 11.43), ela não faz referência ao fato de que estivesse no céu. Refere-se ao fato de ele estar no sepulcro com seus ancestrais. Por exemplo, quando Jacó estava para morrer, ele disse a seus filhos: "Depois, ordenou-lhes e disse-lhes: Eu me congrego ao meu povo; sepultai-me com meus pais, na cova que está no campo de Efrom, o heteu, na cova que está no campo de Macpela, [...] Ali, sepultaram Abraão e Sara, sua mulher; ali, sepultaram Isaque e Rebeca, sua mulher; e, ali, eu sepultei Leia" (Gn 49.29-31).

Salomão está no céu ou no inferno? Eu penso que ele está no céu, mas, sem sombra de dúvida, não posso afirmar isso. Salomão não é mencionado em Hebreus 11, em companhia de Davi, seu

pai, e de outros heróis da fé. Todavia, aquele capítulo honra aqueles que particularmente triunfaram em fé, portanto, não é de surpreender que Salomão não seja citado ao lado deles.

Somos todos Pecadores que Precisamos da Misericórdia de Deus

Seria estranho, na verdade, se Salomão — que escreveu partes da Bíblia sob inspiração do Espírito Santo e construiu o Templo original em Jerusalém, em que a glória de Deus se manifestou por tantos anos — fosse para o inferno, em vez de ir para o céu. Deus disciplinou Salomão nesta vida mais da forma como faz com seus seguidores do que da forma que trata com os incrédulos.

O pecado de Salomão era injustificável e excessivamente grave. Na verdade, pela lei, esse pecado merecia pena de morte. No entanto, seu pai, Davi, também pecou, e, ainda assim, Deus o perdoou. E, da mesma maneira, o adultério da mulher que os fariseus trouxeram até Jesus merecia a pena de morte. E, ainda assim, em sua misericórdia, Ele a perdoou também. Não há dúvida de que a misericórdia de Deus, que se tornou possível por meio do sacrifício de Jesus na cruz pelos pecados do mundo, também foi estendida a Salomão.

Ouçamos novamente e prestemos atenção às palavras de Jesus aos fariseus, que não queriam nenhuma misericórdia para a mulher adúltera: "Aquele que dentre vós, está sem pecado seja o primeiro que atire pedra contra ela" (Jo 8.7). João nos diz: "Quando ouviram isso, saíram um a um, a começar pelos mais velhos até aos últimos; ficaram só Jesus e a mulher..." (Jo 8.9)

Cada pessoa que precisasse por si própria receber o misericordioso perdão de Deus não ousaria impedir o perdão para Salomão ou qualquer outra pessoa. O destino de cada um de nós está nas mãos de Deus apenas. Descansamos na segurança de que "[...] não faria justiça [de fato] o Juiz de toda a terra?" (Gn 18.25)

Não É Absurda a Importância que Deus Dá ao Homem?

Questão: Em comparação ao quase infinito tamanho do universo que nos rodeia, este planeta, que o homem chama de lar,

não passa de uma partícula de sujeira. Em vista desse fato, parece o maior absurdo e presunção (mais apropriado do que a humildade que os cristãos deveriam personificar) que tão insignificantes micróbios alardeiem que Deus os ama e até veio a esta terra para tornar-se um deles e morrer por seus pecados! Esse cenário irracional não lhe parece o auge do absurdo?

Resposta: Ao contrário, o amor de Deus não seria genuíno se Ele só o desse para nós se fossemos tão importantes para merecê-lo. Na verdade, o amor não pode ser dado por mérito. A verdadeira natureza do amor é dar-se mesmo ao indigno. Hoje isso é difícil para a pessoa mediana compreender, por causa da aceitação popular da enganosa idéia *hollywoodiana* de amor. Uma pessoa "se apaixona", mas, com a mesma facilidade, "deixa de amar" e, a seguir, essa pessoa "está amando" uma outra pessoa. Esse não é o amor apresentado pela Bíblia.

Se o amor de Deus por mim dependesse de predicados como quão amável, atraente ou merecedor de seu amor Ele acha que sou, na verdade, sentir-me-ia inseguro de seu amor. Como estou longe de ser perfeito e sou sujeito a mudanças, ficaria receoso de que qualquer mudança minha poderia fazer com que Deus não me amasse mais. No entanto, como meu relacionamento com Ele está fundamentado em seu amor, em sua fidelidade e em sua imutabilidade, e não em meu amor ou meu apelo para Ele, fico em paz. Tenho total segurança de que seu amor por mim jamais definhará, como também me sinto seguro em meu relacionamento com Ele por toda a eternidade.

Além disso, nossa débil insignificância em relação à vastidão do universo apenas torna toda misericórdia e graça de Deus mais merecedora de nosso louvor e gratidão e, portanto, mais magnífica. O mais indigno de ser amado é envolvido em seu amor como se fosse o favorito e imaculado.

Do começo ao fim da vastidão do universo vemos a atenção de Deus ao menor detalhe, quer seja no desenho de um floco de neve quer seja no interior do átomo. Apesar de Ele ter poder, conhecimento e sabedoria infinitos, nada é muito pequeno para ter importância para Deus. Está longe de ser ridículo ou presunção

do cristão acreditar que Deus o ama e enviou seu Filho para morrer por ele. Ao contrário, esse fato reverbera a verdade do caráter de Deus como esperamos que Ele seja, como a Bíblia o descreve e como o universo o reflete.

Deus Aceitou o Sacrifício da Filha de Jefté?

Questão: A Bíblia registra alguns dos mais horríveis atos que já foram cometidos pelos homens. Há, por exemplo, o voto de Jefté de sacrificar sua filha ao Senhor, um voto que ele cumpriu. Como podemos conciliar um "Deus de amor" com a aceitação do sacrifício de um ser humano?

Resposta: Essa trágica história é contada em Juízes 11.30-40. Mais uma vez, com certeza, vemos a honestidade da Bíblia em apresentar não apenas o pecado, mas também a insensatez das pessoas importantes em seus relatos. Entretanto, não deve ser esquecido o fato de que a Bíblia nunca fecha os olhos aos pecados, sempre fielmente registrados. Deus não ficou mais satisfeito com o temerário voto e a ação de Jefté do que com a idolatria de Salomão ou o adultério de Davi com Bate-Seba.

O voto em si mesmo não apenas é temerário, mas também insano. Ele ofereceu sacrificar ao Senhor o holocausto de quem quer que saísse primeiro pela porta de sua casa quando retornasse vitorioso de uma batalha. Ele não imaginou que sua filha, a menina de seus olhos, sua única filha, poderia ser a primeira a sair pela porta? Certamente que não. Ainda assim, como pôde negligenciar essa possibilidade? Ele esperava que uma ovelha, ou uma galinha, ou seu cachorro favorito fosse o primeiro a sair para saudá-lo?

Qualquer que tenha sido seu pensamento tortuoso e confuso, o voto foi feito por Jefté, não por Deus, e este último não pode ser blasfemado por isso. Além disso, não fica claro que Jefté matou sua filha e a ofereceu em holocausto como sacrifício para Deus. Por que, portanto, por dois meses, ela andou de lá para cá, lamentando sua virgindade? Isso significaria que seu pai consagrou-a ao serviço do Senhor como virgem? Não podemos ter certeza.

A Bíblia diz que após esse período de lamentação, Jefté "cumpriu nela o seu voto que tinha feito" (v. 39). Se, de fato, ele a ofereceu como um sacrifício humano, tal oferenda seria uma abominação para Deus e não seria aceita. Na verdade, isso traria a ira de Deus contra ele.

O voto de Jefté, bem como sua ação, não foram inspirados por Deus, não estavam de acordo com os desejos do Senhor, e certamente Deus não pode ser blasfemado por isso. Ainda assim, a Bíblia faz o registro sincero dessas ações insensatas e pecaminosas. Esse fato, em vez de refletir de maneira negativa sobre a Bíblia é, na verdade, mais uma evidência de sua autenticidade e honestidade.

Quem realmente Matou Golias?

Questão: Em 1 Samuel 17 afirma que Davi matou Golias, porém 2 Samuel 21.19, que Elanã matou Golias (se eliminarmos o itálico, que não estava no texto original). Esse versículo fala que Elanã matou *o irmão de Golias*, portanto, as palavras em itálico foram, obviamente, acrescidas posteriormente para permitir a contradição. Isso me preocupa. Li a declaração de um bispo que disse que a inserção *do irmão de*, em itálico, era uma ocultação desonesta que provava que a Bíblia foi adulterada não apenas nessa passagem, mas em qualquer outra parte também. Como você responde a essa acusação?

Resposta: Primeiro, podemos rapidamente descartar a acusação de adulteração desonesta da Bíblia. Alguém que estivesse tentando mudar o sentido da passagem poria sua emenda em *itálico*? Isso seria o mesmo que um falsificador escrever transversalmente em cada face de suas cédulas falsas: "Isso é uma falsificação". Na verdade, o itálico foi acrescido pelos tradutores para esclarecer o que estava implícito, mas não fora expresso.

Com freqüência, parece que uma ou mais palavras foram deixadas de fora em virtude da falta da palavra equivalente exata entre as línguas. Nesse caso, de qualquer maneira, era necessário ao tradutor acrescentar "o irmão de" por uma série de ra-

zões. Primeiro, porque essa era a única coisa que fazia sentido. Obviamente, esse de quem se fala não era Golias. Imaginar que o manuscrito original dizia que era Golias equivale a acusar o escritor de 1 e 2 Samuel de ter uma memória incrivelmente ruim. Depois de tudo, o escritor, sob a inspiração do Espírito Santo, já havia registrado, uns trinta e quatro capítulos anteriores, que Davi matou Golias, quarenta e cinco anos antes desse incidente específico. Nesse ponto, só podemos dizer aos céticos: "Acho que vocês foram longe demais!"

O indivíduo fica extremamente tentado a perder a paciência com os críticos que, por pelo menos duzentos anos, apresentam essa suposta contradição na Bíblia. Como eles podem pesquisar tão diligentemente cada página da Bíblia para trazer à baila essas numerosas aparentes discrepâncias e, ao mesmo tempo, negligenciar o fato de que 1 Crônicas 20.5 registra o mesmo incidente e afirma, *sem itálico*, que o gigante ferido por Elanã era "irmão de Golias"? Além disso, nessa passagem é dado o nome do gigante. Seu nome não era Golias, mas Lami.

Que Lami seja irmão de Golias é algo menos interessante do que o fato de que, nessa passagem, aprendemos que ele era apenas um dos quatro irmãos de Golias. Portanto, à época em que Davi matou Golias, havia *cinco* desses espantosos filisteus vivendo em Gate! Compreendemos, assim, por que Davi, quando foi executar Golias, procurou cuidadosamente, no riacho, por exatamente *cinco* pedras polidas para sua funda (1 Sm 17.40)! Esse fato também nos dá uma compreensão mais clara da incrível precisão que Davi consegue com sua funda — ele só precisava de uma pedra para cada gigante.

Cristo Montava um Jumento, um Potro ou ambos?

Questão: Na suposta profecia em Zacarias 9.9 e em sua alegada realização em Mateus 21.2-7 ambos dizem que Jesus entrou em Jerusalém "montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta". Os relatos registrados em Marcos 11 e Lucas 19 mencionam um potro, portanto, há uma óbvia contradição. Além disso, é claramente absurdo pensar que Jesus pu-

desse montar um potro e sua mãe ao mesmo tempo. Como você pode tornar isso compreensível?

Resposta: Mateus simplesmente cita Zacarias 9.9. Essa afirmação pode ser facilmente explicada como uma ênfase poética comumente usada à época do Antigo Testamento. O Messias estava sentado sobre um animal. É um jumento. Mais do que isso, é um potro, a cria de uma jumenta, significando que era muito novo. A expressão "montado sobre um jumento, sobre um asninho, filho de jumenta", descrevia o animal sobre o qual o Messias estava sentado, o que fica claro com a substituição, feita por Marcos (11.2) e Lucas (19.30), daquela frase, respectivamente, por: "sobre o qual ainda não montou homem algum", e: "um jumentinho em que nenhum homem ainda montou". É muito improvável que nenhum homem ainda não tivesse sentado sobre o jumento. Portanto a afirmação era apenas verdadeira no que se referia ao jumentinho, cria da jumenta.

Marcos e Lucas focam a atenção no animal sobre o qual Cristo estava sentado. Nenhum dos dois faz citação de Zacarias, em que tanto o jumentinho quanto sua mãe são citados, portanto, não há necessidade de citar a jumenta. Mateus, que cita Zacarias, também menciona a jumenta. Mateus explica que a jumenta e sua cria estavam amarradas juntas e as duas foram soltas. Fica claro que a jumenta acompanhou sua cria, pois esta era muito nova, e, aparentemente, elas andavam lado a lado, pois os panos estavam colocados sobre ambas. Você conseguiria imaginar Cristo, com um braço descansando sobre a jumenta, enquanto ele cavalga sua cria.

Longe de ser absurda, a cena mostra duas coisas. Primeiro, ela revela o controle que o Senhor tinha sobre a natureza e todos os seres criados. Um potro, tão pequeno, que nunca fora montado e que ainda necessita ser acompanhado por sua mãe, submeter-se a carregar Cristo, enquanto sua mãe segue obedientemente de perto. Segundo, isso enfatiza a brandura com que Ele cavalga, exatamente como Zacarias diz: "Pobre, e montado sobre [...] filho de jumenta". Esse não é um rei conquistador que destruiu os inimigos de Israel e cavalga triunfalmente para Jerusalém liderando uma armada, mas que cavalga um *jumentinho* que mal con-

segue suportar seu peso. Esse é o Salvador que veio morrer pelos pecados do mundo: "Eis que teu rei virá a ti, justo e Salvador..." (Zc 9.9)

Conforme relata o profeta, apesar de sua humilde entrada na cidade, aquela multidão aclamou-o como Messias, o que foi mais notável. É claro, que a mesma multidão que o aclamou tão entusiasticamente nessa ocasião, virou-se contra Ele e pediu sua crucificação apenas quatro dias após esse acontecimento. Esse fato não é menos notável, pois é o cumprimento de uma profecia. Falaremos mais a respeito disso posteriormente.

Os Liberais Procuram Culpar o Próprio Jesus

Questão: Em minha opinião, o mais censurável sobre o cristianismo é a insistência de que sua fórmula específica para encontrar Deus seja o único caminho possível. Esse ponto de vista tão estreito é ultrajante para milhares de crentes e seguidores de outras religiões. Em vista dessa intolerância dos cristãos, que esperança podemos ter de que haja paz entre os líderes políticos e militares?

Resposta: Os cristãos insistem que Jesus Cristo é o único caminho não graças a alguma fórmula que inventaram. Cristo mesmo afirmou: "Se não crerdes que eu sou [Deus, o único Salvador], morrereis em vossos pecados [...] Para onde eu vou [céu] não podeis vós ir. [...] Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 8.24,21; 14.6). Portanto, seu confronto não é com os cristãos, mas com o próprio Jesus Cristo.

A sugestão de que Jesus não fez *realmente* nenhuma dessas declarações não trará nenhum benefício, pois temos o testemunho de testemunhas oculares. Além disso, o que Jesus disse concorda com declarações feitas, ao longo dos séculos, por profetas hebreus que testemunharam uníssonos (embora muitos deles não se conhecessem nem jamais se encontraram) que apenas Deus é o Salvador da humanidade e que, de fato, veio a terra, por meio de nascimento virginal, a fim de pagar a pena que sua justiça impunha para o perdão dos pecados da humanidade. E que a Bíblia é o

documento mais completo existente, com manuscritos centenas (e em alguns casos, milhares) de vezes mais confiáveis do que qualquer outra literatura da antiguidade.

Lunático, Mentiroso, ou Deus Veio como Homem?

Não há dúvida sobre o que Jesus disse. Portanto a questão de que ninguém pode escapar é saber se Ele estava ou não dizendo a verdade. Se Ele não estava dizendo a verdade, há apenas duas outras opções: Ele era um ególatra sincero, tão insano que realmente *pensava* que era Deus em carne e osso e o único Salvador dos pecadores; ou Ele era um impostor deliberado que *sabia* que era uma fraude, mas persistiu em seu disfarce maquiavélico, e era tão esperto que enganou bilhões de pessoas ao longo de vinte séculos. Na verdade, nenhuma dessas duas alternativas faz sentido. Ele só podia estar dizendo a verdade.

O problema com muitos críticos é que, longe de examinar com cuidado as declarações de Cristo e de honestamente rejeitá-las, eles têm preconceitos profundamente enraizados (mas totalmente irracionais) contra os absolutos morais que não permitem que eles considerem com seriedade as declarações de Cristo. Eles rejeitam a real possibilidade de que há somente um caminho para a salvação. Não querem admitir que Deus tem padrões morais e espirituais, nem mesmo que o universo físico não funcionaria sem uma direção precisa. (A lei da gravidade, por exemplo, é muito restrita e sem exceções. Ela opera quer acreditemos nela quer não. E isso também ocorre com as leis da química e da física.)

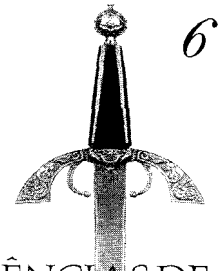
O caminho para o céu também não poderia ser mais bem definido. E, desde que o preço foi pago e é oferecido livremente pela graça de Deus a quem quer que a receba, não há fundamentos para queixas daqueles que rejeitam isso. Além do mais, os cristãos, os seguidores de Cristo, estão obrigados, pela submissão, e pelo amor, e pela inquietação para com os perdidos, a permanecer verdadeiramente em Cristo e a buscar persuadir o perdido de que Ele é o único Salvador para os pecadores.

As marcas essenciais da diferença entre a verdadeira narrativa de um fato e os trabalhos de ficção são evidentes e inconfundíveis... os atributos inerentes à verdade são visíveis e chamam a atenção do começo ao fim nas histórias do evangelho (no Novo Testamento)...

—Simon Greenleaf,
Harvard Law School

Imagine tentar juntar... a tremenda história do Homem do Calvário se fosse ficção — em vez de uma história totalmente voltada para a realidade — e... que estivesse, definitivamente, ligada a finais felizes; e imagine a futilidade desse esforço para remover essa vida elevada e essa morte cataclísmica (e a triunfante ressurreição) dessa cadeia de eventos que sustentam a história e a situação atual do cristianismo e do mundo!

—Irwin H. Linton
Em *A Lawyer Examines the Bible* ("Um Advogado Examina a Bíblia")



6

EVIDÊNCIAS DE AUTENTICIDADE E INSPIRAÇÃO

Paulo Era Ignorante ou Sarcástico?

Questão: Em Atos 23 Lucas conta-nos que Paulo compareceu ante o conselho de líderes rabis. Paulo chamou o sumo sacerdote de "parede branqueada". Quando foi repreendido por isso, se desculpou, dizendo que não havia percebido que Ananias era o sumo sacerdote. Essa leitura equivale a uma obra de ficção mal escrita. Paulo, supostamente, era um ex-rabi. O sumo sacerdote devia estar vestindo seu manto e comandando o procedimento. Portanto, Paulo teria que ser muito estúpido para não saber quem era o sumo sacerdote, não é mesmo? Você acredita que isso é uma alegoria? E se for, em quantas passagens Lucas as utilizou?

Resposta: Mais uma vez essa aparente falha no relato bíblico é, na verdade, outra prova convincente de sua autenticidade. A passagem em questão encontra-se em Atos 23.1-5. Paulo, que é prisioneiro e foi autorizado pelos juristas romanos a confrontar seus acusadores, abre sua defesa ao declarar ao sumo sacerdote: "Varões irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência".

Ananias, que como sumo sacerdote presidia a sessão, manda bater na boca de Paulo, provavelmente por que ele não acredita que ninguém possa viver sempre com "toda a boa consciência". Paulo, que conhece as leis judaicas e estava longe de poder ser intimidado, replica imediatamente: "Deus te ferirá, parede branqueada! Tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei e, contra a lei, me mandas ferir?"

Algumas pessoas que estão ao redor de Paulo exclamam chocadas: "Injurias o sumo sacerdote de Deus?"

Paulo então replica: "Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote; porque está escrito: Não dirás mal do príncipe do povo".

Essa é a mais intrigante mudança de atitude. Sim, alguém pode se surpreender com isso, mas Lucas simplesmente apresenta os fatos sem explicações.

Percepções de Josefo

Ao ler Josefo, tudo isso se torna mais claro e, até mesmo, mais fascinante. Ele nos conta que Ananias, na verdade, *era* o sumo sacerdote, mas fora deposto. A seguir, seu substituto foi morto e ninguém havia sido indicado para seu lugar. Ananias, nesse meio tempo, entrou e, ilegalmente, usurpou o lugar do sumo sacerdote.

Ao ter conhecimento desses acontecimentos anteriores, o negócio se complica. Sob essas circunstâncias é mais do que provável que Ananias não podia vestir o manto de sumo sacerdote, portanto Paulo está desculpado por não o reconhecer. Além disso, é totalmente possível que Paulo, que esteve ausente de Jerusalém por algum tempo, não soubesse que Ananias estava na época atuando como sumo sacerdote.

No entanto, sabendo o quanto Paulo era astuto, é bem provável que após alguns dias em Jerusalém depois de sua ausência, ele soubesse quem estava desempenhando o ofício de sumo sacerdote. Paulo, portanto, assim falou por conhecer a situação, e não por ignorância. É mais lógico e mais de acordo com seu caráter, que esse homem, que "tem alvoroçado o mundo" (At 17.6), estivesse usando de agudo sarcasmo para apontar o desconfortável fato de que Ananias *não* era o legítimo sumo sacerdote, mas um

usurpador e, portanto, não tinha autoridade para comandar o julgamento dele.

Em qualquer um dos casos, é óbvio que, para qualquer pessoa honesta, esse relato não foi escrito décadas, muito menos séculos, mais tarde, como os críticos insistem que aconteceu. Ele só podia ser escrito por uma testemunha ocular que estava relatando com exatidão o processo e o que Paulo disse. Além disso, longe de desacreditar o testemunho de Lucas, esse incidente específico foi consentido pelo Espírito Santo e registrado como mais uma prova única e interessante da autenticidade do registro do Novo Testamento.

Respostas à Mentira Favorita dos Críticos

Questão: Se a Bíblia é verdadeira como se afirma, o cristianismo foi fundado por Cristo, não deveria haver, pelo menos, alguma confirmação nos escritos não-cristãos daquela época? Na verdade, não há nada sobre isso. Como você julga isso? Como o cristianismo, conforme o Novo Testamento afirma, causou tremendo impacto e pôde ser completamente ignorado por todos os escritos de toda aquela época?

Resposta: Ao contrário, a sobrevivência de escritos não-cristãos daquele período, inclusive de alguns inimigos declarados do cristianismo, é corroboração contundente para o Novo Testamento. Essas falsas acusações de que não há evidência do cristianismo nos escritos daquela época, a não ser no Novo Testamento, é repetida de modo ditatorial por ateístas, que se gabam de que esse ataque nem mesmo foi respondido. Na verdade, isso tem sido respondido por milhares de escritores cristãos há, pelo menos, centenas de anos.

Só para apresentar evidências que refutam essa alegação irresponsável, citarei Mark Hopkins, um dos mais brilhantes educadores e pensadores do século passado, que escreveu muitos livros. O presidente James A. Garfield declarou que sua idéia de uma universidade era "uma tora com um estudante em uma das pontas, e Mark Hopkins, na outra".[1] Hopkins não foi apenas um

educador notável, mas um enérgico e vigoroso apologista da fé cristã. Hopkins, nas trezentos e setenta e uma páginas de seu livro *Evidences* ("Evidências") escreve:

> *O Talmude* [compilação oral das tradições rabínicas datadas de cerca de 200 d.C.]... menciona Cristo e vários de seus discípulos, citando-os pelo nome... sua crucificação..., como também que Ele realizou muitos e grandes milagres, mas imputa seu poder às... artes mágicas que Ele (supostamente) aprendeu no Egito...
>
> [Flávio] Josefo (historiador judeu, c. 37-10 d.C.) viveu na época em que muitos desses eventos... aconteceram e estava presente na destruição de Jerusalém... [e] ele confirma a exatidão dos livros (relatos do Novo Testamento). Tudo que foi escrito a respeito da seita judaica, de Herodes e Pilatos, e a divisão das províncias, e Félix, e Drusila, e Berenice está em concordância com nossos relatos, algo que deveríamos esperar de historiadores independentes.
>
> O relato feito por Josefo, a respeito da (estranha) morte de Herodes, é surpreendentemente similar ao que Lucas relata (At 12.21-23)... Josefo confirma tudo que é dito (no Novo Testamento)... sobre os fariseus, saduceus e herodianos... (e muito do que foi escrito sobre Cristo).
>
> [Cornélio] Tácito (historiador romano, c. 55-117 d.C., que governou a Ásia como procônsul 112-113) conta-nos que Pôncio Pilatos... abaixo de Tibério, condenou Cristo, como malfeitor, à morte; que as pessoas eram chamadas de cristãs por causa do seu nome; que essa superstição surgiu na Judéia e difundiu-se para Roma, onde... apenas trinta anos após a morte de Cristo, o número de cristãos já era bastante grande..., [e] os cristãos eram objeto de desprezo e das mais terríveis agonias... alguns eram crucificados; enquanto outros eram emplastrados com material inflamável e eram acesos para iluminar a noite e, portanto, eram queimados até morrer. Esse relato foi confirmado por Suetônio, Marcial e Juvenal...
>
> Plínio (o mais jovem) era pretor de Ponto e Bitínia (112 d.C.)... Muitos (cristãos) foram trazidos a sua presença por causa da fé em Cristo. Se eles permaneciam firmes, recusando-se a oferecer incenso aos ídolos, os condenava à morte por sua "obstinação inflexível". (Alguns, para escapar da morte) diziam que haviam sido cristãos, mas que abandonaram aquela religião... alguns, até

> vinte anos antes,... mas diziam que eles tinham o costume de se encontrar em um lugar determinado antes de clarear o dia e cantar entre eles... hinos para Cristo, que é Deus, e para ligar-se, por meio de juramento, a fim de não cometer maldade, nem ser culpados de roubo ou furto, ou adultério e de nunca falsificar suas palavras... [e] fazer juntos a refeição que comiam em conjunto...
>
> Quão forte devem ter sido essas evidências do cristianismo primitivo que induziam pessoas de bom senso, de todas as posições sociais, a abandonar a religião de seus ancestrais e, assim, defrontando-se com o poder imperial, persistir em sua fidelidade a alguém que teve a mesma morte que os escravos!
>
> Podemos também nos referir a Celso, e Luciano, e Epicteto, e o imperador Marco Antônio, e Porfírio — que lançou luz em toda a história do cristianismo primitivo, e todos confirmam, até onde esses relatos abrangem, os relatos [no Novo Testamento]... mesmo em relação às moedas, medalhas e inscrições.

Ficamos um pouco cansados da propaganda, ensinada nas universidades e mesmo em muitos seminários, que é divulgada em livros e na mídia por "conhecedores" que declaram falsidades contra a Bíblia com ar de autoridade incontestável. Infelizmente, a pessoa despreparada nunca separa o tempo necessário para verificar a exatidão das afirmações detrativas e, ingenuamente, repete essas falsidades. Apenas a pequena quantidade de dados fornecidos na citação acima é suficiente para mostrar que Cristo e o cristianismo foram, na verdade, mencionados e que os registros do Novo Testamento são endossados por escritores seculares da mesma época que ele ou de um período bem menor depois disso.

Verificações Abundantes e Intrigantes

Além disso, alguns desses escritores, apoiados por descobertas arqueológicas, fornecem evidências adicionais das mais interessantes origens que dão autenticidade ao Novo Testamento. Mais uma vez, há mais de cem anos essas evidências já eram bem conhecidas e Mark Hopkins apresentou muitas delas em seu livro *Evidences* ("Evidências"). Eis aqui um breve extrato disso:

> Lucas deu a Sérgio Paulo um título que pertence apenas a um homem com a autoridade de procônsul (*anthupatos* — At 13.7,8, 12), e houve dúvida se o governador de Chipre tinha tal autoridade. De qualquer modo, foi encontrada uma moeda cunhada no reinado de Cláudio César (o mesmo soberano que Paulo visitou em Chipre) e sob o reinado de Proclo, que sucedeu a Sérgio Paulo, ao qual foi dado o mesmo título usado por Lucas.
>
> Lucas fala de Filipos como uma colônia (*kolonia* — At 16.12), e a palavra significa colônia romana. Isso não foi mencionado por nenhum outro historiador e, por isso, a autoridade de Lucas foi questionada. Mas uma medalha descoberta mostrava que essa distinção foi conferida, por Julio César, à cidade...
>
> Também foram encontradas nas catacumbas de Roma inscrições que mostram, de maneira comovente, em oposição às insinuações de Gibbon e outros escritores posteriores, a crueldade das perseguições e a quantidade dos que sofreram martírio no cristianismo primitivo. Muitas evidências desse tipo podem ser acrescentadas.[2]

O espaço limitado de que dispomos não nos permite apresentar a grande quantidade de evidências adicionais que poderiam ser citadas. A verdade é que há muito mais comprovações da autenticidade e da exatidão da Bíblia, que podem ser encontradas em fontes seculares primitivas, do que precisamos. E, além disso, para apoiar os relatos bíblicos, os escritores seculares da época nos fornecem visões suplementares intrigantes que provam a impossibilidade do Novo Testamento ter sido fabricado anos depois dos eventos.

Não há como um falsificador pôr junto uma imitação do registro que, supostamente, foi escrito por testemunhas oculares dos eventos que ocorreram em séculos anteriores, pois não teria o conhecimento dos detalhes dessas informações, os quais seriam necessários para comprovar a autenticidade delas. Faz muito mais sentido acreditar que Lucas foi, de fato, uma testemunha ocular que, à época, viajava com Paulo, em vez de imaginar que alguns falsificadores séculos depois, apenas por mero acaso, usaram as palavras exatas para citar apropriadamente uma designação incomum empregada para Sérgio Paulo e para a cidade de Filipos.

Um Testemunho Bom demais para Ser Verdade?

Questão: O livro *Antiguidades Judaicas*, de Flávio Josefo, é com freqüência citado pelos cristãos como prova de que Jesus Cristo, conforme o Novo Testamento declara, realmente viveu, fez milagres, foi crucificado e ressuscitou dentre os mortos. No entanto, contaram-me que todos os verdadeiros estudiosos concordam que a seção no livro de Josefo que se refere a Cristo é uma adulteração que foi introduzida depois, provavelmente por Eusébio, que foi o primeiro escritor a citar esses fatos. Essa passagem não é encontrada em nenhum dos manuscritos mais antigos. O fato de que essa adulteração fosse necessária indica que o material que dá sustentação legítima aos registros não existe. Esse não é quase que um golpe fatal para a apologética cristã?

Resposta: Já mostramos que há mais do que suficientes evidências corroborantes de vários tipos, incluindo outros escritores da época, não havendo, portanto, necessidade de adulterações. Os críticos adoram dizer que "todos os verdadeiros estudiosos concordam" com isso ou com aquilo quando, na verdade, pretendem se referir a certos estudiosos tendenciosos. O fato é que essa passagem a que você se refere foi encontrada em cópias antigas do trabalho de Josefo. Elas foram aceitas pela maioria dos estudiosos e são citadas como autênticas, não só por Eusébio, mas também por outros escritores antigos. Apenas isso já seria suficiente para comprovar que essa passagem não foi acrescida posteriormente, como os críticos querem acreditar e têm tentado sem sucesso, demonstrar.

Aqueles que contestam essa seção no livro de Josefo não o fazem baseados em nenhuma evidência, mas porque o que ele diz é muito favorável à causa de Jesus Cristo. Eis aqui a referida passagem:

> Agora foi por essa época que Jesus, um homem sábio, se for legítimo chamá-lo de um homem; ele era um executor de obras maravilhosas, um mestre de quem os homens recebiam, com prazer, a verdade. Ele conquistou muitos dos judeus e muitos dos gentios. Ele era o Cristo.

> E quanto a Pilatos, conforme a sugestão dos principais homens entre nós, o condenou à cruz, e aqueles que o amavam desde o início não o abandonaram; e, no terceiro dia, Ele apareceu para eles, vivo de novo; conforme os divinos profetas prognosticaram esse fato e outras milhares de coisas maravilhosas a respeito dEle.
>
> E o grupo de cristãos, assim denominados por serem seus seguidores, não está extinto em nossos dias.[3]

Não é de admirar que os anticristos não queiram admitir que o texto acima é autêntico! Se eles, por qualquer meio, se defrontarem com a evidência não têm escolha. Na verdade, há *duas* passagens sobre Jesus na obra de Josefo. A autenticidade da segunda passagem (que também é citada em obras antigas) nunca foi contestada, a qual não faria o menor sentido, a menos que o autor já tivesse mencionado Jesus Cristo previamente e com mais detalhes. A segunda passagem é:

> Ananias reuniu o Sinédrio judeu e trouxe, diante deles, Tiago, o irmão de Jesus, que é chamado de Cristo, com alguns outros, aos quais livrou de serem apedrejados como infratores da lei.[4]

Está bastante claro que Josefo já mencionara Jesus e fizera algumas observações a respeito dEle. Caso contrário, não seria razoável que ele fizesse referências tão superficiais a respeito de uma pessoa tão importante que, conforme essa passagem mesma admite, era, no mínimo, "chamado de Cristo". Isso é particularmente verdadeiro, pois, em outra parte, Josefo menciona com alguns detalhes vários embusteiros que se proclamavam como o Messias. Entretanto, nessa breve passagem, seu "silêncio" sobre Jesus seria altamente suspeito se ele já não tivesse explicado alguma coisa sobre Ele.

Verificação de Josefo através seus Contemporâneos

William Whiston, no final de sua versão de *The Life and Works of Flavius Josephus* ("A Vida e Obra de Flávio Josefo"), publicada em 1737, inclui: "Sete dissertações [apêndices] referentes a Jesus Cristo, João Batista, Tiago o Justo,... etc." Neles, são citados nu-

merosos escritores seculares e cristãos, de 110 d.C. ao fim do século XV, que relatam Josefo como autoridade quanto ao que afirmou acerca de Jesus João Batista e outras pessoas e eventos citados no Novo Testamento.

O professor Hopkins fez um comentário ulterior nesse sentido. Ele explica por que seria impossível que a passagem contestada no livro de Josefo fosse adulterada por Eusébio ou qualquer outro:

> Se houvesse adulteração, ela, inquestionavelmente, seria detectada por algum dos afiados e inveterados inimigos do cristianismo; Josefo e sua obra foram tão bem aceitos entre os romanos que ele foi registrado com cidadão de Roma, e até havia uma estátua erigida em sua homenagem. Além disso, sua obra foi aceita na Biblioteca Imperial.
>
> Mais tarde, os romanos foram considerados os guardiões de seus textos; e os judeus, algo que podemos assegurar, usariam de toda diligência para prevenir qualquer interpolação a favor da causa cristã. Além disso, não foi descoberta, na antiguidade, nenhuma objeção feita em relação a essa passagem por qualquer dos opositores da fé cristã; por conseguinte, o silêncio deles em relação a essa acusação é uma prova decisiva de que a passagem não é uma adulteração nem falsificação. Na verdade, a causa cristã está longe de precisar de qualquer fraude para fundamentá-la e nada seria mais destrutivo ao seu interesse do que uma fraude tão palpável e importuna.[5]

Existe, pelo menos, uma atestação espúria sobre Jesus que é atribuída a Josefo. Ela é encontrada na obra *Josephus — the Jewish War* ("Josefo — a Guerra Judaica"), com introdução e tradução de G. A. Williamson (Penguin Books, 1959). Infelizmente, esse relato espúrio foi fomentado por cristãos bastante zelosos, pois é mais exagerado e parece um testemunho, mais completo, da deidade, dos milagres e da ressurreição de Jesus, inclusive afirmando que seu sepulcro foi guardado por trinta soldados romanos e mil judeus! A última afirmação, obviamente, é falsa, pois os judeus não poderiam ficar guardando o sepulcro no sábado, especialmente no sábado da Páscoa. Além disso, a passagem espúria contém outros adornos que entram em conflito com o Novo Testamento, enquanto que a autenticidade do relato citado acima harmoniza totalmente com os relatos dos quatro Evangelhos.

E sobre os Livros Perdidos da Bíblia?

Questão: Havia, pelo menos, quinze apóstolos. Que apenas quatro deles (Pedro, Tiago, João e Paulo) tenham sido inspirados para escrever o Novo Testamento é um tanto estranho. Logicamente, poderíamos esperar que muitos outros deles fossem "inspirados" para escrever os relatos. Como sabemos que não há muitos outros registros escritos que foram perdidos — ou mesmo que todas as obras genuínas não foram perdidas ou destruídas —, e que as que temos não são fraudes colocadas no lugar das originais?

Resposta: Não esqueça de Mateus, Marcos e Lucas, o primeiro apóstolo, e os outros dois verdadeiros discípulos. Por que deveria haver algum outro escritor dos registros divinamente inspirado? O Novo Testamento está completo em si mesmo e não necessita de mais testemunhas inspiradas. E quanto a saber se os registros que temos são autênticos, respondemos, ao longo destas páginas, às legítimas questões sobre vários ângulos distintos com a apresentação de evidências esmagadoras. Outra observação de Mark Hopkins, do último século, trata dessa questão:

> É inacreditável que não haja nenhum documento escrito [relato verdadeiro] sobre o cristianismo — um movimento que se iniciou naquela época e naquele lugar e que... relacionou-se com a origem de tantas novas instituições e com as mudanças eclesiásticas e sociais — que tenha sido passado adiante. E é impossível que o verdadeiro relato tenha perecido, não deixando nenhum vestígio, e que os falsos relatos, bem como outros como esses últimos, os tenham substituído.
>
> É de esperar que haja algum relato sobre o início dessa instituição. Os relatos feitos em nossos livros [Novo Testamento] são adequados e satisfatórios. Não há contradição e, até mesmo, os escritos espúrios confirmam a verdade desses livros, e não há vestígios de nenhum outro livro."

Bem, há outro livro que afirme ser um registro inspirado do cristianismo primitivo: o Livro de Mórmon. Ele pretende ser um relato do aparecimento de Cristo para os norte-americanos que,

supostamente, são descendentes de alguns judeus que teriam atravessado o oceano em direção ao Novo Mundo, construído grandes cidades, travado batalhas, etc. Aqui temos o exemplo clássico de uma completa fraude que apresenta o mais impressionante contraste com a Bíblia. O Livro de Mórmon é pura ficção, como o *Bhagavad Gita*, o Vedas, do hinduísmo, e muitos outros com teor de escritos sagrados de outras religiões. A Igreja de Jesus Cristo dos Últimos Dias não poupou esforços arqueológicos em sua tentativa de autenticar seus relatos espúrios e falhou completamente em seu intento, como é o caso de cada uma dessas mentiras.

O Livro de Mórmon: Uma Comparação Instrutiva

As ruínas de cidades mencionadas na Bíblia foram localizadas; seus habitantes, identificados; suas histórias, verificadas; fatos que comprovam os relatos da Bíblia. Museus seculares, ao redor do mundo, contêm vasta quantidade de inscrições antigas, documentos, moedas, utensílios e armas com datação anteriores à da Bíblia e que confirmam seu conteúdo. Esse excesso de evidências confere, acima de qualquer dúvida, a autenticidade e exatidão do registro histórico em relação aos povos, culturas, regiões e eventos encontrados na Bíblia.

Em notável contraste, *nenhuma evidência de qualquer tipo* foi encontrada para dar sustentação ao Livro de Mórmon. Isso permanece até hoje, apesar de décadas das mais agressivas verificações arqueológicas por toda a América do Norte, América Central e América do Sul. Esse esforço hercúleo, patrocinado pela vasta riqueza e determinação da Igreja Mórmon, não deixou pedra sobre pedra na pesquisa feita para comprovar o Livro de Mórmon, a qual foi, porém, infrutífero. Nenhuma peça de evidência que pudesse comprovar o Livro de Mórmon foi encontrada — nenhum traço das grandes cidades que ele cita, nem ruínas, nem moedas, nem cartas, nem documentos, nem monumentos, nada que está em seus escritos. Nem mesmo um dos rios ou montanhas ou outros aspectos topográficos mencionados no livro foram identificados!

O Livro de Mórmon é um excelente exemplo da impossibilidade de se construir um cenário fictício e depois tentar convencer o mundo de que isso de fato aconteceu. Simplesmente, a ficção não se coaduna à história e nenhuma evidência pode ser encontrada para sustentá-la. Para uma exposição completa sobre o mormonismo, recomendamos o livro e o vídeo, *The God Makers* ("Os Criadores de Deus").

Uma Autenticação totalmente Lógica e Irrefutável

Questão: Tenho amigos que foram convencidos pelos professores da universidade ou do seminário de que o Novo Testamento não é historicamente exato, mas é uma história de ficção escrita muito depois da ocorrência dos eventos relatados. Eles não puderam provar isso para mim; eu, porém, também não pude provar que eles estavam errados. Há alguma maneira simples, sem lançar mão de estudos detalhados de evidências arqueológicas e de pesquisas históricas, para ajudá-los a ver que o cristianismo começou da forma como o Novo Testamento relata?

Resposta: Sim. Há um famoso argumento, totalmente lógico, de Mark Hopkins, embora não tenha se originado nele, que pode ser útil. Em seu livro *Evidences* ("Evidências"), ele refere-se a uma obra anterior, de Leslie, intitulada *Short and Easy Method with the Deists* ("Método Fácil e Rápido para Lidar com os Deístas"). Aquele autor apresenta quatro critérios essenciais que, se satisfeitos por qualquer evento registrado, podem determinar se é realmente histórico: "(1) que o assunto a que se refere o fato seja de tal forma que os sentidos externos do homem, seus olhos e ouvidos, possam ser juízes dele; (2) que os fatos aconteceram publicamente aos olhos do mundo; (3) que não apenas monumentos públicos sejam testemunhos dele, mas que também haja alguma ação visível; e (4) que tais monumentos e ações ou cerimônias tenham sido instituídas e começado na mesma época em que o fato relatado aconteceu".

Leslie explica que "as duas primeiras regras tornam impossível que qualquer fato trivial tenha enganado o homem *na época*

em que se deu, pois os olhos, os ouvidos e o senso de cada homem contradiriam esse fato". Sabemos que os Evangelhos e a maioria das Epístolas foram escritas poucos anos depois que os eventos registrados neles ocorreram. Portanto, existiam muitas pessoas ainda vivas que, se os eventos não correspondessem aos verdadeiros fatos testemunhados por eles, refutariam o relato desses eventos. Por exemplo, se o relato de Jesus, em que chama Lázaro para fora do sepulcro, não fosse verdadeiro, ele teria sido contestado por inúmeros amigos e parentes, que também poderiam replicar indignados que Lázaro ainda nem havia morrido, nem fora posto em um sepulcro, ou ainda, se ele estivesse morto, que ele ainda estava morto e sepultado.

É inconcebível que alguém, em uma pequena região de Israel e logo após os supostos eventos, ousasse publicar relatos fictícios sobre supostos milagres, nomeando as pessoas e os locais. Multidões de pessoas da mesma época e região em que se deram os eventos, que ainda estivessem vivas, rejeitariam os relatos por serem mentiras. Em vez de ajudar a validar o cristianismo, tais relatos falsos seriam conhecidos como fraudes, e o novo movimento seria pública e prontamente desacreditado.

Marca "Registrada"

Lembre-se: o cristianismo começou exatamente em Jerusalém. Ele foi fundamentado na afirmação de que esse Jesus, o carpinteiro de Nazaré que se tornou um profeta aclamado como Cristo pelas multidões e cujos milagres foram comentados por todo o Israel e o qual os romanos crucificaram, tendo morrido pelos pecados do mundo, estava vivo. O fato real é que 3 mil pessoas, no coração de Jerusalém, se converteram a Cristo no dia de Pentecostes, e mais milhares de pessoas, em Jerusalém, dia após dia, continuaram a abraçar essa "nova fé"; é uma evidência irrefutável de que esses fatos realmente aconteceram. *A oposição não nega os fatos*. Houve oposição ao cristianismo, apenas porque ele contradizia a autoridade e os ensinamentos dos rabis.

Não há como escapar do fato de que isso não era um movimento político fundamentado em ideologias discutíveis nem um

movimento religioso fundamentado em encantamento emocional para improváveis teorias espirituais. O cristianismo é fundamentado em *eventos* que aconteceram no pequeno país de Israel e que foram consumados exatamente ali, em Jerusalém. As afirmações (de que Jesus de Nazaré curou doentes, abriu os olhos aos cegos, ressuscitou os mortos, como também ele mesmo ressuscitou dentre os mortos, deixando atrás de si o sepulcro vazio) não poderiam ser apresentadas exatamente ali em Jerusalém e por toda a Judéia, a menos que os eventos realmente tivessem ocorrido. Por essa razão, Jesus disse a seus discípulos para iniciar a pregação em Jerusalém, para primeiro estabelecer a Igreja naquele lugar e depois pregar a Palavra às grandes multidões.

Obviamente, as multidões que ouviram a pregação de Pedro e dos outros apóstolos conheciam os fatos e não podiam refutar a mensagem. Aquela pequena caminhada para fora dos muros da cidade para verificar o sepulcro que, como era de conhecimento de todos em Jerusalém, fora guardado por guardas romanos, mas estava vazio, deveria ser aceita por muitos céticos. Rapidamente, a palavra que confirmava esse enorme milagre espalhou-se, e esse era o milagre que punha o carimbo de aprovação do próprio Deus sobre as afirmações de Jesus Cristo.

Por que o Cristianismo não Poderia Ter Sido Inventado posteriormente

Leslie chama a atenção para o fato de que o logro apenas seria possível se a narrativa fosse "inventada algum tempo depois, quando os homens daquela geração, em que os fatos aconteceram, já tivessem morrido, e se os crédulos de épocas posteriores fossem convencidos a acreditar que os fatos ocorreram, em tempos anteriores, de uma maneira diferente da que realmente aconteceu". Esse não é o caso do cristianismo, pois o mesmo, desde seu início, foi proclamado abertamente em Jerusalém.

Como podemos ter certeza, sem confirmações históricas e registros arqueológicos, de que o cristianismo iniciou e foi proclamado na mesma época em que Jesus e os apóstolos viveram?

Leslie chama a atenção para os dois últimos critérios, que ele fixou para prevenir a invenção de histórias fictícias posteriores à suposta data do evento declarado, as quais poderiam ser inseridas, como se fosse verdade, por gerações posteriores. Ele continua com a explicação:

> Sempre que algo é inventado, caso não apenas se afirme que monumentos sobreviveram a isso, mas também que atitudes e observações públicas são constantemente vistas desde que o suposto fato teria ocorrido, o engodo pode ser detectado pelo não aparecimento de tais monumentos, bem como pela experiência de cada homem, mulher e criança que sabem que nenhuma daquelas atitudes ou observações foram, por eles, usadas.
>
> Por exemplo, imagine que eu invente uma história de que, milhares de anos atrás, a junta do dedo mindinho de todo homem com idade de doze anos foi cortada... é impossível que acreditem em mim..., pois todas as pessoas podem contradizer-me em relação à seqüela deixada pelo corte da junta do dedo mindinho; e, como esse fato é parte da história original, isso demonstra que a coisa toda é falsa.

Hopkins, ao aplicar essa linha de raciocínio ao Novo Testamento e seus testemunhos sobre Jesus Cristo e a fundação do cristianismo, argumenta:

> Se qualquer homem tivesse inventado o Novo Testamento depois da época de Cristo e tentasse impingi-lo à força para que fosse aceito, seria o mesmo que um homem escrever a história da Revolução (norte-americana) e da celebração desse dia (4 de julho de 1776) desde o início; se, na verdade, nunca se tivesse ouvido falar de uma revolução e ninguém celebrasse o dia 4 de julho. Mesmo quando essa data foi celebrada pela primeira vez, seria possível introduzir um relato sobre sua origem essencialmente diferente da verdade dos fatos.
>
> No entanto, o caso do... cristianismo é mais sólido, pois temos diversas instituições distintas que surgiram juntas (e a partir do mesmo), pois o batismo e a ceia do Senhor ocorreram com maior freqüência, e, por fim, porque sempre foi considerado o principal ritual de uma religião, à qual o homem sempre esteve mais ligado do que à liberdade ou à vida.[7]

Não Há como Escapar da Verdade

Não há como refutar esses argumentos. O fato de que o cristianismo envolve costumes estabelecidos, igrejas e tem uma história pregressa que se estende até sua fundação por Cristo é algo que está além de qualquer contestação. As evidências históricas seculares que dão sustentação a essas afirmações, até onde conseguimos traçar sua origem, estão fora de questionamento. Além disso, pode ser mostrado, em vários estágios da história, que surgiram disputas sobre o que a verdadeira prática do cristianismo deveria envolver. Em todos esses casos, os contendores se voltaram para a autoridade da Bíblia.

Mesmo hoje, em virtude das grandes divergências nas práticas entre católicos e protestantes, entre as várias denominações protestantes e entre as facções da igreja católica romana, apela-se, a fim de dirimir essas dúvidas, continuamente para a Bíblia e para a história. Enquanto os protestantes consideram a Bíblia como a autoridade final, os católicos adotam a tradição, mas, de qualquer maneira, essas reivindicações voltam até Cristo e às decisões dos Concílios da Igreja, que mantêm essa continuidade. Hopkins conclui seu argumento:

> Já vimos que é impossível que os apóstolos fossem enganadores ou tivessem sido enganados e que os livros [Novo Testamento] não poderiam ter sido autenticados, se os fatos registrados não tivessem ocorrido, nem à época em que surgiram, nem em qualquer momento subseqüente.[8]

O testemunho do Novo Testamento é o destaque mais lógico dos argumentos acima. Em mais de uma ocasião vemos os relatos de acusações feitas pelos líderes religiosos judeus que querem executar Paulo e a defesa de Paulo. As denúncias contra Paulo são em razão do cristianismo ser contrário ao judaísmo. Nunca acusaram Paulo de estar apresentando fatos falsos ou de que o cristianismo estava fundamentado em uma fraude.

Paulo apelou para o conhecimento que os oficiais romanos tinham dos fatos. Relata-se que o governador Félix disse: "Havendo-me informado melhor deste Caminho" (At 24.22) — isto

é, o cristianismo. Na verdade, ao contrário de ver algo contraditório nos fatos testemunhados por Paulo, "Félix, [ficou] espavorido" enquanto Paulo arrazoava com ele (v. 25). E quando Paulo, antes da substituição de Félix, defendeu-se diante dele, como também de Festo e de rei Agripa, afirmou:

> Por que o rei, diante de quem falo com ousadia, sabe estas *coisas*, pois não creio que nada disto lhe é oculto; porque isto não se fez em qualquer canto (At 26.26).

O Desafiador Mistério da Luz

Questão: Já fui desafiado por vários ateístas a respeito do primeiro capítulo de Gênesis — não com os argumentos usuais, se a criação do universo aconteceu em literalmente seis dias, pois acho que há explicações científicas, mas com um argumento ao qual não pude responder. Os versículos 14 a 19 dizem que Deus criou o sol, a lua e as estrelas no quarto dia. Portanto, no primeiro dia, "Deus disse: Haja luz. E houve luz" (v. 3-5). De onde veio a luz se o sol, a lua e as estrelas só foram criados no quarto dia?

Resposta: Esses são, dentre outros, uns dos versículos mais usados pelos críticos como mais uma "prova" de que a Bíblia contém contradições e, portanto, não pode ser a Palavra de Deus. Como sempre, entretanto, eles são muito rápidos em tirar conclusões. Na verdade, essa passagem apresenta mais uma evidência singular da autenticidade e inspiração da Bíblia. Abordemos, logicamente, esse assunto por um momento.

Se isso realmente é uma contradição, ela é decerto tão óbvia que qualquer um que tenha escrito essas palavras teria sido imediatamente alertado disso e teria revisado a ordem da criação para corrigi-la. E se, inexplicavelmente, o escritor original tivesse falhado em consertar isso, então esse erro imperdoável seria "corrigido" mais tarde por um copista posterior. Portanto, não houve nenhuma revisão. O simples fato de que essa aparente contradição permaneceu no texto até hoje, nos impõe uma conclusão lógica.

Obviamente, Moisés, que originalmente escreveu essas palavras e por certo era bastante perceptivo e inteligente para não perceber esse problema, acreditou que era inspirado por Deus e, portanto, registrou o relato da criação do modo exato como lhe fora revelado, apesar de ele, provavelmente, não ter entendido tudo que registrou. Além disso, conforme já observamos, também os escribas posteriores — que copiaram e preservaram com esmero esses registros antigos — tinham tanta certeza de que essa era a Palavra de Deus que não ousaram adulterá-las, deixando as aparentes "contradições", várias e flagrantes, intactas.

Quer o próprio Moisés tenha entendido totalmente o que Deus o inspirou para escrever quer não, essa é uma questão sobre a qual não devemos nos inquietar. Os profetas que Deus inspirou para registrar sua Palavra não ousaram, em conseqüência de sua compreensão imperfeita ou de mitos existentes na época, criticar o que Deus dissera. Por exemplo, na época em que as explicações supersticiosas para os abalos sísmicos eram derivadas das mais variadas lendas, desde a crença de que a terra estava assentada sobre as costas do deus Atlas até a teoria de que a mesma estava apoiada sobre uma tartaruga flutuando em um imenso oceano; a Bíblia, no entanto, declarou que Deus "suspende a terra sobre o nada" (Jó 26.7). A Bíblia, distintamente de outras religiões ou, até mesmo, de antigos escritos científicos e filosóficos, longe de refletir o limitado conhecimento e superstições populares da cultura da época em que foi escrita, contém verdades e compreensões às quais a humanidade não tinha conhecimento nem acesso. Esse fato sozinho já é uma das maiores provas de que a Bíblia foi inspirada por Deus.

A Bíblia Revela Conhecimento Superior ao da Época

Além disso, a Bíblia contém sabedoria "oculta em mistério" (1 Co 2.7) que não foi totalmente revelada nem mesmo para aqueles "homens santos de Deus" (2 Pe 1.21), que foram inspirados para escrevê-la. Apesar de seus escritores, provavelmente, não entenderem o que foram inspirados para declarar. Em Hebreus 11.3 afirma que, muitos séculos antes de a ciência chegar a essa con-

clusão, o universo "não foi feito do que é aparente". Afirma-se especificamente que aqueles que escreveram o Antigo Testamento anunciam coisas a respeito das quais não têm total compreensão (Rm 1.1,2; 16.25,26; Ef 3.3-5). Portanto, também Moisés pode não ter entendido todo o significado do que escreveu: "Deus disse: Haja luz. E houve luz".

Nas Escrituras, em relação ao mistério que envolve a luz, até hoje a ciência não foi capaz de explicá-la. A luz atua como uma onda e uma partícula, o que parece impossível — mas é verdade. O que é a luz? Ainda não sabemos.

Nesses poucos primeiros versículos de Gênesis, é dado um vislumbre da verdade, que só é revelada mais plenamente nos últimos capítulos da Bíblia. O segredo da "luz" que cerca a terra antes da criação do sol, da lua e das estrelas é desvendado na descrição da nova criação, depois que o presente universo (com seu sol, sua lua e suas estrelas) for destruído e refeito:

> E vi um novo céu e uma nova terra. Porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram [...]. E eu, João, vi a Santa Cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do céu [...]
>
> E a cidade não necessita de sol nem de lua, para que nela resplandeçam, porque a glória de Deus a tem alumiado, e o Cordeiro é a sua lâmpada. E as nações andarão à sua luz [...]
>
> E não entrará nela coisa alguma que contamine e cometa abominação e mentira, mas só os que estão inscritos no livro da vida do Cordeiro [...]
>
> E ali não haverá mais noite, e não necessitarão de lâmpada nem de luz do sol, porque o Senhor Deus os alumia [...] (Ap 21.1,2, 23,24,27; 22.5).

A Bíblia nos diz que "Deus é luz, e não há nele treva nenhuma" (1 Jo 1.5). Essa luz permeia o universo desde antes da eternidade. Antes de o pecado entrar no mundo e até os corpos celestiais serem criados, a luz sobrenatural que iluminava esta terra, aparentemente, provinha de Deus. Após o pecado, foi removida a luz que é Deus e com a qual Cristo, que é Deus, também encherá, mais uma vez, o novo universo.

Saulo/Paulo Era Sincero, mas Estava Iludido?

Questão: A conversão para o cristianismo de Saulo de Tarso, um rabi, parece ser o argumento mais forte que os apologistas cristãos apresentam para comprovar a ressurreição. Mesmo que aceitemos o livro de Atos como um texto escrito por Lucas, o mesmo apresenta o relato da conversão de Saulo que não é nada convincente. Bem, ele *afirma* que viu Jesus Cristo vivo em seu caminho para Damasco; e certamente, ele morreria por essa crença. Portanto isso não prova que Paulo, de fato, viu Cristo. Isso apenas prova que ele *sinceramente pensou* ter visto Cristo vivo alguns anos após sua crucificação. Ele poderia imaginar que viu Cristo. Provavelmente, ele teve uma alucinação de que o viu, em conseqüência da culpa por ter perseguido os seguidores de Cristo. Como os cristãos podem dar tanto destaque à conversão de Paulo, quando esta repousa em solo tão frágil?

Resposta: Primeiro, é um tanto duvidoso que um homem como Paulo, obviamente estável intelectual e emocionalmente, pudesse ter experimentado uma alucinação tão vívida e permitido que isso mudasse toda sua vida. Além disso, o evento foi acompanhado por um fenômeno visível — um "resplendor de luz" sobrenatural mais brilhante do que o sol do meio-dia (At 9.3; 26.13) e uma voz vinda do céu — que as pessoas que acompanhavam Paulo também viram e ouviram (At 9.7). Os companheiros de Paulo teriam refutado essa história se também não tivessem testemunhado essas coisas.

Houve também a súbita cegueira de Paulo e a miraculosa recuperação de sua visão, em Damasco, por meio de um discípulo que poderia confirmar os fatos. Muitas testemunhas viram Paulo ser deixado, em Damasco, completamente cego. Poderiam ter surgido refutações de todos os lados para desacreditá-lo, mas não há nada que invalide o testemunho de Paulo. No entanto, quando ele testemunhou diante de líderes religiosos e seculares e de multidões de judeus, que se opunham a sua mensagem nos fundamentos religiosos, ninguém contestou seu relato. A evidência se impõe.

No início Saulo de Tarso era um líder inimigo da igreja que capturava e prendia muitos crentes e perseguia alguns até a morte. Esse processo diligente de perseguição deve tê-lo tornado muito popular entre os religiosos judeus. Quando Saulo ainda era um jovem rabi, já era um herói bem conhecido por seu ardor contra os cristãos. Ele tinha todos os motivos para permanecer fiel ao judaísmo. O fato de que perderia um futuro brilhante, ao se tornar um dos que ele perseguia, e de saber que as mesmas punições — açoitamento, aprisionamento e, por fim, martírio — também aconteceria com ele, é, na verdade, uma evidência poderosa de que estava convencido, sem a menor sombra de dúvida, de que Jesus Cristo estava vivo e de que ele o vira pessoalmente. Uma alucinação simplesmente não se ajusta aos fatos conhecidos.

Evidências Convincentes de outra Natureza

Outra evidência ainda mais convincente é o papel de líder que Paulo assumiu no explosivo crescimento do cristianismo primitivo. Ele tinha conhecimento interior e ensinou novas doutrinas completamente estranhas às que seriam condizentes com seu treino e prática no judaísmo, doutrinas que ele não poderia ter adquirido a não ser por meio do próprio Cristo. Mesmo que nunca o tenha encontrado antes da crucificação, Paulo afirmou que aprendeu tudo que sabia sobre essa nova fé diretamente do Cristo ressurrecto. Paulo escreveu aos Coríntios:

> Porque eu *recebi do Senhor* o que também vos ensinei: que o Senhor Jesus, na noite em que foi traído, tomou o pão; e, tendo dado graças, o partiu e disse: Tomai, comei; isto é o meu corpo que é partido por vós; fazei isto em memória de mim. Semelhantemente também, depois de cear, tomou o cálice, dizendo: Este cálice é o Novo Testamento no meu sangue; fazei isto, todas as vezes que beberdes, em memória de mim (1 Co 11.23-25; grifo do autor).

Paulo não estava presente naquela ocasião, portanto, como podia saber o que aconteceu nesse último encontro íntimo entre Jesus e seus doze apóstolos? Por que coube a Paulo explicar o que aconteceu na Última Ceia e o significado dela? Por que não

coube a Pedro, ou Tiago, ou João que estavam presentes na ceia? Obviamente, o Espírito Santo fez com que Paulo escrevesse essas palavras como parte da prova da ressurreição de Cristo. Ele testificou que recebeu "do Senhor" tudo que agora ensinava. Repetimos: tudo que Paulo sabia sobre essa nova fé e agora ensinava com tal autoridade, ele afirma que recebeu pessoal e diretamente do Senhor Jesus Cristo ressurrecto. Não há nenhuma outra explicação.

Inquestionavelmente, Paulo nunca foi instruído, com os outros discípulos, por Cristo. Ele era um rabi *antagônico* a Cristo, no final da vida deste. Assim, repentinamente, ele se torna não só o porta-voz do cristianismo, mas a principal autoridade. Ele até mesmo repreendeu Pedro face a face, e este reconheceu que Paulo estava certo, e ele, errado (Gl 2.11-14). De onde surgiu esse repentino conhecimento autorizado?

É claro que os céticos sugerem que Paulo foi, precipitadamente, até os apóstolos e disse: "Agora sou um crente em Jesus, mas não compreendo essa coisa de cristianismo. Eu quero pregar isso, portanto, é melhor eu ter um curso intensivo. De outra maneira, posso fazer uma enorme besteira!" Isso poderia ser verdade? Paulo aprendeu o que sabia sobre o cristianismo com Pedro ou com os outros apóstolos e cristãos?

Inegável Prova Interna

Ao contrário, Paulo foi até Jerusalém três anos após sua conversão. Ele procurava "ajuntar-se aos discípulos, mas todos o temiam, não crendo que fosse discípulo" (At 9.26). Paulo solenemente testifica:

> Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens, porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo. [...], não consultei nem carne nem sangue, nem tornei a Jerusalém, a ter com os que já antes de mim eram apóstolos, mas parti para a Arábia [...]
>
> Depois, fui para as partes da Síria e da Cilícia. E não era conhecido de vista das igrejas da Judéia, que estavam em Cristo;

> mas somente tinham ouvido dizer: Aquele que já nos perseguiu anuncia, agora, a fé que, antes, destruía. E glorificavam a Deus a respeito de mim (Gl 1.11-24).

Que Paulo estava dizendo a verdade fica claro, pois ele revela verdades aos outros apóstolos que estes desconheciam. Cristo se revelou para Paulo (Ef 3.3-10) o "mistério que desde tempos eternos esteve oculto" (Rm 16.25) e deu-lhe o privilégio de ensinar isso (1 Co 15.51; Ef 5.32; Cl 1.25-27). Ele se tornou o principal apóstolo e autoridade do cristianismo, e os outros apóstolos admitiram que ele sabia mais do que eles e que, de fato, aprendera isso diretamente do Cristo ressurrecto.

Paulo escreveu a maioria das epístolas, mais do que todos os apóstolos originais juntos. Ele levantou-se contra as falsas doutrinas que estavam sendo ensinadas pelos judaizantes que vieram de Jerusalém, onde os apóstolos ainda viviam. Em Jerusalém, Paulo confrontou os apóstolos e os líderes da igreja com suas heresias (At 15) e mudou a maneira de a igreja pensar.

Não há explicação para o conhecimento de Paulo, a não ser a de que Cristo ressuscitado dentre os mortos, na verdade, revelou a si mesmo e a seus ensinamentos a esse antigo inimigo. Uma alucinação não pode explicar tamanho conhecimento e autoridade.

Os mais Convincentes Tipos de Testemunhos de Martírios

Questão: Não nego que os cristãos primitivos eram atirados aos leões, crucificados, queimados vivos e mortos de outras maneiras em razão de sua fé. Entretanto, faço objeção ao desejo deles de suportar tal tratamento como prova de sua fé cristã. Os seguidores de muitos outros líderes religiosos, mesmos líderes de cultos posteriores, comprovam que é fraude ou pecado querer morrer por sua fé. Observe os novecentos seguidores de Jim Jones que morreram na floresta da Guiana. Os mulçumanos (por exemplo, os homens-bomba e outros terroristas) querem sacrificar-se por Alá e Maomé. Como você pode dizer que o martírio dos cristãos prova sua cristandade mais do que o martírio de outras religiões?

Uma Distinção Essencial

Resposta: Há grandes diferenças entre o martírio dos cristãos e outros que você mencionou. A maioria daqueles que morrem por líderes de cultos como Jim Jones e David Koresh têm pouca ou nenhuma escolha. Além disso, o martírio deles não pode ser comparado com o dos cristãos, a quem era dada a oportunidade de salvar a vida se negassem a Cristo, mas eles persistiam em sua fé nEle, mesmo quando isso significava mais tortura e morte.

O islamismo, que se espalhou pela espada, mantém-se, agora também pela força. Hoje, a pessoa precisa ser muçulmana para ser cidadão da Arábia Saudita. Lá, como em outras nações islâmicas, há pena de morte para o muçulmano que se converter a outra religião. Tente imaginar, isso seria como se alguém tivesse de ser batista ou metodista (ou membro de que qualquer outro grupo religioso) para ser cidadão dos Estados Unidos, e a conversão para qualquer outra religião acarretaria a pena de morte! (Na verdade, isso é o que acontecerá se o Islã conseguir concretizar seu objetivo de transformar os Estados Unidos e todas as outras nações em países islâmicos.)

A lealdade ao Islã é mantida sob a ameaça de morte, ao passo que a lealdade a Cristo é mantida pelo amor. Jim Jones e outros líderes de cultos enganaram seus seguidores para que eles morressem. Eles não foram mortos por perseguidores em conseqüência de sua fé. Eles se submeteram à morte na crença de que nada, a não ser isso, poderia ser feito para que não perdessem o céu. Assim também pensam os muçulmanos que sacrificam sua vida na *jihad*. Eles são ensinados que esse é o único caminho seguro para o céu, portanto eles dão sua vida para ganhar a vida eterna.

Em contraste, os seguidores de Cristo são certificados de que terão acesso ao céu sem que lhes seja exigida nenhuma boa obra ou sacrifício. Cristo pagou todo o preço para a salvação deles. Eles sabem que têm a vida eterna e não precisam morrer para obtê-la. Sua submissão à perseguição e à morte resultam de seu amor pelo Senhor e da relutância em negá-lo ou de transigir com o que eles acreditam ser verdade.

Morrer por Fatos *versus* Lealdade a uma Religião

Para reconhecer a grande distinção entre os mártires cristãos e todos os outros, é necessário voltar à época dos apóstolos e dos cristãos primitivos. Eles morreram não por lealdade a uma religião, mas para *testificar a ressurreição de Jesus Cristo*. A importância desse fato parece ser negligenciada pelos céticos. Por exemplo, Robert Ingersoll, famoso ateísta do século XIX, escreveu:

> Nem todos os mártires na história do mundo são suficientes para estabelecer a exatidão de uma opinião. O martírio, via de regra, estabelece a sinceridade do mártir — nunca a exatidão de seu pensamento. As coisas são verdadeiras ou falsas em si mesmas. A verdade não pode ser afetada por opiniões; não pode ser mudada, nem estabelecida e, tampouco, afetada por martírios. Um erro não pode ser sinceramente aceito a ponto de transformá-lo em uma verdade.

O que ele diz é verdade até onde essa concepção alcança, mas ele não percebe a diferença do martírio cristão. Os apóstolos e discípulos primitivos morreram por insistir que Cristo havia ressuscitado dentre os mortos; e eles insistiram nisso, não meramente como um dogma religioso, mas como um evento em tempo real do qual eles foram testemunhas oculares. Ingersoll admite que, geralmente, as pessoas não morrem pelo que acreditam ser uma mentira, contudo, todos os apóstolos (com exceção, talvez, de João) morreram como mártires. Nenhum deles retrocedeu daquele ponto em que tiveram de enfrentar a morte para comprar sua liberdade com a confissão de que os apóstolos sonharam com essa história da ressurreição e que ela realmente não acontecera — ou que talvez eles não tivessem certeza de que o viram vivo, mas, talvez, tenham apenas pensado que o viram.

Sabemos com certeza, mesmo pelos padrões de Ingersoll, que os apóstolos eram sinceros — não só no que diz respeito a sua crença de que Jesus é o Messias, mas também em relação aos quarenta dias que passaram com Ele depois de sua ressurreição e que, na verdade, estava vivo. Esse é o ponto. Para refutar o solene testemunho deles, é necessário provar que todos eles simplesmente imaginaram que Cristo passou quarenta dias com eles e revelou

que estava vivo "com muitas e infalíveis provas" (At 1.3). Todos eles teriam morrido por uma história imaginada? Nunca!

Testemunhas Oculares da Ressurreição

Os apóstolos sofreram perseguição quase insuportável e foram para o sepulcro como mártires, afirmando que os *eventos* que haviam testemunhado de fato ocorreram. Todos testificaram, até a morte, os milagres de Cristo, seus ensinamentos e sua ressurreição como *fatos reais* que eles mesmos testemunharam e, portanto, não podiam negar, quando, na verdade, poderiam ter conseguido sua liberdade se negassem isso. Greenleaf argumenta:

> Desses absurdos [de um homem querer morrer por uma mentira] não há como escapar, mas, com perfeita convicção e admissão de que eles eram homens bons, que testificavam sobre o que cuidadosamente observaram, consideraram e sabiam ser verdade.[9]

Esquece-se, com freqüência, que não apenas aqueles a quem Cristo apareceu durante aqueles históricos quarenta dias testificam a ressurreição de Cristo, mas *todos* os cristãos. O cerne do cristianismo é a certeza de que cada um está em contato pessoal com o Cristo ressurrecto, que reside em seu coração. Linton pega esse ponto quando, como advogado, adota um argumento similar ao de Greenleaf:

> Nada na história é mais bem estabelecido do que o fato de que os escritores do Evangelho, como também aqueles que acreditam em seus relatos e convertem-se ao cristianismo, foram por toda a vida submetidos à perseguição, às freqüentes torturas e, por fim, à morte. Isso ocorreu pelas mãos dos judeus enraivecidos, pois lhes diziam que haviam matado seu Messias, e dos pagãos enfurecidos, pois lhes diziam que todos os deuses de seu Panteão eram mitos, que o *Pontifex Maximus* (sumo pontífice) de Roma era perpetrador de logro e que o único Deus verdadeiro era aquEle que veio encarnado como judeu e morreu na cruz.
>
> Assim, tão certo quanto a compleição humana se encolhe diante do sofrimento e da morte, também nenhum homem mentiria quando o resultado natural e único dessa mentira fosse ex-

por-se a todos as maldades possíveis para sofrer nessa vida, e a punição de sua mentira fosse a impossibilidade da vida por vir.[10]

Eis aí em que repousa a grande diferença. Os apóstolos morreram para testificar a ressurreição, uma questão de *realidade*, não meramente de fé. Eles estavam convencidos do *evento*. E sua disposição para morrer para testemunhar esse evento é muito mais convincente do que o desejo de outros para morrer por uma mera crença ou por lealdade a uma religião ou líder religioso. Como Linton aponta: "Cristo é o único personagem de toda a história que tem quatro biógrafos e historiadores contemporâneos, tendo cada um deles sofrido perseguição (e martírio) a fim de atestar a veracidade de sua narrativa".

Profecia, a Grande Prova

Questão: Em vários de seus livros, você apresenta profecias cumpridas como prova de que Deus inspirou os escritores da Bíblia. Portanto, esse método de provar a Bíblia por meio da própria Bíblia não passa de um raciocínio circular. Nenhuma religião pode apresentar uma "prova" similar, por meio do uso de suas Escrituras.

Resposta: Há uma quantidade esmagadora de evidências de todos os tipos sobre a inspiração das Escrituras. As profecias são apenas parte das evidências. Também não há nada de errado em comprovar a Bíblia pela própria Bíblia, não mais do que provar um teorema matemático por meio da matemática. De qualquer modo, a profecia cumprida prova a Bíblia não por si mesma, mas pela verificação, por meio da história secular, de que, na verdade, o que a Bíblia predisse ocorreu. Assim como sugerir que "nenhuma outra religião pode apresentar uma 'prova similar', por meio do uso de suas Escrituras", é simplesmente absurdo.

Dê-me apenas um exemplo de uma profecia, ao menos uma, proveniente de Buda, Confúcio, Zoroastro, *Krishna* ou Maomé que tenha se cumprido! Simplesmente não há nenhuma! Por outro lado, há no Antigo Testamento um grande número de profe-

cias *específicas* sobre o Messias judeu. Além disso, temos documentação detalhada sobre o cumprimento de cada uma dessas profecias de Jesus por meio de testemunhas oculares que registraram os eventos, de Josefo e de outros. Há muito mais evidências sobre a vida, morte e ressurreição de Jesus do que sobre qualquer um dos Césares, de Platão, de Alexandre, o Grande, ou de qualquer outro personagem histórico da antiguidade. Os céticos rejeitam Jesus Cristo mais por preconceito pessoal do que em conseqüência de uma investigação e de evidências completas e imparciais.

Há um grande número de profecias e eventos únicos que foram preditos e que, literalmente, foram cumpridos e impressos na história factual dos judeus como povo. Não há nada semelhante na história de nenhum outro povo ou grupo étnico. Tratamos detalhadamente das provas fornecidas pelas profecias bíblicas em outros livros.

Já escutamos conversas suficientes. Ouvimos todos os sermões cansativos... insípidos que queríamos escutar. Já lemos sua Bíblia e os trabalhos das melhores mentes de seus adeptos. Ouvimos suas orações, seus gemidos solenes e seus améns reverentes.
Tudo isso não significa nada.

Queremos um fato. Suplicamos às portas de suas igrejas por apenas um pequeno fato... Sabemos tudo sobre suas maravilhas bolorentas e seus velhos milagres. Queremos, há muito tempo, um fato... e o exigimos agora. Deixe a igreja fornecer pelo menos um e depois ela pode ficar em paz para todo o sempre.

Orar tornou-se um negócio, uma profissão, um comércio. Um pastor nunca fica tão feliz como quando ora em público. A maioria deles é excessivamente familiar com seu Deus. Por saber que Ele sabe tudo, eles lhe contam sobre as necessidades da nação, sobre os desejos das pessoas, aconselhando-o sobre o que fazer e quando fazer.

—Robert Green Ingersoll,
um famoso advogado, agnóstico e orador do século XIX



7

E QUANTO À ORAÇÃO?

Razões para as Orações não Respondidas

Questão: Jesus prometeu: "Se dois de vós concordarem na terra acerca de qualquer coisa que pedirem, isso lhes será feito por meu Pai, que está nos céus" (Mt 18.19). Jamais vi a demonstração desse fato, a saber, se dois cristãos concordarem, eles podem ter tudo que quiserem de Deus. Então, o que Cristo prometeu não era verdade?

Resposta: Talvez nada seja mais mal compreendido pela pessoa comum, cristã ou não-cristã, do que a oração. Geralmente, pensa-se que a oração é uma maneira de persuadir Deus a realizar os sonhos e as ambições de uma pessoa, satisfazendo os seus desejos. Portanto,, apenas um momento de reflexão dissiparia rapidamente essa ilusão fatal.

O problema básico do mundo é o conflito entre os desejos pessoais e a resultante competição por poder e supremacia. Portanto, a oração apenas pioraria a situação se ela liberasse um poder sobrenatural a que cada pessoa pudesse recorrer a fim de impor seu desejo sobre os outros e sobre o universo. Nesse caso, a oração, em vez de trazer unidade e paz, traria apenas uma

crescente divisão e conflito ao dar a cada pessoa o poder de impingir seu desejo sobre os outros.

Deus permanece no comando do universo. Obviamente, muitas coisas que acontecem não estão de acordo com o desejo de Deus, pois Ele, na verdade, deu ao homem o poder de escolha. Portanto, Deus não é um parceiro ativo com a finalidade de realizar os desejos do homem. Ele não emprestará seu poder meramente para realizar nossos desejos egoístas. A oração deve concordar com o desejo de Deus: "... se pedirmos alguma coisa, segundo a sua vontade, [...] sabemos que alcançamos as petições" (1 Jo 5.14,15). A oração também deve obedecer a outras condições a fim de que Deus conceda a petição.

A concordância de dois ou mais juntos é apenas *uma* das condições para que a oração seja respondida. Eis aqui algumas das outras condições apresentadas na Bíblia: "E tudo o que pedirdes na oração, crendo, o recebereis" (Mt 21.22); "Se vós *estiverdes em mim, e as minhas palavras estiverem em vós*, pedireis tudo o que quiserdes, e vos será feito" (Jo 15.7; grifo do autor); "Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos *deleites*" (Tg 4.3; grifo do autor); "[...] qualquer coisa que lhe pedirmos, dele a receberemos, *porque guardamos os seus mandamentos e fazemos o que é agradável à sua vista*" (1 Jo 3.22; grifo do autor).

Essas não englobam todas as condições para que a oração seja respondida. Portanto, servem para dar uma idéia de por que muitas orações não são respondidas apesar da determinação daqueles que se reúnem para pedir a seu Pai celestial por qualquer coisa que seja o desejo deles.

Três Condições para que as Orações Sejam Respondidas

Questão: Fui cristão por muitos anos e compareci a centenas, talvez milhares, de encontros de oração. Ouvi muitas orações fervorosas que almejavam bons propósitos, mas raramente vi orações respondidas. Isso afetou muito a minha fé. *Por que há tão poucas orações respondidas?*

Resposta: Primeiro você admite que viu pessoalmente, pelo menos, *algumas* orações que foram respondidas. Além disso, você,

com certeza, já ouviu ou leu o testemunho de outras pessoas que, inquestionavelmente, obtiveram respostas miraculosas para suas orações. Considere, por exemplo, George Müller, cuja vida foi um incrível testemunho de oração respondida. Ele acolheu, vestiu e alimentou milhares de órfãos e determinou para si mesmo, como uma regra, nunca pedir nenhuma ajuda financeira às pessoas, mas apenas a Deus; e ele registrou milhares de respostas específicas de orações em seu diário. Müller escreveu:

> Bem, eu, um pobre homem, simplesmente por meio da oração e da fé, obtive, *sem pedir ajuda a nenhum indivíduo*, os meios para estabelecer e cuidar de um orfanato; isso é algo que, com a bênção do Senhor, deve ser um instrumento para fortalecer a fé das crianças em Deus, além de ser um testemunho da realidade das coisas de Deus para a consciência dos não-convertidos.
>
> Essa, portanto, foi a razão inicial para estabelecer o orfanato.
>
> Eu, certamente, obedeci ao desejo do meu coração, a saber, ser usado por Deus para auxiliar esse grupo de pobres crianças, privadas dos pais, além de minha pretensão com a ajuda de Deus de torná-los, em outros aspectos, pessoas boas para esta vida... [como também] quero ser usado por Deus para conseguir que os órfãos queridos sejam criados no temor do Senhor —, mas o primeiro e principal objetivo do trabalho era (e ainda é) que Deus seja exaltado pelo fato de que todas as necessidades de [milhares de] órfãos, sob os meus cuidados são supridas sem que ninguém [além de Deus] seja solicitado, por mim ou por meus companheiros de trabalho, [para ajudar ou dar dinheiro]...[1]

Poderíamos aumentar os exemplos para mostrar que Deus atende a *muitas* orações. Robert Ingersoll, que foi o epítome do agnosticismo e ridicularizou os cristãos por orarem, exige "apenas um pequeno fato" que prove que as orações são respondidas. Há milhares de fatos que ele e outros agnósticos e ateístas recusaram-se a aceitar — não porque não é possível que orações sejam respondidas, pois isso foi reiteradamente provado, mas porque o preconceito deles não lhes permitiria encarar a verdade.

Na verdade, toda uma biblioteca poderia ser preenchida com testemunhos de orações respondidas, o que não poderia ser ex-

plicado como mera coincidência. A questão, portanto, não é se Deus é capaz de responder às orações, ou se sempre o faz, mas por que Ele responde a muitas orações com um *não*. De acordo com a Bíblia, há pelo menos três fatores para determinar se uma oração será respondida ou não: (1) se Deus *deseja* responder-lhe; (2) se o *tempo* de Deus responder é chegado; e (3) se aqueles que oram têm um relacionamento tão bom com Deus que seria *apropriado* para Ele responder às orações.

Muitas de nossas orações não são respondidas, e podemos agradecer a Deus por isso. Espera-se que oremos o tempo todo para que "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42). Contudo, muitas de nossas orações de qualquer forma não seguem esse espírito, mas, na verdade, tentam persuadir a Deus a concretizar o desejo do homem, para abençoar ou realizar os planos humanos. Como estamos longe da perfeita sabedoria, isso poderia nos trazer infortúnio se Deus sempre fizesse o que lhe pedimos.

Há também o assunto do tempo. Considere, por exemplo, a oração de Ana pedindo por um filho. Isso aconteceu anos antes de o Senhor dar-lhe o filho pelo qual ela orara. Finalmente, Samuel foi concebido e trazido ao mundo. Essa deve ter sido uma longa e inexplicável espera para seus futuros pais; mas Samuel tinha de viver em um determinado tempo para que cumprisse uma missão específica em Israel.

Ou considere a oração de Neemias pela reconstrução de Jerusalém. Podemos ler a respeito de uma ocasião em que ele chorou e lamentou por alguns dias, enquanto jejuava e orava perante o Deus dos céus pela restauração de Jerusalém (Nm 1.4). A conclusão é clara, apesar de Jerusalém estar o tempo todo em seu coração, ele estava orando havia meses e provavelmente havia anos sem nenhuma resposta. A resposta veio no tempo de Deus, e quão importante foi a escolha daquele momento! Aquilo tinha de ocorrer no dia específico que fora predeterminado por Deus. A partir daquela data, contar-se-iam 69 semanas de anos (483 anos) para determinar o dia em que Jesus entraria em Jerusalém, montado em um jumento e seria saudado como o Messias (Dn 9.25). Embora Neemias não pudesse suspeitar da importância da escolha desse momento, a profecia de Daniel que relatava esse fato incrível já fora registrada.

Por fim, a resposta afirmativa para a oração quando ela vem, é, no mínimo, uma bênção de Deus para indicar que o peticionário está vivendo de acordo com o desejo dEle (1 Jo 3.22). Como alguém pode saber qual é o desejo de Deus? George Müller, fundamentado em sua vida e na experiência de muitos anos caminhando com Deus, dá-nos alguns conselhos e explica um dos segredos para ter as orações respondidas:

> Nunca me lembro, em toda a minha trajetória cristã, de um longo período (em março de 1895) de 69 anos e quatro meses, de não ter procurado, *sincera e pacientemente*, saber o desejo de Deus *nos ensinamentos do Espírito Santo*, com o auxílio da *Palavra de Deus*, mas sempre fui corretamente direcionado.
>
> Mas se faltar a *honestidade de coração* e a *lealdade a Deus*, ou se não esperar *pacientemente* pelas instruções de Deus, ou preferir o *conselho do homem, meu companheiro*, em vez das declarações da *Palavra de Deus*, estou cometendo um grande erro (grifos do original).[2]

A oração não é uma via de mão única em que conseguimos tudo o que queremos, e Deus não obtêm nada. A oração, na verdade, tem a função de nos colocar em conformidade com o desejo de Deus. Se Deus respondesse às orações daqueles que separam um tempo para saber o desejo dEle, mas são negligentes a respeito de obedecer-lhe em sua vida diária, Ele estaria apenas encorajando-os a continuar nessa vida de desobediência.

Disciplina e Maturidade por meio da Oração

Questão: Compreendo que o cristão deve orar de acordo "com o desejo de Deus". Por que Deus apenas não realiza seu desejo sem ser informado de como fazer isso? E se Ele sabe tudo, por que precisa de alguém para lhe contar o que precisa ser feito? Se Deus "cuida dos que são seus", como habitualmente ouço em pregações, então por que "os seus" sempre precisam clamar para que as suas necessidades sejam atendidas?

Resposta: Ninguém que verdadeiramente entenda a oração acredita que essa seja uma maneira para informar a Deus de qual-

quer coisa que Ele já não saiba, ou de como ou quando realizar seu desejo. A oração é uma expressão de nosso desejo para Deus, mas a verdadeira oração não é a insistência em relação a esse desejo. Tampouco alguém que conheça a Deus poderia pretender persuadi-lo a fazer qualquer coisa que seja contra o desejo dEle, mesmo que essa persuasão fosse possível. Acima de tudo, Deus é mais sábio que nós. Expressar em oração da mesma forma que Cristo, como homem, o fez: "Não se faça a minha vontade, mas a tua" (Lc 22.42), é reconhecer a finitude da compreensão humana e submeter seu desejo ao de Deus, que tem sabedoria e amor infinitos, sabendo que o caminho dEle é o melhor.

Então, por que devemos orar? Olhemos um exemplo específico. Suponha que uma pessoa está seriamente doente. Orar pela cura dessa pessoa é uma maneira de expressar nosso amor e preocupação. Também é a admissão de que a cura está nas mãos de Deus e a confissão de que dependemos totalmente dEle. Suponha que a pessoa se recupere de maneira tão miraculosa que não possa haver dúvida de que foi graças à intervenção de Deus. Será que Ele teria curado a pessoa sem oração? Uma vez que a recuperação total era claramente o desejo de Deus, podemos ter certeza de que ela teria ocorrido sem oração, mas talvez não de uma maneira tão obviamente miraculosa.

Portanto, qual a necessidade de orar se basicamente o mesmo resultado, com ou sem oração, seria alcançado? Toda oração que não for autocentrada é, antes de tudo, uma oportunidade para louvar e agradecer a Deus e para expressar amor por Ele. Paulo disse: "... antes, as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus, pela oração e súplicas, com ação de graças" (Fp 4.6). Portanto, a adoração, a ação de graças e o louvor a Deus, na oração, vêm primeiro e, decerto, são motivos mais que suficientes para orar.

A oração também é uma oportunidade para a pessoa expressar seu amor por Deus e sua preocupação para com os outros e, ao mesmo tempo, submeter-se obedientemente ao seu desejo. A oração pode ter um efeito poderoso na construção do caráter de uma pessoa e trazendo-a para perto de Deus. As orações de uma pessoa devota começam a refletir mais e mais a vontade de Deus à

medida que Ele muda o caráter, os pensamentos e as obras dessa pessoa para que estejam de acordo com a vontade dEle e com seus planos em todas as coisas. O Espírito de Deus nos move para orar por todas as coisas que Ele fará. Dessa maneira, o peticionário torna-se um parceiro de Deus na terra em relação à execução dos desejos dEle.

Há muitas razões para que aqueles que são de Deus e de quem Ele cuida não tenham nenhuma necessidade. Primeiro, ao retardar a resposta da oração por necessidades específicas, nosso Pai celestial, como quaisquer pais amorosos da terra fazem por seus filhos, está ensinando paciência e moldando o nosso caráter. Pode ser também que haja condições que devem ser encontradas na vida da pessoa para que Deus veja que ela é digna de ter algumas necessidades realizadas.

Na vida, uma criança nunca aprenderá o autocontrole e a autodisciplina ou outras lições essenciais se os pais satisfizerem instantaneamente todos seus desejos. A pessoa, ao saber disso, além de ter confiança no amor e cuidado de Deus, não se desespera por não ter suas orações respondidas, mas esforça-se para aprender o que Deus está lhe ensinando. É claro, há também a diferença entre o que *pensamos* que são necessidades reais e aquelas coisas que Deus, em sua sabedoria, considera desejos supérfluos ou, até mesmo, prejudiciais. Felizmente, esperamos em vão que Ele realize estes para nós.

Orar É muito mais que Pedir

Questão: Jesus disse que não devemos usar "vãs repetições" em orações e que não seremos ouvidos por muito falar (Mt 6.7). Ele também disse que devemos persistir em oração. Isso parece ser uma contradição. Por que não é suficiente pedir a Deus apenas uma vez? De qualquer maneira, Ele atenderá ou não à petição. Por que repetir a oração?

Resposta: A oração é uma maneira de comunicar-se com Deus e, portanto, envolve conhecê-lo intimamente em uma relação de amor celestial. Compreensivelmente, Ele não responde às indagações casuais, mas à paixão do coração. No Antigo Testamento,

Deus disse: "E buscar-me-eis e me achareis quando me buscardes *de todo o vosso coração*" (Jr 29.13; grifo do autor). No Novo Testamento, Deus fala que é o "galardoador dos que o buscam" (Hb 11.6). A oração requer diligente e apaixonada persistência. Nada demonstra mais o fervor da sinceridade e do amor que Deus deseja em nosso relacionamento com Ele.

Jesus disse que deveríamos sempre persistir em oração e não desistir (Lc 18.1). Ele disse que uma característica dos eleitos por Deus é que eles "clamam a ele de dia e de noite" (Lc 18.7). Ele nos encoraja a permanecer pedindo, buscando e batendo à porta do favor e graça de Deus até que recebamos nossa petição (Lc 11.5-10). Tal persistência não é o mesmo que a "vã repetição", que Cristo condena.

Essa última necessidade, a "vã repetição", não vem do coração, mas pode ser repetida mecanicamente sem envolver qualquer pensamento e muito menos a paixão. Como Cristo disse, a vã repetição age na premissa de que Deus nos ouvirá apenas em virtude do volume de nossas palavras — isto é, quantidade em vez de qualidade. Isso é o muito falar que Ele rejeita. O fato de repetir uma oração vez após vez não é, portanto, "vã repetição", mas graças a paixão que reflete a sinceridade e a dedicação que Deus gosta de recompensar.

Por que não é suficiente pedir uma vez? Na verdade, pedir uma vez é, muitas vezes, suficiente. Davi pediu apenas uma vez para que Deus desbaratasse "o conselho de Aitofel" (2 Sm 15.31). Aquele desbaratamento era a chave para a vitória sobre aqueles que, liderados pelo próprio filho de Davi, Absalão, o tirassem de seu trono. Mas Jesus indicou que Deus, algumas vezes, embora não responda logo escuta o clamor do eleito (Lc 18.1-8). A conclusão é que Ele retarda a resposta não pelo fato de não querer responder ao clamor, mas por que deseja amadurecer e moldar a petição ao seu desejo.

"Em Nome de Jesus": O que isso Significa?

Questão: Jesus disse: "Se pedirdes alguma coisa em meu nome, eu o farei" (Jo 14.14). Já ouvi milhares de orações sinceras

de pessoas simples que foram oferecidas em confiança a esta promessa, "em nome de Jesus" ou mesmo "no poderoso nome de Jesus", que nunca foram respondidas. Essas muitas orações oferecidas "em nome de Jesus" que não foram respondidas não provam que Cristo não quer ou não pode manter sua palavra?

Resposta: "Em nome de Jesus" não é uma fórmula mágica como: "Abre-te, Sésamo", que apenas necessita ser pronunciada uma vez para que a porta secreta da sala do tesouro dos ladrões gire e fique totalmente aberta. A mera repetição das palavras "em nome de Jesus" não faz com que isso aconteça. Para que uma oração realmente seja feita "em nome de Jesus", deve ser como se fosse Ele que estivesse orando. Ela deve ser para promover *seu* interesse e *sua* glória. Seu nome deve ser estampado no caráter e gravado no coração e na vida de quem ora "em seu nome".

Muitos anos atrás administrei negócios de multimilionários. Para que pudesse fazer isso, foi-me dada autoridade para agir em nome de uma outra pessoa. A procuração que me dava poderes para ter o direito de assinar o nome e conduzir os negócios em nome dela estava registrada em vários países e estados. Não havia nada no conteúdo desses documentos que pudesse impedir que eu fizesse um cheque de um milhão de dólares, assinasse o nome nele e o depositasse em minha conta bancária. Se tivesse feito isso, portanto, essa pessoa poderia levar-me a uma corte de justiça e reaver tudo que perdera.

Apesar de os documentos não especificarem isso, ficou subtendido que eu tinha o poder de usar o nome da outra pessoa apenas no interesse dela, não em meu próprio interesse. É isso que também ocorre com nosso Senhor. Não há condições restritivas em sua promessa de que Ele fará qualquer coisa que pedirmos em seu nome. Entretanto, está subentendido que devemos orar em seu nome para pedir o que Ele pediria para seu interesse e sua glória.

Tragicamente, muitos cristãos também imaginam que "em nome de Jesus" são palavras mágicas que, acrescidas de uma oração, não importa quão egoísta seja a solicitação, habilitarão a pessoa a obter de Deus o que quer que deseje. Quando o pedido não

é respondido por Deus, há, com freqüência, uma grande confusão quanto às razões pelas quais uma oração sincera não foi respondida, como também, às vezes, até mesmo, rancor contra Cristo por não ter cumprido o que é entendido como sua promessa. Tiago explica muito bem isso:

> Pedis e não recebeis, porque pedis mal, para o gastardes em vossos deleites (Tg 4.3).

Como "Acreditar que Você Recebe" quando Ora

Questão: Cristo prometeu: "Por isso, vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis e tê-lo-eis" (Mc 11.24). Ele não menciona condições tais como persistir em Cristo, ser obediente, pedir de acordo com o desejo de Deus ou qualquer outra coisa. Você conhece algum cristão para quem essa promessa tenha sido cumprida de maneira que eles sempre obtêm qualquer coisa que pedem em oração? Não conheço nenhum para quem isso seja verdade. Como você explica a omissão de Cristo em cumprir essa promessa?

Resposta: Primeiro, a pessoa precisa entender exatamente o que significa "crede que o recebereis". A frase de Jesus "tudo o que pedirdes, orando" é importantíssima. A oração é para *Deus*. Obviamente, portanto, se é para a oração ser respondida, é *Deus* quem deve respondê-la. Logo, "crede que *o* recebereis" significa acreditar que Deus concederá ou fará aquilo pelo que a pessoa está orando. Claramente, tentar *acreditar* que Deus faria alguma coisa que a pessoa não tem certeza de ser o desejo dEle seria presunção.

Assim, sobre que fundamentos alguém teria *tudo o que desejasse* ao *crer* que receberia essas coisas? Há algum poder misterioso da mente que é ativado pela "crença" e que literalmente realiza o que alguém "crê"? Essa foi, por milhares de anos, a idéia central do ocultismo. Esse ensinamento foi popularizado no mundo secular por vários palestrantes motivacionais e escritores como Claude Bristol *The Magic of Believing* ("A Mágica da Crença"), Denis Waitley *Seeds of Greatness* ("A Semente do Poder") e ou-

tros. Essa mesma crença no poder mágico da *crença* também se tornou popular na igreja por meio dos escritos de Norman Vincent Peale *The Power of Positive Thinking* ("O Poder do Pensamento Positivo") e da série de livros *The Power of Possibility Thinking* (*"O Poder do Pensamento da Possibilidade"*), do principal discípulo de Peale, Robert Schüller. Esse último afirma:

> ... por meio do pensamento da possibilidade... [e] do incrível poder revelado em nossa vida...[3]
>
> Você não sabe o poder que tem em seu interior...! Você pode transformar o mundo em qualquer coisa que escolha. Sim, você pode transformar seu mundo em qualquer coisa que você queira que ele seja![4]

Portanto, podemos pegar o mundo de Deus para reformá-lo e refazê-lo da maneira que quisermos por meio do pensamento da possibilidade? Há, aqui, uma séria e fatal contradição. Se o que oramos para que aconteça se realiza porque *acreditamos* nisso, então Deus não tem participação real na resposta a nossas preces. Na verdade, estamos produzindo os resultados pelo poder de nossa própria *crença*.

Há uma diferença enorme entre acreditar que o pedido para o qual estou orando se realizará *porque acredito que isso acontecerá* e acreditar que *Deus fará com que isso aconteça* em resposta a minha *fé nEle*. Para reconhecer essa diferença (que é tão ampla quanto a distância entre o céu e o inferno) é crucial que entendamos a promessa de Jesus, citada acima.

Se a *crença* em si mesma, por si só, não *produz* a resposta para a oração, não pode, ao menos, *fazer com que Deus responda*? É necessário pensar muito pouco para perceber que não podemos obrigar Deus a fazer alguma coisa meramente pela "crença" de que Ele fará isso. Portanto, se pudéssemos, estaríamos no comando de nossa vida e de todo o universo, não Deus.

A fé genuína (em contraste com o poder da crença) é um dom de Deus (Ef 2.8). Só podemos concluir que Cristo estava falando da verdadeira fé em Deus. Quando Deus nós dá a fé, podemos ter certeza de que Ele nos concederá nosso pedido, então só nos

resta *crer* que Ele atenderá nossa petição. Então, de uma forma maravilhosa, descobrimos que nossos desejos mais e mais coincidem com os seus.

Os Cristãos sempre Esperam Ser Curados?

Questão: Como é que os crentes, como um grupo, não vivem com mais saúde do que as outras pessoas, uma vez que tantas orações sobem aos céus por sua saúde e cura?

Resposta: Não conheço nenhuma pesquisa autorizada que tenha estabelecido que os crentes, em média, não vivem mais que as pessoas de qualquer segmento da sociedade. Entretanto, não há razão (além da dieta mais saudável e do estilo de vida) para que isso acontecesse. A Bíblia não promete mais longevidade para os crentes, assim como não há fundamento bíblico para orar por isso. Antes, aos cristãos é prometido perseguição e martírio.

Há em certos movimentos um ensinamento popular de que o cristão que está cheio do Espírito e anda em fé nunca deveria ficar doente ou sentir dor. Eles afirmam que "a cura está na redenção", uma idéia que é derivada da declaração de Isaías: "... pelas suas pisaduras, fomos sarados" (53.5). Pedro, todavia, nos faz saber que essa afirmação não se refere à cura de doenças, mas do pecado:

> Levando ele [Cristo] mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados (1 Pe 2.24).

Isaías 53, no versículo 4, lida com a cura de males físicos: "Verdadeiramente, ele tomou sobre si as nossas enfermidades e as nossas dores levou sobre si..." Além disso, essa promessa foi cumprida no ministério de cura de nosso Senhor na terra e, portanto não se relaciona à continuidade da cura de nosso corpo atualmente. Essa interpretação nos foi apresentada com clareza:

> E, chegada a tarde, trouxeram-lhe muitos endemoninhados, e ele, com a sua palavra, expulsou deles os espíritos e curou todos os que estavam enfermos, para que se cumprisse o que fora

dito pelo profeta Isaías, que diz: Ele tomou sobre si as nossas enfermidades e levou as nossas doenças (Mt 8.16,17).

É claro, cada bênção que recebemos está "na redenção". A verdade é que, por meio da morte redentora e da ressurreição de Cristo, temos a promessa de algo muito melhor e superior que a cura perpétua desse corpo corrompido pelo pecado a fim de prolongar nossa vida aqui neste "presente século mau" (Gl 1.4). Temos a promessa de um novo corpo, como o de Cristo ressurrecto, um corpo glorificado, e da vida eterna em um novo universo sem pecado nem sofrimento.

Todos aqueles que pensam que "a cura está na redenção" como uma "garantia de que os cristãos *nunca* ficarão doentes nem morrerão", estão eles mesmos mortos ou em vias de morrer. Nenhum deles foi capaz de prolongar sua vida substancialmente. Alguém poderia pensar que se esse ensinamento fosse verdadeiro, assim, pelo menos alguns que advogam isso, de fato, poderiam ter prolongado sua vida acima da média, mas esse não é o caso.

Quanto às orações pelos que estão doentes ou morrendo, muitas delas são respondidas por Deus de forma miraculosa. Portanto, no fim, todas as pessoas morrem e, usualmente, não muito depois dos setenta. Isso é o que Bíblia ensina.

Jesus nunca Fez a Oração do Pai Nosso

Questão: Jesus em sua famosa "Oração do Pai Nosso", orou: "Não nos induzas à tentação" (Mt 6.13). Portanto, sabemos que Ele "foi conduzido [...] pelo Espírito ao deserto, para ser tentado pelo diabo" (Mt 4.1). Assim, nem mesmo a oração dEle foi atendida! Como você pode explicar isso?

Resposta: Antes de tudo, essa oração não deveria ser chamada "Oração do Pai Nosso". Essa não é a oração que o Senhor mesmo orava nem deveria ser repetida, palavra por palavra, por ninguém. Esse era um *padrão* de oração — "Portanto, *vós orareis assim*" (Mt 6.9; grifo do autor) — que Ele ensinou a seus discípulos em resposta à solicitação: "Senhor, ensina-nos a orar" (Lc 11.1). Ela deveria chamar-se a "Oração dos Discípulos".

Quando Jesus ensinou esse padrão ou modelo de oração, disse a seus discípulos: "*Quando orardes*, dizei: Pai, santificado seja o teu nome ..." (Lc 11.2, grifo do autor) Não há sugestão de que o próprio Cristo sempre fez essa oração. Na verdade, isso seria totalmente inapropriado para Ele, pois a oração inclui a frase: "Perdoa-nos os nossos pecados" (Lc 11.4), algo que Jesus, sendo sem mácula, nunca oraria. Portanto, em resposta a sua pergunta, entendo que essa oração era para seus *seguidores* orarem, e não para Cristo. Esse fato lida com a questão relacionada à frase: "Não nos induza em tentação", no que diz respeito a Cristo.

O que significa essa frase para seus seguidores? Ninguém que pede a Deus: "Não nos induza em tentação", recebe essa garantia de imunidade em relação a ela, como o próprio Cristo que foi tentado por Satanás. Essa frase, bem como o restante da oração, está no contexto da afirmação: "Venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, tanto na terra como no céu" (Mt 6.10). Assim, a pessoa, ao repetir essa oração, está preparada para submeter-se ao desejo de Deus, qualquer que seja, até mesmo ser tentado por Satanás.

Portanto, por que pedir para não ser induzido à tentação? É a voz da humildade admitindo nossa fragilidade. Isso é o contrário de orar orgulhosamente: "Induza-nos a toda tentação que quiser, Senhor, pois estamos preparados para lidar com isso!" Orar como a Bíblia ensina é reconhecer a conveniência da advertência de Paulo: "Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe que não caia" (1 Co 10.12). Ao mesmo tempo, isso é a voz da confiança em Deus no caso de a tentação surgir.

O que e por que Cristo Orou?

Questão: Lucas relata-nos que Cristo "subiu ao monte a orar e passou a noite em oração a Deus" (6.12). Se Jesus é Deus, já que Ele nos diz que orou a Deus, isso quer dizer que Ele orou para si mesmo? E se Ele é Deus, por que, de qualquer maneira, orou — em especial a noite toda? Isso soa como se Ele estivesse desesperado em busca de ajuda, o que não repercute bem para Ele que, supostamente, é Salvador do mundo!

Resposta: Orar é fundamentalmente uma maneira de se comunicar com Deus em adoração, e louvor, e amor. Infelizmente, a maioria das pessoas (e entre essas está inclusa a maioria dos crentes) pensa que a oração é quase de modo exclusivo para suplicar algum favor, ou intervenção ou ajuda de Deus, e apenas oram para esses fins. Essa não é a finalidade primordial da oração. O fato de Jesus ter orado a noite toda não indica que Ele estava desesperado por ajuda. Antes, isso indica a sua agonia por saber o que enfrentaria e o quanto era íntima e profunda a sua comunicação com seu Pai.

Além disso, Jesus era Deus em carne. Na verdade, Ele era carne, um homem real. É impossível compreendermos esse fato. Na verdade, Paulo chama isso de *mistério*: "E, sem dúvida alguma, grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne foi justificado em espírito, visto dos anjos, pregado aos gentios, crido no mundo e recebido acima, na glória" (1 Tm 3.16).

Quando Cristo orou ao Pai, não o fez como o eterno Filho do Pai, um com o Pai, mas como um homem que habitualmente diz: "Eu não posso de mim mesmo fazer coisa alguma; [...] porque não busco a minha vontade, mas a vontade do Pai, que me enviou" (Jo 5.30). E mais: "As palavras que eu vos digo, não as digo de mim mesmo [por minha iniciativa], mas o Pai, que está em mim, é quem faz as obras" (Jo 14.10).

Sim, Cristo como homem, em virtude de sua profunda necessidade, também orou. No jardim do Getsêmani, em intensa agonia, bradou "e o seu suor tornou-se em grandes gotas de sangue" (Lc 22.44): "Meu Pai, se é possível, passa de mim este cálice [de suportar todos os pecados do mundo]; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mt 26.39). Mas Ele jamais orou: "Não me induza à tentação".

O que É "Oração de Fé"?

Questão: A Bíblia afirma claramente, em linguagem inequívoca, sem impor condições: "[...] e a oração de fé salvará o doente..." (Tg 5.15) Portanto, milhares dessas orações por saúde fo-

ram dirigidas a Deus e não obtiveram resposta. Como podemos conciliar essa promessa com os resultados?

Resposta: Mais uma vez, a explicação é entender que "fé" não é algum poder que dirigimos a Deus para obter dEle nosso desejo. Ao contrário, a verdadeira fé é a total e completa confiança em Deus, a qual, por definição, inclui submissão ao seu desejo. Isso nos ajuda a entender o que a Bíblia pretende dizer com "a oração de fé". Isso obviamente significa absoluta e total confiança em Deus para curar o doente, e a total certeza de que Ele assim o fará.

Fundamentada em que uma oração dessas poderia ser oferecida a Deus? Obviamente, apenas se a pessoa que está orando tem fé total de que Deus fará o que lhe está sendo pedido. Como alguém poderia ter tanta confiança sem saber que o desejo de Deus é esse? Não há versículo na Bíblia que sempre prometa a alguém a cura pedida ou que diga que a vontade de Deus é que todo cristão seja curado de qualquer doença.

Portanto, o tipo de fé sobre a qual Cristo está falando só poderia surgir como dádiva de Deus. Experimentei essa dádiva, em raras ocasiões, algumas vezes nos outros e algumas comigo quando estive doente. Nessas ocasiões, em que orava por uma pessoa doente (ou por minha cura), eu tinha total confiança de que aquela cura ocorreria instantaneamente — e foi o que aconteceu.

Ninguém pode "planejar" esse tipo de fé. Seria presunção tentar "crer" que Deus curaria alguém a menos que a pessoa estivesse absolutamente certa de que esse era o desejo de Deus. A "fé curadora" ensina que a cura pode ser reivindicada o tempo todo por qualquer um e para qualquer pessoa. Na televisão ou em grandes reuniões é tão evidente o fracasso deles em colocar isso em prática, que causa espanto o fato de eles conseguirem continuar a reunir grandes quantidades de pessoas. A completa segurança de que a cura será alcançada, em qualquer situação, em resposta à oração, só pode vir diretamente de uma revelação de Deus.

Assim, não devemos orar por alguma doença a menos que tenhamos recebido tal revelação? Não. Cristo falou sobre o "dever de orar sempre e nunca desfalecer [isto é, desistir]" (Lc 18.1, grifo do autor). Há muitos exemplos na Bíblia de pessoas devo-

tas (até mesmo o próprio Cristo) que oraram por alguma coisa que Deus recusou conceder. Sempre podemos pedir a Deus para fazer o que acreditamos ser para o bem dos outros e para a sua glória. E podemos persistir no pedido até que saibamos que não é a vontade de Deus conceder essa petição.

E quanto ao Desejo de Deus na Fé e na Oração?

Questão: Já ouvi, na televisão, muitos pregadores cristãos dizerem que pedir alguma coisa em oração e depois dizer: "Se esse for seu desejo, Senhor", ou: "De acordo com seu desejo, Senhor", destruiria a fé da pessoa. Sinto-me forçada a concordar com isso. O que você acha disso?

Resposta: Infelizmente, embora tenha muita coisa boa na televisão, há também muita heresia. Esse ensinamento não se apóia na Bíblia, mas a contradiz. Depois de fazer uma petição a seu Pai celeste em oração, Jesus acrescentou: "... todavia, não seja como eu quero, mas como tu *queres*" (Mt 26.39). Isso soa muito parecido com: "Se esse for seu desejo, Senhor", ou: "De acordo com seu desejo, Senhor". As palavras são apenas levemente distintas, mas o significado é exatamente o mesmo.

Em vez de a submissão ao desejo de Deus ser um *impedimento* à fé, ela é o único caminho para *ter* fé. A fé em Deus faz com que a pessoa confie nEle e deseje o que Ele quer acima de tudo e, portanto, essa pessoa passa a obedecer ao Senhor. Você desejaria, mesmo se pudesse, persuadir Deus a fazer alguma coisa contra a vontade dEle? Já tratamos anteriormente dessa questão de maneira mais profunda, portanto, não a abordarei outra vez.

Questão: Jesus disse a seus discípulos para orar: "Pai nosso, que *estás* nos céus, [...] venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade..." (Mt 6.10) Deus não fará sua vontade independentemente de nosso pedido? Por que pedir a Ele para que apresente seu Reino? Não é isso que Ele pretende fazer de qualquer maneira?

Resposta: A oração é toda sobre pedir a Deus para que faça o que Ele planejou fazer. A oração é nossa admissão na parceria

com Deus e, portanto, nossos desejos são reflexos dos dEle. Orar: "Pai nosso, que *estás* nos céus, [...] venha o teu Reino. Seja feita a tua vontade, *tanto* na terra quanto no céu ..." (Mt 6.10) é afirmar nosso desejo veemente de que os planos de Deus sejam realizados e que seu propósito se realize do começo ao fim no universo para promover a alegria e a esperança do homem. Que oração poderia ser melhor do que essa?

A Oração não Respondida de Cristo no Getsêmani

Questão: Penso que um exemplo clássico de oração não respondida é aquela que Jesus supostamente orou no Getsêmani em seu caminho para a cruz: "Se é possível, passa de mim este cálice" (Mt 26.39). Fomos informados de que o "cálice" que Ele teme (ir para a cruz) não foi afastado dEle. Por que Ele estava com tanto medo da cruz? Milhares de pessoas eram crucificadas pelos romanos, muitos suportavam bravamente e alguns até de maneira desafiadora. O fato de que Cristo estivesse com tanto medo e de que sua oração não foi respondida não invalida a afirmação de que Ele era Deus encarnado?

Resposta: Jesus não temia a cruz. Não foi o pensamento do intenso sofrimento físico que fez com que seu suor caísse como gotas de sangue. Em vez disso, sua santa alma encolheu-se com a chegada daquilo que Ele mais abominava: o pecado. Como Paulo explicou: "Aquele [Cristo] que não conheceu pecado, o fez [Deus] pecado [Ele] por nós, para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5.21).

Quanto a essa oração ser um exemplo de oração não respondida, você está muito errado. O fato de que a oração de Cristo não tenha sido respondida, fala alto para nós. Por meio disso, sabemos que não havia outra maneira de nossa redenção ser alcançada. Se houvesse outro caminho para isso, Deus não teria insistido na cruz.

Somos certificados de que nem mesmo o infinito amor de Deus por seu Filho podia fazê-lo voltar atrás em sua promessa de salvar o mundo da pena que sua própria lei justa determinou

para o pecado. A cruz que Jesus sofreu em obediência a seu Pai e por amor à humanidade encontra-se para sempre como prova do amor de Deus e assegura-nos de que nunca estaremos perdidos. Paulo disse a esse respeito:

> Porque estou certo de que nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potestades, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus, nosso Senhor! (Rm 8.38,39)

Os Católicos realmente Oram aos "Santos"?

***Questão*:** Não consigo obter uma resposta direta de meus amigos católicos em relação às orações dirigidas a santos. Eles são ambivalentes em relação ao assunto. Alguns admitem que oram para Maria, enquanto outros negam isso. Qual é a verdade?

Resposta: Não é de surpreender que você os tenha achado ambivalentes. Os apologistas católicos romanos, em geral, negam que oram para Maria ou outros santos e insistem em que apenas pedem a Maria e aos santos para orar por eles, como alguém poderia pedir a um amigo. Essa mentira é ampla e eficazmente incentivada para combater as válidas críticas dos protestantes em relação a esse assunto vital.

Por exemplo, um importante artigo publicado recentemente na capa da revista oficial da *Christian Booksellers Association* ("Associação dos Livreiros Cristãos") faz a seguinte afirmação: "Os católicos apenas pedem aos santos para que orem por eles — da mesma maneira como pedimos a outros seres humanos para orar por nós".[5] O próprio autor, católico e professor universitário, com certeza sabe que não está dizendo a verdade. E por que a *Christian Booksellers Association* ("Associação dos Livreiros Cristãos"), uma associação evangélica, passa adiante essa informação errada?

Eis aqui apenas um pouco dos fatos. Primeiro, considere a "Oração para o Ano de Maria do Santo Padre [Papa] [1988]". Essa era a oração oficial *para* Maria de todos os católicos por um ano inteiro e originou-se na maior autoridade da Igreja Católica Romana. Nela, o Papa João Paulo II nem uma vez pede que Maria

ore pelos católicos. Em vez disso, ele pede para *fazer* o que ela só poderia *fazer* se fosse Deus: para confortar, guiar, fortalecer e proteger "toda a humanidade..." Sua oração termina: "Assiste-nos, Ó Virgem Maria, em nossa jornada de fé e obtém para nós a graça da salvação eterna".

Maria: É Grande como Deus e mais Solidária?

Para Maria guiar e proteger toda humanidade e assistir todos os católicos em sua jornada de fé, ela teria de ser onipotente, onisciente e onipresente. Que poderes sobrenaturais ela deveria ter para poder ouvir milhões de orações simultaneamente em centenas de línguas e dialetos distintos, guardá-las em sua memória e responder a todas elas por meio de seu poder! Além disso, o pior tipo de blasfêmia é pedir a Maria para obter a salvação, que Cristo sozinho já proporcionou por meio de sua morte e ressurreição e, agora, oferece voluntariamente por sua graça a todos aqueles que crêem nEle.

Em Denver, próximo da data da Missa de Domingo para o Dia Mundial da Juventude de agosto de 1993, João Paulo II consignou todos os jovens e o mundo inteiro à *proteção* e *orientação* de Maria. Eis aqui novamente uma oração do Papa *para* Maria, pedindo-lhe para *fazer* o que ela poderia realizar sendo uma deidade:

> Maria do Novo Advento, imploramos por sua proteção para a preparação do que agora se inicia para o próximo encontro [Dia Mundial da Juventude]. Maria, cheia de graça, confiamos o próximo Dia Mundial da Juventude a você. Maria, que está no céu, confiamos os jovens do mundo [...] [e] o mundo inteiro a você![9]

Os católicos apenas pedem a Maria para *orar por* eles? Quando alguém pede a um amigo que ore, ele não diz: "Eu imploro sua proteção e confio o mundo inteiro a você!" Ainda mais, essas petições, que apenas Deus pode realizar, são típicas das que os católicos fazem a Maria, que é exaltada como onipotente e considerada com carinho por todos aqueles que confiam nela.

O novo *Catecismo da Igreja Católica* (aprovado pelo Vaticano) e o Segundo Concílio do Vaticano (Vaticano II) se referem a Maria como "a Mãe de Deus para cuja proteção fiel todos se movem

em seus perigos e necessidades".[7] Por que se mover para a proteção dela quando a proteção de Deus está disponível? Se a Maria católica pode mesmo proteger todos os católicos de todos os perigos e suprir todas suas necessidades, ela deve ser, no mínimo, tão poderosa quanto Deus. Além disso, aparentemente, ela é considerada mil vezes mais solidária do que Deus, no mínimo, tantas vezes quantas as orações que são oferecidas a Maria em relação às oferecidas a Deus e Cristo juntos.

Maria é a "Mãe de Deus"? Sim, Jesus é Deus e ela é sua mãe. Entretanto, ela é apenas mãe dEle em sua *encarnação*. Ela é mãe do *corpo* do qual Jesus se apropriou quando veio ao mundo. Obviamente, entretanto, ela não pode ser mãe do Filho eterno de Deus (Cristo como Deus antes de tornar-se homem), pois Ele já existia na eternidade antes de Maria nascer. Assim, orações para Maria, inclusive pedindo salvação, são fundamentadas sobre sua suposta posição como Rainha Mãe do paraíso.

Salvação por meio de Maria?

O cardeal e santo Afonso de Liguori escreveu *The Glories of Mary* ("As Glórias de Maria"), o livro mais autorizado sobre a "Virgem Maria" do catolicismo. Esse livro é um verdadeiro compêndio sobre o que os maiores "santos" da Igreja Católica Romana têm a dizer sobre Maria ao longo dos séculos. O capítulo inicial é inacreditável, pois reconhece em Maria atributos, habilidades, títulos e atividades que pertencem apenas a Cristo: "Maria, nossa Vida, nossa Graça; Maria, nossa Esperança; Maria, nossa Auxiliadora; Maria, nossa Advogada; Maria, nossa Guardiã; Maria, nossa Salvação". Eis aqui uma amostra das citações de Liguori do que os principais "santos" da Igreja Católica Romana disseram, ao longo dos séculos, sobre a Maria do catolicismo, mas que, na verdade, são apenas verdadeiras em relação a Cristo:

> Os pecadores recebem perdão por meio... apenas de Maria. Se não pedir o auxílio de Maria, ele cairá e estará perdido. Maria é chamada... o portão do céu, pois ninguém pode entrar nesse reino abençoado a não ser por seu intermédio. O caminho da salvação não está aberto para ninguém a não ser por intermédio

de Maria... a salvação de todos depende de ser protegidos e favorecidos por Maria. Aquele que é protegido por Maria será salvo; o que não estiver, se perderá... Nossa salvação depende dela... Deus não nos salvará sem a intercessão de Maria... não receberíamos nenhuma graça, se não fosse por ti, Ó Mãe de Deus...?[5]

Isso deixa bastante claro que os católicos romanos são ensinados a procurar em Maria não apenas a proteção sobrenatural, a orientação e o auxílio que apenas Deus pode prover, como também a salvação que só Deus, por intermédio de Cristo, pode prover e que, na verdade, proveu. Eis aqui, de novo, uma típica oração *para* Maria tirada de um livreto popular de orações a Maria que pode ser obtido em qualquer livraria católica:

Coloco em tuas mãos minha salvação eterna e te confio minha alma... Querida Mãe, sob tua proteção eu nada temo; nem de meus pecados, pois obterás o perdão deles para mim; nem dos demônios, pois és mais poderosa do que todo o inferno; nem mesmo de Jesus, meu Juiz, pois por uma oração de ti ele será apaziguado. Mas uma coisa eu temo; que na hora da tentação eu possa esquecer de chamar por ti e assim desgraçadamente sucumbir. Assim, obtém para mim o perdão de meus pecados...[6]

O Rosário: a mais freqüente Oração para Maria

Como exemplo final entre as centenas que poderíamos fornecer, considere o rosário. Essa é a mais conhecida e mais recitada oração católica, repetida milhões de vezes pelos católicos do mundo todo a cada dia. Ela termina com essa petição final:

Salve, Rainha, Mãe de Misericórdia! Nossa vida, nossa doçura e nossa esperança! A ti, nós, pobres crianças de Eva banidas, clamamos; a ti, elevamos nossos suspiros, lamentações e prantos, neste vale de lágrimas. Dirija, assim, ó advogada mais graciosa, teus olhos cheios de misericórdia sobre nós; e, assim, nosso desterro apresentará sobre nós o fruto bendito de teu ventre, Jesus; Ó clemente, Ó amada, Ó doce Virgem Maria.

Os católicos, de maneira clara, não pedem meramente a Maria para *orar por* eles. Eles oram *para* ela. E por que não, se ela é tudo que o rosário diz que é: nossa *vida* e nossa *esperança*? A Bíblia,

porém, diz que Cristo é "nossa vida" (Cl 3.4) e "esperança nossa" (1 Tm 1.1)! Paulo, mais uma vez, declara que a "bem-aventurada esperança" do cristão é "o aparecimento da glória do grande Deus e nosso Senhor Jesus Cristo" (Tt 2.13). Pedro confirma que os cristãos receberam "uma viva esperança, pela ressurreição de Jesus Cristo dentre os mortos" (1 Pe 1.3). A Bíblia nunca sugere que Maria também é nossa vida ou esperança! Cristo é mais do que suficiente!

Os "olhos de misericórdia" de Maria realmente vêem cada um neste mundo? Essa capacidade não é um atributo exclusivo de Deus? Ela é mesmo a "Mãe de Misericórdia"? A misericórdia de Deus não existia já muito antes de Maria nascer? Lemos sobre o "Deus de minha misericórdia" (Sl 59.17) e somos encorajados a confiar na misericórdia de Deus (Sl 52.8; Lc 1.78; etc.), mas nunca vimos uma palavra em toda a Bíblia sobre a misericórdia de Maria em relação à humanidade. Aqueles que conhecem a misericórdia de Deus não necessitam de Maria.

Independentemente do que cada indivíduo católico pode crer, o ensinamento da Igreja Católica Romana e a prática de grande maioria de seus integrantes elevam Maria a uma posição em que ela, no mínimo, tem igualdade de poderes com Deus e é considerada mais solidária do que Ele. Não é de admirar, portanto, que as centenas de milhares católicos romanos ofereçam constantemente, em relação a cada necessidade e desejo, orações *para Maria.*

Hoje quem Tem as "Chaves" para "Ligar ou Desligar"?

Questão: Jesus disse: "Eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo o que desligares na terra será desligado nos céus" (Mt 16.19). Isso soa como se tivéssemos autoridade não apenas para pedir a Deus alguma coisa em oração, mas para comandá-lo. Por que, hoje, não podemos conseguir que isso funcione?

Resposta: Você misturou duas passagens das Escrituras. A promessa: "Eu te darei as chaves do Reino dos céus, e tudo o que ligares na terra será ligado nos céus, e tudo que desligares na terra será desligado nos céus" (Mt 16.19), foi dada a Pedro indi-

vidualmente, o singular "te" e "tu", deixa isso claro. Logo depois disso, a mesma promessa sobre a autoridade para ligar (exceto a afirmação sobre as "chaves do Reino dos céus") foi repetida, palavra por palavra, para todos os discípulos: "Em verdade vos digo que tudo o que ligardes na terra será ligado no céu, e tudo o que desligardes na terra será desligado no céu" (Mt 18.18). O plural, expresso pelo "vos", deixa claro que nessa ocasião a promessa foi feita a todos os discípulos.

Como é possível interpretar que as "chaves do Reino dos céus" sejam dadas individualmente a Pedro? Fica claro que Pedro não tinha a "chave" ou "chaves" com as quais abriria as portas do Reino para *todos* que fossem entrar nele. A pessoa entra no Reino por acreditar no evangelho e por meio do resultado de renascer pelo Espírito Santo (Jo 3.3-5). Esse evangelho foi pregado por Cristo (Lc 4.43) e comissionado a todos os seus discípulos a fim de que também o pregassem (Lc 9.2), muito antes de as "chaves" serem dadas a Pedro. Cristo disse que Abraão, Isaque e Jacó estariam no Reino (Lc 13.28), mas certamente não foi Pedro que os deixou entrar, pois eles já estavam no Reino séculos antes de Pedro nascer. Muitos entraram no Reino por intermédio da pregação de Filipe (At 8.12) e de Paulo (At 14.22; 19.8; 20.25; 28.31) e, por pressuposto, em virtude da pregação de outros apóstolos em uma época em que Pedro não estava presente nem tinha a "chave" necessária.

Quando as Chaves São Usadas

A única ação de Pedro que poderia ser associada à abertura do Reino a alguém foi no dia de Pentecostes na casa do centurião romano, Cornélio. Essa foi uma ocasião histórica em que Pedro indubitavelmente usou as "chaves do Reino": a chave para, por meio do evangelho, abrir o Reino aos judeus (At 2.14-41), e outra chave para abrir o Reino aos gentios (At 10.34-48). Apesar de Paulo ser o "apóstolo dos gentios" (Rm 11.13), Pedro foi o primeiro pregador do evangelho a oferecer a salvação aos não-judeus. Ele lembrou esse fato aos líderes da igreja quando se reuniram para discutir o estatuto dos gentios:

> E, havendo grande contenda, levantou-se Pedro e disse-lhes: Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho e cressem. E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes, o Espírito Santo, assim como também a nós; e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé (At 15.7-9).

Obviamente, essas chaves dadas a Pedro por Cristo, uma para os judeus e outra para os gentios, precisam ser usadas apenas uma vez. A porta do Reino foi aberta para toda a humanidade; as "chaves" já serviram a seu propósito. A Igreja Católica Romana ensina que as chaves que conferiram a Pedro autoridade única e permanente depois foram passadas por ele a seus supostos sucessores, os papas. Não há fundamento para essa crença nem nas Escrituras nem na história. Pedro nunca mais durante sua vida usou as "chaves". Obviamente, elas não eram mais necessárias após terem alcançado seu propósito. Nem há qualquer palavra sobre os supostos sucessores de Pedro ou do subseqüente uso das "chaves". Tanto a Bíblia quanto a história deixam claro que os papas não são nem por um esforço da imaginação os sucessores de Pedro, fato que documentamos largamente no livro *A Mulher Montada na Besta.*

Hoje Há Sucessores dos Apóstolos?

Além disso, fica claro que *todos os cristãos* são os "sucessores" de Pedro e dos outros apóstolos. Jesus disse a seus discípulos: "Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura" (Mc 16.15). Ele ordenou-lhes que ensinassem aos crentes o evangelho para "guardar todas as *coisas* que eu vos tenho mandado" (Mt 28.19,20). Obviamente, isso incluía ensinar todos os novos discípulos a pregar o evangelho e formar discípulos que, do mesmo modo, também ensinariam o evangelho. Hoje, todos nós que cremos, ouvimos o evangelho de outra pessoa, que por sua vez o ouviu de outra, e assim por todo o caminho de volta até os primeiros doze discípulos de Cristo. Desse modo, nós (e todos que creram no evangelho desde o dia de Pentecostes até agora)

estamos obrigados a obedecer a todas as coisas que Cristo determinou aos doze primeiros discípulos. Isso inclui o comando dado a seus discípulos em relação a "ligar e desligar" em seu nome e por meio de seu poder. Não houve nenhuma exceção em relação aos comandos que os apóstolos deviam seguir.

O catolicismo romano afirma que os bispos são os sucessores dos apóstolos e, portanto, apenas eles têm poder para "ligar e desligar". De maneira similar, alguns carismáticos tentam extrair algum poder especial de "ligando e desligando" que estaria acessível apenas a certos "profetas" ou àqueles que possuem esse dom especial. Observa-se que em Mateus 18.18 o "ligar e desligar" está ligado à promessa: "Porque onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, aí estou eu no meio deles" (Mt 18.20). Isso se aplica a *todos* os cristãos, como também todas as outras promessas feitas aos discípulos e os mandamentos que lhes foram dados.

O contexto e todo o teor das Escrituras deixam claro que, com o "ligar e desligar", Jesus não estava dando a seus discípulos um poder único que poderiam exercer como quisessem. Ele estava dizendo-lhes que, como seus representantes, eles só poderiam agir em seu nome. Isso não é diferente de sua promessa: "... tudo quanto pedirdes a meu Pai, em meu nome, ele vo-lo há de dar" (Jo 16.23). Invocar o nome de Deus não é uma fórmula mágica por meio da qual receberemos automaticamente respostas para nossos pedidos. O mesmo é verdade em relação a "ligar e desligar". Em certas situações, quer para constranger espíritos demoníacos quer para libertar alguém do poder do pecado em sua vida, isso deve ser feito em nome de Cristo, como Ele o faria, para sua glória, por meio de sua Palavra e pelo poder do Espírito Santo.

Um homem de pensamento e de bom senso não crê na existência de Satanás. Ele está certo que duendes, gnomos, demônios e espíritos do mau existem apenas na imaginação de ignorantes e amedrontados. ...
Por trás dessas crenças
não há evidências e nunca houve...

Tire Satanás do Novo Testamento e você também tirará a veracidade de Cristo; com essa veracidade, a divindade também é retirada; com essa divindade, a redenção é retirada, e, quando a redenção é retirada, a grande construção conhecida como cristianismo
transforma-se em uma ruína disforme.
—Robert Green Ingersoll

Nós [demônios] somos realmente defrontados com um cruel dilema. Quando os seres humanos desacreditam em nossa existência, perdemos todo o resultado agradável do terrorismo direto e não mais somos mágicos. Por outro lado, quando eles crêem em nós, não podemos torná-los materialistas e céticos. ... Tenho muita esperança que aprenderei, no tempo adequado, a transformar a ciência deles em emoção e em mitos, e com tal abrangência, que, na verdade, a crença em nós (mesmo que não sob esse nome) insinue-se na vida deles, e a mente humana permaneça fechada para crer no Inimigo [Deus]...

Se pudermos produzir uma vez nossa obra perfeita — o Mágico Materialista... uma adoração verdadeira que ele vagamente chama de "forças", enquanto nega a existência de "espíritos"
— então, o fim da guerra estará à vista.
— de SCREWTAPE para WORMWOOD
The Screwtape Letters ("Cartas do Diabo ao seu Aprendiz"), *de C. S. Lewis*



8

E QUANTO AO MAL, SATANÁS E OS DEMÔNIOS?

Qual a Origem do Mal?

Questão: Isaías 45.7 parece afirmar que Deus criou o mal. Como isso é possível se Deus é totalmente bom? E se Ele criou o pecado, por que o fez e de que maneira o mesmo se manifesta?

Resposta: Examinemos esse versículo: "Eu formo a luz e crio as trevas: eu faço a paz e crio o mal; eu, o Senhor, faço todas essas coisas". Como Deus pode criar as trevas? As trevas, na verdade, são o nada. Não foi "algo" que Deus criou; trevas são simplesmente a ausência da luz. Ninguém saberia que está nas trevas se nunca tivesse visto a luz. Portanto, ao criar a luz, Deus evidenciou a ausência dela como trevas.

Da mesma maneira, a perfeição de Deus evidencia tudo o mais como mal. Portanto, o pecado é definido como uma queda em que somos "destituídos da glória de Deus" (Rm 3.23). Em sua presença, os anjos clamam constantemente: "Santo, Santo, Santo é o Senhor" (Is 6.3; cf. Ap 4.8). A perfeição de Deus é o esplendor da luz em contraste com tudo mais, aquilo que são trevas e o mal. Na verdade, afirma-se que Deus "habita na luz inacessível; a quem nenhum dos homens viu nem pode ver" (1 Tm 6.16).

Assim, como pode a perfeição de Deus revelar o mal se nenhum homem tem acesso à luz inacessível na qual Ele habita? Porque Ele escreveu sua lei na consciência de toda a humanidade (Rm 2.14,15), fazendo-nos reconhecer o mal em nós mesmos e nos outros.

Dualismo e as Religiões do Mundo

A explicação bíblica sobre o mal, na verdade, é única. O autor do livro *The Dead Sea Scrolls and the Bible* ("Os Manuscritos do Mar Morto e a Bíblia") aponta que "a religião judaica, como também outras teologias, considera que o único e onipotente Deus é o Criador do bem e do mal, o Senhor do universo".[1] A simples idéia de que um Ser Supremo seja responsável pelo bem e pelo mal contrasta nitidamente com as crenças das religiões mundiais durante época do Antigo Testamento, que se inclinavam ao dualismo.

Manly P. Hall, especialista em religiões ocultas e não-cristãs, lembra-nos: "Em todos os mistérios da antigüidade via-se a substância como a fonte de todo mal e o espírito como fonte de todo bem".[2] O mistério emana de duas oposições irreconciliáveis: Espírito Absoluto e Substância Absoluta. Para os gnósticos, esse era o princípio "do positivo e do negativo". Na mitologia politeísta, é claro, há deuses bons e maus que combatem uns com os outros. A afirmação de Isaías de que o verdadeiro Deus dos hebreus é responsável pelo bem e pelo mal diferencia-se de todas as religiões mundiais e fornece mais uma peça de evidência de que a Bíblia provém de fonte de inspiração independente da cultura ou da religião que cerca seus escritores.

O que Torna o Mal Possível?

Na Bíblia, o mal está associado ao poder de escolha, e não pode existir de modo independente. Apenas seres capazes de escolher têm responsabilidade moral; e esse grande poder de escolha torna o mal não só possível, mas inevitável. É antiga a conclusão de que as criaturas — feitas "à nossa [Deus] imagem" (Gn 1.26,27), são menos do que Deus (como toda criação de Deus deve

ser) — têm pensamentos e cometem atos indignos de Deus e, portanto, maus por definição.

Nesse caso, por que Deus daria à humanidade essa perigosíssima habilidade de escolher? Por que Deus, que é apenas bondade, permitiria, em seu universo, qualquer tipo de mal ou, até mesmo, o menor grau de maldade? Obviamente, a resposta é clara: Deus quer ter um relacionamento significativo e amoroso com a humanidade. Seria impossível para a humanidade receber o amor de Deus e amá-lo sem a habilidade de escolher amar ou odiar, de dizer sim ou não, pois o amor verdadeiro vem do coração. Tampouco pode haver louvor e adoração genuínos se não forem voluntários.

Dificilmente Deus poderia ser glorificado por robôs que não escolheriam o que dizer ou fazer, mas, ao contrário, cantariam seus louvores de maneira ininterrupta. E não teria sentido para esses seres programados dizer continuamente: "Eu te amo". O amor e louvor a Deus devem vir de seres com a capacidade de escolher não amar nem louvar, ou, até mesmo, odiar e denegri-lo; seres cujo coração foi levado cativo pelo amor dEle e que, genuinamente, o amam. É por isso que se o islamismo, por meio de ameaças de terrorismo e morte, forçasse o mundo inteiro a submeter-se a Alá — ou se o comunismo por meio de ameaças similares tomasse hoje o mundo inteiro — isso não seria uma vitória para os dois sistemas totalitários. Ao contrário, tal conquista seria a maior derrota, pois fracassaram em conquistar o amor e a lealdade dos supostos "convertidos".

É claro, Deus, ao dar ao homem o poder de escolha que torna o amor possível, também abriu a porta para todo tipo de mal. É por nossa escolha pessoal que temos pensamentos maus e praticamos ações pecaminosas. Deus não fez com que Lúcifer, ou qualquer anjo, ou qualquer um de nós fizesse o mal. Essa tragédia acontece por nossa escolha. Escolhemos satisfazer nossos desejos egoístas em vez de glorificar a Deus, e, portanto, não conseguimos alcançar sua glória e mostramo-nos pecadores.

Assim, quão maravilhoso é que Deus, em seu amor e sabedoria, seja capaz de pagar a pena por nossos pecados e, dessa maneira, perdoar-nos e tornar possível que estejamos em sua pre-

sença, amando-o e adorando-o eternamente! Seu amor certamente capturou nosso coração e criou em nós o amor real e eterno. Como 1 João 4.19, diz: "Nós o amamos porque ele nos amou primeiro". Isso só pode ser dito de maneira significativa por seres que também são capazes de escolher não amar.

E quanto a Satanás?

Questão: A Bíblia culpa uma figura mitológica, que denomina de demônio ou Satanás, pelo mal existente. Não há absolutamente evidência de que demônios, gnomos, duendes e diabos existam. Além disso, não precisamos dessas hipóteses. Tudo pode ser explicado sem elas. Nomeie uma maldade neste mundo que o homem, sem a ajuda do assim chamado Satanás ou seus demônios, não seja incapaz de cometer!

Resposta: A Bíblia nunca mencionou essas criaturas imaginárias como diabos, gnomos, fadas, duendes, etc., nem esses produtos da superstição que não têm nada a ver com o cristianismo. Essa procura obstinada, por parte dos críticos que querem que os cristãos acreditem em tais entidades (por exemplo, a citação de Ingersoll no início deste capítulo), denuncia o preconceito arrogante deles. Que eles achem necessário recorrer ao ridículo e ao exagero também revela quão débil realmente é a posição dos céticos. Que, ao menos, os críticos sejam honestos e se atenham aos fatos.

A Bíblia *não* culpa Satanás ou os demônios por todo mal. Na verdade, ela efetivamente diz: "Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência" (Tg 1.14). É claro que o homem é capaz de toda maldade cometida no mundo; é ele, na verdade, quem está fazendo isso. Isso não prova, entretanto, que não haja uma influência externa em movimento. Um jovem que rouba um banco é, obviamente, capaz de fazer isso, o que não invalida o fato de que seu parceiro de crime introduziu a idéia e incitou-o a participar.

Eva certamente era capaz de comer o fruto proibido, e, na verdade, o fez. Isso, no entanto, não anula a possibilidade de que Satanás, falando por intermédio da serpente, instigou-a a fazê-

lo. Portanto, o fato de Satanás estar envolvido nisso não é desculpa para Eva. Deus a considerou responsável por seu pecado. Satanás não pode forçar a humanidade a pecar, mas, na realidade, desempenha o papel do tentador, provocando o homem com os desejos pecaminosos aos quais ele não é apenas suscetível, mas tem inclinação para efetuar.

Não é obrigação do homem repelir Satanás, mas, para conseguir a salvação e vencer o pecado, deve descansar na vitória de Cristo e confiar nEle. Enquanto reconhecemos a existência de Satanás, resistimos ao impulso tentador de ficar fascinados com ele ou de imaginar que podemos, sem rodeios, engajá-lo na batalha. Como C. S. Lewis disse:

> Há dois erros iguais e opostos em que a raça humana pode cair em relação aos demônios. Um é não acreditar em sua existência. O outro é acreditar e sentir um interesse excessivo e doentio por eles. Pessoalmente, eles ficam de igual modo satisfeitos com ambos os erros e aclamam um materialista ou um mágico com a mesma satisfação.[3]

O Colapso do Materialismo Científico

Questão: O fato de que ninguém na história do mundo jamais viu Satanás e os demônios é, para mim, argumento suficiente contra a existência dessas criaturas. Elas existem apenas na mitologia. A Bíblia tenta se defender de alguma maneira desse problema óbvio, afirmando que não têm matéria e, por conseguinte, são seres espirituais invisíveis. Essa superstição antiquada sobre "espíritos" não foi abandonada há muito tempo pelas pessoas de opinião? Realmente, se Satanás existisse deveria haver alguma prova científica disso. Onde está ela?

Resposta: A crença em "espíritos" não foi abandonada. Ao contrário, agora a comunidade científica endossa isso. O materialismo está morto. Os grandes pensadores não mais imaginam que este universo físico é tudo que há ou que todas as coisas, inclusive a consciência humana, podem ser explicadas em termos físicos. Ken Wilbur, em seu livro *Quantum Questions: The Mystical Writings of the World's Great Physicists* ("Questões Quânticas: Os Escritos

Místicos dos Maiores Físicos do Mundo"), compilou afirmações feitas pelos maiores físicos em todos os momentos em que demonstravam acreditar em uma dimensão espiritual da existência. Sir John Eccles, ganhador do prêmio Nobel por sua pesquisa sobre o cérebro, em total concordância, escreve:

> Se há eventos espirituais de boa fé — eventos que não são em si mesmos físicos ou materiais — então, todo o programa filosófico materialista entra em colapso.
>
> O universo não é mais composto de "matéria e vácuo", mas agora deve ser aberto espaço (sem limites) para entidades (sem massa, imaterial) [isto é, as mentes].[4]

Obviamente, as idéias não são físicas. O mal em si mesmo não é físico. Ele pode envolver *atos* físicos, mas começa na mente por meio de pensamentos, que são imateriais. A moral e a ética são coisas imateriais. Seria tolice pedir para alguém descrever a textura, cor ou sabor da *verdade*, ou perguntar qual o preço de quilo de *justiça* ou *misericórdia*. Como Arthur Eddington diz: "A 'obrigação moral' leva-nos para fora da química e da física".[5]

Todos os atos intencionais se iniciam com o pensamento, que não existe como parte física de um órgão corpóreo, o cérebro. As idéias estão confinadas à mente. O cérebro é matéria, mas a mente não. É óbvio que as idéias *precedem* e *causam* a atividade neural do cérebro. Elas não são *resultado* de nada que acontece na matéria cerebral, nem o pensamento pode ser explicado dessa maneira. Idéias sobre verdade ou justiça, por exemplo, podem não se originar de nenhum estímulo físico (e, portanto, podem não ser resultado de nenhum processo evolucionário), pois estão totalmente desvinculadas de qualquer qualidade física como peso, textura, sabor ou aroma.

O cérebro humano não desencadeia as idéias, decisões ou planos. Se o fizesse, seríamos prisioneiros dessa partícula de matéria localizada em nossa cabeça. Além disso, se a evolução, um processo impessoal ocorrido acidentalmente no decurso de bilhões de anos, fosse verdade e o nosso cérebro resultado do acaso, então nossos pensamentos seriam apenas resultado desse mesmo pro-

cesso casual e, portanto, sem sentido. O mesmo se pode aplicar em relação à teoria da evolução que, de acordo com sua própria declaração, poderia apenas ser o resultado de movimentos casuais de átomos no cérebro. C. S. Lewis, expressando com lógica precisa sua rejeição ao materialismo e evolucionismo, escreve:

> Se as mentes dependem totalmente do cérebro, e o cérebro da bioquímica, e a bioquímica (com o tempo) do fluxo sem sentido dos átomos, não posso entender como o pensamento dessas mentes possa ter maior significância do que o som do vento nas árvores.[6]

Seres Espirituais?

Wilder Penfield, neurocirurgião mundialmente famoso, declarou, fundamentado em anos de pesquisa sobre o cérebro: "A mente é independente do cérebro. O cérebro é um computador, mas é programado por algo que está fora dele mesmo, a mente".[7] O cérebro é um computador com tal complexidade que o gênio humano não consegue fazer uma duplicata dele; e, como todo computador, requer alguém para fazê-lo funcionar. Essa é a função do espírito humano, que usa o "cérebro/computador" para fazer a interface com a dimensão física da vida em que nosso corpo funciona.

Em vista de que nossa mente não tem matéria, é muito tolo negar a possibilidade de existência de outras mentes ou mesmo insistir no fato de que todas devem estar atreladas a um corpo físico! Robert Jastrow, um dos principais astrônomos mundiais e, decerto, altamente considerado por seus colegas nessa área, sugere que a evolução pode ter acontecido em outros planetas por dez bilhões de anos mais do que na terra e ter produzido seres superiores ao homem na escala evolucionária, como o homem é superior à larva. Não estamos promovendo a falsa teoria da evolução, mas simplesmente observando que Jastrow não vê nada nessa teoria materialista que negue a existência de seres espirituais. De fato, Jastrow sugere:

> A vida que se encontra bilhões de anos a nossa frente pode estar tão além da forma de carne e osso que não a reconhecemos.

> Ela pode... ter-se libertado dessa carne mortal para tornar-se algo que as pessoas antiquadas chamariam de espírito.
>
> E como sabemos que existem? Talvez possam se materializar e depois se desmaterializar. Tenho certeza de que, pelos nossos padrões, têm poderes mágicos...[9]

Além de Jastrow, Eccles e Eddington, muitos outros importantes cientistas também admitem a existência de seres espirituais, independentemente de sua origem. Dentre esses homens de renome encontram-se um número significativo de ganhadores do prêmio Nobel: Eugene Wigner, prêmio Nobel e um dos maiores físicos do século passado; Sir Karl Popper, o mais famoso filósofo da ciência de nossa época; John von Neumann, matemático, chamado de "o mais inteligente homem que já existiu"; e muitos outros. Portanto, as ridículas acusações dos céticos de que apenas pessoas incultas e supersticiosas acreditam em espíritos não é nada mais do que fanfarrice de livres-pensadores utópicos.

Seria apenas lógico que os seres imateriais, se eles existem, pudessem pensar e mesmo se comunicar com nosso cérebro da mesma maneira que nosso espírito o faz. C. G. Jung, famoso psicanalista suíço, tinha um guia espiritual pessoal, Filemom, que parecia demonstrar os poderes da materialização sugeridos por Jastrow e com quem ele teve longas conversas, e bem reais. Jung escreveu:

> Filemom representa a força que não sou eu mesmo... Era ele que me ensinava... a realidade da psique... ele parecia bastante real. ... Eu andava para cima e para baixo no jardim com ele...[9]

Jung queria desesperadamente acreditar que Filemom e outras entidades que, literalmente, apareciam para ele e conversavam com ele eram nada mais do que extensões físicas de seu subconsciente. Por conseguinte, como sempre, a quantidade de evidências forçou Jung a concluir que eram seres independentes. Ele confessou: "Com base em minha própria experiência... tenho de admitir que, na prática, render-me à suposição de que são espíritos apresentou melhores resultados do que qualquer outra".[10]

A Questão dos Espíritos Maus

Em vista do mal de que nossa mente é capaz, seria extremamente ingênuo imaginar que todas as outras mentes do universo são benevolentes. Algumas das experiências de Jung foram tão terríveis, que ele ficou convencido de que, ao menos, algumas dessas entidades eram excessivamente más. Jung discutiu longamente esse tópico com James Hyslop, professor de Ética e Lógica na Columbia University. Hyslop expressou suas convicções:

> Se acreditarmos em telepatia [que Hyslop considera totalmente demonstrável], cremos em um processo que torna possível a invasão da personalidade por alguém que está à distância.
>
> Isso não é de todo plausível... de que espíritos sãos e inteligentes são os únicos que exercem [tal] influência... não há razão para que outros espíritos também não o façam.[11]

Em virtude da conclusão acima, fundamentada em evidências que convenceram Jung, Hyslop e muitos outros investigadores, não há razão para rejeitar a idéia de que possa existir um ser com tal talento para a maldade, como Satanás. Na verdade, há muita verificação experimental concernente à existência de Satanás e demônios, evidência essa que foi aceita por psicanalistas não-cristãos e cientistas, não porque a Bíblia assim o disse, mas fundamentada em suas experiências pessoais. Poderíamos dar muitos exemplos; no entanto, concluiremos com a experiência do psiquiatra M. Scott Peck, que, em anos recentes, passou a ser conhecido como um especialista em assuntos do "mal".

Enquanto Peck era assistente chefe de psiquiatria sob o comando do cirurgião chefe do Exército, ele foi indicado pelo chefe de pessoal do Exército para presidir um comitê especial de psiquiatras que tinha a finalidade de estudar "as causas psicológicas de My Lai [o massacre no Vietnã], como também de prevenir tais atrocidades no futuro". Peck, nesse processo, envolveu-se em experimentos com exorcismo. Ele refere-se a dois casos específicos que o convenceram de que a possessão demoníaca era real. Ele declarou, com pavor, que até mesmo "encontrou pessoalmente Satanás, face a face".[12] Peck escreveu:

> Quando, em um dos casos, o endemoninhado finalmente falou de maneira clara, na face do paciente apareceu uma expressão que só poderia ser descrita como satânica. Ele tinha os dentes arreganhados, uma demonstração de incrível desdenho e de completa hostilidade malévola. Passei muitas horas diante do espelho tentando imitar o que vi sem o menor sucesso...
>
> Quando o demônio, por fim, revelou-se no exorcismo de [outro] paciente, o fez com uma expressão ainda mais assustadora. O paciente repentinamente contorceu-se em convulsão e ficou parecido com uma grande e poderosa cobra, que ferozmente tentou morder as pessoas da equipe.
>
> Entretanto, sua face era mais assustadora do que o corpo contorcido. Os olhos escondiam-se sob o lento torpor reptiliano — exceto quando o réptil dá o bote para atacar, momento em que os olhos se dilatam com ódio ardente. Apesar desses freqüentes momentos de bote, o que mais me perturbou foi a extraordinária sensação de opressão, com cinqüenta milhões de anos de idade, que aquele ser serpentiforme transmitia.
>
> No momento dos dois exorcismos, quase todas as pessoas da equipe ficaram convencidas de que estavam em presença de algo absolutamente alienígena e inumano. O próprio fim de cada exorcismo foi assinalado pela partida daquela presença de dentro do paciente e da sala.[13]

A conclusão a que Peck e sua equipe chegaram não é matéria de "prova científica", mas, mediante cuidadosa observação, tiveram a convicção intuitiva da consciência. Eddington chama a atenção para o fato de que se um físico tentar aplicar métodos científicos, mediante o exame do cérebro, no estudo do pensamento, "tudo que descobrirá é uma coleção de átomos e *elétrons* e campos de força arranjados no tempo e no espaço, aparentemente similares aos encontrados em objetos inorgânicos... [e, portanto] pode estabelecer que o pensamento é uma ilusão..."[14]

A personalidade humana existe de fato, mesmo que não possa ser definida ou demonstrada cientificamente. O mesmo se dá com a manifestação do poder demoníaco. Infelizmente, ainda que um crescente número de psicólogos e psiquiatras estejam agora admitindo a realidade e o horror da possessão demoníaca, a ten-

tativa de encontrar uma explicação "científica" mina a compreensão do mal que eles têm. Se há uma explicação *psicológica* para o mal, então a escolha moral e responsabilidade pessoal não mais estão relacionadas ao mesmo. Além disso, se o mal pode ser explicado como um comportamento psicológico programado, o que significa, portanto, a *presença* que Peck diz que ele e sua equipe puderam "sentir" de maneira palpável e cuja saída também pode ser sentida?

E quanto a Satanás em Forma de Serpente?

Questão: Penso que uma das maiores evidências contra a autenticidade da Bíblia é o tratamento que ela dá à serpente. Na Bíblia, a serpente é a incorporação do mal, enquanto antigos mitos e religiões tinham exatamente a visão oposta. A Bíblia compara a serpente com o demônio, entretanto, a maioria das religiões da antiguidade, algumas das quais inclusive ainda são praticadas hoje, quase sem exceção, identifica a serpente como o Salvador ou, pelo menos, como um ser benevolente e que deve ser adorado. Como a Bíblia pode ser verdadeira e, ao mesmo tempo, estar tão afastada do que é claramente a intuição universal da humanidade?

Resposta: Esse é um assunto fascinante e suas implicações vão além de nossa total compreensão. Não há dúvida de que a Bíblia reiteradamente identifica Satanás com a serpente e o dragão, não apenas em Gênesis 3, como também em outras passagens. Por exemplo: "E foi precipitado o grande dragão, a antiga serpente, chamada o diabo e Satanás, que engana todo o mundo" (Ap 12.9). Em vista da reação e do medo usuais do ser humano frente à serpente e ao dragão, poderíamos pensar que Satanás faria todo o possível para negar tal conexão, ainda que, por alguma estranha razão, o contrário pareça ser o caso. Que intrigante que os dois estejam tão intimamente ligados em quase todas as religiões pagãs! Em milhares de templos, na Ásia, encontramos o dragão, enquanto a serpente permeia e, até mesmo, domina as religiões da Índia.

Em vista da reação humana natural ante tais criaturas, essa associação dificilmente pode ser de origem humana e exigiria outra explicação. A indicação bíblica de que Satanás é o "deus deste mundo" e, portanto, de quem se origina toda religião falsa poderia explicar isso. Além disso, arqueólogos e exploradores descobriram representações, da antiguidade, em que uma mulher, uma serpente e uma árvore estão estreitamente relacionadas, uma conexão que indubitavelmente reflete a história, relatada em Gênesis, da tentação no jardim. Mesmo hoje, são encontrados antigos templos hindus, nas profundezas das selvas do norte da Índia, que exibem, em seus muros seculares, afrescos esmaecidos em que ainda se pode distinguir a mulher, a serpente e a árvore. Os habitantes dos vilarejos, que adoram a serpente, explicam a quem pergunta sobre o significado desses símbolos que a serpente traz a salvação.

A Serpente É Adorada em todos os Lugares

Nos antigos templos do Egito e de Roma, o corpo do deus Serápis era envolvido, por movimentos espiralados, pelo corpo de uma grande serpente. No hinduísmo, Shiva, um dos três principais deuses, tem serpentes entrelaçadas em seus cabelos. A ioga é simbolizada como uma jangada feita de cobras que tem a finalidade de acordar o *kundalini*, o poder enrolado na base da espinha humana na forma de uma serpente. Podem ser dados outros numerosos exemplos desde a serpente de plumas, a Quetzalcoatl, o deus-Salvador dos Maias, até a dança anual da serpente, dos índios Hopi. Uma das maiores autoridades em ocultismo (sendo ele mesmo um praticante) escreveu:

> Algum tipo de adoração à serpente insinua-se em quase todas das partes da terra. A colina da serpente, dos Índios norte-americanos; a serpente esculpida em pedra, da América Central e do Sul; as cobras vendadas da Índia; Píton, a maior serpente da Grécia; as serpentes sagradas dos Druidas; a serpente Midgard, da Escandinávia; as Nagas, de Burma, Sião e Cambodja...; a serpente mística, de Orfeu; a serpente do oráculo de Delfos...; as serpentes sagradas, preservadas nos templos egípcios; as Uraeus,

enroladas sobre as testas de Faraós e sacerdotes — tudo isso dá testemunho da permanência de veneração universal em relação à serpente.

A serpente é... o símbolo e o protótipo do Salvador Universal, que, ao dar à criação o conhecimento de si mesma, redime o mundo... Ela há muito tempo é considerada como um símbolo da imortalidade. Ela é o símbolo da reencarnação...[15]

Na mitologia grega, a serpente era enrolada em volta do ovo órfico, o símbolo do cosmos. Em Delfos, na Grécia, (por séculos, o local mais procurado e o oráculo mais influente do mundo da antiguidade, consultado por potestades que vinham de longe, como, por exemplo, da África do Norte e Ásia Menor), encontramos também as três pernas do trípode oracular no santuário do interior do templo entrelaçadas com serpentes. Como mais um exemplo, observe Esculápio, o deus da medicina entre os gregos e romanos, cujo símbolo era uma bengala com uma serpente entrelaçada, o qual deu origem ao caduceu, o símbolo moderno da medicina.

Esculápio era adorado com serpente no templo erguido em sua honra, em virtude de um mito antigo que dizia que ele havia recebido uma erva curadora da boca de uma serpente. Aqui, novamente, a história de Gênesis foi desvirtuada: a serpente, em substituição a Jesus Cristo, não é enganadora nem destruidora, mas a Salvadora da humanidade. Ao redor do mundo, em cerimônias de graduação de escolas de medicina, em que orações ao Deus da Bíblia ou a Jesus Cristo não seriam permitidas, os graduandos ainda repitem, uníssonos, o juramento de Hipócrates antes de receberem seu título de graduação. Ele inicia-se assim: "Juro por Apolo, por Esculápio, por Higéia e Panacéia e por todos os deuses e deusas..."

Sem dúvida, a representação bíblica de Satanás como a serpente e o dragão, os destruidores e enganadores da humanidade, que depois surgem como os deuses deste mundo que deram origem às religiões pagãs, qualifica essa evidência. Além disso, o simples fato de a Bíblia permanecer sozinha contra todas as religiões da antiguidade proporciona mais uma evidência de que

estas têm uma fonte comum e que a inspiração sob a qual a Bíblia foi escrita é, exatamente como ela afirma, independente das outras religiões. Na verdade, as duas fontes de inspiração são diametralmente opostas.

Por que Satanás Deveria Existir?

Questão: Por que Deus, sabendo de todo o pecado que poderia advir disso, criou um ser que poderia tornar-se Satanás? Qual poderia ser o propósito para a existência de Satanás? O demônio bíblico, na verdade, tem tanto poder que parece igualar-se a Deus. Caso contrário, por que Deus demorou tanto para subjugá-lo?

Resposta: Alguém que leia muito a Bíblia não pode concluir que Satanás se iguala a Deus. Além disso, a razão para sua existência, como também o motivo pelo qual não foi ainda trancado em um lugar seguro, torna-se clara quando entendemos as questões envolvidas. Deus deseja conquistar o coração daqueles que criou à sua imagem. Ele os quer ter em sua presença por toda a eternidade, onde demonstrará completamente "as abundantes riquezas da sua graça, pela sua benignidade para conosco em Cristo Jesus" (Ef 2.7,8).

Para que Deus conquiste genuinamente o coração do homem, não pode haver coerção. O homem deve ter total liberdade para rejeitar a Deus e escolher adorar outro ser ou objeto. Satanás apresenta-se ao homem como a derradeira alternativa para Deus, e convence bilhões de pessoas a rejeitar ao Senhor e a dedicar sua obediência a ele. Tal alternativa é essencial para determinar o verdadeiro desejo do homem. A intenção de Deus, dificilmente, é ter no céu aqueles que não querem de fato estar lá, e isso seria contraproducente para seu propósito eterno.

Satanás como o Pretendente Rival

Podemos esclarecer o ponto desta maneira: suponha que um rei queira casar-se com a mulher mais bonita de seu reino. A fim de ter certeza de ganhar seu coração, ele expulsa de seu reino

todos os homens que poderiam ser seus rivais na afeição desta. Obviamente, essa não é a maneira de certificar-se do amor sincero dela; ela deve ter a liberdade de escolher outra pessoa. Apenas quando tiver essa liberdade e, após rejeitar todos os outros, e consentir em casar-se com o rei, ele pode estar seguro de que, na verdade, conquistou seu coração.

Deus, pela mesma razão, não trancou Satanás em lugar seguro, mas permitiu que ele continuasse a ludibriar a humanidade com suas falsas promessas. Como o mais poderoso e brilhante ser depois de Deus, Satanás estabelece a última tentativa. A batalha entre Deus e Satanás pela alma do homem é muito real. Dificilmente, um campeão peso-pesado ganharia algum crédito no mundo do boxe por derrotar uma criança de quatro anos no ringue; o oponente deve ser conceituado. Satanás é o oponente mais poderoso para Deus enfrentar em sua derradeira competição na batalha pelo coração e pela mente da humanidade.

Sim, no que diz respeito ao poder absoluto, Deus poderia imediatamente lançar Satanás "no abismo" (Ap 20.1-3) para que ele não enganasse a humanidade. Na verdade, isso acontecerá no reino milenial de Cristo sobre a terra, quando será totalmente provado que o homem, por sua escolha pessoal e sem influência de Satanás, é um pecador rebelde. Nesse meio tempo, entretanto, a batalha pela alma da humanidade, em virtude das questões envolvidas e as quais não são dessa natureza, não é para ser vencida com o poder absoluto. Essa é uma competição pelos sentimentos e pela lealdade do coração; e, para esse fim, Satanás está autorizado, com total liberdade, a ludibriar a humanidade com todas as manobras que puder tramar.

Satanás não é apenas o "deus deste século" (2 Co 4.4), mas este reino pertence a ele (Mt 4.8-10). Ele é capaz de recompensar aqueles que o seguem com grandes riquezas e sucesso neste mundo. Entretanto, Satanás está condenado, e todos aqueles que se submetem a ele participarão também dessa condenação eterna.

Deus, na batalha pela alma e pelo destino da humanidade, é totalmente honesto e aberto, enquanto Satanás distorce e ludibria. Portanto, a batalha apresentada na Bíblia é entre a verdade de Deus e a mentira de Satanás. Deus deseja que todos aqueles que esco-

lheram acolher a Cristo como Salvador e Senhor o façam fundamentados em fatos. Se Satanás tiver mais para oferecer, se seu caminho for o melhor, então deixe a humanidade segui-lo.

A Queda de Satanás

Questão: Sempre fui ensinado, segundo Isaías 14, que Satanás era um anjo caído que, originariamente, chamava-se Lúcifer. Há puco tempo, aprendi que isso não é assim, pois o ser citado em Isaías 14 é obviamente "o rei da Babilônia" (v. 4). Portanto, Satanás foi criado por Deus como ele é atualmente, a criatura mais nociva de todas?

Resposta: Satanás, como é agora, não foi criado por Deus. O Senhor não criou criaturas más. Satanás era originalmente como a Bíblia o descreve em Isaías 14, em Ezequiel 28 e em outras passagens. Ele é um querubim caído que tem grande poder e astúcia. Parece que os querubins eram os anjos mais próximos de Deus, os quais guardavam sua real presença, e Satanás era originalmente o principal querubim. Conforme Salmos 99.1 afirma a respeito de Deus: "Ele está entronizado *entre* os querubins". (Veja também Gn 3.24; Êx 25.20; 37.9; Ez 10; Hb 9.5, etc.)

Sim, em Isaías 14 há uma menção ao rei da Babilônia. Entretanto, o que se afirma sobre ele não se aplica apenas a ele, mas basicamente a Satanás. Por exemplo, quando o rei da Babilônia teve uma posição no céu da qual ele caiu? A Bíblia, às vezes, indica Satanás por meio de algum governante mundano incrédulo para mostrar que este é o poder real por trás dele, como também ele é o poder por trás do Anticristo, de quem se diz: "... e o dragão [Satanás] deu-lhe o seu poder, e o seu trono, e grande poderio" (Ap 13.2; grifo do autor). De fato, todos esses governantes despóticos e ímpios são tipificações do Anticristo ou símbolos dele.

Ezequiel 28.2-19 deixa claro como Satanás é indicado por intermédio de tais soberanos. Ali o "príncipe de Tiro" é apontado: "Estavas no Éden, jardim de Deus; toda pedra preciosa era a tua cobertura: [...] Tu eras querubim ungido [a mais alta categoria de anjo] [...], e te estabeleci [...] Perfeito eras nos teus caminhos, desde

o dia em que foste criado, até que se achou iniqüidade em ti" (vv 13-15, grifo do autor). Obviamente, nada disso, ao pé da letra, era verdade a respeito do "príncipe de Tiro", mas a respeito de Satanás que o inspirou e o dirigiu em sua impiedosa atividade.

Observe as similaridades entre o que é dito em Ezequiel 28 e em Isaías 14 sobre o "rei da Babilônia": "Eu subirei ao céu, e, acima das estrelas de Deus, exaltarei o meu trono, e, no monte da congregação, me assentarei, da banda dos lados do Norte. Subirei acima das mais altas nuvens e serei semelhante ao Altíssimo" (v. 13), etc. Claramente, há a indicação de que Satanás é o poder por trás do rei da Babilônia e do príncipe de Tiro. Na verdade, Isaías 14 retrata a queda de Satanás.

Satanás é o "deus deste mundo" (2 Co 4.4). Cristo não contesta sua reivindicação de domínio sobre o sistema do mundo quando Satanás, na ocasião da tentação do deserto, oferece dar-lhe o reino deste mundo se Ele se prostrasse e o adorasse (Mt 4.8,9). Isaías 14 e Ezequiel 28 contêm a mesma mensagem.

E quanto a Satanás na Presença de Deus?

Questão: O mal supostamente não é permitido na presença de Deus, pois Ele é totalmente santo. No entanto, de acordo com o livro de Jó, Satanás aparece diante do trono de Deus. Como pode ser isso?

Resposta: Sim, Satanás aparece diante do trono de Deus (Jó 1.6; 2.1) como "o acusador de nossos irmãos" (Ap 12.10). Ainda está por vir o dia quando "a antiga serpente, chamada o diabo" será banido do céu (Ap 12.9). Até esse momento, ele continua a acusar os crentes "diante do nosso Deus [...] de dia e de noite" (Ap 12.10).

Antes de sua queda, foi dada a Satanás uma posição de poder e autoridade, e ele preservará algum resíduo disso até que a batalha pela alma e destino do homem chegue a seu final. O desafio que Satanás apresenta a Deus só pode ser completamente resolvido através da redenção da humanidade por intermédio do sangue de Cristo quando Satanás será totalmente vencido. Até esse momento, o relacionamento de Deus com o mal é de rejeição

e aversão, não de total separação. Por exemplo, sabemos que Deus é "tão puro de olhos, que não [pode] ver o mal e a vexação" (Hc 1.13); ainda que Ele veja tudo que acontece na terra e conheça todo o mal, pois, caso contrário, não poderia ser o juiz disso.

O mal foi concebido no coração de Satanás, apesar de ele habitar na presença de Deus. A Bíblia fala do "*mistério* da injustiça" (2 Ts 2.7; grifo do autor). Na verdade, o fato de o mal ter se originado na presença de Deus e ter se iniciado no perfeito paraíso terrestre, que circunda o jardim do Éden, é um mistério. E esse mistério apenas se aprofunda quando consideramos o fato de que o pecado envolve rebelião contra o infinito e Todo-poderoso Criador de tudo. Na verdade, o fato de que Satanás e o homem possam estar tão cegos pelo egoísmo a ponto de seguir a impossível utopia de derrotar Deus é um mistério.

O fato de que Satanás continua aparecendo diante do trono de Deus, como também o fato de que as criaturas feitas por Deus (das quais Ele conhece todos os pensamentos, palavras e obras) voltaram-se, aos bilhões, para o mal, não envolve Deus no mal. No entanto, está se aproximando o dia em que Deus criará um novo universo "em que habita a justiça" (2 Pe 3.13) e onde, a partir desse momento, "não entrará [nele] coisa alguma que contamine e cometa abominação" (Ap 21.27).

Qual Foi o Primeiro Pecado?

Questão: A Bíblia nos conta que o pecado entrou no mundo quando Adão e Eva comeram do fruto proibido. Porém, Eva cobiçou e deve ter olhado para o fruto proibido com desejo antes de comê-lo. O fato de fazer isso já não era pecado? Sendo assim, havia pecado antes de Adão cair.

Resposta: Você pode estar tecnicamente correto. Entretanto, a Bíblia considera a tentação de Eva cobiçar e comer o fruto proibido e a participação de Adão como um ato único. De fato, Adão é considerado responsável: "... como por um homem entrou o pecado no mundo, e pelo pecado, a morte" (Rm 5.12).

Fica claro que o pecado de Adão era mesmo maior que o de Eva. Ela fora enganada, mas Adão não foi enganado (1 Tm 2.14).

Aparentemente, Adão sabia o que estava fazendo e o fez para não ficar separado de sua esposa. Ele estava determinado a compartilhar o destino dela, apesar de saber que, ao fazer isso, estaria se rebelando contra o Deus que o criara.

E a Respeito da Batalha Espiritual?

Questão: Há um novo ensinamento na igreja, denominado de "batalha espiritual", que está rapidamente se tornando bastante popular. Ensina-se que por meio do "amarrar" em nome do Senhor o "espírito territorial" que controla a cidade, os cristãos podem conquistá-la para Deus. A referência em Daniel 10 sobre a oposição do príncipe da Pérsia ao anjo Gabriel parece fundamentar esse ensinamento. Como você reage a isso?

Resposta: Hoje o ensinamento sobre "batalha espiritual", quer por meio da prescrição quer por meio do exemplo, não tem fundamento bíblico. É verdade, "o príncipe do reino da Pérsia" impediu, por três semanas, que o anjo (presumivelmente, Gabriel) viesse até Daniel (Dn 10.12,13). No entanto, Daniel estava aspirando à visão profética, e jamais pensou em "amarrar" o "espírito territorial" da Pérsia. Nem o anjo o instruiu para empreender tal "batalha". Na verdade, em lugar algum da Bíblia sugere-se a idéia de que certos demônios tenham autoridade específica sobre certas cidades ou territórios e que devam ser "amarrados".

A missão do anjo é informar Daniel sobre os eventos que acontecerão em Israel nos dias derradeiros (Dn 10.14) — informação essa que se tornará parte da Escritura e que o "príncipe da Pérsia" tentou impedir que chegasse até Daniel. Não há nenhuma alusão a que o "amarrar" esse demônio libertaria a Pérsia dessa influência satânica, ou que a vitória de Gabriel sobre esse demônio (com a ajuda do arcanjo Miguel) teve qualquer efeito sobre o clima espiritual da Pérsia ou ajudou na salvação de um único persa sequer.

Paulo nunca tentou "amarrar espíritos territoriais" para ensinar o evangelho ao mundo de sua época, portanto, por que de-

veríamos fazê-lo? E, apesar de todos os apóstolos terem "alvoroçado o mundo" (At 17.6), não há alusão a nenhuma cidade que tenha sido "conquistada para Deus", como hoje alguns pregadores falsamente prometem. Em Corinto, por exemplo, onde Paulo permaneceu por dezoito meses, Deus lhe deu especial proteção e bênção porque Ele tinha "muito nesta cidade" (At 18.9,10). A questão não era *libertar Corinto*, mas *chamar um grupo de crentes para fora de lá*. Tampouco Paulo teve sucesso em mudar o destino de Corinto ou de qualquer outra cidade ou nação. Tal ensinamento simplesmente não tem fundamento bíblico e é resultado da imaginação e ambição dos homens.

Por que Deus Endurece os Corações?

Questão: Fiquei muito perturbado com duas afirmações da Bíblia: (1) que Deus endureceu o coração do Faraó (Êx 4.21; 7.13,14 etc); e (2) que Deus dará às pessoas "a operação do erro, para que creiam a mentira, para que sejam julgados todos os que não creram a verdade" (2 Ts 2.11,12). Isso parece tão obviamente injusto que abalou minha fé! Além disso, parece tornar Deus responsável pelo mal ou, pelo menos, um parceiro dele. Você pode me ajudar?

Resposta: Primeiro, vejamos os fatos corretos. Antes que Deus endurecesse o coração de Faraó, ele recusou um simples pedido para deixar o povo de Deus ir a "caminho de três dias ao deserto" para oferecer sacrifícios ao seu Deus (Êx 5.1-9). Obviamente, esse desejo para adorar não era despropositado, pois partia de pessoas que, por séculos, foram escravizadas e impedidas de oferecer ao seu Deus os sacrifícios prescritos. Eles precisavam sair do Egito, pois o sacrifício de animais que faziam para seu Deus poderia ser altamente ofensivo para os egípcios (Êx 8.26). Assim, a resposta de Faraó não era apenas para negar categoricamente o pedido, mas para aumentar de forma cruel o rigor da escravidão dos israelitas.

Precisamos lembrar que Deus não forçou Faraó a fazer nada que já não estivesse determinado a fazer. Deus apenas ajudou o Faraó a persistir no caminho que ele firmemente escolhera. Deus

endureceu "o seu coração", não para mudar o desejo do Faraó, mas para reforçar nele sua resolução de não permitir que o povo fosse ao deserto. R. A. Torrey, em relação a essa mesma questão, escreve sobre a conduta dele:

> Os fatos são esses: Faraó era um tirano cruel e opressivo, que subjugava o povo de Israel à mais horrível escravidão, sofrimento e morte. Deus olhou para seu povo humilhado, ouviu seus lamentos e em sua misericórdia decidiu libertá-los (Êx 2.25; 3.7,8). Ele enviou Moisés como seu representante para requerer junto ao Faraó a libertação de seu povo, e Faraó, em arrogante rebelião, desafiou-o e, até mesmo, dedicou-se a oprimir mais cruelmente ainda essas pessoas. E foi nesse momento, e apenas nesse momento, que Deus endureceu seu coração.
>
> Esse... [é] o método universal de Deus lidar com o homem... se o homem escolhe o erro, Ele o entrega ao erro (2 Ts 2.9-12). Essa é uma conduta severa, mas é só uma conduta.[16]

Podemos entender melhor o que significa o endurecer "seu coração" ao considerar por que isso era necessário. Faraó estava aterrorizado por causa das pragas que Deus sentenciou sobre os falsos deuses do Egito, as quais tiveram conseqüências tão desastrosas e foram tão obviamente causadas de modo sobrenatural. Seu coração não havia mudado, porém ele já não teria coragem para persistir em seu desejo de manter o povo de Deus em escravidão. No entanto, Deus ainda não estava pronto para terminar seu julgamento sobre os falsos deuses do Egito. Assim, Deus fez com que o Faraó persistisse em sua recusa em deixar o povo de Israel ir até Ele, a fim de concluir sua exposição e punição aos falsos deuses, os quais serviram como linha de frente para Satanás enganar o povo egípcio.

É importante também compreender que o endurecimento do coração do Faraó originou-se exatamente de cada novo pedido, feito por Moisés e Arão para que deixasse o povo ir. A cada vez, era-lhe dada a escolha de submeter-se a Deus ou não, e cada recusa representava um endurecimento de seu coração por meio da qual Faraó continuava a cavar mais fundo, para si mesmo, um túmulo de rebelião. Cada ato de rebelião contra Deus e de rejeição a Ele endurece muito mais o coração.

O mesmo também acontece com todos aqueles que se recusam a aceitar a verdade que Deus tornou conhecida para eles. Como poderia ser injusto o fato de que Deus os ajude a acreditar na mentira em que eles mesmos se determinaram a crer? Não, é apenas justo fazer isso; e essa é uma lição importante que aprendemos.

Deus É Justo em sua Demanda por Obediência?

Questão: A Bíblia diz que devemos obedecer a Deus, pois este é seu universo. Isso não o torna um tirano? Você diz que Ele deu ao homem a liberdade de escolher entre o bem e o mal, mas as cartas dEle não estão marcadas uma vez que o homem é forçado a ir pelo caminho de Deus ou será condenado? Isso é justo?

Resposta: O comando que Deus deu a Adão e Eva apenas os proibia de comer de uma árvore específica do jardim. Não há como conceber um comando mais fácil de ser obedecido. Havia nesse magnífico jardim de perfeição, milhares de árvores de todas as variedades. A árvore da qual Deus lhes disse para não comer, sem dúvida, era uma das muitas árvores carregadas com o mesmo tipo de fruta. O fruto da árvore não possuía poderes mágicos que traria pecado e morte para Adão e Eva. A desobediência deles, ao comer o fruto em rebelião à proibição de Deus, foi que constituiu o pecado e trouxe a morte a eles e a todos os seus descendentes até hoje.

Devemos concordar, portanto, que não havia nada despropositado na primeira ordem que Deus deu à humanidade. Tampouco podemos achar alguma desculpa para a desobediência de Adão e Eva. O mesmo é verdade em relação a todos os pecados e todos os pecadores.

No primeiro pecado da humanidade, vemos toda a verdade sobre o pecado. O ato em si pode não parecer tão mau assim. O ato de meramente comer algum fruto não é pecado em si mesmo. A fornicação pode levar o casal a desculpar-se a si mesmo, pois, afinal, estão apenas expressando seu amor um pelo outro. O pecado

encontra-se na rebeldia contra Deus, que, como nosso Criador, não só tem o direito de estabelecer os mandamentos para governar nossa conduta, mas apenas o faz para nosso bem.

Além disso, essa rebeldia significa a rejeição da autoridade de Deus, e a negação de que Ele realmente nos ama e que seu caminho é o melhor. Ela é a afirmação egoísta e autocentrada do homem, a saber, que ele pode ser seu próprio Deus e decidir seu próprio destino. Essa rebelião não pode ser permitida no universo de Deus, da mesma maneira que os árbitros no campo de futebol ou na quadra de basquete não permitem a violação das regras do jogo. No caso de Adão e Eva também observamos as terríveis conseqüências do pecado de um indivíduo sobre as futuras gerações. Aquele fato aterrador deveria ser suficiente para fazer todos nós evitarmos o pecado.

Duas Alternativas Lógicas

Deixe-me esclarecer a colocação. Apesar de isso ter ocorrido há trinta anos, lembro-me, de forma bem nítida, de dois jovens que me visitaram tarde da noite. Um deles estava bravo com Deus, pois, na manhã seguinte, seria enviado para o Vietnã. Seu amigo o trouxera até mim para ver se podia responder algumas de suas queixas contra Deus.

O que seria enviado ao Vietnã disse amargamente: "Não pedi para ser criado, mas aqui estou eu sem que tivesse escolhido estar aqui. E agora Deus me pendura sobre as chamas do inferno e diz: 'Direita volver. Faça isso do meu jeito ou eu o colocarei lá!'". A hostilidade parecia o estar consumindo.

Sugeri: "Olhemos para isso da seguinte maneira: suponha que você apenas acabou de entrar na existência, em algum lugar do universo, e que tenha a autoridade e o poder de criar seu destino. Depois de gastar três ou quatro bilhões de anos planejando sua utopia suprema, você põe os toques finais em seu projeto para a vida e reclina-se muito satisfeito com você mesmo. Deus, imediatamente, põe o projeto dEle para sua vida ao lado do seu, e você o examina com cuidado. Agora, diga-me que projeto seria melhor?"

Ele olhou para o chão, depois para o teto, depois para o fogo na lareira e, finalmente, para mim, e com uma expressão infeliz, por fim, admitiu: "Suponho que teria de ser o maior egotista do mundo para dizer que meu projeto é melhor do que o de Deus".

Retruquei: "Exatamente. Deus é infinitamente mais sábio que você e o ama de verdade. Além disso, seu projeto é muito melhor que os nossos. Assim, do que se trata isso de: 'Vire-se ou queimar-se-á. Faça isso do meu jeito ou eu o colocarei lá'? O que você deve dizer é: 'Deus, obrigado, apesar de eu ser um tolo egotista a ponto de imaginar que meu caminho seria melhor que o seu, e apesar de eu ter me rebelado contra ti, o Senhor enviou seu Filho para pagar a pena total por meu pecado e agora me oferece, como dom espontâneo de sua graça, seu perfeito plano de vida em lugar do meu. Obrigado, Senhor!"

Tentei persuadir esse jovem a receber a Cristo como seu Salvador e entregar-se ao amor, à graça e à proteção de Deus. Tragicamente, ele não estava querendo desistir de suas queixas e deixar Deus ser Deus. Não sei o que lhe aconteceu ou se jamais retornou salvo do Vietnã. Anos mais tarde, o outro jovem, que trouxe o amigo, ao final de um encontro em que eu estava palestrando, procurou-me e disse-me quem era. Ele tornara-se um pastor.

Ele contou-me: "Deus tratou comigo em conseqüência do que me disse naquela noite. Como resultado disso, entreguei minha vida totalmente a Cristo".

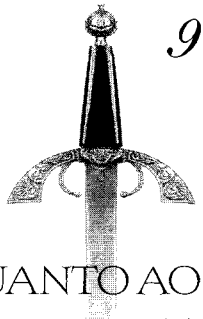
Os fatos são claros: o pecado e Satanás, na verdade, são reais e fazem oposição a Deus. Existe uma batalha genuína e feroz por nossa alma e nosso destino. Cada um de nós tem uma escolha muito importante e eterna para fazer a qual determinará o resultado dessa batalha, pelo bem ou pelo mal.

Não há nenhuma dúvida de que a única escolha inteligente possível de ser feita é deixar que Deus tome a direção total de nossa vida. Nada mais faz sentido. Não é "sacrifício" obedecer a Deus; é um grande *privilégio* tornar-se filho de Deus por meio da fé em Cristo e começar já, nesta vida, a desfrutar a bênção eterna que Ele preparou para todos que o amam.

Se este universo foi criado por uma divindade totalmente sábia, onisciente e onipotente, dessa maneira, essa divindade sabia o que estava fazendo quando criou o universo e, portanto, é responsável por tudo que ele é e por tudo o que será; e, por conseguinte, é responsável por todo sofrimento no universo, ela o fez. Ela é a autora disso, e em relação a um Deus assim, tenho apenas sentimentos de extrema aversão. Eu o odeio. Eu o detesto. Eu o desprezo.

Qualquer Deus que cause uma partícula de sofrimento é merecedor de nossa condenação, como também o homem que voluntariamente causa sofrimento é merecedor de condenação, pois se Deus causa sofrimento, voluntariamente o causa. Deus, por definição, não é uma criatura de circunstâncias. Ele é onipotente... e, portanto, quando causa sofrimento, faz o que não era obrigado a fazer.

—*Samuel P. Putnam*, líder ateísta do século XIX[1]



9

E QUANTO AO SOFRIMENTO E O INFERNO?

A Culpa É Real ou meramente uma Invenção da Mente?

Questão: A dor e o sofrimento causados pelo crime já são suficientemente ruins. No entanto, o cristianismo aumentou essa dor e sofrimento ao convencer a humanidade de ter se rebelado contra Deus e violado seus mandamentos. Em conseqüência, a ameaça de punição eterna assombra a todos que caminham sob a influência do cristianismo. O mundo não seria melhor sem essas decepções para atormentar as pessoas?

Resposta: Não é verdade que o cristianismo tenha criado o sentimento de culpa moral e o julgamento vindouro que assombra a humanidade. O homem é uma criatura irremediavelmente religiosa, e todas as práticas religiosas que são encontradas em todas as raças e culturas ao redor do mundo envolvem o senso de culpa e a tentativa de apagar a culpa mediante algum tipo de sacrifício. Isso acontece no mundo inteiro. Isso pode ser delineado, em cada cultura, até sua origem no passado, milhares de anos atrás e, portanto, não se pode responsabilizar o cristianismo de maneira alguma por isso.

O mesmo é verdade em relação àqueles que tem origem nos chamados "países cristãos", como os Estados Unidos. Embora seu senso de culpa possa ter sido reforçado por meio do contato com o cristianismo, essa não é a única fonte para sua existência. A culpa universal que assombrava até mesmo o homem primitivo poderia também assombrar os norte-americanos mesmo se não conhecessem o cristianismo. Jacques Ellul chama de "noção trivial" a idéia de que o cristianismo seja responsabilizado pela culpa e salienta:

> O sacrifício, encontrado em todas as religiões, é propiciatório ou ainda é um sacrifício de redenção ou de absolvição. Em qualquer caso, o sacrifício é substitutivo e procede de um profundo senso de culpa...
>
> Quanto às situações que provocam culpa, nada pode esclarecer isso mais que o emaranhado de proibições entre os, assim chamados, povos primitivos...[2]

De fato, apenas o cristianismo pode libertar o homem da culpa que, por outro lado, o assombra. Virar uma nova página e dedicar-se a viver de forma moralmente reta no futuro não pode libertar da culpa dos pecados passados. A verdadeira libertação da culpa apenas pode vir por intermédio da fé em Cristo como aquEle que pagou a pena total pelos nossos pecados e realizou sobre fundamentos justos o perdão completo. Só depois podemos perceber a magnitude de nossa culpa e, assim, agradecer a Deus tanto mais pela nossa salvação. Ellul situa isso muito bem:

> Devemos também lembrar de modo constante que... biblicamente, e no vago pensamento cristão, o pecado é conhecido e reconhecido pelo que é apenas *depois* da identificação, proclamação e experiência do perdão. Porque fui perdoado, percebo quão pecador eu era. O pecado é percebido como pecado por meio da graça, e não de outra maneira, assim como o escravo inesperadamente liberto percebe, quando vê as correntes que o prendiam, quão grande era sua miséria.[3]

Deus não É Sádico

Questão: A Bíblia afirma que Deus conhece o futuro. Ele sabia que Adão e Eva pecariam e que incomensurável mal e sofri-

mento se seguiriam. O Deus da Bíblia sabia de cada estupro, assassinato, guerra e de cada partícula de dor e pesar que se seguiriam. Mesmo assim, Ele foi adiante e, de qualquer maneira, criou o homem. Como Ele pode ser qualquer coisa além de um monstro ou um sádico?

Resposta: A despropositada e blasfema idéia de que Deus é cruel, deve ser instantaneamente rejeitada. Por um motivo, há muito pouco pecado e sofrimento no mundo para sustentar essa teoria. Se Deus fosse esse espírito maligno que os céticos pretendem que Ele seja, a vida seria infinitamente pior do que é. Não haveria alegria e tudo estaria misturado com a dor, portanto, toda a vida poderia ser um tormento. Em vez de júbilo e êxtase, haveria apenas depressão e miséria. Linton expressa isso da seguinte maneira:

> [Se Deus fosse um sádico], poderia nos infligir infinitamente mais dor do que sofremos neste mundo. Em vez do impulso prazeroso da fome saudável, poderia nos forçar a comer, como um viciado é forçado a usar a droga por causa da dor da abstinência. Todas as funções físicas poderiam ser estimuladas pela dor, em vez de provocadas pelo prazer.
>
> Se Deus fosse indiferente, por que criaria a variedade de sabores dos frutos para o paladar, a constante harmonização na exuberância de cores nas flores e no pôr-do-sol, o cheiro de sal no ar e a capacidade de vibrar de alegria com essas coisas? Por que permitiria que a sutil alegria e a absoluta sensação de bem-estar que aquele que acredita em Cristo constantemente experimenta e a qual ele nem mesmo consegue nomear ou descrever?
>
> Se Deus ama suas criaturas, tudo está explicado, exceto a morte, a dor e o pesar, e essas coisas deveriam, na verdade, apontar, como apontam, para todos que crêem em direção a um problema insolúvel: "A morte vem pelo pecado", e o glorioso fim equivale ao que é sucintamente dado nessa explanação: "E Deus limpará de seus olhos toda lágrima".[4]

Claramente, o universo não foi criado por um sádico. Devemos abandonar essa teoria como uma possível explicação legítima para o pecado e o sofrimento. Contudo, a ilógica e irracional

queixa contra Deus, culpando-o pelo pecado e pelo sofrimento tem sido, por séculos, reiteradamente expressa por ateístas. Eis aqui como Samuel Putnam, no último século, expressou isso:

> Em vez de sofrimento Deus poderia ter feito felicidade. Por sua vontade, e sem coerção, Ele fez o sofrimento. Portanto, o que Ele é além de um espírito maligno? Suas boas obras não desculpam suas más obras, não mais do que as boas obras de um assassino podem perdoar seu crime... Deus deve ser completamente bom ou, ao contrário, não ser bom de modo algum.[5]

Putnam parecia ser um homem inteligente. Portanto, como pode partir dele um argumento tão obviamente tolo? Ele estaria cego pelo preconceito? Ouso dizer que Putnam (se não ele, com certeza muitos ateístas que levantaram a mesma objeção) teve filhos. Será que sabia que os filhos que ele e sua esposa trouxeram a este mundo sofreriam dor e possível morte? Ele não sabia, como muitos pais, que era inteiramente possível que um ou mais de seus filhos pudesse se tornar um criminoso e trazer muito sofrimento para os outros? É claro que ele sabia. O bom senso o faria saber.

Deus não É o Autor do Mal

No entanto, Putnam é responsável por todo mal e sofrimento que possa ter sido infligido a seus filhos e/ou pelo qual eles possam infligir sobre os outros? É claro que não. Havia alguma maneira de Putnam e sua esposa saberem que seus filhos experimentariam apenas satisfação, e nunca dor, apenas alegria, e nunca pesar? Certamente que não. Eles podiam ter certeza de que os filhos que trouxeram a este mundo tornar-se-iam honestos e bons em todas as suas ações, nunca causariam dano aos outros e nunca seriam merecedores de prisão ou mesmo execução por seus crimes? Mais uma vez, a resposta é claramente não.

Qualquer pessoa honesta concluiria que nem Putnam nem quaisquer outros pais que fazem essas objeções contra Deus poderiam estar certos a respeito de que tipo de vida seus filhos viveriam, quer boa quer má, ou de que tipo de sofrimento teriam de suportar

ou infligiriam aos outros. Entretanto, eles poderiam ter certeza absoluta de que seus filhos sofreriam, ao menos, algum tipo de doença, e dor, e pesar. Portanto, esses críticos e todos os outros pais não são tão culpados quanto Deus por trazer sofrimento aos outros? Se Deus é um sádico por criar o homem, também não o são todos os pais por trazer filhos a este mundo?

Pode-se argumentar que a diferença é que Deus está no controle do mundo, e Ele podia fazer isso como lhe aprouvesse. Ele está? Ele pode? Ao contrário, o mundo como é hoje, não teria sido criado, não por Deus, mas pelo pensamento voluntarioso, pela ambição, pela luxúria e pelos atos impuros (e, muitas vezes, heróicos e bons) da humanidade ao longo da história? Este é o mundo feito pelo homem, não como Deus o fez e o planejou. Se alguém deve ser culpado pela dor, e pesar, e pecado, e maldade existentes no mundo atual essa pessoa é o homem. Pecado e sofrimento não são obras de Deus, mas do homem!

Deus poderia forçar alguém mesmo contra a vontade da pessoa a ser sábio, e bom, e feliz mais do que quaisquer pais terrenos podem forçar seus filhos a se comportar exatamente da maneira que eles determinam? É óbvio que não, uma vez que é permitido ao homem ter o poder de escolha. E se lhe fosse tirado esse poder, ele não mais seria um ser humano, mas uma espécie inferior de moral aleijada e tão responsável por seus atos quanto uma marionete movida por meio de cordéis. Putnam ou qualquer outro ateísta desejaria isso? Decerto que não. Portanto, que eles parem de injustamente culpar Deus pelo mal neste mundo!

O Lamento Paterno de Deus

O profeta Isaías, inspirado pelo Espírito Santo, expressa o pesar de Deus pelas ações dos homens, as quais são tão contrárias ao seu desejo benevolente para com eles. Ouçam o lamento de Deus:

> Ouvi, ó céus, e presta ouvidos, tu, ó terra, porque fala o Senhor: Criei filhos e exalcei-os, mas eles prevaricaram contra mim. O boi conhece o seu possuidor, e o jumento, a manjedoura do seu dono, mas Israel não tem conhecimento, o meu povo não entende. Ai da nação pecadora, do povo carregado de iniqüidade da se-

> mente de malignos, dos filhos corruptores! Deixaram o Senhor, blasfemaram do Santo de Israel, voltaram para trás (Is 1.2-4).

Essas não são as palavras de um sádico que, de maneira voluntariosa, trouxe sofrimento e pesar ao mundo. Ao contrário, esse é o lamento de um Deus de amor que deseja o melhor para aqueles que criou e se aflige com a conduta destes, aos quais chama de seus filhos. Já existiram pais que não tenham se desgostado do comportamento de seus filhos, pelo menos algumas vezes e sob algumas condições? E qual seria a solução para isso? Os pais poderiam, mesmo tendo trazido os filhos ao mundo, forçá-los a obedecer? Eles poderiam obrigar o filho a se comportar de acordo com seus ditames? É óbvio que não.

Mesmo se os pais pudessem executar essa tarefa, isso não resolveria o problema que flagela a humanidade. O filho deve corresponder por seu livre desejo ou a "obediência" imposta a ele seria sem sentido. O mesmo acontece com Deus. Ele nos deu o poder de escolha para que possamos amá-lo e para impedir a humanidade da pretensão que destruiria o homem, como Deus o fez e como o homem quer ser. O mal não é obra de Deus, mas do homem por meio do uso egoísta e, portanto, maligno do poder de escolha que lhe foi conferido.

"Ser ou Não Ser: Eis a Questão"

Questão: Um amigo que costumava afirmar ser cristão e agora se intitula ateu, apresentou-me um problema que não pude solucionar. Ele pretende admitir (para benefício do argumento, apesar de ele não acreditar nisso) que o pecado é conseqüência do uso errado que o homem faz do poder de escolha que lhe é dado. Mesmo assim, ele insiste que não podemos isentar Deus, pois, mesmo sabendo da maldade e do sofrimento que se seguiria, Ele escolheu criar o homem. Ainda pior, Deus criou bilhões de seres que não só sabia que sofreriam nesta terra, como também Ele sabia que lhes destinava o sofrimento eterno em um lago de fogo! Você pode me ajudar a responder-lhe?

Resposta: O que a tese de seu amigo se refere (a qual é meramente outra variação de um tema já excessivamente debatido) é

assustadora: a conveniência da inexistência da raça humana como seres capazes de escolha. Não é possível existir ser humano verdadeiro sem a possibilidade do mal. Portanto, a questão é a existência ou inexistência da raça humana: "Ser ou não ser". A única maneira de o mal e o sofrimento serem eliminados para sempre da terra seria não ter criado o homem de maneira alguma. Sem contar o fato de que isso eliminaria todo sofrimento e pesar, pense na beleza, alegria e amor que também seriam eliminados.

Admitamos, meramente para ilustrar essa teoria, essa cena impossível: Milhões de anos atrás, bilhões de seres humanos ainda não-criados em um espírito de hipotética pré-criação fazem um desfile diante do trono de Deus, exigindo não serem criados. Eles gritam em protesto: "Iremos todos para o inferno, um lago de fogo! Portanto, exigimos o direito de não ser criados! Será sadismo da pior espécie se você nos trouxer à existência, sabendo sobre o tormento que sofreremos eternamente!"

A réplica de Deus seria algo como: "Vocês inevitavelmente devem ser as mães e pais, os tios e tias, os filhos e netos e primos de milhões e milhões dos que crerão em Cristo e cujo destino é a eterna bem-aventurança e alegria do paraíso. Se vocês não existirem, então, tampouco eles existirão. Não permitirei que seu desejo egoísta de inexistência elimine a existência e o deleite eterno de bilhões de almas que serão redimidas pelo sangue de meu Filho e, por conseguinte, passarão a eternidade em minha presença em que há 'abundância de alegria' e 'delícias perpetuamente'" (Sl 16.11).

Eles continuarão a protestar: "Assim, você está destinando-nos, por toda a eternidade, ao tormento do lago de fogo! Seus inimigos, portanto, poderão dizer que você não é um bom Deus de amor, mas um espírito maligno que criou os homens para o inferno!"

Deus poderia replicar: "Ao contrário, o lago de fogo foi feito para 'o diabo e seus anjos' (Mt 25.41) e se um ser humano alguma vez entrar nesse lugar de tormento eterno, será contra meu desejo. Meu Filho morrerá em pagamento da pena que minha justiça exige por qualquer pecado que qualquer ser humano cometa. A exigência para qualquer um estar no céu, onde quero que todos

estejam, será totalmente satisfeita. Se alguém, mesmo assim, for para o inferno, isso será por causa de sua teimosia em recusar a salvação que eu providenciei".

Os reclamantes insistem: "Mas nós sofreremos eternamente!"

Deus replicaria: "Se assim for, isso será sua escolha, não minha. Eu não privarei bilhões de almas redimidas da alegria eterna apenas para atender a obstinada rebelião de vocês".

Deus Criou o Homem para Sofrer?

Questão: Não há nenhuma maneira de Deus ficar isento da acusação de que Ele é um sádico espírito maligno. Ele diz que não quer que ninguém sofra; no entanto, sofremos nesta vida e fomos prevenidos de que nosso sofrimento pode ser ainda pior na eternidade. Na verdade, o sofrimento que Deus planejou para a eternidade é horrível, está além das palavras. Como você pode dizer que é bom o Deus que criou o homem para queimar nas chamas perpétuas do inferno?

Resposta: Deus não criou o homem para ter tal destino, e quando o homem por seu próprio desejo egoísta rejeita a salvação desse destino, que Ele tão graciosamente oferece, isso ofende a Deus. A Bíblia diz de forma clara que Deus não está "querendo que alguns se percam" (2 Pe 3.9), mas quer "que todos os homens se salvem" (1 Tm 2.4).

A Bíblia claramente nos diz que Cristo pagou a penalidade pelos pecados do mundo inteiro, mesmo pelos pecados daqueles que o rejeitam: "Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29); e de novo: "E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1 Jo 2.2).

Devemos descansar seguros de que ninguém sofrerá no inferno sem que pudesse ser conquistado por Cristo de alguma forma nesta vida. Deus não deixa pedra sobre pedra para resgatar todos que respondem à sentença e à súplica do Espírito Santo. Paulo deixa isso claro: "Porque os que dantes conheceu [respon-

deriam ao evangelho] [...] a esses também chamou [com o evangelho]; e aos que chamou, a esses também justificou; e aos que justificou, a esses também glorificou" (Rm 8.29,30; grifos do autor). Deixe-me tentar esclarecer.

Como um Peixe Fora d´Água

Um peixe vê um homem à margem, sentado sobre uma cadeira com as pernas cruzadas, fumando um cigarro e segurando uma vara de pescar. O peixe chega à conclusão de que não pode deixar passar essa oportunidade real e resolve ser como o homem. Ele manobra para pular fora d'água, arremessa-se sobre uma cadeira, cruza as nadadeiras e acende um cigarro. Mas antes que possa entender como manejar uma vara de pescar, fica sem oxigênio e, com a vida se esvaindo, cai da cadeira e enterra-se por todos os lados na sujeira e no cascalho, abrindo e fechando rapidamente as guelras em uma vã tentativa de puxar oxigênio do ar.

Um ateísta que caminhava por ali exclama com escárnio: "Que tipo de Deus criaria um peixe para sofrer dessa maneira?"

A verdade óbvia, evidentemente, é que Deus não fez o peixe para sofrer daquela maneira. Ele criou o peixe para nadar em exuberante liberdade nos rios, lagos e oceanos. Esse sofrimento horrível que é contrário à vontade de Deus aconteceu porque o peixe rebelou-se contra o propósito divino para ele. O homem, ao rebelar-se de sua maneira contra Deus, também é como um peixe fora d´água.

Deus fez o homem para nadar no oceano de seu amor e para desfrutar a vida plena e a liberdade de expressão daqueles que seguem os desejos de Deus. Isso seria maravilhoso, porém o homem escolheu rebelar-se contra Deus e fazer suas próprias coisas. Os seres humanos que se rebelaram contra Deus encontram-se, em conseqüência de seu egoísmo, também em conflito uns com os outros. O que uma pessoa teimosa quer fazer inevitavelmente conflita com o que outra pessoa teimosa quer fazer, provocando raiva, ciúme, ódio e todo o mal que acompanha isso. Mas não culpe a Deus por isso. Ele criou todas as coisas em graça e perfeição. Foi o homem quem perverteu a perfeição e dá largas à destruição sobre a criação de Deus.

Por que o Condenado Deve Arder no Fogo?

Questão: Estou angustiado com o pensamento de que qualquer pessoa sofra eternamente. Isso está perturbando minha fé, em especial quanto ao fato de que o mesmo Deus que criou o homem com a capacidade para o contentamento, alegria, também lhe deu a horrível e desnecessária capacidade para o sofrimento, não apenas nesta vida, mas também na eternidade. E o sofrimento que aguarda o condenado é do tipo mais horrível: arder para sempre no que a Bíblia descreve como um "lago de fogo". Como você pode conciliar isso com um Deus de bondade?

Resposta: Muitas pessoas nesta vida sofreram a excruciante e terrível dor de serem queimadas. De acordo com seu raciocínio, Deus deve ser acusado pelo sofrimento deles, pois constituiu o corpo humano com nervos que podem sentir dor. No entanto, esses nervos foram projetados para prevenir doenças ou outras forças destrutivas que se formam no corpo humano e, assim, salvar a vida.

Nas sociedades primitivas, mais de um leproso teve parte ou todo o pé queimado em fogueiras antes de perceber o que estava acontecendo porque não podia sentir dor. Um médico pode lhe dizer que a dor é um dos prodígios que ajudam a preservar o corpo; ela e a vida estão tão inextricavelmente ligadas como se fossem inseparáveis. A dor envia a mensagem vital de que há necessidade de prestar atenção.

O "Ardor" da "Sede" Insaciável

O "fogo" do inferno e o tormento do "ardor" do maldito e condenado estão consistentemente ligados à sede. Quando olhamos isso dessa maneira, alcançamos uma melhor compreensão: o sofrimento do inferno não existe pelo desejo de Deus de punir, mas em virtude de seu amor. Ele ama tanto o homem que o fez eternamente capaz de conhecê-lo e de habitar com Ele para sempre. Em seu amor, Ele formou o homem para que sua comunhão com Deus não seja uma mera opção e, portanto, pouco satisfatória.

Não, isso é vital para sua existência real e, por conseguinte, traz infinito prazer e satisfação.

Se Deus nos criou para que tivéssemos comunhão com Ele e para traçar nossa vida e propósito a partir do comando que Ele nos dá, então, no momento, em que separamos dEle qualquer parte de nossa vida, quer isso seja sabedoria quer seja amor, isso se torna contaminado ou deturpado, uma caricatura do que foi pretendido. Podemos observar esse fato em qualquer lugar. O homem, quando está rodeado de amigos da mesma opinião e dos prazeres deste mundo, pode não experimentar nesta vida a sede por Deus. Ele é como um homem no deserto do Saara que, de manhã cedo, se recusa a beber a água que lhe é oferecida; porém, no calor do dia, está morrendo pela falta da água anteriormente desprezada.

A Bíblia faz uma conexão entre a separação da vida e comunhão com Deus e a sede que arde, fornecendo uma metáfora que nos dá uma medida que ajuda a compreender como serão o céu e o inferno. Ao seguir essa analogia, percebemos que o sofrimento no inferno será tão oloroso pela mesma razão que o céu será tão intensamente jubiloso. Esse é o caminho com a sede insaciável — ou satisfeita.

É fácil entender que a pessoa que está morrendo de sede *arda* em tormento pela mesma razão que beber água fresca sacia a sede, algo que dá uma sensação boa e agradável. Nossa percepção torna-se mais clara quando lembramos que a sede queima e atormenta e que, ao saciá-la, reconforta e alegra, pois a água é absolutamente essencial para a vida. Da mesma maneira, o inferno será percebido como tão ruim quanto o céu, como tão bom, pois a intimidade e plenitude da presença e do amor de Deus é essencial para nossa vida espiritual como a água para nossa vida física.

Aqueles que vão para o inferno, e que Deus nunca pretendeu que fossem separados, queimarão com a sede insaciável pelo amor de Deus em conseqüência pelo que fizeram. Para aqueles que estão no inferno, não há absolutamente como saciar essa sede espiritual e moral, pois, por escolha própria, eles se separaram de Deus por toda a eternidade.

E a Respeito do "Lago de Fogo"?

Questão: Conforme compreendo, a Bíblia diz que há duas ressurreições: uma daquele que foi salvo, e outra daquele que foi perdido. E esse último apresenta-se diante de Deus, em seu corpo físico ressurrecto e é lançado em um lugar de tormento chamado de "lago de fogo" (Ap 20.15). Qual é o objetivo do tormento eterno do perdido?

Resposta: A Bíblia descreve o condenado que se encontra diante de Deus no Grande Trono Branco do julgamento e é lançado dentro do lago de fogo nesses termos: "E vi os mortos, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, [...] e os mortos foram julgados [...], segundo as suas obras" (Ap 20.12). Apesar do aparecimento deles diante de Deus, diz-se que é uma "*ressurreição* da condenação" (Jo 5.29; grifo do autor), e parece que fica claro que eles não estão diante de Deus em seus corpos físicos que foram reconstituídos das sobras deterioradas e consumidas. O fato de se referir duas vezes a eles como "mortos" parece indicar mais que são espíritos desencarnados.

De fato, a Bíblia nos diz que a dor sofrida pelo condenado não tem nada a ver com o corpo e os nervos. Está evidente naquela descrição de Cristo sobre o homem rico e o mendigo, em que um está no céu e outro, no inferno, que não se trata de uma mera parábola pelo fato de que o nome do mendigo é mencionado; portanto, ele devia ser uma pessoal real. Observe as palavras de Cristo:

> E aconteceu que o mendigo morreu e foi levado pelos anjos para o seio de Abraão; e morreu também o rico e foi sepultado. E, no Hades, ergueu os olhos, estando em tormentos, [...]. E, clamando, disse: [...] manda a Lázaro que molhe na água a ponta do seu dedo e me refresque a língua, porque estou atormentado nesta chama (Lc 16.22-24).

Uma vez que as palavras "olhos", e "língua", e "chama" são mencionadas e o tormento da sede por água está implícito, essas palavras têm claramente um sentido diferente daquele que está ligado a elas nesta vida. O corpo físico de Lázaro e do rico estava

apodrecendo na sepultura. No entanto, os citados olhos, língua, dedos e chama não podem ser físicos. Portanto, se a "chama" do inferno que atormenta o rico não é física, então temos razões para acreditar que a chama do lago de fogo também não é física.

Além disso, somos claramente informados de que o lago de fogo foi "preparado para o diabo e seus anjos" (Mt 25.41). O fogo físico não tem efeito algum sobre seres espirituais. Além disso, esse deve ser um tipo especial de fogo para espíritos, sem dúvida muito mais horroroso do que o fogo físico. Na verdade, se o condenado estivesse em seu corpo físico e as chamas fossem físicas, seria necessária, instante após instante, a contínua reconstrução de suas carnes queimadas para que o tormento deles pudesse ter continuidade.

Esse tipo de tormento físico dificilmente parece ser a punição apropriada. Faz mais sentido, lógica e biblicamente, que o sofrimento se origine da sede por Deus que queima e do fato de estar separado dEle juntamente com a intensa dor do remorso. O incrível tormento físico do calor do fogo queimando continuamente a carne reconstituída seria tão terrível que não possibilitaria a contemplação dos erros passados, o remorso, o arrependimento pela rejeição da salvação oferecida por Deus. Não haveria uma dimensão moral para tal tormento; seria simplesmente físico e tão irresistível que não permitiria contemplação ou arrependimento. Isso dificilmente parece convir ao crime de rebelião e rejeição.

Por que o Tormento Eterno?

Questão: Se realmente existe tal lugar como o inferno ou o lago de fogo, por que as pessoas não podem sempre ser salvas desse destino? Parece tão injusto que elas devam sofrer eternamente. Esses que estão no inferno não poderiam ser os melhores candidatos à salvação? Se tudo isso é real, certamente deveriam conhecer a verdade e querer arrepender-se e acreditar em Cristo.

Resposta: Ao contrário, o inferno é um lugar em que seria impossível o arrependimento e, além disso, de onde não há como

escapar. Por intermédio de algumas poucas referências bíblicas parece óbvio que o lago de fogo é um lugar de terrível tormento. Afirma-se, por exemplo, que o homem rico imediatamente após morrer estava "em tormentos" (Lc 16.23) e que os demônios "de dia e de noite serão atormentados para todo o sempre" (Ap 20.10). Em relação aos humanos que são enviados para lá é dito que "a fumaça do seu tormento sobe para todo o sempre" (Ap 14.11).

O fato de sofrer tão grande tormento (e o tormento espiritual seria ainda mais excruciante do que o físico) tornaria, como já comentamos, o arrependimento impossível. Certamente, eles não poderiam se arrepender pelas razões corretas. Sem dúvida, um dos piores tormentos que assombram os condenados é o conhecimento de que não há esperança.

Em relação ao sofrimento deles ser eterno, não poderia ser de outra maneira. A morte não é a cessação da existência, mas a continuação do existir eterno com que Deus amorosamente dotou o homem — que agora se encontra dolorosamente separado de Deus e, além disso, em total escuridão e solidão. Como seres espirituais, os condenados ao inferno continuarão a existir eternamente em uma morte consciente, pois a natureza da alma e do espírito do homem, como Adão e Eva foram originalmente criados, é a existência eterna.

Deus É Ignorante ou Impotente?

Questão: Para mim, a maior prova de que Deus não existe é o sofrimento que o mal causa ao mundo. Os milhões de judeus torturados e queimados nos fornos de Hitler, como também os milhões de bebês e crianças que morrem constantemente de inanição ou doença são apenas uma gota no oceano de dor e maldade ao longo da história! Se Deus pode evitar o sofrimento da humanidade e não o faz, então Ele é o demônio, e não Deus. E se Ele não pode, então é impotente e não é digno de ser visto como Deus. Há alguma solução para esse dilema?

Resposta: Mais uma vez, a resposta a essa objeção é tão óbvia que só podemos questionar a sinceridade dos céticos que,

mediante as questões relatadas, continuam a incitar isso. Se o homem tem liberdade de escolha, então o mal não é culpa de Deus. Mesmo assim, os críticos continuam a exibir essas queixas ilógicas e injustas contra Deus. Como um exemplo disso, considere o que Ingersoll diz:

> Não há registro de nenhuma ocasião em que a mão levantada da morte tenha sido paralisada — em toda a literatura mundial não há nenhum relato verídico sobre uma criança inocente sendo salva por Deus. Milhões de crimes são cometidos todos os dias — os homens estão neste momento repousando à espera de sua vítima humana — esposas são surradas e oprimidas, levadas à insanidade e à morte — criancinhas imploram por misericórdia, exaltam suplicantes, com olhos lacrimejantes voltados para as faces brutais dos pais e das mães — doces meninas são iludidas, logradas e ultrajadas, mas Deus não tem tempo para impedir essas coisas — não tem tempo para defender o bom e proteger o puro. Ele está muito ocupado, contando fios de cabelo e olhando pardais.

Tal sarcasmo entra em conflito com a lógica e a integridade, como também trai o preconceito do ateu, um preconceito tão vingativo que não pode ser movido pela razão. Ingersoll quer que Deus pare a mão da morte, mas não quer que Ele impeça sua própria mão de fazer o que sua mente débil pensa que é legítimo, mas que não está de acordo com o desejo de Deus. Ele quer que Deus faça o que ele deseja, e como Deus se recusa ser constrangido pelas limitações de Ingersoll, este o rejeita.

Ao contrário da impessoal Força Guerra nas Estrelas, ou Recursos Cósmicos Energéticos, ou outras energias impessoais que dominam o universo e que são o "Deus" de Einstein e outros, o Deus da Bíblia,está pessoalmente inquieto com o sofrimento da humanidade. Em contraste, com a impessoal "lei do carma", que traz sofrimento e não se importa com o ser humano, temos o Deus da Bíblia, que se preocupa tanto que veio a esta terra como homem e sofreu as exigências de sua própria justiça em pagamento por cada pecado, não importa quão cruel, já cometido ou que será cometido por qualquer pessoa. O próprio Cristo, a fim de

nos redimir, não podia ser libertado do sofrimento na cruz e "padeceu uma vez pelos pecados, [Ele] o justo [único] pelos injustos [nós], para levar-nos a Deus" (1 Pe 3.18), portanto, deve-se pensar mais profundamente antes de condenar Deus pelo sofrimento que flagela o mundo.

Sofrimento, Escolha e Salvação

Deve haver uma boa razão para o sofrimento em vista de que Deus não salvou milhares de mártires que foram vítimas de mortes indescritivelmente cruéis em conseqüência de sua lealdade com Deus e com Cristo, e os quais Deus certamente ama. Esse fato é reforçado pela oração de Cristo, no jardim de Getsêmani, em que Ele pedia para ser salvo da cruz se isso fosse possível. O fato de que Ele teve de sofrer a cruz, apesar de sua oração, é prova suficiente de que não há um caminho fácil para o homem ser salvo do pecado e do sofrimento. Na verdade, isso nos dá confiança no amor de Deus. Como Paulo escreveu: "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes, o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?" (Rm 8.32)

Além disso, o sofrimento, para aqueles que o aceitam para esse propósito, traz maturidade e purificação. Marco Aurélio disse: "A má ventura bem nutrida é boa ventura", pois o efeito moral sobre os que a sofrem é saudável. O prêmio por tal sofrimento vai, inclusive, além desta vida, até a eternidade. Jesus disse: "Bem-aventurados sois vós quando vos injuriarem, e perseguirem, e, mentindo, disserem todo o mal contra vós, por minha causa. Exultai e alegrai-vos, porque é grande o vosso galardão nos céus; porque assim perseguiram os profetas que foram antes de vós" (Mt 5.11,12). Linton coloca isso desta maneira:

> É consenso entre os homens que apenas o caráter elevado e heróico resultante da adversidade e da privação é uma ampla compensação para tudo que deve ser suportado para se obter esse resultado, como também enriquece a eternidade mediante a existência de seres glorificados que "por meio de muita tribulação entram no reino de Deus" e recompensarão mil vezes o trabalho árduo em que o homem e Deus estão envolvidos.[6]

Todo o mal e o sofrimento que foram trazidos sobre nós são resultados do exercício, pela humanidade, do poder de escolha. Tanto o mal quanto o pecado podem ser eliminados mediante o impedimento da livre escolha. Entretanto, se Deus fizesse isso, como já foi comentado, a humanidade seria totalmente destruída. Deus tem uma solução melhor — uma que proporciona a salvação enquanto preserva a liberdade de escolha e mesmo o amor que apenas tal escolha torna possível.

E, nesse ponto, devemos honestamente confrontar a rígida afirmação do calvinismo, que afirma que Cristo não morreu por todos, que Ele não morreu para pagar os pecados de todos; como também que o homem apenas pode escolher o mal e é incapaz de arrepender-se e de confiar em Cristo sem que Deus estenda a irresistível graça a ele. Se esse for o caso, mesmo que o mal não possa ser atribuído a Deus, é Ele quem impede que sua redenção alcance a todos. Aqueles que estão no inferno, de acordo com a rígida afirmação calvinista, lá estão não por rejeitar a Cristo, pois isso é tudo que poderiam fazer. Eles estão lá por que Deus não os ama o suficiente para estender a eles a irresistível graça que poderia fazer com que escolhessem a Cristo. Concordo com o ateísta de que tal Deus não é amoroso e bom. Nem é o Deus da Bíblia, mas uma invenção do homem.

A Salvação É para os Pecadores — por meio da Graça

Questão: Assumamos que o mal não é culpa de Deus. Posso admitir isso pelo que me toca esta existência terrena. O que me preocupa é que a punição de Deus para o mal é má em si mesma. Por que Deus escolhe punir as pessoas no inferno eterno, quando é muito tarde para resgatá-las para qualquer bem nesta vida, em vez de punir o mal nesta vida, quando isso pode fazer algum bem (até a Bíblia admite que homens maus abundam na terra)?

Resposta: Você está certo ao dizer que quando a pessoa está no inferno é muito tarde para o arrependimento. Uma razão óbvia para isso é, como já comentamos anteriormente, que o sofrimento é tão grande que os habitantes do inferno poderiam ser

compelidos a se arrepender não por remorso genuíno, mas por que o desejo de escapar daquele lugar horrível poderia ser irresistível.

Entretanto, sua proposta sobre a limitação do castigo a esta vida, presume que você sabe melhor do que Deus como conquistar pessoas para Cristo. A idéia de punir os mal-feitores nesta vida, como um meio de corrigir seu comportamento e assim convertê-los a Cristo, é falha por muitas razões, as quais já comentamos. A batalha é pelo coração do homem e, portanto, não pode ser vencida com coerção. O amor não pode ser imposto.

Nem a questão é fazer o homem comportar-se. A punição ou a correção aplicadas pelos pais e autoridades civis têm essa finalidade, mas o comportamento não tem nada que ver com redenção. Na verdade, imaginar que basta o bom comportamento é uma das maiores ilusões, algo que impede o homem de converter-se "a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo" (At 20.21). A questão inicialmente não é sobre o *comportamento*, mas o *relacionamento* do homem *com Deus*; e para que este seja correto é necessário que o homem reconheça seu pecado e se arrependa, e não se esconda na auto-suficiência.

Muitos cristãos, com boas intenções, promovem e aumentam esse erro, gastando seu tempo e energia ao tentar fazer deste mundo um lugar melhor para se viver. O plano de Deus não é limpar este mundo; na verdade, o mesmo está destinado à destruição. O plano de Deus é chamar os seus para fora deste mundo para que se tornem cidadãos do céu.

E como isso deve ser feito? Esse objetivo pode ser alcançado por meio da punição nesta vida? Ao contrário, a Bíblia assegura que: "A benignidade de Deus te leva ao arrependimento" (Rm 2.4) e isso é "a graça de Deus [...] trazendo salvação" (Tt 2.11). A bondade e a graça são apreciadas e adotadas apenas por aqueles que sabem que esses dons de Deus são a única esperança que têm de salvar-se do justo julgamento de seus pecados.

Culpando Deus injustamente

Questão: Acho que não é necessária mais nenhuma prova de que não existem deuses além do fato de o mal ter sido feito em

nome deles. Algumas das mais devastadoras guerras, das mais cruéis torturas e dos mais danosos preconceitos existem em nome da religião. Como também não há dúvida de que mais pessoas inocentes foram torturadas e mortas em nome do deus cristão do que em nome de qualquer outro deus — e simplesmente por que essas pessoas tinham crenças religiosas diferentes das de seus torturadores. Como você pode justificar esse óbvio mal que é cometido em nome de deus?

Resposta: Esse é um antigo e sincero argumento. Considerei o problema proposto, que, entretanto, está amplamente baseado em um engano que pode ser removido com facilidade mediante uma breve meditação. Não é razoável culpar Jesus Cristo por seja lá o que for que alguém que afirme ser cristão faça, a não ser que o próprio Jesus tenha ensinado e praticado a mesma coisa. Da mesma maneira, é irracional culpar Deus por tudo que aqueles que afirmam representá-lo fazem em seu nome.

Embora não acreditasse no Deus da Bíblia, mas em algum "espírito do universo", Percy Shelley (1792-1822), o maior poeta inglês e um radical, há mais de cento e oitenta anos, apontou a inconsistência do mal feito em nome de Deus:

> Perseguição apenas graças à opinião de uma pessoa é algo injusto. Com que consistência, portanto, podem os adoradores de uma deidade, cuja benevolência, conforme alardeiam, amarga a existência de seus companheiros, apenas por que suas idéias sobre essa deidade são distintas das que eles celebram?
>
> Ai de mim! Não há consistência naqueles perseguidores que adoram uma deidade benevolente; pois somente aqueles que adoram um demônio poderiam agir consoantes apenas aos seus princípios ao aprisionar e torturar em seu nome.[7]

Alguém com esse raciocínio, que é perfeitamente bíblico, não pode argumentar. Um cristão verdadeiro deve amar mesmo os seus inimigos e nunca perseguir, torturar ou matar aos outros. Tragicamente, a Igreja Católica Romana (à qual obviamente Shelley se refere) e outros grupos religiosos engajaram-se em cruzadas mortais contra quem não concordasse com eles.

Tristemente, o catolicismo romano é o único cristianismo que a maioria das pessoas do mundo já conheceram. Poucos foram advertidos de que sempre houve milhões de verdadeiros seguidores de Cristo que não fazem parte da Igreja Católica Romana, ou que esses milhões de cristãos sofreram nas mãos de Roma. Sugerimos ver mais documentos em nosso livro *A Mulher Montada na Besta*.

Devemos lembrar do aborígine a quem foi dada a escolha de morrer nas chamas ou converter-se ao cristianismo e ir para o céu. Ele indagou quem o estaria ameaçando, já que o céu era inabitado por pessoas como aquelas. Quando lhe foi dito que aquelas pessoas eram as únicas que poderiam alcançar o céu, declarou que preferia morrer do que ir para lá!

O Deus do Antigo Testamento É Não-cristão?

Questão: Li recentemente a reedição de um livro antigo que contava a história que, em minha opinião, deve abalar a "fé" de todo cristão: "Uma mãe estava conversando com sua filhinha sobre a morte dos amalequitas. Ela explicou que naquela época os inimigos eram mortos, mas a revelação era progressiva, e Jesus nos disse que devemos amar nossos inimigos e fazer o bem para eles, que maliciosamente nos usam. A menininha disse: 'Agora, eu entendo: essa época foi antes de Deus se tornar um cristão!'" Parece-me que a Bíblia apresenta dois Deuses: o Deus guerreiro e vingativo do Antigo Testamento e o divino Pai compassivo, perdoador e amoroso do Novo, que foi apresentado por Cristo. Como você pode conciliar os dois "Deuses"?

Resposta: Novamente, temos uma antiga objeção que é fundamentada em uma séria incompreensão da Bíblia. O Deus do Antigo Testamento é tão misericordioso quanto o Deus do Novo Testamento. Obviamente, eles são um e o mesmo. Os profetas do Antigo Testamento deixam claro que Deus não sentia prazer em submeter julgamento sobre os pecadores. O livro de Salmos está repleto de louvores a Deus por sua misericórdia, bondade, graça e amor. Em cada um dos 26 versículos do salmo 136 é declarado sobre Deus que "sua

benignidade é para sempre". Observe estes poucos exemplos dentre os muitos mais que poderiam ser fornecidos:

> Mas eu confio na tua benignidade; na tua salvação, meu coração se alegrará (Sl 13.5).
>
> Certamente que a bondade e a misericórdia me seguirão todos os dias da minha vida; e habitarei na Casa do Senhor por longos dias (Sl 23.6).
>
> Todas as veredas do Senhor são misericórdia e verdade para aqueles que guardam o seu concerto e os seus testemunhos (Sl 25.10).
>
> ... confio na misericórdia de Deus para sempre, eternamente (Sl 52.8).
>
> Pois tu, Senhor, és bom, e pronto a perdoar, e abundante em benignidade para com todos os que te invocam. [...] Mas tu, Senhor, és um Deus cheio de compaixão, e piedoso, e sofredor, e grande em benignidade e em verdade (Sl 86.5,15).
>
> Porque o Senhor é bom, e eterna, a sua misericórdia; e a sua verdade estende-se de geração a geração (Sl 100.5).
>
> Misericordioso e piedoso é o Senhor; longânimo e grande em benignidade (Sl 103.8).

É instrutivo ir ao monte Sinai, onde Deus se revelou ao seu povo Israel e intimamente a Moisés. Foi lá que Deus falou a Moisés sobre a lei para seu povo do meio do fogo e fumaça no topo do monte, que tremeu em sua presença. Foi uma cena terrificante quando Deus, na base do monte, também executou severas punições sobre aqueles que se voltaram à idolatria e imoralidade mesmo enquanto Moisés estava no Sinai falando com Ele.

Mesmo no meio daquela revelação assustadora de seu poder, majestade e justiça, Deus se revelou misericordioso e longânimo. Moisés pediu a Deus que se revelasse a ele e voltou ao monte para encontrá-lo. Eis aqui como Deus se revelou a Moisés nessa ocasião:

> E o Senhor desceu numa nuvem e se pôs ali junto a ele; e ele apregoou o nome do Senhor. Passando, pois, o Senhor perante a

> sua face, clamou: Jeová, o Senhor, Deus misericordioso e piedoso, tardio em iras e grande em beneficência e verdade; que guarda a beneficência em milhares; que perdoa a iniqüidade, e a transgressão, e o pecado; que ao culpado... (Êx 34.5-7)

Da mesma maneira que Cristo apresentou Deus como um Pai amoroso, Ele não poderia fazer o Deus amoroso e misericordioso mais claro do que já tinha sido apresentado no Antigo Testamento. Além disso, das 54 vezes em que o inferno é mencionado em toda a Bíblia, a maioria ocorre no Novo Testamento. O próprio Cristo repetidamente, nos Evangelhos, alertou dezessete vezes em relação ao inferno e ao julgamento por vir.

E a Respeito da Destruição de Nações Inteiras?

Questão: Deus disse a Israel para limpar completamente as cidades a fim de que "coisa alguma que [tenha] fôlego [fosse deixada] com vida" (Dt 20.16,17). Qual é a justificação possível para uma carnificina indiscriminada como essa?

Resposta: Essa é uma questão difícil — não só porque se refere a adultos, mas também, às crianças. Esse também era o caso com Sodoma e Gomorra (Gn 13.13). Quando essas cidades foram destruídas pelo fogo (ainda hoje em parte de Israel pode-se ver evidências disso), os bebês e crianças também foram destruídos.

Entretanto, que o desejo de Deus não era destruir esses povos ficou claro mediante sua afirmação a Abraão quando, prometendo-lhe a terra de Canaã, disse: "A medida da injustiça dos amorreus não está ainda cheia" (Gn 15.16). Isso nos mostra que, naquele momento, Deus considerava que a maldade do povo ainda não era grande para justificar seu extermínio. Talvez, com esse entendimento, possamos confiar que quando Deus os destruiu, inclusive as crianças, já não havia outra maneira de limpar aquela região terrivelmente corrompida.

Não devemos esquecer de que Deus havia sido paciente por mais de 400 anos com a maldade daquele povo que aumentava cada vez mais. Por fim, Ele teve de destruí-los para o bem do

restante da raça humana. Podemos estar certos de que isso foi feito com relutância. Deus nos assegura:

> Dize-lhes? Vivo eu, diz o Senhor Jeová, que não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva; convertei-vos, convertei-vos dos vossos maus caminhos; pois por que razão morrereis, ó casa de Israel? (Ez 33.11)

Também sabemos que Deus não foi arbitrário; Ele conduziu-se com mão serena. O julgamento sobre essas nações tinha de ser um exemplo para Israel, porém eles não se acautelaram com isso. Conseqüentemente, Deus foi obrigado a executar um julgamento similar mesmo sobre seu povo escolhido.

Não podemos entender de forma plena a severidade de seu julgamento, em especial em relação às crianças, que não eram moralmente responsáveis; contudo, é muito provável que aquelas crianças, em virtude da moral pecaminosa da sociedade em que foram concebidas, estivessem todas infectadas pela moléstia mortal. Não podemos saber todos os detalhes, mas podemos pedir permissão a Deus sobre o que não entendemos totalmente, e apoiarmo-nos nesta confidência de Abraão: "Não faria justiça o Juiz de toda a terra?" (Gn 18.25)

Não ousamos questionar o direito de Deus de fazer julgamento quando Ele julga que deve. Porquanto, aqueles que morreram antes de ter idade para intencionalmente rejeitar a Deus, foram salvos, sabemos que essa clemência foi estendida também às crianças de Canaã.

Feliz em Destruir Bebês?

Questão: Este é um versículo do Antigo Testamento que nunca conseguir conciliar com minha crença em Deus e que, além disso, perturbou-me por anos: "Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras!" (Sl 137.9) Deus está dizendo a Israel que fique feliz por destruir bebês inocentes? Um pregador disse que aqueles pagãos estavam tão inteiramente possuídos pelo demônio que mesmo os bebês tinham de ser mortos. Decerto, Deus poderia resgatar os bebês do demônio sem ter de matá-los!

Resposta: Ao contrário, Deus não está dizendo a Israel para que esmague a cabeça das crianças contra a rocha. De toda maneira, Ele não está falando com Israel. Ele está pronunciando o julgamento sobre a Babilônia por seu grande pecado de não demonstrar misericórdia quando destruiu Jerusalém e por ter tornado os judeus cativos. Eis aqui o Deus disse:

> Ah! Filha da Babilônia, que vais ser assolada! Feliz aquele que te retribuir consoante nos fizeste a nós!
>
> Feliz aquele que pegar em teus filhos e der com eles nas pedras (Sl 137.8,9)!

Essa é a profecia em que Deus alertou a Babilônia de que seria tratada da mesma maneira como tratou Israel, de que ela seria destruída de maneira cruel como havia destruído outras nações. Estava chegando o dia em que um inimigo (outro que não Israel) se regozijaria com seu triunfo sobre a Babilônia, um inimigo que ficaria feliz com a carnificina. Não foi Israel que destruiu a Babilônia.

Por que Deus simplesmente não Aboliu a Doença e a Morte?

Questão: Independentemente de qualquer ceticismo em relação à existência de milagres, tenho problemas em relação às curas que supostamente Cristo efetuou enquanto esteve na terra. Alguns relatos parecem tão honestos enquanto outros dão margem a questionamentos. Por exemplo, a "cura" não pareceu funcionar para um homem e teve de ser feita novamente (Mc 8.22-25). Isso dificilmente deixa parecer que Cristo era Deus na carne. Além disso, se Ele podia realmente curar, por que Ele não curou todos? Melhor ainda, se Deus de fato ama toda a humanidade, por que não acaba completamente com a doença e o sofrimento?

Resposta: Você se refere àquele homem que, depois de Jesus tocar seus olhos e perguntar-lhe o que via, disse: "Vejo os homens, pois os vejo como árvores que andam" (Mc 8.22-25). A expressão "árvores que andam" parece ser a razão para o segundo toque de Cristo: a *visão* do cego estava restaurada, porém ele não

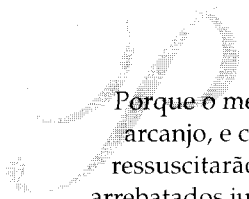
entendia o que via. Por ser cego de nascimento, ele nunca tinha visto nem um homem nem uma árvore, portanto estava confuso. Com o segundo toque, ao que parece, Cristo curou sua mente; então ele entendeu o que via. Independente da explicação, esse fato dificilmente lança dúvida sobre o poder de cura de Cristo, em vista dos outros milhares de casos em que o toque ou a palavra dEle foi o bastante não apenas para curar, mas para ressuscitar o morto.

Em relação à razão por que Cristo não aboliu de todo a doença, a resposta, lógica e biblicamente, é bastante clara. Primeiro, a doença, o sofrimento e a morte são conseqüências do pecado. Enquanto a humanidade continuar vivendo em rebelião pecaminosa contra Deus, a doença vigorará. Aqueles que Cristo curou ficaram doentes outra vez, e isso também aconteceria hoje.

Além disso, se Deus agisse dessa maneira insensata, curando continuamente os pecadores, Ele tiraria todo o incentivo para que esses se arrependessem. Você gostaria que Deus tivesse mantido Hitler vivo, sem julgamento, para que ele pudesse dar continuidade a sua maldade? Acho que não. Portanto, onde traçaríamos a linha que divide entre os que Deus deveria sempre curar e aqueles que não? Não existe tal separação, como todos sabemos e a Bíblia diz: "Porque *todos* pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23; grifo do autor).

Além disso, aqueles que Cristo ressuscitou da morte, tal como Lázaro, morreram de novo. Deus em sua justiça decretou que "o salário do pecado é a morte" (Rm 6.23), e enquanto o pecado continuar na terra, as pessoas continuarão a morrer. Se Deus impedisse a morte, estaria removendo injustamente a penalidade exigida por sua justiça. Além disso, isso perpetuaria a existência da humanidade em seu corpo corruptível e neste mundo mal. Deus tem algo melhor em mente: a ressurreição do corpo para a imortalidade e o êxtase eterno em um novo universo que Ele criará e onde o pecado nunca entrará.

Apenas àqueles que, pela fé em Cristo, se tornaram uma nova criatura em Jesus Cristo (2 Co 5.17) será permitido habitar no novo universo de alegria. A salvação eterna de Deus é oferecida e está acessível a todos. Recebê-la é uma escolha que cada pessoa deve fazer.



Porque o mesmo Senhor descerá do céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares, e assim estaremos sempre com o Senhor.

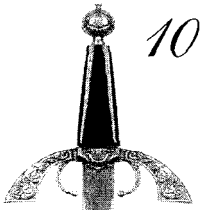
—1 Tessalonicenses 4.16,17

E, então, será revelado o iníquo, a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca e aniquilará pelo esplendor da sua vinda;

—2 Tessalonicenses 2.8

E vi o céu aberto, e eis um cavalo branco. O que estava assentado sobre ele chama-se Fiel e Verdadeiro e julga e peleja com justiça. [...] E vi a besta, e os reis da terra, e os seus exércitos reunidos, para fazerem guerra àquele que estava assentado sobre o cavalo e ao seu exército. E a besta foi presa e, com ela, o falso profeta, que, diante dela, fizera os sinais com que enganou os que receberam o sinal da besta e adoraram a sua imagem. Estes dois foram lançados vivos no ardente lago de fogo e de enxofre.

—Apocalipse 19.11,19,20



10

UM "ARREBATAMENTO" E UMA "SEGUNDA VINDA"?

A Igreja não Enfrenta o Anticristo?

Questão: Como poderia ser mais claro o fato de que a Igreja enfrentará o Anticristo? Paulo disse: "Ninguém, de maneira alguma, vos engane, porque não será assim sem que antes venha a apostasia e se manifeste o homem do pecado, o filho da perdição" (2 Ts 2.3).

Resposta: Paulo afirma especificamente que a *apostasia* acontece primeiro, mas não que o *aparecimento do Anticristo* acontece primeiro. Na verdade, ele está realmente nos dizendo que o Anticristo será revelado depois que esse dia chegar — na realidade, *naquele* dia. Ilustrarei com um simples exemplo: "O domingo não chegará a não ser que o sábado chegue antes, e teremos um grande jantar. Agora você já sabe o que impede esse jantar de acontecer, e isto não acontecerá até que esse obstáculo seja removido".

Ficou claro que o sábado acontecerá primeiro, não o jantar. Obviamente, o indivíduo pode ficar confuso se o jantar acontecerá no sábado ou domingo, pois isso não ficou totalmente claro. Entretanto, quando o indivíduo toma conhecimento do que impede a realização do jantar e que esse impedimento não poderá

ser removido antes da meia-noite de sábado, ele sabe que o jantar se realizará no domingo.

Paulo prossegue com sua argumentação e afirma que alguém está impedindo a manifestação do Anticristo, e que este não poderá ser manifestado, pois "somente há um que, agora, resiste até que do meio seja tirado" (2 Ts 2.7). Aquele que obstrui é eterno, pois impediu que o Anticristo assumisse o controle nestes dois mil anos. Apenas Deus é eterno; e apenas Ele é poderoso o suficiente para prevenir Satanás de empossar seu homem como governante mundial. O Espírito Santo, entretanto, não pode ser tirado "do meio", pois Ele é onipresente. Portanto, o que Paulo quis dizer?

A Presença Única e Retardadora

Há um lugar em que o Espírito Santo habita desde o Pentecostes, quando foi enviado à terra. O Espírito Santo estava *com* os santos do Antigo Testamento, como uma unção que estava *sobre* eles. Aquela presença, no entanto, poderia ser retirada. Antes do Pentecostes, o Espírito Santo não habitava no interior dos crentes, como uma presença permanente, que jamais os abandonaria. Esse local de habitação é exclusivo da igreja, fato que fica claro em muitos textos das Escrituras. Essa nova presença, que era desconhecida antes do Pentecostes, pode apenas ser retirada com a remoção da Igreja — aqueles nos quais o Espírito Santo habita.

Davi orou: "Não retires de mim o teu Espírito Santo" (Sl 51.11), uma oração que seria totalmente desprovida de significado hoje e refletiria uma indesculpável descrença. Cristo, ao se referir ao Espírito Santo, disse a seus discípulos: "O Espírito da verdade [...] vós o conheceis, porque habita convosco e estará em vós" (Jo 14.17). João nos diz que, enquanto Cristo ainda estava na terra, "o Espírito Santo ainda não fora dado, por ainda Jesus não ter sido glorificado" (Jo 7.39). Depois de Jesus ser glorificado, Ele enviou o Espírito Santo "da parte do Pai" (Jo 15.26) para que este, de uma forma totalmente nova e ainda desconhecida até aquele momento, ficasse com sua Igreja.

É essa presença singular do Espírito Santo na Igreja que será removida no arrebatamento, o que permitirá a manifestação do

Anticristo, cujas rédeas ficarão livres para governar o mundo. Obviamente, o Espírito Santo, por ser onipresente, permanecerá na terra para convencer os pecadores da verdade do evangelho com a finalidade de ganhar multidões de pessoas para Cristo durante o período da tribulação. Estes serão os santos da tribulação, os quais serão martirizados por sua fé.

Uma "Teoria Escapável" Não-bíblica?

Questão: Em minha opinião, é um engano imaginar que a Igreja será levada ao céu antes da manifestação do Anticristo e a tomada de poder deste, como também é um engano conceber o início do período de sete anos, conforme profetizado. Cristo disse que sofreríamos por sua causa. O ensinamento sobre o arrebatamento pré-tribulacionista parece oferecer um escapismo não-bíblico para o sofrimento. Por que um determinado segmento da Igreja seria permitido escapar deste sofrimento?

Resposta: Em que local está escrito que a tribulação do Anticristo está reservada para uma fração da Igreja que estaria viva quando o Anticristo tomar o poder? E por que se exigiria que um certo segmento da Igreja enfrentasse o sofrimento nas mãos do Anticristo, algo que nenhum outro cristão experimentaria?

Obviamente, isso *poderia* acontecer. Distintos segmentos da Igreja, dependendo do momento e do local em que os fatos históricos aconteceram, sofreram tribulações e perseguições, que variavam quanto ao tipo e à intensidade. Os crentes norte-americanos, por exemplo, jamais (pelo menos até o momento) foram chamados a enfrentar os horrores daqueles que, por séculos, foram torturados e mortos pela Inquisição. Tampouco, aqueles que foram queimados nas estacas enfrentaram os anos de aprisionamento e morte lenta de milhões de pessoas, em conseqüência dos trabalhos forçados e da fome, que sobreviveram a Stalin, Hitler ou Mao. Mas o que a Bíblia diz a respeito da Igreja e do Anticristo?

Nas Escrituras há muitas afirmações evidentes de que a Igreja não estará na terra quando o Anticristo tomar o poder. Antes de tudo, a Igreja Primitiva, inquestionavelmente, vivia na expectati-

va do aparecimento iminente de Cristo: "donde [dos céus] também *esperamos* o Salvador" (Fp 3.20; grifo do autor); "como [...] vos convertestes a Deus [...] e *esperar* dos céus a seu Filho, a quem ressuscitou dos mortos, *a saber*, Jesus, que nos livra da ira futura (1 Ts 1.9,10; grifo do autor); "*aguardando* [...] o aparecimento da glória do [...] nosso Senhor Jesus Cristo" (Tt 2.13; grifo do autor); "assim também Cristo [...] aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação" (Hb 9.28; grifo do autor).

Essa expectativa de seu retorno iminente foi pela primeira vez ensinada por Cristo, que também associou ao mal qualquer atraso em sua vinda:

> Estejam cingidos os vossos lombos, e acesas, as vossas candeias. E sede vós semelhantes aos homens que esperam o seu senhor, [...] quando vier e bater, logo possam abrir-lhe. [...] Portanto, estai vós também apercebidos; porque virá o Filho do Homem à hora que não imaginais (Lc 12.35,36, 40).
>
> Porém, se aquele mau servo disser consigo: O meu senhor tarde virá (Mt 24.48).

Se Cristo não fosse arrebatar sua Igreja aos céus antes do período de tribulação, então Ele não poderia ser esperado até que o fim chegasse. Nesse caso, não haveria esperanças para a vinda ou aparecimento de Cristo, a não ser depois do término desse período de sete anos de tribulações, e Jerusalém estivesse cercada pelos exércitos do mundo, e Cristo tivesse de intervir para interromper a matança. Apenas nesse momento, Cristo poderia voltar. Portanto, se assim fosse, hoje ninguém ficaria olhando e esperando por seu aparecimento, e muito menos isso aconteceria no primeiro século. Essa linguagem, que traduzia essa espera, não teria sido, de forma alguma, utilizada no Novo Testamento. Isso não faria sentido.

Também fica claro que, antes da Segunda Vinda de Cristo, no Armagedom, a Igreja já estará no céu. Lemos em Apocalipse 19.7,8: "Vindas são as bodas do Cordeiro, e já a sua esposa se aprontou. E foi-lhe dado que se vestisse de linho fino, puro e resplandecente". Esse casamento entre Cristo e a Igreja acontece nos céus, *enquanto o Anticristo está no comando da terra*. Certamente, a Igreja não pode-

ria estar em dois lugares ao mesmo tempo: na terra, para morrer em conseqüência da tirania do Anticristo, e, ao mesmo tempo, nos céus, onde participa do casamento do Cordeiro.

Os "Santos" Vieram dos Céus para Executar o Julgamento

A Segunda Vinda de Cristo em poder e glória para destruir o Anticristo é descrita no fim do capítulo 19 de Apocalipse (como em 2 Ts 2.8), onde lemos: "E seguiam-no os exércitos que há no céu em [...] vestidos de linho fino, branco e puro" (v. 14). Essa é a vestimenta da Noiva de Cristo, a Igreja. Portanto, deve ser ela quem o acompanha para o cumprimento da promessa de que um dia encontraremos "o Senhor nos ares, *e assim estaremos sempre com o Senhor*" (1 Ts 4.17; grifo do autor). Essa conclusão é confirmada pela declaração de Paulo, a saber, que "os santos hão de julgar o mundo" (1 Co 6.2), como também a afirmação de que os santos executarão a "vingança das nações" e darão "repreensões aos povos" (Sl 149.7).

Em outros trechos das Escrituras, temos a confirmação de que os santos virão com Cristo do céu para executar o julgamento. Como está escrito: "E destes profetizou também Enoque, o sétimo depois de Adão, dizendo: Eis que é vindo o Senhor com milhares de seus santos" (Jd 14). A expressão "milhares" apenas significa inumeráveis pessoas. Em Daniel também está escrito: "... e foi dado o juízo aos santos do Altíssimo" (Dn 7.18,22).

Aqueles "vestidos de linho fino, branco e puro", os quais acompanham o Cristo, são os santos. Aqui há mais evidências de que "os exércitos que há no céu" é a Igreja. Em todo o Novo Testamento, aqueles que estão na Igreja são, de forma consistente intitulados de "santos": "... aos teus santos em Jerusalém" (At 9.13); "... veio também aos santos que habitavam em Lida" (At 9.32); "A todos os que estais em Roma, amados de Deus, chamados santos" (Rm 1.7); "À igreja de Deus que está em Corinto, aos santificados em Cristo Jesus, chamados santos" (1 Co 1.2); "Aos santos que estão em Éfeso" (Ef 1.1), e assim por diante.

Aqueles que verdadeiramente conhecem a Deus são chamados de santos também no Antigo Testamento: "Digo aos santos

que estão na terra" (Sl 16.3); "Congregai os meus santos, aqueles que fizeram comigo um concerto com sacrifícios" (Sl 50.5); "Preciosa é à vista do Senhor a morte dos seus santos" (Sl 116.15); "Ó Deus, as nações [...] reduziram Jerusalém a montões de pedras. Deram os cadáveres dos teus servos por comida às aves dos céus e a carne dos teus santos, às alimárias da terra" (Sl 79.1,2). Assim, fica claro que eles também estarão nos exércitos que acompanharão Cristo quando Ele vier dos céus.

Na verdade, Zacarias nos diz que, quando Cristo voltar à terra para resgatar Israel, em meio à batalha do Armagedom: "E, naquele dia, estarão os seus pés sobre o monte das Oliveiras" e Ele trará "*todos* os santos [consigo]" (Zc 14.4,5; grifo do autor). Obviamente, a alma e o espírito dos santos que já morreram foram levados instantaneamente para o céu no momento da morte, prontos para a ressurreição de seus corpos. Obviamente, os exércitos dos céus não são espíritos sem corpos, mas pessoas inteiras, em seu corpo imortal de glória, o que indica que a ressurreição deve acontecer antes desse evento.

O arrebatamento, portanto, já deve ter ocorrido, por duas razões. Primeiro Paulo nos assegura de que o arrebatamento acontece *simultaneamente com a ressurreição*. Segundo, para que *todos* os santos acompanhem Jesus Cristo quando Ele vier do céu para executar o julgamento já terão alcançado o céu com corpos transformados de glória. Aqui, temos mais evidências de que o arrebatamento é um evento separado e anterior à Segunda Vinda de Cristo, como também serve de forte evidência do arrebatamento da Igreja pré-tribulacionista.

Quem São os "Santos" que o Anticristo Matará?

Questão: Apocalipse 13.7 diz que o Anticristo recebeu autoridade (que só poderia ser proveniente de Deus) para "fazer guerra aos santos e vencê-los". Isso não é uma prova de que a Igreja enfrenta o Anticristo e passa pela tribulação? Se esse não for o caso, quem são os santos que o Anticristo matará?

Resposta: Cristo prometeu que "as portas do inferno não prevalecerão contra ela" (Mt 16.18). Certamente, o inferno pre-

valeceria se o Anticristo, que é apoiado por Satanás e dele recebe seu poder (Ap 13.4), pudesse "fazer guerra aos santos e vencê-los". Isto significaria que o arrebatamento pós-tribulacionista seria praticamente um não-evento, pois quase não haveria cristãos vivos para serem arrebatados. No entanto, a impressão é de que multidões dos que ficaram "vivos" serão arrebatados "juntamente com eles nas nuvens" (1 Ts 4.17).

Portanto, eis aqui uma outra razão para concluir que durante a tribulação a Igreja já estará no céu em seu corpo ressuscitado e/ou glorificado como o corpo de Cristo. O evangelho, no entanto, por cerca de três anos e meio, ainda será pregado na terra, nas ruas de Jerusalém, por duas testemunhas, pelos 144 mil evangelistas judeus, como também por muitas outras pessoas. As almas ainda serão salvas por meio da pregação do evangelho.

Aqueles que, antes do arrebatamento, escutaram o evangelho e o rejeitaram não têm chance de serem salvos. Ao contrário, eles receberam uma grande "mentira, para que sejam julgados todos os que não creram a verdade" (2 Ts 2.11,12). Multidões, entretanto, que jamais escutaram o evangelho nem o rejeitaram são salvas e pagam por sua fé com sua vida. "E foi-lhe concedido que desse espírito à imagem da besta, para que também a imagem da besta falasse e fizesse que fossem mortos todos os que não adorassem a imagem da besta" (Ap 13.15).

E quanto à Ressurreição e ao Arrebatamento para os Santos da Tribulação?

Questão: E quanto ao santos da tribulação? Como eles vão para o céu? Eles terão seu próprio arrebatamento?

Pergunta: Praticamente todos os santos da tribulação, se não todos eles, serão mortos pelo Anticristo e seus seguidores: "Vi debaixo do altar as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus e por amor do testemunho que deram. E clamavam com grande voz, dizendo: Até quando, ó verdadeiro e santo Dominador, não julgas e vingas o nosso sangue dos que habitam sobre a terra?" (Ap 6.9,10)

Está escrito que o espírito desencarnado dos mártires deve esperar "ainda um pouco de tempo, até que também se completasse o número de seus conservos e seus irmãos que haviam de ser mortos como eles foram" (v. 11). Claramente, o Anticristo continuará a matar, até o fim do Armagedom, aqueles que se recusam a adorá-lo. Fica igualmente claro que nenhum deles será ressuscitado individualmente enquanto são martirizados, mas todos juntos serão ressuscitados no fim do período da tribulação.

Portanto, os mártires da tribulação "que foram degolados pelo testemunho de Jesus e pela palavra de Deus, e que não adoraram a besta nem a sua imagem, e não receberam o sinal na testa nem na mão" (Ap 20.4) ressuscitam juntos, como um grupo. Eles reinarão com Cristo no momento em que o Anticristo for derrotado, e Cristo, de Jerusalém, tomará o trono de Davi para iniciar seu governo terreno.

A Ressurreição não Ocorre no Último Dia?

Questão: Cristo, quando falou da ressurreição daqueles que acreditam nEle, disse que Ele os ressuscitará "no último Dia" (Jo 6.40,44, 54). Apocalipse 20.4,5 não nos ensina que "a primeira ressurreição" acontece depois da batalha do Armagedom, e isso não poderia ser o que Cristo quis dizer por "último Dia"! De acordo com esses textos, como alguém pode aceitar a ressurreição (e o arrebatamento que a acompanha) no início da grande tribulação?

Resposta: Tampouco o arrebatamento pós-tribulação poderia ser "no último Dia", se essa expressão se referir a um período de 24 horas, pois após esse fato há um milênio inteiro de dias subseqüentes. O que "primeira ressurreição" e "último Dia" realmente significam? A resposta pode ser encontrada no contexto de toda a Escritura. Em João 5.28, 29, Jesus falou de duas ressurreições: "Porque vem a hora em que todos os que estão nos sepulcros ouvirão a sua voz. E os que fizeram o bem sairão para a ressurreição da vida; e os que fizeram o mal, para a ressurreição da condenação". É claro que tudo isso não acontece na mesma "hora", pois a ressurreição do iníquo não acontece até o fim do milênio.

É verdade, o texto diz que a ressurreição depois do Armagedom é daqueles que foram martirizados pelo Anticristo: "Esta é a primeira ressurreição" (Ap 20.5). Obviamente, essa não pode ser *toda* a "primeira ressurreição", ou Wesley, Spurgeon e até mesmo Paulo (embora tenha sido martirizado, não foi morto pelo Anticristo) jamais ressuscitarão, pois a única ressurreição que nos resta é aquela descrita nos versículos 12 a 15. Como veremos abaixo, aqueles que ressuscitarão naquele momento serão julgados e enviados ao lago de fogo. E quanto a Abraão, Moisés, Daniel e milhões de outros santos, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento, que viveram e morreram antes que o Anticristo entrasse em cena? Assim, só é possível chegar à conclusão de que a afirmação: "Esta é a primeira ressurreição", significa que este *é parte da ressurreição, assim como conclui a ressurreição que aconteceu no arrebatamento.* Por conseguinte, esses mártires também são parte da Igreja.

Que o arrebatamento e a ressurreição, descritos em 1 Coríntios 15.50-52 e 1 Tessalonicenses 4.13-17, acontece antes da ressurreição e dos mártires da tribulação fica claro pelo fato de que, em Apocalipse 19.7, temos a Igreja no céu, como a Noiva de Cristo nas "*bodas* do Cordeiro" (grifo do autor) — e não "à ceia das bodas do Cordeiro" (v. 9), que acontece posteriormente na terra, quando Cristo apresenta sua noiva àqueles que viverem o milênio. A Noiva de Cristo, composta dos santos de todas as épocas até aquele momento (conforme veremos), já ressuscitou e está no céu com Cristo e o acompanha no Armagedom, conforme declaram Zacarias 14.5 e Judas 14.

A "Segunda" Ressurreição É para a Condenação

Visto que aqueles martirizados durante a tribulação serão ressuscitados depois que o Anticristo for lançado vivo "no ardente lago de fogo e de enxofre" (Ap 19.20) e Cristo estiver reinando sobre a terra, eles não serão arrebatados para o céu, mas reunidos, na terra, pelos anjos (com o remanescente vivo dos judeus que ainda não estão em Israel) na presença do Senhor: "E, logo depois da aflição daqueles dias [...] aparecerá no céu o sinal do Filho do Homem [...] e verão o Filho do Homem vindo sobre as nuvens do céu,

com poder e grande glória. E ele enviará os seus anjos com rijo clamor de trombeta, os quais ajuntarão [em Jerusalém] os seus escolhidos desde os quatro ventos, de uma à outra extremidade dos céus" (Mt 24.29-31; grifo do autor).

A única ressurreição depois de Apocalipse 20.4,5 acontecerá mil anos mais tarde e será aquela que Cristo denominou de "ressurreição da condenação" (Jo 5.29). Aqueles que, nesse momento, forem ressuscitados ainda são descritos como os que estão "*mortos* em ofensas e pecados" (Ef 2.1; Cl 2.13; grifo do autor). "E vi os *mortos*, grandes e pequenos, que estavam diante do trono, e abriram-se os livros. E abriu-se outro livro [...] e os *mortos* foram julgados pelas coisas que estavam escritas nos livros" (Ap 20.12; grifos do autor). Esse é o julgamento do grande trono branco, (Ap 20.11) que julgará os perdidos. Quanto aos cristãos, logo após o arrebatamento comparecem "ante o tribunal de Cristo" (Rm 14.10; 2 Co 5.10).

Se a ressurreição dos crentes que viveram e morreram antes da tribulação aconteceu sete anos antes, por que a ressurreição daqueles que foram mortos pelo Anticristo, em Apocalipse 20 chama-se "a primeira ressurreição"? Obviamente, a intenção é indicar que aqueles mártires fazem parte da Igreja, que já ressuscitou. Diz-se, especificamente, que "serão sacerdotes de Deus e de Cristo e reinarão com Ele mil anos" (Ap 20.6), como também todos os santos de todas as épocas: "sobre dez cidades terás a autoridade" (Lc 19.17); "E eu vos destino o Reino" (Lc 22.29); "também com Ele reinaremos" (2 Tm 2.12).

O que Significa "Último Dia"?

E quanto a Cristo ressuscitar todos os crentes do "último Dia"? Esse "último Dia" não pode ser um período de 24 horas, durante o qual os mártires serão ressuscitados, pois no milênio há pelo menos mil anos de dias após esse evento. Essa expressão refere-se àquilo que em outros textos é chamado de "últimos dias" ou "fim dos dias", expressões encontradas em toda a Bíblia para designar os "últimos tempos". Por exemplo, Jó testifica: "Meu Redentor vive, e que *por fim* se levantará sobre a terra" [...] "Vê-

lo-ei por mim mesmo, e os meus olhos [...] o verão" (Jó 19.25,27). "E depois de consumida a minha pele, ainda em minha carne verei a Deus" (v. 26).

Certamente Jó, que já estará em seu sepulcro há milhares de anos antes da vinda do Anticristo, não pode ser um dos que será martirizado pelo Anticristo nem ressuscitará depois do Armagedom. No entanto, ele antecipa sua ressurreição em um momento posterior. O termo "último Dia" inclui um período de anos no fim da presente época, o qual levará à Segunda Vinda de Cristo e, indubitavelmente, inclui a ressurreição pré-tribulacionista e o arrebatamento dos santos como também o Milênio.

Na verdade, o "último Dia" é uma a referência ao que é denominado de "dia do Senhor [JEOVÁ]" (Is 2.12; Jr 46.10; Ez 30.3; Jl 1.15; etc.) ou de "Dia de [nosso Senhor Jesus] Cristo" (1 Co 1.8; Fp 1.10; 2 Ts 2.2). Ele vem "como o ladrão de noite", enquanto os homens acham que estão em "paz e segurança" (1 Ts 5:2, 3) e, em vez de esperar o retorno de Cristo ou o julgamento de Deus, jactam-se de que "todas as coisas permanecem como desde o princípio da criação" (2 Pe 3.4). Esse "último Dia" deve também durar até o final do milênio, até a destruição do antigo universo e a criação do novo, pois Pedro diz: "Mas o Dia do Senhor virá como o ladrão de noite, no qual os céus passarão [...] a vinda do Dia de Deus, em que os céus [...] se desfarão [...] Mas nós, segundo a sua promessa, aguardamos novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pe 3.10-13). Portanto, tanto a ressurreição pré-tribulacionista no arrebatamento quanto a "primeira ressurreição" pós-Armagedom daqueles martirizados pelo Anticristo ocorrerão durante o período denominado de "último Dia".

E quanto à Ascensão de Maomé ao Céu?

Questão: Os cristãos afirmam que Cristo ascendeu ao céu do monte das Oliveiras e retornará àquela localidade na "Segunda Vinda". Os muçulmanos, de modo similar, afirmam que Maomé ascendeu ao céu de Jerusalém. Como os cristãos podem ter tanta certeza de que Cristo ascendeu ao céu de Jerusalém (e para lá

retornará) e negar que a mesma coisa poderia acontecer com Maomé? Há mais de um bilhão de muçulmanos que acreditam na ascensão de Maomé. Isso não é suficiente?

Resposta: Se a proposição é verdadeira ou falsa depende das evidências, não da quantidade de pessoas que, independentemente da lealdade a uma religião específica confessem que isso é um princípio de sua fé. E quando a fé, em vez de ser fundamentada em evidências, é imposta sob a coerção do medo da morte — como é o caso do islamismo — torna-se muito mais suspeita.

O islamismo, desde os primórdios, foi propagado pela espada. A escolha era a conversão para o islamismo ou a morte. Obviamente, qualquer "fé" que alguém deve adotar a fim de escapar à execução não é genuína. O islamismo, lamentavelmente, continua a manter-se sob ameaças similares. Tal barbarismo odioso é mais difícil de ser impingido no mundo de hoje, em que a mídia e várias agências de direitos humanos estão vigilantes. No entanto, ainda ocorre nos regimes islâmicos, em vários locais, como a Nigéria e o Sudão, onde milhares de "infiéis" (i.e., não muçulmanos) foram, em anos recentes, mortos pelos muçulmanos. Eis o que o Alcorão prescreve e que um muçulmano devoto tem de obedecer sempre que possível:

> Mate os idólatras [aqueles que não adoram Alá] sempre que você os encontrar e pegue-os (capture-os), e sitie-os e prepare uma emboscada para eles. Se eles se arrependerem e começarem a adorar [i.e., converter-se ao islamismo] e pagar a obrigação ao pobre [taxa], então deixe o caminho deles livre. Veja! Alá é perdoador, misericordioso [para aqueles que se convertem ao islamismo] [grifos do autor].

O Alcorão, de forma coerente com a idéia de forçar a conversão sob ameaça de morte, também exige que o islamismo seja mantido da mesma maneira: "Se eles voltarem atrás (aos inimigos) [abandonando o islamismo], então pegue-os e mate-os onde quer que você os encontre..." (Sura 4.89; grifos do autor) Em obediência ao Alcorão, na Arábia Saudita, qualquer muçulmano que se converter para qualquer outra religião será morto. Esse medo da morte resultante de abandonar o Islã invalida o testemunho

de todos os muçulmanos. O indivíduo pode jurar fidelidade a qualquer coisa quando sofre essa ameaça.

Mesmo nos países que professam alguma liberdade de religião e consciência, como a Turquia e o Egito, e onde a morte não é uma penalidade legal para a conversão, um convertido ao cristianismo ainda pode ser ameaçado com a execução pela família ou amigos. E essa ameaça é algumas vezes levada adiante até mesmo na atualidade.

Não Há Evidência para a Suposta Ascensão de Maomé

Não há base histórica nem no Alcorão para a crença de que Maomé fez uma jornada para o céu, partindo da rocha sobre a qual o Domo da Rocha foi construído. O islamismo afirma não haver testemunhas para esse suposto evento, e, tampouco, isso é sustentado pelo Alcorão. Há apenas um versículo no Alcorão sobre o qual esse artigo de fé repousa, mas esse versículo não é nada claro:

> Glorificado seja aquele que carregar seu servo à noite do Local Inviolável de Adoração para o Local de Adoração distante [al-Aqsa], a vizinhança que nós abençoamos, para que pudéssemos mostrar a ele nossos testemunhos! Veja! ele, apenas ele é aquele que ouve e que vê (Sura 17.1).

Não há nada sobre um cavalo mágico nem sobre a ascensão ao céu. O "Local Inviolável de Adoração" obviamente é Meca, mas Jerusalém, certamente, não pode ser o "Local Distante de Adoração", conforme agora se afirma. Nunca foi um local de adoração para os muçulmanos, nem jamais foi considerado como um local com qualquer significado religioso até que essa idéia foi inventada, muito recentemente, para justificar a desejada tomada de Jerusalém pelos árabes. Na verdade, Jerusalém *não é mencionada uma vez sequer* em todo o Alcorão. Portanto, como uma cidade que não foi mencionada de forma nenhuma no Alcorão, que jamais foi recomendada como local de adoração por Maomé e que não foi utilizada nem mesmo uma vez como local de adoração à época dele pode ser identificada como o "Local Distante de Adoração" para o qual Maomé supostamente viajou? Obviamen-

te, isso não é possível. Sustentar essa ficção é um ultraje ao Alcorão, ao islamismo e à história.

Além disso, Sura 17.1 é notável pela ausência dentre os versículos do Alcorão inscritos em árabe no interior desse majestoso domo. Esse fato é prova suficiente de que a idéia de Jerusalém como *al-Aqsa* não tinha nem mesmo sido imaginada quando o Domo da Rocha foi construído, em 691 d.C. Por que, portanto, devemos acreditar em uma história que não tem base factual? Não há testemunhas desse suposto evento. Ele não é sustentado pelo Alcorão nem é consistente com a história. Na verdade, a suposta ascensão de Maomé ao céu de Jerusalém não é de forma alguma essencial ao islamismo. Essa religião não precisa desse fato.

A Evidência para a Ascensão de Cristo

Em vívido contraste, há pelo menos onze testemunhas para a ascensão de Cristo ao céu e, provavelmente, muito mais (At 1.9-11). Cristo previu sua ascensão (Jo 6.62; 20.17). Além disso, esse evento e o que os anjos declararam na ocasião concordam com as profecias do Antigo Testamento que dizem respeito ao Messias retornar ao monte das Oliveiras com todos os seus santos para executar o julgamento desta terra e estabelecer seu Reino (Zc 14.4,5; Jd 14). Além do mais, a ascensão de Cristo ao céu, em um corpo ressurrecto e glorificado, é uma parte integral e essencial da Bíblia sem a qual o cristianismo desmorona.

O verdadeiro cristianismo não é mantido nem imposto pela força. Não há coerção para tornar-se cristão nem para permanecer na fé. Aquilo em que o cristão acredita fundamenta-se na evidência, consistente com o relato histórico apresentado na Bíblia. Há muita razão para crer que Cristo, de fato, ascendeu ao céu do monte das Oliveiras exatamente como as testemunhas oculares declaram, e que Ele retornará àquele local em sua Segunda Vinda.

Entretanto, não há razão para crer que Maomé ascendeu ao céu da rocha do monte Templo. Na verdade, há muitas razões para contestar essa alegação. Tampouco Maomé prometeu retornar, nem poderia fazê-lo, uma vez que seus restos decompostos estão em um túmulo em Medina, que, até hoje, é visitado

por devotos muçulmanos. O túmulo de Cristo, no entanto, está vazio, pois Ele ressuscitou ao terceiro dia.

O Arrebatamento e a Segunda Vinda São dois Eventos Distintos?

Questão: Você distingue arrebatamento e Segunda Vinda como se fossem dois eventos separados. Como pode ser que ainda haja duas vindas de Cristo? Especificamente, em que trecho do Novo Testamento isso está escrito?

Resposta: Em que trecho especificamente do Antigo Testamento está escrito que haverá *duas* vindas do Messias? Na verdade, não está. No entanto, todo cristão pré-milenarista (independentemente de abraçar a visão de que o arrebatamento será antes, durante ou depois da tribulação) admite que Cristo veio uma vez e que Ele retornará, conforme Ele prometeu: "Virei outra vez" (Jo 14.3). Como, portanto, poderiam seus discípulos, ou os rabinos ou João Batista saber que haveria duas vindas do Messias? É claro que eles não sabiam.

A falha em perceber que haveria duas vindas foi motivo de grande mal-entendido. Se os rabinos tivessem compreendido o testemunho de João Batista, a saber, que Cristo viera como o "Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo" (Jo 1.29) e de que Ele precisa ser crucificado como os profetas previram, eles não teriam zombado de Cristo quando Ele estava na cruz. Tampouco sua crucificação levaria os discípulos a perder a fé. Que decepção desesperada reflete-se nestas palavras: "E nós esperávamos [mas agora percebemos que estamos enganados] que fosse ele o que remisse Israel; mas, [...] é já hoje o terceiro dia desde que essas coisas aconteceram [i.e. Ele foi crucificado]" (Lc 24.21; grifo do autor). Os discípulos estavam tão certos de que Cristo viera para estabelecer seu Reino no trono de Davi que sua crucificação os deixou arrasados.

A Vinda do Messias Está claramente Implícita

Embora o Antigo Testamento não afirme com muitas palavras que o Messias viria duas vezes é algo que está claramente implíci-

to. O indivíduo não poderia incluir em um fragmento de tempo ou em um evento tudo o que os profetas disseram sobre a vinda do Messias. Em Isaías 53 é expressa uma contradição aparente que não poderia ser reconciliada de uma outra forma a não ser pelas duas vindas. Lemos: "E puseram a sua sepultura com os ímpios [...], prolongará os dias, [...]. Pelo que lhe darei a parte de muitos, e, com os poderosos, repartirá ele o despojo; porquanto derramou a sua alma na morte e foi contado com os transgressores; mas ele levou sobre si o pecado de muitos e pelos transgressores intercedeu" (Is 53.9-12). Ninguém pode morrer e, ao mesmo tempo, prolongar seus dias. Tampouco pode repartir os despojos da vitória se fora morto para alcançar essa vitória — a não ser que haja a ressurreição e a Segunda Vinda à terra.

Isaías declarou que "não haverá fim" para esse principado e paz e que Ele estará "sobre o trono de Davi [...] desde agora e para sempre" (Is 9.7). Por outro lado, Isaías afirma claramente que o Messias seria "cortado da terra dos viventes" (53.8). Decerto, ninguém poderia ser simultaneamente morto e reinar para sempre. Esse fato jamais foi afirmado de maneira explícita, mas estava implícito.

O mesmo Acontece no Novo Testamento

Um evento e um fragmento de tempo não podem dizer tudo que o Novo Testamento diz sobre o retorno de Cristo. Aparentes contradições sobejam, embora não possam ser harmonizadas de nenhuma outra forma do que pelo reconhecimento de que o retorno de Cristo envolve dois eventos separados, um chamado de arrebatamento, e o outro, a Segunda Vinda. Por exemplo, Cristo declarou que, quando chegar o tempo de sua vinda, todos saberiam disso porque todos os sinais teriam sido cumpridos: "Igualmente, quando virdes todas essas *coisas* [sinais], sabei que ele [minha vinda] está próximo, às portas" (Mt 24.33; grifo do autor). Porém, momentos mais tarde Ele disse simplesmente o oposto: "Porque o Filho do Homem há de vir à hora em que não penseis" (v. 44) As condições sobre a terra não

poderiam ser aquelas em que todos saberiam que Ele está prestes a retornar nela, mas, ao mesmo tempo as condições não poderiam ser tais que jamais suspeitassem que Ele está prestes a retornar. Essas condições contrárias não podem ocorrer simultaneamente; elas indicam dois eventos separados em dois tempos distintos.

Uma razão óbvia por que ninguém poderia ser tomado de surpresa na ocasião da Segunda Vinda é que ela ocorrerá em meio à maior guerra da história, quando os exércitos do Anticristo tiverem sitiado Jerusalém e o povo de Israel estiver prestes a destruí-los. Ninguém deixará de perceber esse sinal! No entanto, Cristo disse que sua vinda seria em um período de paz e prosperidade, tranqüilidade e negócios como de praxe:

> E, como aconteceu nos dias de Noé, assim será também nos dias do Filho do Homem. Comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento, até ao dia em que Noé entrou na arca [...] Como também da mesma maneira aconteceu nos dias de Ló: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam (Lc 17.26-28).

Na ocasião da Segunda Vinda no fim da grande tribulação a terra estará em grande aflição. Já em Apocalipse 6.8, um quarto da população da terra já estará morta, e incríveis desastres acontecerão na terra e no céu, incluindo terremotos tão devastadores que "todos os montes e ilhas foram removidos do seu lugar" (v. 14). Haverá períodos de fome e pragas sem precedentes, e um colapso bancário internacional que o mundo jamais experimentou — e agora a guerra mais destrutiva da história ameaça varrer a humanidade do globo, de forma que "se aqueles dias não fossem abreviados, nenhuma carne se salvaria; mas, por causa dos escolhidos, serão abreviados aqueles dias" (Mt 24.22).

Contradições que Exigem dois Eventos, dois Fragmentos de Tempo

As condições, na ocasião do Armagedom, que acabamos de descrever são principalmente o oposto de paz e prosperidade que

prevaleceram nos dias de Noé e Ló, conforme Jesus descreve esse período. Tampouco a parábola das dez virgens, em que, "tardando o esposo, tosquenejaram *todas* e adormeceram" (Mt 25.5; grifo do autor), não pode ser harmonizada com as condições do Armagedom. Tal complacência não ocorreria em um período de tranqüilidade, conforto e fartura.

Cristo voltará em tempo de guerra, mas ainda assim em tempo de paz. Ele voltará em um tempo em que o mundo já sofreu uma devastação sem precedentes, e está prestes a ser totalmente destruído, mas, mesmo assim, Ele virá em um tempo de tranqüilidade e negócios, como de praxe, e grande prosperidade. Em uma época em que todos saberão que sua volta está às portas, mas em um tempo em que apenas os que estão em contato com Ele suspeitariam de tal evento. Certamente as aparentes contradições são tão grandes que exigem dois eventos.

No arrebatamento, Cristo vem *para sua Noiva, a Igreja*, para levá-la ao céu e apresentar-se diante dEle no "tribunal de Cristo" (Rm 14.10; 2 Co 5.10), para ser limpa e vestida com vestes brancas e para se casar com Ele por toda eternidade. Na Segunda Vinda, Cristo vem *com* sua Igreja *para Israel*, a fim de resgatar os últimos no Armagedom e estabelecer seu Reino. Esses dois propósitos não se ajustam em um evento e em um fragmento de tempo. Por conseguinte, por meio das mesmas implicações que deveriam alertar os santos do Antigo Testamento para as duas vindas, o Novo Testamento também deixa implícito essas duas diferentes "vindas" de Cristo, que até o momento não aconteceu.

Por que Armagedom?

Questão: Ensinaram-me (e isso parece ser bíblico) que nós, cristãos, retornaremos com Cristo no Armagedom e destruiremos aqueles que estão atacando Israel. Como cristão, matar alguém é algo repugnante para mim. Por que essa matança é necessária?

***Resposta*:** Tal destruição não é desejo de Deus. Ele nos assegura: "Não tenho prazer na morte do ímpio, mas em que o ímpio se converta do seu caminho e viva" (Ez 33.11). Infelizmente, nes-

sa época não haverá possibilidade de interromper a destruição de Israel — e, na verdade, de toda a carne sobre a terra —, exceto destruir os exércitos que a estão atacando.

Por milhares de anos Deus suportou pacientemente a rebelião da humanidade. Entretanto, em vários momentos ao longo da história, Ele teve de destruir os ímpios e até mesmo cidades inteiras, pois o pecado tornara-se tão grande que já não seria mais possível tolerá-los. Esse seria o caso no Armagedom, quando Deus será forçado pelos seus justos a julgar os rebeldes intransigentes.

Quanto aos cristãos confrontarem pessoalmente e participarem da batalha do Armagedom, isso não será necessário. Quando Cristo retornar para destruir o Anticristo, não haverá batalhas nem lutas. Aqueles exércitos serão destruídos com apenas uma palavra de Cristo. Nós, cristãos, simplesmente repousaremos na vitória que Cristo conquistou em um instante:

> E a vós, que sois atribulados, descanso conosco, quando se manifestar o Senhor Jesus desde o céu, com os anjos do seu poder, como labareda de fogo, tomando vingança dos que não conhecem a Deus e dos que não obedecem ao evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo; os quais, por castigo, padecerão eterna perdição, ante a face do Senhor e a glória do seu poder, quando vier para ser glorificado nos seus santos e para se fazer admirável, naquele Dia, em todos os que crêem (2 Ts 1.7-10).

Reavivamento nos Últimos Dias — ou Apostasia?

Questão: Escutei muitas referências à última década do século XX (que culminou com o ano 2000) como um período de reavivamento sem precedentes. Isso é bíblico? Qual é sua opinião?

Resposta: A Bíblia, obviamente, não tem nada específico a dizer sobre a última década do século. Entretanto, se estes forem de fato os últimos dias, então podemos esperar exatamente o oposto de reavivamento. A Bíblia nos indica isso: falsos profetas, apostasia e decepção sem precedentes, todos os quais serão indicados por meio de "sinais e prodígios" que serão tão convincentes que, "se possível fora, enganariam até os escolhidos" (Mt 24.24),

além da "operação do erro" (2 Ts 2.11,12) que Deus enviará para que o mundo creia na mentira satânica na qual deseja acreditar. Infelizmente, muitos líderes cristãos estão promovendo um otimismo que, de fato, contradiz as Escrituras e favorecem a operação do erro que a Bíblia predisse.

Considere, por exemplo: "Washington para Jesus '88'". O presidente do comitê anfitrião do Washington D.C. declarou que a marcha de 10 mil cristãos na capital da nação serve de aviso "para Satanás de que seus dias estão no fim".[1] Se esse for o caso, qualquer um pode imaginar a razão pela qual, nos oito anos subseqüentes, não houve qualquer evidência para o fim de Satanás. Ao contrário, o mal apenas crescerá, conforme a Bíblia declarou: "Nos últimos dias [...] os homens maus e enganadores irão de mal para pior, enganando e sendo enganados" (2 Tm 3.1,13).

Promoção de uma Perigosa Ilusão

É preciso também pensar sobre o que Cristo quis dizer quando fez a seguinte pergunta: "Quando, porém, vier o Filho do Homem, porventura, achará fé na terra?" (Lc 18.8). É difícil imaginar que Ele estivesse se referindo a um grande reavivamento nos últimos dias! Parece claro que Cristo, a partir de seus avisos sobre o engano religioso, estava se referindo à propagação de um falso "cristianismo" que, como as ervas daninhas da parábola do semeador, cresce e sufoca a verdadeira fé. Carecemos desses avisos sobre a decepção, dos quais necessitamos urgentemente.

A última coisa de que a Igreja realmente necessita são essas falsas promessas sobre a derrota de Satanás. O reino de Satanás está crescendo em toda a terra, e ele ainda governará o mundo por intermédio do Anticristo. Seus dias não terão fim até o retorno de Cristo para destruir a ele e ao seu reino mal, e para trancafiá-lo no poço do abismo (2 Ts 2.8; Ap 20.1-3).

Assim, sugerir que uma marcha cristã ou que nossos esforços podem, de alguma forma, terminar com os dias de Satanás é o mesmo que negar o ensinamento claro da Bíblia e promover uma perigosa ilusão.

O indivíduo não deve falhar por causa do zelo entusiástico, mas ao mesmo tempo, pode imaginar se o século XXI não se tornou quase um símbolo mágico que promove o engano. Por que tantas coisas que não foram conquistadas antes deveriam repentinamente ser alcançadas hoje? Ainda mais perturbador é o silêncio que diz respeito ao arrebatamento. Será que a esperança foi esquecida por aqueles que promovem várias marchas para Jesus e para celebração apoteótica planejada para o século XXI?

Em vez da esperança de ser levado ao céu para estar com nosso Senhor, há muitos comentários sobre a entrada do terceiro milênio. Em todo esse planejamento, não parece haver nenhuma dúvida de que a Igreja estará aqui indefinidamente e de que a salvação do mundo, para que este não tenha de enfrentar o julgamento que Deus pretende lançar sobre ele, depende de nós.

O Arrebatamento Foi Incluído no Discurso do Monte das Oliveiras?

Questão: Conforme aquilo que sempre me ensinaram, o arrebatamento não foi incluído no discurso do monte das Oliveiras. As palavras de Cristo, em que menciona que se duas pessoas estiverem "moendo no moinho, será levada uma, e deixada outra", etc. (Mt 24.41), podem apenas referir-se a Cristo e a sua Segunda Vinda, em que retira o iníquo da terra e deixa os santos da tribulação. No entanto, você ensina que isso ocorre no arrebatamento antes da grande tribulação. Poderia explicar isso para mim?

Resposta: Há muitas razões por que Cristo não pode estar se referindo ao iníquo que é retirado para ser julgado, mas aos santos que estão sendo levados ao céu. Os iníquos são julgados na Segunda Vinda, que ocorre em meio ao Armagedom, em Apocalipse 19. Conforme já mencionado, até mesmo antes do Armagedom, a terra estará totalmente desolada. Em Apocalipse 6, um quarto da população do mundo já terá sido dizimada. Haverá fome, pestes e terremotos que farão com que montanhas e ilhas sejam deslocadas de seus lugares, de forma que a Terra será praticamente destruída. E, na ocasião do Armagedom, Cristo deve

intervir (por meio de sua Segunda Vinda) para interromper a destruição, ou nenhuma carne sobreviverá (Mt 24.22).

Quando Cristo diz que será "levada uma, e deixada outra", as condições na Terra serão como nos dias de Noé, em que as pessoas "comiam, bebiam, casavam e davam-se em casamento" (Mt 24.38), como também ocorreu nos dias de Ló, em que elas "comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam" (Lc 17.28). Essa descrição não se ajusta a um fato que ocorrerá em meio ao Armagedom, quando Cristo virá com sua Noiva para executar o julgamento sobre o Anticristo e seus seguidores. Pode apenas referir-se a algum tempo anterior à tribulação, e esse é o momento em que o arrebatamento deve ocorrer.

A Igreja Precisa Ser Purificada para Ser Arrebatada?

Questão: Parece haver a germinação de um ensinamento de que apenas os cristãos que estiverem vivendo de forma santa e vitoriosa na ocasião do arrebatamento serão arrebatados por Cristo para o céu. Os demais terão de enfrentar o Anticristo e ser purificados pelo martírio. Será que poderia ser isso que Cristo quis dizer pela parábola das dez virgens — as cinco "prudentes" são arrebatadas e as cinco "loucas" são deixadas para trás a fim de enfrentar o Anticristo?

Resposta: Concordo com o anseio de que os cristãos devam levar uma vida santa, de submissão a Cristo, a sua Palavra e à liderança do Espírito Santo. Entretanto, em relação às cinco virgens loucas, o problema não foi falhar em viver totalmente para Cristo. Elas não "eram salvas". Não havia óleo (simbolizando o Espírito Santo) em suas lâmpadas e, portanto, nem no coração e na vida delas.

Também concordo que necessitamos de mais ênfase na santidade e separação do mundo. Porém, a Bíblia não ensina que os cristãos genuínos que, na ocasião do arrebatamento, não estejam vivendo para Cristo serão deixados para trás. Se esse fosse o caso, e quanto aos cristãos que morreram antes do arrebatamento e que, na ocasião de sua morte, não estavam vivendo totalmente

para Cristo? Eles não podem ser "deixados para trás". O espírito e a alma deles, sem um corpo vivo em que possam habitar, devem ir *para algum outro lugar.*

Se, quando o corpo morre, essas almas não vão para o céu, então para onde vão? Teríamos de propor um tipo de purgatório evangélico! Isso não é bíblico. A Bíblia nos garante que todos os cristãos, fundamentados na fé salvífica em Cristo, vão para o céu assim que morrem. "Deixar este corpo" é "habitar com o Senhor" (2 Co 5.8). O céu não é conquistado pelas boas obras, mas pela fé em Cristo.

Portanto, por que nem todos os cristãos serão arrebatados? Além disso, se no arrebatamento os que são deixados para trás são purificados pelo martírio que suportarão ao enfrentar o Anticristo, como serão purificados os que morreram antes desse evento? Na verdade, seremos todos purificados *no céu* e da mesma forma: "Porque *todos* devemos comparecer ante o tribunal de Cristo" (2 Co 5.10; grifo do autor).

É exatamente o espírito e a alma dos que morreram confiando no Senhor que Cristo traz com Ele (1 Ts 4.14) na ressurreição, para que possam se reunir a seus corpos. Observe que "os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro; depois, nós, os que ficarmos vivos, seremos arrebatados juntamente com eles nas nuvens, a encontrar o Senhor nos ares" (v. 16,17). Certamente, "os que morreram em Cristo" significa *todos* que morreram com fé em Cristo. Portanto, "os que ficarmos vivos" significa *todos* os vivos que confiam em Cristo. Parece que seria uma afronta à justiça divina ensinar que os cristãos vivos na ocasião do arrebatamento devem ter uma vida melhor do que muitos que já morreram, para juntar-se a eles no céu.

E quanto ao "Sono da Alma"?

Questão: Não é verdade que quando o corpo morre, a alma dorme apenas para acordar na ressurreição do corpo? Não é isso o que significam as expressões "dos que já dormem" e "aos que em Jesus dormem" (1 Ts 4.13-15)?

Resposta: Ao contrário, de acordo com o que a Bíblia diz, fica claro que a alma, que foi separada de seu corpo na ocasião da

morte, está consciente. Temos, por exemplo, o caso do homem rico que após sua morte conversa com Abraão, que também está morto (Lc 16.19-31). Também temos "as almas dos que foram mortos por amor da palavra de Deus" que clamavam ao Senhor por vingança contra aqueles que os haviam matado (Ap 6.9-11). Paulo foi "arrebatado até ao terceiro céu" onde "ouviu palavras inefáveis" (2 Co 12.2,4) e diz que não sabe se estava "se no corpo" ou "se fora do corpo" (2 Co 12.2,3)

O verbo "dormir" é usado na Bíblia como sinônimo de morte (Mt 9.24; Jo 11.11; 1 Co 15.6) e refere-se ao corpo, não à alma nem ao espírito. No céu, os redimidos estão em um estado consciente de alegria na presença de Deus, à espera da ressurreição do corpo que está sepultado, que "em Jesus dormem" (1 Ts 4.14). É a alma consciente e o espírito dos que "morreram em Cristo" e que "Deus os tornará a trazer com ele", quando Ele vier para a terra para ressuscitar o corpo deles (1 Ts 4.14). O desejo de Paulo era "partir [desta vida] e estar com Cristo, porque isso é ainda muito melhor" (Fp 1.23), embora ele estivesse disposto, pelo bem daqueles que precisavam de seu ministério, a continuar "na carne", servindo às pessoas e a Cristo aqui na terra (v.24).

Paulo não gostaria de deixar a vida de serviço a Cristo e à igreja apenas para cair no sono da alma. Tampouco ele diria que estar com Cristo é "muito melhor" do que ficar em um estado inconsciente em que a alma dorme, conforme alguns ensinam equivocadamente.

A Igreja Deve Ser Reunida antes do Arrebatamento?

Questão: Muitos ensinam que a Igreja deve ser reunida e purificada antes da volta de Cristo. Isso é bíblico?

Resposta: Isso não é bíblico nem lógico, pois achar que a pequena fração da Igreja que está viva na terra à época do arrebatamento deve ter alcançado uma posição desconhecida por muitos cristãos que já morreram, a fim de encontrá-los naquele casamento celestial com nosso Senhor. É verdade, a Noiva está pronta e vestida com linho fino e resplandecente (Ap 19.7,8), pois a Noiva é a Igreja *toda*. Se essa purificação for um pré-requisito para

ser levado ao céu, então o que dizer sobre aqueles que morrerão antes do arrebatamento? Claramente, eles devem preparar-se depois que chegam ao céu. Portanto, por que isso não se aplicaria aos cristãos que são arrebatados? Por que eles não se preparariam da mesma forma?

Decerto, essa limpeza final pode apenas acontecer ante o tribunal de Cristo (2 Co 5.10), quando prestaremos contas ao nosso Senhor e nossas obras serão reveladas pelo fogo (1 Co 3.11-15). É nesse momento que somos recompensados ou sofremos a perda da recompensa, embora não percamos a salvação. Não há base bíblica para um "reavivamento nos últimos dias", que tornará os cristão dignos de ser arrebatados para o céu. Somos dignos do céu por meio da obra acabada de Cristo, e apenas por ela.

Além disso, a Bíblia refere-se aos últimos dias da Igreja como apostasia (2 Ts 2.3). Cristo até mesmo questiona se, quando Ele voltar, encontrará fé na terra (Lc 18.8). Até mesmo o sábio dorme enquanto o noivo tarda (Mt 25.5). Esse dificilmente é "o reavivamento da Igreja nos últimos dias" do qual nos falam! Portanto, devemos observar e estar prontos para o retorno do nosso Senhor a qualquer momento.

Cristo não Predisse o Cumprimento de tudo em sua Geração?

Questão: Conforme Mateus 24.34, Cristo declarou: "Não passará esta geração sem que todas essas coisas aconteçam"(Mt 24.34). Ninguém pode negar que o "evangelho do Reino" *não* foi pregado "em todo o mundo" (v. 14); e que "todas as tribos da terra" *não* viram Cristo "vindo sobre as nuvens do céu" (v. 30); ou que os anjos não reuniram "os seus escolhidos desde os quatro ventos" (v. 31) antes que a geração para a qual Jesus falou morresse. Que essa, obviamente, é uma falsa profecia é algo que não pode ser negado. O que *você* tem a dizer sobre isso?

Resposta: A palavra grega *genea,* traduzida por "geração" pode ter mais do que uma interpretação. Há, entre os cristãos, duas teorias principais sobre o que Jesus quis dizer por "esta geração". Os "preteristas", assim como os críticos, acreditam que

Ele quis dizer a geração para a qual se dirigia. Entretanto, de forma distinta dos céticos, aqueles crentes insistem que tudo que Cristo profetizou, inclusive todo o livro de Apocalipse até o meio do capítulo vinte, aconteceu naquela geração, com a destruição de Jerusalém e a dispersão dos judeus. De acordo com esta teoria, Nero era o Anticristo.

Obviamente, a geração viva naquela época não corria o perigo de que toda a humanidade fosse destruída com a utilização de arcos e flechas e lanças (Mt 24.22), como nossa geração com suas armas modernas corre esse risco. E, agora, em retrospectiva, sabemos que muito daquilo que Cristo profetizou (conforme observado acima) não ocorreu em 70 d.C. Portanto, a geração que estava viva na época de Cristo certamente não poderia ser a geração à qual Ele se referia.

Duas Teorias igualmente Indefensáveis

A teoria mais popular (até recentemente) é sustentada por aqueles cristãos conhecidos como "futuristas". Eles acreditam que "esta geração" refere-se à geração que estaria viva na época em que Israel fosse trazido, nos "últimos dias", de volta a sua terra, conforme os profetas claramente profetizaram. Essa crença foi fortalecida pelo fato óbvio de que muitas das profecias da Bíblia não poderiam ser cumpridas até que Israel, de fato, retornasse para sua terra.

Por essa razão, havia grande expectativa de que o arrebatamento pré-tribulacionista ocorreria em 1981, data calculada a partir de 1948, quando Israel foi restaurado a sua terra, somando-se quarenta anos (a duração estimada de uma geração) e, depois, subtraindo-se sete anos, correspondente à tribulação. Quando 1981 veio e passou sem que houvesse o arrebatamento, muitos cristãos ficaram decepcionados e sentiram-se obrigados a optar pelo arrebatamento pós-tribulacionista. Alguns, até mesmo, abandonaram a crença de que o arrebatamento realmente aconteceria.

Fica bem claro, a partir do fundamento moral, que nenhuma dessas duas teorias é defensável. Não seria justo se o julgamento de todos os pecados passados de Israel viessem "sobre esta geração" (Mt 23.36) ou se "o sangue de todos os profetas que, desde a

fundação do mundo" fosse "requerido desta geração" (Lc 11.50,51) que estava viva na época de Cristo. Tampouco seria justo que qualquer julgamento viesse sobre a geração viva na época em que Israel fosse restaurado a sua terra. Certamente, Cristo usou o termo "geração" para referir-se a todas as pessoas iníquas, incrédulas e más de todas as épocas.

A Única Explicação para o que Cristo Quis Dizer

Na verdade, eis aqui a única maneira para compreender o que Cristo quis dizer por "esta geração". Ele especificou, em diversas ocasiões, que a geração à qual se referia como "raça de víboras" (Mt 3.7), "má e adúltera" (12.39), "esta geração má" (12.45), "uma geração má e adúltera" (16.4), "geração incrédula" (17.17; Lc 9.41), "geração adúltera e pecadora" (Mc 8.38); "geração incrédula" (9.19) e "maligna" (Lc 11.29).

Esses não são termos agradáveis e, obviamente, descrevem a humanidade pecadora de todas as gerações. Portanto, podemos apenas concluir que Cristo está indicando (diverso da expectativa do grande reavivamento dos últimos dias ou da conquista do mundo pelos cristãos) que a raça humana, como um todo (exceto pelos poucos que crêem), permanecerão na incredulidade e em rebelião contra Deus até o último momento.

Há uma outra variação dessa interpretação que se harmoniza com as Escrituras. Visto que Cristo estava falando para Israel, podemos também concluir que suas palavras tiveram uma explicação especial para os judeus. Ele estava dizendo que, embora alguns judeus acreditassem nEle e, desse modo, seriam parte da Igreja, Israel, como um todo, permaneceria na descrença e em rebelião até que tudo fosse cumprido. Portanto, Zacarias profetizou que Israel, como um todo, permaneceria como uma geração "incrédula" (Mc 9.19) e não acreditaria até que Cristo aparecesse em meio ao Armagedom para resgatá-los:

> E sobre a casa de Davi e sobre os habitantes de Jerusalém derramarei o Espírito de graça e de súplicas; e olharão para mim, a quem traspassaram; e o prantearão como quem pranteia por um unigênito; e chorarão amargamente por ele, como se chora amargamente pelo primogênito. [...] Naquele dia, haverá uma fonte aberta para a casa de Davi e para os habitantes de Jerusa-

lém, contra o pecado e contra a impureza. [...] E farei passar essa terceira parte pelo fogo, e a purificarei, como se purifica a prata, e a provarei, como se prova o ouro; ela invocará o meu nome, e eu a ouvirei; direi: É meu povo; e ela dirá: O Senhor é meu Deus (Zc 12.10; 13.1,9).

Temos de Estabelecer o Reino para Cristo Governar?

Questão: Tenho, com freqüência, entrado em contato com cristãos que parecem amar o Senhor e que crêem que temos de tomar o mundo e estabelecer o Reino antes da volta de Cristo. Estão convencidos de que Cristo voltará à terra para governar aqui, não para nos levar ao céu, e que Ele não pode assim fazer até que tenhamos estabelecido o Reino para Ele. Eles dizem que aqueles que acreditam no arrebatamento ficarão tão chocados ao se defrontarem com o Anticristo que serão iludidos e pensarão que ele é Cristo. Isso faz muito sentido, não é mesmo?

***Resposta*:** O verdadeiro Senhor Jesus Cristo, conforme a Bíblia diz, ressuscitará os mortos e nos levará para que nos encontremos com Ele nos ares (1 Ts 4.13-18). Por conseguinte, aqueles cujo "Cristo" os encontrará na terra, quando aqui chegar para governar o Reino que eles estabeleceram em seu nome, estarão, na verdade, servindo ao Anticristo. Isso é muito claro quando alguém aceita o que a Bíblia ensina sobre o arrebatamento.

Quanto a ser iludido e passar a acreditar que o Anticristo é Cristo, a crença no arrebatamento, mais uma vez, protege-nos disso. Embora o Anticristo seja capaz de fazer grandes sinais e prodígios pelo poder de Satanás (2 Ts 2.9,10), há algo que ele não pode fazer: ele não pode ressuscitar os mortos nem levar os crentes vivos aos céus. Aqueles que estão à espera de Cristo, que nos arrebatará para o céu, não podem ser enganados por uma falsificação que pode apenas governar a terra.

A religião de Jesus Cristo tem o objetivo de derrubar todos os outros sistemas de religião do mundo denunciando-os como inadequados às necessidades do homem, falsos em seus fundamentos e perigosos em suas tendências... Essas não são afirmações comuns; e parece bastante possível que um ser racional as trate com mera indiferença ou desdém.

—Professor Simon Greenleaf

Disse-lhe Jesus: Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim, ainda que esteja morto, viverá; e todo aquele que vive e crê em mim nunca morrerá. Crês tu isso?

—João 11.25,26

Disse-lhe Jesus: Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai senão por mim.

—João 14.6



Todos os Caminhos Levam ao Mesmo Local?

Questão: Acho muito ingênuo e objetável que os cristãos afirmem que o cristianismo é a única religião verdadeira. Será que não estamos todos pegando caminhos distintos para chegar ao mesmo local?

Resposta: Você, como a maioria das pessoas, aparentemente considera a noção popular de que "estamos todos pegando caminhos distintos para chegar ao mesmo local" como algo merecidamente tolerante. Ao contrário, é extremamente dogmático e inflexível — mais do que qualquer coisa que o cristianismo ensina. No entanto, essa noção permite que todos peguem o caminho de sua escolha, mas insiste que independentemente de qual *caminho* pegamos, devemos todos acabar no *mesmo local.* Eu rejeito esse dogmatismo e reservo-me o direito de escolher meu destino eterno.

O cristianismo ensina que há *dois destinos,* e que cada pessoa tem a liberdade de escolher um dos dois: o céu ou o inferno. Que Jesus Cristo é o único caminho para o céu é algo que pode ser facilmente comprovado. Tampouco algum fato pode justificar

qualquer reclamação, uma vez que Cristo ofereceu-se espontaneamente pela graça como Salvador de todos que nEle acreditam. Que loucura insistir em pegar seu próprio caminho para o céu, um local em que você jamais esteve nem sabe como lá chegar! Obviamente, apenas Deus pode decidir quem entrará ali, e apenas Ele pode estabelecer as condições para isso.

Todos nós sabemos que violamos a lei de Deus e que a obediência perfeita dessa lei no futuro (mesmo se isso fosse possível) não pode compensar pelo fato de não a ter cumprido no passado. Nenhuma das religiões do mundo (o cristianismo não é uma religião, mas um relacionamento com Deus por intermédio de Cristo) oferece um fundamento justo para que Deus perdoe os pecados e acolha o pecador em sua presença. Nem Buda, Confúcio, Zoroastro, Maomé ou qualquer outro fundador de uma religião jamais afirmou que pagaria a punição pelos pecados do mundo. Não podiam nem mesmo pagar por seus próprios pecados e ainda estão em sua sepultura.

Apenas Cristo (que é Deus e homem em uma pessoa) foi capaz de pagar a punição infinita que sua própria justiça exigia. Sua ressurreição e ascensão ao céu provou esse fato. Apenas fundamentado nisto os pecadores podem ser perdoados. A escolha é sua — ou você acredita nas boas novas cuja punição já foi paga e recebe o Senhor Jesus como seu Salvador ou rejeita-o. Qual será sua escolha? Se for essa última, lembre-se que você jamais pode culpar a Deus por seu destino. Você o escolheu sozinho.

Inflexível e Dogmático?

Questão: Há milhares de religiões no mundo, e cada uma responde às necessidades de uma cultura ou indivíduo em particular. Insistir que apenas uma (conforme os cristãos afirmam) está correta e todas as outras erradas é, em minha opinião, algo tão inflexível e dogmático que deixa de ser plausível. O exclusivismo religioso viola o direito do homem de escolher livremente seu sistema de crença?

Resposta: Temo que você pressuponha a existência de um deus que você criou e uma teologia que se ajuste ao seu deus.

Imagine se eu dissesse que a matemática é inflexível e dogmática e que tivéssemos de ser mais tolerantes em relação à soma dos números, permitindo qualquer resposta em um teste de matemática desde que o aluno fosse sincero. Tal sugestão seria irracional. Por quê? Porque acusar a matemática de ser inflexível e dogmática é uma acusação totalmente sem sentido.

A natureza da realidade exige que haja absolutos imutáveis. Este universo não poderia funcionar sem leis físicas definidas e previsíveis. Assim, não seria razoável que a realidade espiritual fosse também tão exatamente definida?

Imagine que você fosse ao médico para ser examinado e ao receber o diagnóstico, ele lhe dissesse: "Eu não seria tão inflexível e dogmático a ponto de apresentar um diagnóstico *preciso*. O que você prefere? A cirurgia de coração é bastante popular ultimamente; ou eu poderia fazer um transplante de rim. Acho que todos têm o direto de fazer a operação de sua escolha". Você confiaria nesse médico? É claro que não! Portanto, como você pode confiar em uma idéia igualmente tola de que qualquer coisa leva a Deus e de que Ele não tem um diagnóstico exato do pecado e nem um remédio específico?

Imagine-se em um avião escutando esta comunicação proveniente da cabine do piloto: "Eu não sou inflexível e dogmático. Assim, apenas apertarei alguns botões e verei onde isso nos leva. Todas as direções levam ao mesmo destino". Você gostaria de voar com esse louco? Você não optaria por um piloto inflexível, dogmático e fundamentalista que sabe aonde está indo e segue as regras para ali chegar?

Sua teoria sobre religião levaria ao caos e à destruição se fosse posta em prática em nossa vida cotidiana. Portanto, por que ela deve ser aceitável quando se trata da coisa mais importante em nossa vida — nosso destino eterno? Será que Deus se preocupa menos com a ordem no céu do que com a ordem aqui na terra? Será que Ele se preocupa menos com as coisas referentes ao espírito eterno do que com as do corpo temporal? Dificilmente.

Todos sabem que para voar de avião ou praticar a medicina ou até mesmo assar um bolo é preciso seguir procedimentos específicos. É até mesmo impossível participar de um jogo sem re-

gras. Portanto, por que tentar evitar as regras que Deus estabeleceu para o estado de espírito? Por que não aceitar as Boas Novas do evangelho? As Boas Novas são explicadas nestes versículos, que geralmente são os primeiros que toda criança aprende de cor na Escola Dominical:

> Porque Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna. Porque Deus enviou o seu Filho ao mundo não para que condenasse o mundo, mas para que o mundo fosse salvo por ele. Quem crê nele não é condenado; mas quem não crê já está condenado, porquanto não crê no nome do unigênito Filho de Deus (Jo 3.16-18).

A sinceridade não leva os astronautas à lua, nem impedirá que o arsênico mate a pessoa que o ingeriu por engano. A ioga nem mesmo é capaz de pagar uma multa de trânsito. Tampouco o comparecimento à igreja ou as boas obras podem pagar por pecados passados. Não faz o menor sentido viajar de uma cidade no oeste do país para outra que fica no leste sem um mapa. Que tolice seria recusar-se a seguir o mapa, apenas porque são restritivos em insistir que qualquer estrada que vá para qualquer direção servirá a seu propósito! Quanto maior é a loucura de insistir que qualquer caminho que seja seguido de forma sincera levará uma pessoa ao céu!

E quanto aos que jamais Ouviram Falar de Cristo?

Questão: O melhor argumento que conheço para não acreditar em Jesus é sua afirmação: "Eu sou o caminho [...] Ninguém vem ao Pai senão por mim" (Jo 14.6). Há bilhões de pessoas vivas hoje e que já viveram no passado que jamais escutaram falar de Cristo e do cristianismo. Todos eles estão condenados?

Resposta: Há também milhões de pessoas, talvez bilhões, que ouviram o evangelho de Cristo e o rejeitaram. Como podemos saber se os que não ouviram acreditariam caso o tivessem ouvido? Deus sabe quem creria e quem não creria no evangelho, e

podemos ter certeza de que Ele, de alguma maneira, leva o seu conhecimento a todos os que o abraçariam.

Jesus disse: "Abraão, vosso pai, exultou por ver o meu dia, e viu-o, e alegrou-se" (Jo 8.56). No entanto, Abraão cresceu no paganismo, de onde Deus o chamou. Se Deus pôde fazer isso por Abraão, pode fazer por qualquer pessoa.

Romanos 1.18-32 afirma que toda pessoa, graças ao universo que a rodeia, sabe que um Deus de infinito poder é o criador do homem, mas, a despeito disso, a grande maioria das pessoas rejeitou essa revelação e preferiu a adoração de ídolos e a imoralidade sendo, portanto, "inescusáveis" (v. 20). Romanos 2.14,15 acrescenta que toda pessoa sabe em sua consciência que violou as leis de Deus e está sob o julgamento divino. Todos que, graças à convicção da consciência do Espírito Santo, clamarem a Deus em arrependimento por sua salvação receberão, de uma forma ou de outra, o evangelho.

O Nascimento Virginal Foi Essencial?

Questão: O nascimento virginal de Jesus é apresentado, tanto por católicos romanos quanto por outros cristãos como um dos fundamentos do cristianismo. Não vejo por que isso é essencial. Meu pastor diz que a Bíblia nem mesmo ensina isso. A palavra hebraica *alma,* traduzida por *virgem,* na maioria das Bíblias, realmente significa "mulher jovem". Meu pastor está correto?

Resposta: Sim, é verdade que *alma* significa "mulher jovem". Entretanto, ela jamais foi usada no Antigo Testamento, exceto para significar uma jovem mulher *virgem.* Em Israel uma jovem mulher solteira tinha de ser virgem. Caso contrário, ela seria apedrejada. *Alma* jamais se refere a uma mulher casada.

Apenas o mais veemente crítico argumentaria que *alma,* em Isaías 7.14 ("Portanto, o mesmo Senhor vos dará um sinal: eis que uma virgem conceberá, e dará à luz um filho"), poderia significar qualquer coisa exceto virgem. Dificilmente, esse seria um sinal para que uma mulher não virgem concebesse e desse à luz um filho. Além disso, a citação desse versículo, no Novo Testa-

mento (Mt 1.23), utiliza a palavra grega que, sem sombra de dúvida, significa "virgem".

Se Jesus Cristo não nasceu de uma virgem, então ele era um homem comum que teria de morrer por seus próprios pecados e não poderia morrer pelos pecados do mundo. Jesus, para ser nosso Salvador e pagar a punição infinita exigida pela justiça de Deus, tinha de ser Deus que veio a terra como homem. Por ser Deus, seu corpo ["mas corpo me preparaste"] (Hb 10.5), quando tornou-se homem, não poderia ter sido criado por meio de uma relação sexual normal, mas apenas pelo poder criativo de Deus que fez conceber o ventre de uma virgem. Se Jesus não tivesse nascido de uma virgem, não haveria salvação, e o cristianismo seria uma farsa.

O que Significa Ser Salvo?

Questão: O termo "salvo" não é muito claro para mim. Certamente, não está em voga em muitos seminários e igrejas. No entanto, eu o encontro na Bíblia e no Novo Testamento. O que isto significa?

Resposta: No reino físico, não é difícil compreender o que significa ser salvo, quer de um afogamento, quer da falência, quer de algum outro desastre, em que, pela ação de um indivíduo o resgate é realizado e, desse modo, esse indivíduo é corretamente denominado de salvador. Sugerir que essa salvação pudesse tornar-se antiquada e sem significado seria cômico. Seria um crime persuadir alguém que está se afogando ou que necessita ser resgatado de um prédio em chamas a rejeitar a ajuda do serviço de emergência apenas porque ser salvo não está mais "em voga". Crime maior seria persuadir alguém de que não há necessidade para a salvação eterna!

O indivíduo precisa ser salvo ou não precisa ser salvo. Essa necessidade não é uma questão de gosto, mas real. Cristo disse que Ele veio à terra para que "o mundo fosse salvo por Ele" (Jo 3.17), o que significa, portanto, que *todos* precisam ser salvos. Para confirmar isso, Pedro declarou o seguinte a respeito de Cristo: "E

em nenhum outro há salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos" (At 4.12). Paulo afirma isso da seguinte forma:

> Esta é uma palavra fiel e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo, para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal (1 Tm 1.15).

Nossa consciência confirma o que a Bíblia declara: pecadores (o que todos nós somos) precisam da salvação para escapar ao julgamento que Deus decretou para o pecado. Uma idéia fora de moda? Algo que não está em voga? Impossível! E aqueles que assim afirmam negam os elementos básicos da existência de Deus, nossa responsabilidade moral para com Ele, a violação de suas leis e nossa necessidade óbvia da salvação que Ele nos oferece amorosamente como um dom gratuito de sua graça.

O que Devo Fazer para Ser Salvo?

Questão: Estou confuso sobre como alguém obtém a salvação. Sou católico e meu catecismo favorito afirma: "O que é necessário para ser salvo? Você deve ser batizado, pertencer à igreja estabelecida por Jesus Cristo, obedecer aos dez mandamentos, receber os sacramentos, orar, fazer boas ações e morrer com a graça santificadora em sua alma".[2] Isso parece impor um fardo impossível de ser carregado. Se perdesse a missa e morresse com esse pecado mortal antes de me confessar, estaria perdido para toda a eternidade. Desde que abandonei o catolicismo, fiquei ainda mais confuso com os ensinos contraditórios das igrejas protestantes denominacionais. Algumas dizem que o batismo é essencial para a salvação, e outras afirmam o contrário. Algumas afirmam que a santidade e o falar em línguas são necessários, e outras afirmam o contrário. Como posso saber qual é a verdade?

Resposta: Sua questão é a seguinte: "O que preciso fazer para ser salvo?". Foi exatamente a mesma pergunta que o apóstolo Paulo fez. A resposta concisa que ele mesmo deu é a verdade que você busca: "Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa" (At 16.30,31).

Observe que Paulo não disse nada sobre batismo, membresia, penitência, missa, Maria e outros santos, boas ações ou qualquer outra coisa. *A salvação vem única e exclusivamente por meio da fé em Cristo.* Sugerir que algo mais é necessário é o mesmo que negar o ensinamento claro da Bíblia, a saber, que Cristo é *o único* Salvador dos pecadores. A Bíblia jamais sugere que Cristo pode apenas nos salvar parcialmente e que dependemos de nós ou de algum outro pseudo-salvador para complementar o que Cristo não foi capaz de fazer (e o senso comum também rejeita essa idéia). Se Cristo não foi capaz de completar nossa salvação, então não seria benéfico que procurássemos ajuda complementar em outros lugares.

Obviamente, para crer em Cristo, a pessoa precisa conhecer quem Ele é, como Ele conquistou nossa salvação e por que precisamos ser salvos. A justiça infinita de Deus exige uma punição infinita para violação de sua santa lei. Como seres finitos jamais poderíamos pagar essa punição infinita, e ficaríamos separados de Deus por toda a eternidade. Deus, um ser infinito, poderia de certa forma pagar essa punição que sua justiça exige, mas isso não seria correto, pois Ele não é um de nós.

Por conseguinte, graças ao seu grande amor, Deus se tornou homem por meio do nascimento virginal. Ele jamais deixou de ser Deus (uma impossibilidade). Com seu amor, levou sobre si nossos pecados e pagou a punição infinita que merecíamos. Assim, fundamentado nesse fato, Ele oferece perdão completo e vida eterna no céu para todos que se arrependem de seu pecado contra Deus e recebem o perdão que o senhor oferece em Cristo.

A história a seguir, um relato verdadeiro, conforme me lembro daquilo que Billy Graham contou, ilustra esse ponto muito bem. Quando estava dirigindo através de uma pequena cidade no sudoeste dos Estados Unidos, um policial de motocicleta pediu que ele parasse no acostamento, multou-o e imediatamente o trouxe diante do juiz local para que pagasse a multa. No entanto, o juiz era o barbeiro e Billy Graham teve de esperar até que ele acabasse de atender um freguês.

O juiz, após tirar seu avental de barbeiro e vestir sua toga, tirou um martelo da gaveta reservada ao tribunal e pediu ordem no recinto. Ele perguntou ao policial: "Qual é a acusação"?

O policial respondeu: "Excelência, este homem estava dirigindo a sessenta quilômetros em uma região em que a velocidade permitida era quarenta quilômetros por hora".

O juiz, voltando-se para Billy Graham, perguntou-lhe: "O que o senhor tem a declarar?" Billy Graham disse: "Excelência, não estava olhando para o velocímetro, portanto tenho de aceitar aquilo que o policial declarou".

Assim, o juiz, batendo seu martelo declarou: "Isso lhe custará vinte dólares. Um dólar por cada quilômetro em que você excedeu o limite". (Obviamente, isso foi a muito, muito tempo atrás!)

Billy retirou sua carteira, abriu-a e começou a contar as notas de dinheiro, quando o juiz o interrompeu: "Já o vi em algum lugar?" Depois, ao examinar mais de perto e antes que seu famoso réu pudesse responder, ele exclamou: "É claro! Você é o Billly Graham! Que grande honra! Eu já o vi na televisão..."

A seguir, tiveram uma conversa amigável. Na verdade, ela tornou-se tão amigável que Billy Graham pôs sua carteira no bolso. Quando a conversa parecia ter terminado, Billy virou-se para sair.

O juiz batendo o martelo disse firmemente: "Isto lhe custará vinte dólares. Posso ser, a maior parte do tempo, apenas um barbeiro, mas tento desempenhar minha função de juiz de forma honesta. A multa foi escrita e deve ser paga".

Novamente, Billy Graham tirou sua carteira do bolso e começou procurar pela quantia necessária, mas o juiz foi mais rápido. Ele alcançou a gaveta da barbearia, retirou dali vinte dólares e os pôs na gaveta reservada para o tribunal. A seguir, escreveu um recibo e o entregou a Billy Graham, agora um homem livre.

Isso foi exatamente o que Cristo fez por nós. Uma multa foi escrita no céu para todos nós: "Porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Rm 3.23), e essa multa *precisa ser paga*, pois Deus desempenha sua função de juiz de forma honesta. Nessa história, Billy Graham poderia facilmente ter pago os vinte dólares, mas nós não podemos pagar a punição infinita que pesa sobre nós. Portanto, Deus, ao tornar-se homem para morrer em nosso lugar, pagou a punição e dá-nos o recibo que comprova nosso pagamento no momento em que recebemos o Senhor Jesus Cristo como nosso Salvador.

O Verdadeiro Evangelho Está nas Estrelas?

Questão: Li recentemente dois livros, *Witness of the Stars* ("O Testemunho das Estrelas"), de E.W. Bullinger, e *The Gospel in the Stars* ("O Evangelho nas Estrelas"), de Joseph A. Seiss. Eles são interessantes, mas algo a respeito deles me deixou um tanto perturbado. É verdade que o evangelho está realmente nas estrelas e que o homem da antiguidade, antes do dilúvio, testemunhou isso e sabia o que significava?

Resposta: Não. Embora a Bíblia, com freqüência, afirme que o céu nos é dado por meio de "sinais", jamais afirma que esses sinais apresentam o *evangelho.* A Bíblia diz: "Os céus manifestam a glória de Deus" (Sl 19.1), e que todas as pessoas, independentemente da língua que falem, compreendem essa mensagem (Sl 19.3). Na verdade, toda a criação revela *a glória e o poder* de Deus, pois podem ser claramente vistos "pelas coisas que estão criadas" (Rm 1.20). No entanto, a Bíblia *jamais* nos diz que o céu ou qualquer outra parte da criação declarou o *evangelho.* Este *só* pode ser apresentado pela Palavra de Deus.

Aqueles que promovem essa visão admitem que o evangelho não pode ser visto nas estrelas a não ser que haja uma interpretação bastante imaginativa. Seiss confessa que "o mundo das estrelas não declara nem mostra Cristo como Redentor, e, tampouco, pode assim fazer".[3] Mas sem Cristo como salvador não há evangelho! D. James Kennedy, que promove a tese de Seiss, admite em seu sermão, *The Gospel in the Stars* ("O Evangelho nas Estrelas"): "Você pode observar as estrelas na constelação de Virgem empalidecerem, mas essa constelação jamais terá a aparência de uma mulher!" No entanto, Paulo afirma que o céu pode ser "claramente" visto por qualquer um que os observa. Obviamente, ele está falando de algo diferente da idéia que esses homens promovem.

Nenhuma Imagem Pode Apresentar o Evangelho

Se Deus quisesse que as estrelas pregassem o evangelho, Ele teria de organizá-las de tal forma que elas formassem claramente

as imagens que Ele desejasse que os homens vissem nelas. Obviamente, Ele não fez isso. Além do mais, não é possível que meras imagens visuais, independentemente da clareza com que as estrelas foram posicionadas, poderia apresentar o evangelho. A imagem mais clara que as estrelas nos oferecem é o Cruzeiro do Sul. No entanto, quem poderia saber apenas por olhar para essa configuração no céu que Cristo, no futuro, morreria ou já morrera, em uma cruz por nossos pecados e que Ele é o perfeito e imaculado Filho de Deus que pagou a punição que sua própria justiça infinita exigia? Nenhuma imagem visual poderia explicar esses fatos!

Na verdade, as "imagens" associadas, de forma criativa, com algumas constelações estão abertas a incontáveis interpretações e, portanto, não carregam dentro de si mesmas qualquer salvaguarda de sua suposta mensagem — uma mensagem que Seiss reconhece que foi profundamente corrompida, dando origem à astrologia e ao ocultismo. O maior propósito para a obra de Seiss, portanto, é dizer-nos o que esses supostos "sinais" *realmente* significaram em épocas passadas. Ele afirma que recuperou esse verdadeiro significado por meio de muita pesquisa — um significado que ele, novamente, admite que não foi comumente atribuído a elas por muitos séculos. Portanto, esses sinais maravilhosos, na verdade, falharam na realização de seu propósito, pois de fato é impossível para que eles em si mesmos e por si mesmos assim façam.

Sem a Bíblia e apenas com as estrelas para observar, jamais poderíamos compreender o evangelho. Esse fato óbvio arruína completamente essa tese. A palavra "evangelho" é utilizada 101 vezes em 95 versículos da Bíblia (todos no Novo Testamento), e *jamais* são associados com as estrelas ou com o testemunho da criação.O evangelho é sempre pregado por pessoas e deve ser perfeitamente claro e bem compreendido para que cause qualquer efeito. O suposto "evangelho nas estrelas" falha em relação a esses critérios. Além do mais, em Mateus 24.14, Marcos 13.10 dentre outras passagens indicam que o evangelho ainda precisa ser pregado para todas as nações. Portanto, o mesmo não foi pregado nas estrelas — certamente não em "toda a sua extensão e amplitude", conforme Seiss entusiasticamente declara.

A Bíblia afirma que o evangelho *começou* a ser pregado com o advento de Cristo (Mc 1.1; Fp 4.15; 2 Tm 1.10), como também indica que fora anteriormente um mistério até que "a revelação do mistério que desde tempos eternos *esteve oculto*" (Rm 16.25; grifo do autor). Dificilmente isso é consistente com a teoria de que o evangelho foi proclamado nas estrelas por milhares de anos antes de Cristo. No entanto, Seiss declara veementemente que "todas as grandes doutrinas da fé cristã eram conhecidas, acreditadas, apreciadas e registradas [nas estrelas] desde as primeiras gerações de nossa raça, provando que Deus falou com o homem e verdadeiramente lhe deu a revelação das verdades e esperança exatamente como foram escritas em nossas escrituras, as quais são altamente apreciadas pelos crentes cristãos".[4] A Bíblia jamais apresenta nenhum indício de tal fato.

Acautele-se contra o Evangelho Mercenário!

Questão: Algo me perturba em relação a algumas cruzadas evangelísticas e cultos dos quais participei. Parece-me que o apelo para "vir a Cristo" está ligado à libertação de problemas de saúde, financeiros, emocionais etc. Em outras épocas, mesmo quando o verdadeiro evangelho havia sido pregado, pareceu-me que o apelo fundamentava-se mais na emoção do que na verdade. Não há algo errado nisso? Ou eu sou muito exigente?

Resposta: Sua preocupação tem fundamento. Nossa geração está obcecada com números e uma falsa visão de sucesso que reflete os valores deste mundo, mais propriamente do que o mundo por vir. Supõe-se que é possível convencer qualquer pessoa a comprar qualquer produto se a propaganda for espalhafatosa e se a apresentação do produto for correta. Grandes corporações gastam bilhões em pesquisa e propaganda a fim de que seu produto seja consumido por um mercado bastante abrangente. Infelizmente, essa mentalidade foi introduzida da mesma forma na igreja.

Para muitos evangelistas e igrejas, Jesus Cristo tornou-se um "produto" que deve ser empacotado e negociado com as mesmas

técnicas que, comprovadamente, obtiveram sucesso no mundo. Na verdade, hoje há muitas atitudes que podemos denominar de enganosas na apresentação do produto evangélico. Cristo é apresentado como uma panacéia, em vez do único remédio para o pecado e o livramento da condenação. Em vez da verdade, oferecem-nos música e entretenimento para que "o clima" fique apropriado, e o evangelho, muitas vezes, é diluído para tornar-se o mais palatável possível. Conforme Joyce Main Hanks, da universidade da Costa Rica, declara no prefácio da tradução que ela fez da obra de Jacques Ellul, *The Humiliation of the Word* ("A Humilhação da Palavra"):

> Hoje, nos Estados Unidos, os políticos são "eleitos" apenas se eles projetam uma imagem atraente na televisão. A reação aos "debates" presidenciais, por exemplo, depende quase que totalmente da imagem, não da substância, verdade ou coerência do argumento.
>
> De forma similar, a igreja é condescendente com nosso desejo de nos "sentir bem", em vez de responder a nossa necessidade de ser espiritualmente desfiado e alimentado por meio da exposição sólida das Escrituras. A igreja eletrônica, em particular, serve nosso desejo por entretenimento em vez de alimentar o discipulado autêntico e a maturidade.[5]

Quando Cristo era abordado por aquelas pessoas que se ofereciam para segui-lo, Ele não dizia a seus discípulos: "Pedro, faça logo a inscrição dele! João, leve-o para participar do coral! Tiago, dê-lhe o cargo de diácono! Apressem-se, antes que ele mude de idéia!" Ao contrário, Cristo dizia o seguinte: "Bem, você quer me seguir? Deixe-me lhe dizer para onde vou. Estou indo em direção a um monte fora de Jerusalém chamado Calvário. Ali, eles me crucificarão. Portanto, se você realmente quer me seguir, também deve pegar sua cruz imediatamente!" Isso mesmo, Jesus disse: "Se alguém quiser vir após mim, renuncie-se a si mesmo, tome sobre si a sua cruz e siga-me" (Mt 16.24).

Cristo não pode ser apresentado como um líder inspirador que nos ajudará a nos sentirmos melhor conosco mesmos, nem como alguém que curará nosso corpo ou fará prosperar nosso casamento ou negócio. Ao contrário, Ele precisa ser apresentado como o Salvador daqueles que sabem que merecem a punição

eterna de Deus e que não podem salvar-se a si mesmos. Temos de chamar os pecadores ao arrependimento e acreditar no evangelho, porque ele é *verdadeiro*. Todos que recusam a verdade receberão a grande decepção de acreditar na mentira de Satanás "para que sejam julgados todos os que não creram a verdade; antes, tiveram prazer na iniqüidade" (2 Ts 2.12). A seriedade do evangelho precisa ser resgatada se, em vez da abundância de falsas profissões de fé, quisermos ver a salvação genuína.

Quem realmente É Salvo?

Questão: Se um católico romano crer de todo coração no Senhor Jesus Cristo e estiver comprometido a servi-lo como Senhor e se crê que a única maneira para seus pecados serem perdoados é por meio da morte de Cristo, como expiação para esses pecados e se arrepender, ele não será salvo? Suponha que uma pessoa obtenha a salvação apenas pela fé; será que ele perderá a salvação ao acreditar no batismo infantil? Será que ele perde a salvação ao crer que a comunhão é realmente o corpo e o sangue de Cristo, conforme o Senhor disse que era? Será que ele perde a salvação se acreditar no purgatório?

Resposta: Qualquer pessoa que acreditar que o evangelho "é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16), é salvo, independentemente de ser chamado católico, batista, metodista ou qualquer outro nome. Se, entretanto, a igreja católica "crer de todo coração no Senhor Jesus Cristo", conforme você sugere, então ela se defrontará com um conflito irreconciliável com as doutrinas e práticas de sua igreja. Pela lógica, é impossível para um católico romano verdadeiramente crer no evangelho que salva e, ao mesmo tempo, acreditar nos princípios do catolicismo, pois eles são diametralmente opostos.

Por exemplo, como uma pessoa pode acreditar que o sacrifício de Cristo na cruz por seus pecados é um fato histórico consumado e que Ele agora está à direita de Deus Pai no céu em um corpo ressurrecto e glorificado, e ao mesmo tempo, acreditar que Ele existe corporalmente no altar católico na hóstia, sofrendo per-

petuamente as agonias da cruz (conforme o Concílio Vaticano II afirma) "no sacrifício da missa"?[6]

Obviamente, essas duas crenças contraditórias não podem ser sustentadas ao mesmo tempo. Como você pode saber qual é aquela que os católicos *verdadeiramente* acreditam, se eles professam ambas? O permanecer na igreja católica romana e continuar a participar do "sacrifício da missa" certamente indicaria fé nessa igreja e em seus dogmas, em vez de um verdadeiro evangelho bíblico.

O Evangelho Católico

Como alguém pode crer que Cristo, por meio de seu sacrifício na cruz, obteve para nós "uma eterna redenção" (Hb 9.12) e, ao mesmo tempo, crer que "a obra de nossa redenção" ainda está no processo de ser conquistada por meio da eucaristia (conforme o Concílio Vaticano II afirma)?[7] Como uma pessoa pode crer que a obra redentora de Cristo na cruz está "consumada", conforme Ele mesmo disse (Jo 19.30) e, ao mesmo tempo, crer que a missa é a perpetuação do sacrifício de Cristo? É difícil para qualquer pessoa, se procurar usar raciocínio lógico, crer nessas duas possibilidades ao mesmo tempo.

O Concílio Vaticano II afirma que, na missa, "Cristo perpetua de uma forma não sangrenta o sacrifício oferecido na cruz ..."[8] Como alguém pode "perpetuar" um ato que foi consumado no passado? Isso é logicamente impossível. Alguém pode *lembrar-se* ou *comemorar* um evento passado, mas ninguém pode perpetuá-lo no presente. Como alguém pode crer que por meio da morte e ressurreição de Cristo ocorrida praticamente há dois mil anos, a dívida de nosso pecado foi paga de forma total e, ao mesmo tempo, participar da missa que pretende ser um pagamento adicional para essa dívida?

The Code of Canon Law ("O Código da Lei Canônica") declara que "a obra de redenção é continuamente consumada no mistério do sacrifício da eucaristia..."[9] O Concílio Vaticano II diz que a missa é "um sacrifício no qual o sacrifício da cruz é perpetuado" e nessa celebração "nosso Senhor é imolado, ao oferecer-se a si mesmo ao Pai para a salvação do mundo por intermédio do ministério

dos padres".[10] Eis aqui um breve resumo do ensinamento católico oficial sobre a missa, o qual foi retirado de um dicionário católico:

> A missa é verdadeiramente um sacrifício propiciatório, o que significa que por meio dessa oblação "podemos satisfazer a exigência do Senhor, e Ele nos dá a graça e o dom do arrependimento, e perdoa nossas más ações e pecados até mesmo os mais graves. Pois a vítima é uma e a mesma: Ele que faz a oferta por meio do ministério dos padres e Ele que, depois, oferece-se a si mesmo na cruz" (Denzinger 1743).[11]

No entanto, a Bíblia claramente afirma que o sacrifício de Cristo não está continuamente sendo oferecido no presente, mas foi consumado de uma vez por todas na cruz.

> ...uma vez se manifestou, para aniquilar o pecado pelo sacrifício de si mesmo. Assim também Cristo, oferecendo-se uma vez, para tirar os pecados de muitos, aparecerá segunda vez, sem pecado, aos que o esperam para a salvação (Hb 9.26,28).
>
> Mas este [Cristo], havendo oferecido *um único sacrifício* pelos pecados, está assentado para sempre à destra de Deus, [...] Porque, *com uma só oblação*, aperfeiçoou para sempre os que são santificados. [...] *não há mais oblação pelo pecado* (Hb 10.12-18; grifo do autor).

Uma Escolha a Ser Feita

Ninguém pode acreditar em Cristo, para obter a salvação, enquanto estiver olhando para a igreja, quer seja católica quer seja qualquer outra. As muitas orações feitas a Maria para "a obtenção do perdão de seus pecados e da vida eterna" são em si mesmas uma prova de que o católico não crê em Cristo para sua salvação. Se eu me oferecesse para pagar totalmente um débito em seu lugar, será que se você continuaria pedindo para que alguém mais pagasse esse débito? Isso não seria evidência suficiente de que você não creu em minha oferta nem a aceitou?

Ninguém pode crer em Cristo e, ao mesmo tempo em batismo, sacramentos e boas graças da igreja católica romana. Paulo escreveu:

> Mas, ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outro evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema. Assim como já vo-lo dissemos, agora de novo [para enfatizar a idéia] também vo-lo digo: se alguém vos anunciar outro evangelho além do que já recebestes, seja anátema (Gl 1.8,9).

Paulo estava se referindo àqueles conhecidos como judaizantes, e também os amaldiçoava, pois eles ensinaram que em acréscimo à obra consumada de Cristo era preciso guardar a lei judaica. Aquele pequeno acréscimo destruía o evangelho. No entanto, a igreja católica teve 1500 anos para acrescentar muito mais ao evangelho do que os judaizantes. Esse evangelho falso não pode salvar, e Paulo o condena.

No entanto, os católicos acreditam nos fundamentos do evangelho: que Cristo é Deus, que veio à terra por meio do nascimento virginal, viveu de modo perfeito e imaculado, morreu na cruz por nossos pecados, ressuscitou dos mortos ao terceiro dia e vai voltar. No entanto, isso não é tudo em que os católicos precisam acreditar. O catolicismo romano acrescentou, ao verdadeiro evangelho, a missa (como sacrifício propiciatório por meio do qual nossos pecados são perdoados), o purgatório, as indulgências, a intercessão de Maria e a necessidade do batismo, como também o estar na igreja e o participar dos "sacramentos da nova lei", os quais o Concílio de Trento e o Concílio Vaticano II dizem que são *essenciais à salvação.* É preciso que o indivíduo apenas acredite em um desses dois evangelhos conflitantes: o evangelho bíblico ou o evangelho católico romano. Ninguém pode, ao mesmo tempo, sinceramente crer em duas proposições contrárias. Qualquer pessoa que confiar apenas em Cristo é salva. Infelizmente, é possível, ao mesmo tempo, professar com os lábios os falsos ensinamentos de uma igreja sem compreender seus falsos ensinamentos. Apenas Deus pode julgar esse coração.

Deus Predestinou alguns para o Céu e outros para o Inferno?

Questão: Um de meus amigos deu as costas para Deus depois do terceiro ano de estudo em um seminário de estudo con-

servador. Ensinaram-lhe que Deus já decidiu quem será salvo e quem passará a eternidade no inferno, assim como quem passará nesta vida coisas boas ou quem passará coisas más. Você poderia auxiliar-me a ajudar esse meu amigo?

Resposta: Não há dúvida de que Deus é soberano e poderia ter predestinado alguns para o céu e outros para o inferno. Ou Ele poderia enviar todos nós para o inferno, pois é o que merecemos. A questão central não é a *soberania* de Deus, mas seu *amor*. Algo que fica muito claro é que Deus quer que toda a humanidade seja salva e vá para o céu:

> Porque Deus amou o *mundo* de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, [...] para que o *mundo* fosse salvo por ele. (Jo 3.16,17; grifo do autor); o Pai enviou seu Filho para Salvador do *mundo* (1 Jo 4.14; grifos do autor);
>
> O Senhor [...] não querendo que *alguns* se percam, senão que *todos* venham a arrepender-se (2 Pe 3.9; grifos do autor); que quer que *todos* os *homens* se salvem e venham ao conhecimento da verdade (1 Tm 2.4; grifos do autor).
>
> O qual se deu a si mesmo em preço de redenção *por todos* (1 Tm 2.6; grifo do autor). E ele é a propiciação pelos nossos pecados e não somente pelos nossos, mas também pelos de *todo o mundo* (1 Jo 2.2; grifos do autor).

Ninguém irá para o inferno apenas porque Deus assim quis ou porque Ele não fez tudo que podia para persuadi-lo a crer no evangelho que Ele ofereceu total e graciosamente a *todos*. Aqueles que perecem só perecem porque rejeitaram a salvação que Deus oferece com toda sua persuasão. Sugerir que Deus não quer que toda a humanidade seja salva é uma difamação de seu caráter, e a Bíblia seria contraditória! Como poderia ser que Deus, que diz que devemos amar nossos inimigos, não amasse os seus? É inconcebível que Deus tenha o desejo de enviar alguém que Ele realmente ama para o inferno. Na verdade, muitas pessoas vão para lá pelo fato de rejeitarem a salvação que Deus, amorosamente, nos ofereceu por meio de sua graça.

Presciência Determina a Predestinação

Se for para crer que Deus predestinou algumas pessoas a ir para o inferno, então devemos também acreditar que Ele predestinou que Adão e Eva deveriam pecar e, portanto, predestinou todo o mal que se seguiu. Isso é totalmente ilógico e absurdo. O calvinista rigoroso diz que todos somos totalmente depravados e não podemos escolher se vamos receber a Cristo ou não. No entanto, esse argumento não se aplica a Adão e Eva, pois eles foram criados na inocência. Se hoje, como nós, eles pudessem escolher apenas o mal, então a recomendação de Deus para que não comessem do fruto proibido (como também seu apelo para que venhamos a Cristo) é uma farsa.

A rebelião das criaturas no jardim do Éden, até aquele momento, eram inocentes e viviam em um ambiente perfeito, pode apenas ter sido o resultado *do desejo* que tinham de opor-se ao *desejo de Deus*. E se essa não fosse uma escolha genuína, então o pecado não poderia ter *entrado* no mundo por aquele ato, uma vez que eles já deveriam ser pecadores.

É verdade, Deus *previu* que Adão e Eva se rebelariam e Ele tinha conhecimento de todo o mau que se seguiria. Portanto, Ele providenciou para que *todo* pecado e *todo* pecador fosse perdoado por meio de Cristo mesmo antes de Ele ter criado o mundo (Ap 13.8). Mas Ele não *predestinou* o mal que se iniciou no Éden e que permeia o mundo! Se Ele assim o fizesse, então todas as violações, assassinatos, ódios e ciúmes que já ocorreram na história e continuam ocorrendo até hoje existiriam porque Deus assim *predestinou*. Mais uma vez, isso é totalmente inconsistente com o caráter de Deus, conforme revelado em sua Palavra.

Romanos 8.29,30 declara: "Porque os que dantes conheceu, também os predestinou [...] chamou [...] justificou [...] glorificou". Deus, de forma clara, certificou-se de que o evangelho seria apresentado a todos que Ele sabia que creriam em sua Palavra. Portanto, a presciência é a chave da predestinação.

Os calvinistas rigorosos objetam de que o fazer a escolha "é fundamentado em uma ação e a salvação não depende delas". Entretanto, o fato de um homem escolher aceitar o perdão que

Deus oferece em Cristo não constitui uma ação humana. Se um homem que estiver se afogando, impotente para salvar a si mesmo, aceitar uma ajuda de resgate será que ele, desse modo, teria feito *alguma coisa* para salvar a si mesmo? Será que ele poderia dizer que foi salvo por suas próprias ações? Será que ele poderia se orgulhar (conforme alguns sugerem em relação àqueles que receberam a Cristo por um ato de sua própria vontade) de que seu resgate do afogamento ocorreu porque era "bastante esperto, bastante amoroso, bastante sábio, bastante justo ou bastante qualquer outra coisa"...? É claro que não.

A salvação é toda de Deus e toda pela graça. Aqueles que a aceitam não têm nada a ganhar. Na verdade, um pecador, para ser salvo, deve confessar sua total indignidade e inabilidade para merecer ou ganhar a salvação. Ele deve simplesmente recebê-la como um dom gratuito da graça de Deus.

Um dom incorpora dois elementos essenciais: (1) a doação desse dom; e (2) a recepção dele. Ninguém pode dar um dom a alguém a menos que a pessoa esteja disposta a recebê-lo. Deus não impõe nem a si mesmo nem sua graça a ninguém. Devemos, deliberadamente e de boa vontade receber o dom da salvação. Essa é razão pela qual o evangelho é pregado, e para a pessoa ser salva precisa acreditar nele.

Satanás É nosso Co-redentor?

Questão: Não sou seguidor da, assim chamada, "fé dos mestres" no que diz respeito ao "evangelho sadio e rico" deles. Entretanto, parece-me que eles têm bastante fundamento, quando ensinam que Cristo foi ao inferno para ser torturado por Satanás. De que outra maneira Ele poderia pagar a punição total por nossos pecados?

Resposta: A punição para o pecado é decretada pela perfeita lei de Deus e cobrada por sua justiça infinita. Satanás não é quem impõe a justiça de Deus. Ele não cobra a punição de Cristo. A Bíblia nos diz que Deus "fez cair sobre Ele [Cristo] a iniqüidade de todos nós" e que "ao Senhor agradou o moê-lo" [...], fazendo

com que sua alma fosse "expiação do pecado" (Is 53.6,10). Não há uma palavra sequer sobre a participação de Satanás em qualquer parte desse processo de redenção.

Em contraste com o que a Bíblia tão claramente afirma, eis aqui o que um dos líderes do movimento da confissão positiva ensina:

> Ele permitiu que o demônio o arrastasse para as profundezas do inferno como se Ele fosse o mais iníquo de todos os pecadores... todo os demônios do inferno ali vieram para aniquilá-lo... eles o torturaram mais do que qualquer pessoa jamais pudesse conceber...
>
> Em um estrondo de força espiritual, a voz de Deus falou ao espírito de Jesus, mortalmente açoitado, quebrantado e punido... no fosso de destruição Deus fortaleceu o espírito de Jesus com o poder da ressurreição! Repentinamente, seu espírito alquebrado deu uma guinada e começou a encher-se novamente e voltar à vida... Ele estava literalmente nascendo de novo aos olhos do demônio. Ele começou a flexionar seus músculos espirituais... Jesus arrastou Satanás por todos os recantos do inferno... Jesus ressuscitou um homem nascido de novo... o dia em que percebi que um homem nascido de novo derrotara a Satanás, e a morte, fiquei muito empolgado...![12]

Ensinar que nossa redenção foi alcançada por meio de Satanás que torturou Jesus no inferno, é algo sem sentido e fantasioso, e também uma heresia. Isso faria com que Satanás fosse nosso co-redentor. Se ele não tivesse torturado Jesus o suficiente, não seríamos salvos — e se ele assim o fez, deveríamos agradecê-lo? Como podemos saber se ele torturou a Cristo o suficiente para nos salvar?

Satanás não é o proprietário do inferno. Ele nem mesmo já esteve lá. Tampouco Satanás tortura os condenados, pois ele mesmo será condenado com o "fogo eterno, preparado para o Diabo e seus anjos" (Mt 25.41), quando "a morte e o inferno foram lançados no lago de fogo" (Ap.20.14).

Antes de Jesus morrer, clamou em triunfo: "Está consumado" (Jo19. 30), indicando que nossa redenção fora consumada *na cruz*. Cristo disse ao ladrão da cruz que acreditasse nEle: "Em verdade te digo que *hoje* estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43; grifo do au-

tor), não no inferno! Ele disse: "Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito" (Lc 23.46) Ele não acabou nas mãos de Satanás!

Somos Salvos pelo Batismo?

Questão: Marcos 1616 diz: "Quem crer e for batizado será salvo" (Mc 16.16). Em seu sermão no dia de Pentecostes, Pedro instou seus ouvintes a serem batizados para que seus pecados fossem lavados. Fico confuso. O batismo é essencial para a salvação ou não?

Resposta: Não há um só versículo em toda a Bíblia que diz que deixar de ser batizado é uma condenação para a alma, mas há inúmeros versículos que declaram que os que se perdem são os que não crêem no evangelho. Conforme Paulo disse: "Porque Cristo enviou-me *não para batizar, mas para evangelizar*" (1 Co 1.17; grifo do autor; cf. 15.1-4). Na afirmação clara de Paulo: "O evangelho [...] pelo qual também sois salvos" (1 Co 15.1-4), não há menção do batismo.

A pessoa deve ser batizada após crer no evangelho. O "que impede que eu seja batizado? [...] É lícito, se crês de todo o coração" (At 8.36,37). Cristo, depois de sua ressurreição enviou seus discípulos para pregar o evangelho no mundo todo. Para os que se convertessem, Ele disse: "*Batizando-os* em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo" (Mt 28.19; grifo do autor). Fica claro, a partir desse texto, que todos os que crêem (e apenas estes) devem ser batizados.

O batismo simboliza a identificação do crente com Cristo em sua morte, sepultamento e ressurreição: "De sorte que fomos sepultados com Ele pelo batismo na morte; para que, como Cristo ressuscitou dos mortos pela glória do Pai, assim andemos nós também em novidade de vida" (Rm 6.4). Portanto, o batismo na Igreja Primitiva era por imersão: "E desceram ambos à água [...] E, quando saíram da água" (At 8.38,39; etc.). A morte poderia ser simbolizada nesse tipo de batismo.

Inovações Deturpadas

Infelizmente, várias inovações (aspersão, em vez de imersão) e, até mesmo, heresias foram gradualmente apresentadas na ques-

tão que diz respeito ao batismo: que o indivíduo deve ser batizado para ser salvo e que o batismo em si salva a alma, mesmo quando administrado em bebês. Os católicos até praticam o batismo intrauterino do feto quando há dúvida se o bebê nascerá com vida ou não.[13] Tais heresias passaram a ser conhecidas como a doutrina da regeneração batismal. A maioria dos protestantes que hoje aceitam crenças similares não estão conscientes de que essa concepção originou-se na igreja católica romana, na Idade Média.

O Concílio de Trento (1545-63) afirma que embora Cristo, "para nós, mereça justificação por sua mais santa paixão... a causa instrumental [da justificação/regeneração] é o sacramento do batismo... se alguém disser que o batismo não é necessário para a salvação, que ele seja anátema".[14] O Concílio Vaticano II (1962-5) reafirma tudo o que o Concílio de Trento propôs[15] e reitera a necessidade do batismo para a salvação,[16] conforme afirma também o *Catecismo da Igreja Católica*, publicado pelo Vaticano, em 1993: "O batismo é necessário para a salvação... a igreja não conhece nenhum [outro] meio para garantir a entrada na bem-aventurança eterna..."[17]

O Concílio de Trento condena todos os que negam que o mérito de "Jesus Cristo aplica-se, por meio do sacramento do batismo infantil", também os bebês ou os que negam que, pelo batismo, "a culpa pelo pecado original é perdoada..."[18] *The Code of the Canon Law* ("O Código da Lei Canônica") atual (cânon 849) declara que por meio dele os que forem batizados ficam "livres de seus pecados, são nascidos de novo como filhos de Deus e... incorporados à igreja". O cânon 204 afirma: "Os cristãos fiéis são os que foram incorporados a Cristo por meio do batismo" e são, por meio dele, da única e verdadeira igreja católica.[19]

E quanto ao Batismo Infantil?

Por muitos séculos, antes da Reforma, a regeneração batismal foi rejeitada por católicos não-praticantes que ensinavam fundamentados nas Escrituras de que o batismo era apenas para aqueles que cressem no evangelho. O batismo infantil foi rejeitado, pois os bebês não podiam nem compreender o evangelho nem

crer em Cristo. Aqueles que praticavam o batismo infantil justificavam-no com a citação de um suposto precedente bíblico, em que famílias inteiras foram batizadas, partindo-se do pressuposto de que havia bebês nessas famílias.

Pode-se facilmente comprovar que não foi isso que aconteceu. Considere a casa de Cornélio: eles escutaram o evangelho, creram nele e foram batizados. Fica claro que não havia nenhum bebê, pois eles todos estavam "presentes diante de Deus, para ouvir tudo quanto por Deus te é mandado" (At 10.33), coisas que um bebê não poderia entender. "Caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra" (v. 44), e eles falaram em línguas (v. 46).

O fato de que "receberam [...] o Espírito Santo" (v. 47) prova que foram *salvos*. Pedro, portanto, os batizou (v. 48). Essa passagem prova que uma pessoa pode ser salva *sem o batismo* e que apenas aqueles que já foram salvos devem se batizar.

Tampouco o batismo infantil pode ser apoiado a partir da história do carcereiro filipense que "foi batizado, ele e todos os seus [de sua casa]" (At 16.33; grifo do autor). Mais uma vez, fica óbvio que não havia bebês presentes, pois Paulo e Silas pregaram o evangelho "a todos os que estavam em sua casa" (v. 32) e "toda a sua casa" creu (v. 34) e foram, depois, batizados.

Não é possível pregar o evangelho aos bebês, nem mesmo por aqueles que os batizam.

Equívocos Herdados do Catolicismo

Os primeiros reformadores, como Martinho Lutero, haviam sido católicos e, infelizmente, retiveram alguns dogmas do catolicismo, dentre os quais a regeneração batismal e o batismo infantil. Esses erros são ainda hoje sustentados por algumas denominações protestantes. Essa questão é bastante séria: se o batismo é essencial para a salvação, então rejeitar esse evangelho é o mesmo que ser condenado; mas se a salvação existir só pela fé em Cristo, então acrescentar o batismo como uma condição para a salvação é o mesmo que rejeitar o verdadeiro evangelho e desse modo ser condenado por toda a eternidade.

A Bíblia declara que é errado ensinar a salvação pela fé em Cristo *acrescentando algo mais*, como guardar a lei judaica (At 15.24).

Paulo amaldiçoou (anatematizou) os que ensinavam esse falso evangelho que condena a alma (Gl 1.8,9). Um evangelho da salvação por intermédio de Cristo é igualmente falso.

Paulo não conseguia se lembrar quais foram os crentes de Corinto que ele batizara e sentia-se grato porque o número era bastante diminuto (1 Co 1.14-16) — uma atitude estranha, se o batismo fosse essencial para a salvação! Paulo, mesmo sem tê-los batizados, declarou que era seu pai na fé: "Porque eu, pelo evangelho, vos gerei em Jesus Cristo" (1 Co 4.15). Portanto, eles foram salvos por meio da pregação de Paulo e sem que este os batizasse.

Textos que Provam a Regeneração Batismal

E o que dizer de Marcos 16.16: "Quem crer e for batizado será salvo; mas quem não crer será condenado"? Todos os que crêem no evangelho são salvos, portanto, obviamente, todos os que crêem e são batizados são salvos. Entretanto, isso não quer dizer que o batismo salve ou que seja essencial para a salvação. Inúmeros versículos declaram que a salvação vem por meio da fé no evangelho, sem qualquer menção ao batismo: "Aprouve a Deus salvar os *crentes* pela loucura da *pregação*" (1 Co 1.21; grifos do autor). Veja também João 3.16,18, 36; 5.24; Atos 10.43; 13.38; 16.31; Romanos 1.16; 3.28; 4.24; 5.1; 1 Coríntios 15.1-4; Efésios 2.8; etc. *Nenhum desses versículos* diz que o batismo salva.

A Bíblia certamente deixaria claro, se esse fosse o caso, que crer em Cristo sem o batismo não seria suficiente para se obter salvação, mas *nenhum versículo diz isso*! Ao contrário, temos exemplos dos que crêem e foram salvos sem o batismo, como o ladrão da cruz e os santos do Antigo Testamento (Enoque, Abraão, José, Daniel e todos os outros), que desconheciam o batismo.

No entanto, Pedro disse: "Como uma verdadeira *figura*, agora vos salva, batismo, não do despojamento da imundícia da carne, mas da indagação de uma boa consciência para com Deus, pela ressurreição de Jesus Cristo" (1 Pe 3.21; grifo do autor). Essa afirmação é similar à declaração de Paulo que diz que fomos sepultados com Cristo no batismo e, por meio disso, morremos para o pecado — embora não estejamos *literalmente* mortos para o pe-

cado. Pedro não está dizendo que o ato físico do batismo nos salva, como também Paulo não está dizendo que morremos literalmente para o pecado. O batismo nas águas não tem esse poder. É uma *figura* ou simbolização do batismo espiritual em Cristo, efetuado pelo Espírito Santo e que foi estabelecido para todo o sempre no céu e pode ser vivido pela fé enquanto estamos aqui na terra.

Algo bastante significativo é que Cristo nunca batizou ninguém (Jo 4.2) — o que seria bastante estranho, se o batismo salvasse. O Salvador do mundo teve de deliberadamente evitar batizar para deixar claro que o batismo não faz parte da salvação. É verdade, Cristo disse que é preciso nascer de novo "da *água* e do Espírito" (Jo 3.5; grifo do autor) para ser salvo, mas seria ilegítimo pressupor que essa "água" seja literal e signifique batismo.

Água e a Palavra

Jesus estava falando com Nicodemos, um rabino, para quem "água" não significaria *batismo* (algo desconhecido na lei judaica), mas o cerimonial de limpeza de um leproso ou alguém que tivesse sido maculado (Êx 30—40; Lv 13—15; etc.). E foi exatamente isso que Cristo quis dizer. Sua morte tornaria possível santificar e purificar [a Igreja] "com a lavagem da água, pela palavra" (Ef 5.26). Cristo disse: "Vós já estais limpos pela palavra que vos tenho falado" (Jo 15.3).

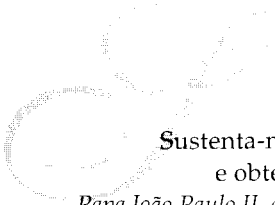
Assim como Cristo, Paulo uniu água e Espírito para se referir à "lavagem da regeneração" e vinculá-la à "renovação do Espírito Santo" (Tt 3.5). Nascemos de novo pelo Espírito Santo e pela Palavra ou o evangelho de Deus, que algumas vezes é chamado de "água" em razão de seu poder de purificação. Conforme Pedro disse: "Sendo de novo gerados [...] pela palavra de Deus" (1 Pe 1.23).

Obviamente, foi essa figura do Antigo Testamento que Pedro, em seu sermão no dia de Pentecostes, invocou para sua audiência judaica: "Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados" (At 2.38). Nos muitos outros textos, aqui apresentados, fica claro que Pedro não estava dizendo que o batismo salva, mas que

oferecia um cerimonial de limpeza, algo que se aplicava unicamente a seus ouvintes judeus. Ser batizado era ser identificado diante dos judeus fanáticos de Jerusalém com esse odioso Jesus Cristo. Muitas vezes, o preço do batismo era a perda da família e dos amigos, assim como corria-se o risco de perder a vida, como ainda acontece em Israel e em países muçulmanos. Aqueles, em tais culturas, que temem assumir publicamente sua fé, até nos dias atuais, não são considerados verdadeiros crentes. Portanto, na época e naquela cultura, para um judeu ser batizado significava em certo sentido lavar os pecados (At 22.16), conforme Ananias disse a Saulo.

O "evangelho de Cristo, portanto, é o poder de Deus para salvação de todo aquele que crê" (Rm 1.16). Esse evangelho conforme Paulo o pregou exigia fé no sangue de Cristo derramado na cruz por nossos pecados. Não há menção sobre o batismo. Assim, pregar a regeneração é pregar um falso evangelho, e Paulo amaldiçoou aqueles que assim fizeram. A diferença entre esses dois evangelhos tem conseqüências eternas.

Portanto, o batismo não tem importância? Na verdade, tem sim. É uma atitude de obediência a Cristo que assim ordenou à igreja. O batismo, de fato, é o testemunho público de nossa fé em Cristo, e a expressão de nosso desejo de permitir que a vida ressurrecta de Cristo seja manifestada em nós.



Sustenta-nos, Ó Virgem Maria, em nossa jornada de fé
e obtém para nós a graça da salvação eterna.
—*Papa João Paulo II, em "The Holy Father's prayer for the Marian Year"* ("Oração do Santo Padre para o Ano de Maria")[1]

O ensinamento da igreja é de que, em momento algum, saberei como será meu futuro eterno. Posso esperar, orar, fazer o melhor que puder —, mas ainda assim não sei. O Papa João Paulo II não sabe absolutamente se ele irá para o céu, nem a madre Tereza de Calcutá o sabe...
—*John Cardinal O'Connor, nova iorquino, no* The New York Times[2]

Eu disse a Jesus que se eu não fosse para o céu por qualquer outro motivo, iria devido a todas as viagens e publicidade, pois elas me purificam, e me sacrificam, e me deixam realmente pronta para ir para o céu.
—*madre Tereza de Calcutá, no Café da Manhã de Oração Nacional de Washington, D. C., em 3 de fevereiro de 1994.*

Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna e para que creiais no nome do Filho de Deus.
—*1 João 5.13*



12 CERTEZA DA SALVAÇÃO

Como Combatemos Dúvidas a Respeito de nossa Salvação?

Questão: Sou um cristão renascido que recebeu a Cristo como Salvador há mais de vinte anos. Naquela época, eu literalmente deixei Cristo *tocar* meu coração e mudar minha vida. No entanto, há momentos em que tenho de lutar com dúvidas, pois não me *sinto* correto para com o Senhor. Sei todos os versículos do evangelho e acredito neles, mas tenho a impressão de que há algo faltando. Você pode me ajudar?

Resposta: Pode haver muitas razões para esse sentimento de não "sentir-se correto para com o Senhor". Uma criança que, secretamente, faz algo que seus pais não aprovam, não se *sente* correta sobre isso. Porém, isso não muda o fato de continuar sendo filho deles, embora saiba que se os pais soubessem o que está fazendo, ficariam desapontados com ele. É claro, Deus sabe tudo sobre nós.

Você vive uma vida carnal consumindo este breve período de tempo que lhe foi concedido nesta terra em busca de ambições e prazeres vãos, e esquecendo-se de que este tempo é muito curto e

a eternidade é para sempre? Em seu coração você sabe que o problema é a desobediência e a negligência. Além desses motivos, a fé de uma pessoa pode diminuir quando negligencia a Palavra de Deus, a oração e a comunhão regular com outros crentes.

Nossa confiança em Deus e nosso relacionamento com Ele começam com a Palavra, nutrindo-nos dela e apoiando-nos em sua promessa. Você pode até fazer isso e ainda ter dúvidas, pois não tem uma base sólida o bastante para confiar na Palavra de Deus. Uma das melhores maneiras de restaurar sua confiança na Palavra é mediante o estudo das profecias. O cumprimento das profecias fornece evidência tangível e prática que comprova, sem a menor sombra dúvida, que a Bíblia é inspirada em Deus e que podemos confiar em tudo que ela diz.

A convicção da fé repousa sobre a verdade do evangelho e nada o torna tão certo quanto o cumprimento das profecias a respeito da vida, morte e ressurreição de Jesus. Em relação a isso, você precisa fundamentar-se totalmente na Palavra de Deus e depois contar as boas novas e compartilhar as inevitáveis provas com os outros. A melhor maneira de fortalecer sua fé é contar aos outros por que você crê e estar sinceramente empenhado em ganhar outras pessoas para Cristo.

A ferramenta fundamental que os cristãos primitivos usavam para pregar o evangelho eram as profecias. Hoje precisamos fazer a mesma coisa. Paulo podia entrar em uma sinagoga, ler no Antigo Testamento profecias que prometiam a vinda do Messias e depois lhes mostrar que, na verdade, elas já haviam sido cumpridas na vida, morte e ressurreição de Jesus de Nazaré. Se os judeus fossem honestos, não teriam outra escolha além de acreditar que Jesus era o Messias que esperavam. Eis aqui a maneira como Lucas, que acompanhou Paulo em suas viagens, registra um típico incidente ocorrido em uma das muitas cidades que visitaram:

> E, passando por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus. E Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles e, por três sábados, disputou com eles sobres as Escrituras, expondo e demonstrando que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos. E este Jesus, que vos anuncio, dizia ele, é o Cristo (At 17.1-3).

Não Há nenhuma Certeza Interna do Espírito Santo?

***Questão*:** A convicção da fé dos cristãos está restrita ao cumprimento de profecias que é demonstrado por meio de fatos verificáveis da história, arqueologia e ciência ou, de qualquer forma, há uma confirmação espiritual? E a respeito de experiências espirituais? Não há nenhuma certeza intrínseca em relação ao Espírito Santo?

***Resposta*:** "De sorte que a fé é pelo ouvir [...] a palavra de Deus" (Rm 10.17). Por um lado, a Palavra de Deus sustenta-se em si mesma e não precisa de confirmação externa, pois ela "é viva e eficaz, e mais penetrante do que qualquer espada [...] e é apta para discernir os pensamentos e intenções do coração" (Hb 4.12). Por outro lado, Deus nos deu confirmação externa, portanto, a Palavra de Deus se prova para nós de duas maneiras: pelo persuasivo e convincente poder do Espírito Santo, que inspira e fala ao nosso coração por meio de sua Palavra, e pela confirmação disponível de verificações externas realizadas pela arqueologia, história e ciência. Quando tudo está em total concordância, temos fundamento inabalável para a certeza absoluta.

É claro, que a confirmação externa não é *essencial*, pois, mesmo sem ela, o Espírito Santo fala poderosamente aos corações que querem escutar: "O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus" (Rm 8.16). Portanto, convicções subjetivas podem ser enganosas. Considere as multidões que já seguiram a liderança errada, foram desviadas pelo que pensaram ser a "liderança do Espírito Santo", e isso apagou os pensamentos que anelavam ou trouxe alguma outra desilusão.

Por parte do Espírito Santo não há imperfeição, mas apenas de nossa parte. De qualquer maneira, é útil ter alguma confirmação independente. A fragilidade humana nos deixa sujeitos à falsidade de nosso coração: "Enganoso é o coração, mais do que todas as coisas, e perverso; quem o conhecerá? Eu, o Senhor, esquadrinho o coração..." (Jr 17.9,10) Precisamos estar em guarda e orar como Davi:

> Aborreço-os com ódio completo; tenho-os por inimigos. Sonda-me, ó Deus, e conhece o meu coração; prova-me e conhece os meus pensamentos. E vê se há em mim algum caminho mau e guia-me pelo caminho eterno (Sl 139.23,24).

Além disso, podemos ficar confusos diante de evidências arqueológicas e históricas que contradigam a Bíblia se tivermos apenas o que pensamos ser a certeza interna do Espírito Santo. Contudo, lembre-se de que os esforços humanos para colher dados, por intermédio da pesquisa arqueológica, histórica e científica estão sujeitos ao erro. Não podemos deixar de lado nossa confiança na Palavra de Deus, mesmo quando os críticos afirmam haver evidências contraditórias. Eles estavam errados todas as vezes que contestaram o que a Bíblia afirmava. É útil, de qualquer maneira, conhecer as evidências que dão sustentação à Bíblia. Por essa razão, concentramo-nos principalmente em tais afirmações neste volume.

O Conhecimento que Está além da Compreensão

Todavia, há um *conhecimento* que vai além do intelecto e da capacidade de compreensão do ser humano. Paulo orava pelos crentes em Éfeso para que pudessem "*conhecer* o amor de Cristo, que excede *todo* entendimento, para que sejais cheios de toda a plenitude de Deus" (Ef 3.19; grifo do autor). Existem abundantes confirmações do Espírito Santo, as quais estão disponíveis para todo crente, removem toda dúvida possível e capacitam o crente para, sem suporte externo, passar a mensagem de Deus com certeza convincente.

As maiores experiências de vida estão todas além de nossa finita compreensão. O amor não pode ser explicado ou analisado. Como também não o podem ser a beleza, a bondade ou o júbilo. Uma pessoa pode ter doutorado em todos os assuntos oferecidos pelas universidades terrenas e não ser capaz de explicar por que o pôr-do-sol é bonito. Mesmo uma simples criança pode exultar com o júbilo e a primorosa beleza da criação de Deus.

O mesmo acontece com o conhecer a Deus. O salmista compara seu desejo de conhecer a Deus com a sede por água de um

cervo perseguido pelo caçador (Sl 42.1). Paulo clamou: "Para conhecê-lo, e a virtude da sua ressurreição, e a comunicação de suas aflições, sendo feito conforme a sua morte" (Fp 3.10). Essa poderia ser a paixão de nosso coração. Há algo que poderia ser mais desejável?

Tal conhecimento de Deus e a certeza da salvação vão além da compreensão intelectual e não podem ser abalados por argumentos intelectuais, não importa o quanto aparentemente sejam convincentes. Jesus disse: "E a vida eterna é esta: que conheçam a ti só por único Deus verdadeiro e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (Jo 17.3). Deus disse que vamos encontrá-lo (i.e., ter aquele conhecimento íntimo dEle que está além do intelecto e só pode ser experimentado no coração pelo Espírito Santo) quando o buscarmos com todo o nosso coração (Jr 29.13). Ele prometeu premiar com o conhecimento íntimo dEle, aquele que "creia que ele existe" (Hb 11.6). Gaste tempo com Ele em oração e com sua Palavra, e seu *conhecimento* e *amor* por Ele crescerão, assim como a certeza do seu amor e da orientação sobre Ele.

E a Respeito do Purgatório?

Questão: Recentemente, ouvi de católicos alguns dos mais persuasivos argumentos sobre o purgatório. O texto de 1 Coríntios 3.12-15 ensina que os crentes, depois de mortos, devem ser queimados para ser purificados. Hebreus 12.14 declara que devemos seguir "a santificação, sem a qual ninguém verá o Senhor". Eles não estão dizendo que devemos nos tornar totalmente puros para entrar no céu? O mesmo padrão parece ser requerido na afirmação: "Bem-aventurados os limpos de coração, porque eles verão a Deus" (Mt 5.8). Minha certeza da salvação foi abalada. O que querem dizer essas Escrituras?

Resposta: O purgatório é uma invenção da igreja católica romana e reflete o fato de que não há certeza da salvação no catolicismo. Se existisse, a igreja abandonaria essa concepção. Na verdade, o católico que ousa acreditar na inequívoca promessa de Cristo de que a vida eterna é um dom de sua graça e que nada

temos que fazer de nossa parte será anatematizado. O Concílio de Trento decretou (e o Concílio Vaticano II propôs novamente):

> Que seja anatematizado aquele que disser que depois do recebimento da graça da justificação, para cada pecador arrependido, a culpa está tão redimida e a dívida de punição eterna tão apagada, que não perdura nenhuma dívida de punição temporal para ser cumprida, quer neste mundo quer no purgatório, antes de os portões do céu se abrirem.[3]

Em contraste, consideremos o ensinamento da Bíblia juntamente com o senso comum. É bastante óbvio que mesmo se um lugar como o purgatório existisse nenhum fogo literal poderia purificar a alma e o espírito. Além disso, é a *obra* do crente (a qual ele construiu fundamentado em sua fé em Cristo), não o crente em si mesmo, que seria testado pelo fogo:

> E, se alguém sobre este fundamento *formar* um edifício de ouro, prata, pedras preciosas, madeira, feno, palha, a *obra* de cada um se manifestará; [...] pelo fogo será descoberta; e o fogo provará qual seja a *obra* de cada um (1 Co 3.12,13; grifo do autor).

Paulo não está falando literalmente de fogo, como também não está falando de madeira e ouro. Ele está, obviamente, falando por metáforas, chamando algumas obras de madeira, de feno e de palha (os quais são consumidos pelo fogo), e outras de ouro, de prata e de pedras preciosas (as quais são purificadas pelo fogo). Não há nada aqui (ou em qualquer outro lugar das Escrituras) que sustente a afirmação católica de que as chamas de um purgatório imaginário purguem o indivíduo que assim expia seus pecados. Paulo trata unicamente das obras que foram feitas por Cristo e de qual prêmio, se houver algum, será recebido por elas.

A Questão dos Galardões

Em Apocalipse 22.12, Cristo diz: "E eis que cedo venho, e o meu galardão está comigo para dar a cada um segundo a sua obra". Aqui a entrada no céu não é a questão, mas sim o *galardão* que cada cristão receberá no céu por suas obras na terra, as coroas que lançaremos aos pés do nosso Senhor que nos redimiu (Ap

4.10). Paulo explica: "Porque todos devemos comparecer [no céu] ante o tribunal de Cristo, para que cada um receba segundo o que tiver feito [i.e., obras] por meio do corpo, ou bem ou mal" (2 Co 5.10; grifo do autor).

É possível que alguém esfrie em seu amor por Cristo e viva para si mesmo, em vez de viver por Ele e no serviço dEle pelos outros. Tal carnalidade causa a perda da coroa ou coroas ganhas previamente, não da salvação: "Guarda o que tens, para que ninguém tome a tua coroa" (Ap 3.11). A salvação apenas é alcançada pela graça. Portanto, o galardão recebido é baseado nas obras, que serão testadas em relação à qualidade mostrada no julgamento comandado por Cristo.

Paulo compara a vida cristã com uma corrida por um prêmio: "Eles [atletas] o fazem para alcançar uma coroa corruptível, nós, porém, uma incorruptível" (1 Co 9.25; grifo do autor). Paulo chamou as conversões que fez de suas coroas de regozijo (Fp 4.1; 1 Ts 2.20). Também há outras coroas para ser conquistadas: "Desde agora, a coroa da justiça me está guardada" (2 Tm 4.8); "Alcançareis a incorruptível coroa de glória" (1 Pe 5.4); "Sê fiel até à morte, e dar-te-ei a coroa da vida" (Ap 2.10).

Purificação apenas pelo Sangue Derramado de Cristo

Mateus 5.8 e Hebreus 12.14 declaram claramente que não podemos alcançar a santidade ou a pureza pessoais que nos qualificam para estar na presença de Deus por nosso próprio esforço. O Senhor nos purifica de nossos pecados, não por intermédio de nosso sofrimento aqui nem em um purgatório imaginário, mas por meio da fé em Cristo e de seu sangue que foi derramado por nossa redenção: "... havendo feito por si mesmo a purificação dos nossos pecados..." (Hb 1.3)

Como Ele pode nos purificar para o céu? Ao pagar a penalidade por nossos pecados com o derramamento de seu sangue e perdoando-nos pela sua graça. Não há outra maneira de purificar o crente.

João lembra-nos que "o sangue de Jesus Cristo, seu Filho, nos purifica de todo pecado" (1 Jo 1.7). Está escrito que os

redimidos, durante todo o período de grande tribulação, "lavaram as suas vestes e as branquearam no sangue do Cordeiro [Cristo]" (Ap 7.14; grifo do autor). Não há referência na Bíblia, aqui ou em outra passagem, de que a purificação ocorreu em tal lugar chamado purgatório ou de qualquer outra maneira que não fosse pelo sangue derramado por Cristo.

Sem o Derramamento de Sangue não Há Remissão

Está claro que a remissão do pecado não poderia ocorrer no purgatório, mesmo que esse lugar existisse. Não há sangue derramado no purgatório e, portanto, o pecado não é remido lá. Inequivocamente, Deus declara: "... sem derramamento de sangue não há remissão" (Hb 9.22). Além disso, o sangue derramado deve ser proveniente do sacrifício perfeitamente puro e sem pecado, o que torna impossível para o pecador purificar-se de seus pecados por meio de seu próprio sacrifício no purgatório ou em qualquer outro lugar.

A Bíblia assegura-nos que Cristo é o "Cordeiro de Deus" (Jo 1.29,36) "imaculado e incontaminado" (1 Pe 1.19; veja também Êx 12.5; Ez 46.13). Apenas pelo derramamento de seu sangue, podemos ser purificados de nossos pecados. Pedro declarou: "Porque também Cristo padeceu uma vez pelos pecados, [Ele] o justo pelos injustos [nós], para levar-nos a Deus [não ao purgatório]" (1 Pe 3.18; grifos do autor).

A falsa doutrina do purgatório mantém os católicos em cativeiro no qual dependem da igreja e dos rituais dela, em vez de ser dependentes de Cristo para a salvação. Em conseqüência disso, o católico não tem certeza se alcançará o céu, pois a igreja católica romana nunca pôde declarar quantas missas pelos mortos devem ser ditas a fim de que sejam libertados do purgatório. Se a morte de Cristo não é suficiente para isso, quem pode afirmar que a representação dela realizada na missa, mesmo um infinito número de vezes, conduzirá alguém para o céu?

Na verdade, há uma deficiência decisiva na missa. Ela é chamada de "uma não sangrenta" perpetuação do sacrifício de Cristo na cruz. Apenas esse fato já lhe tira qualquer eficácia. O popular Catecismo de Baltimore nega a suficiência do sacrifício de Cristo,

de 2 mil anos atrás, como um evento passado completo, quando afirma: "Na missa, Cristo continua a oferecer-se ao Pai, como Ele o fez na cruz"[4], mas de uma "maneira não-sangrenta cuja manifestação é feita pelo pão e pelo vinho".[5] O Vaticano II declarou:

> A Eucaristia está acima de qualquer outro sacrifício. Ela é o sacrifício [pelo qual] o homem e o mundo são restaurados para Deus... [e] sendo um sacrifício verdadeiro traz em si a restauração para Deus.[6] [Nela], nosso Senhor é imolado... [e] Cristo perpetua de uma maneira não-sangrenta o sacrifício oferecido na cruz [grifos do autor].[7]

O calvário era uma cena muito sangrenta. Eles não explicam como poderia haver uma repetição ou continuação não sangrenta disso. Além do mais, como já comentamos, a Bíblia claramente diz que "sem derramamento de sangue não há remissão [dos pecados]" (Hb 9.22; grifo do autor). Contudo, a missa "não sangrenta" é o meio do catolicismo para prover a remissão dos pecados aos seus seguidores — remissão essa que Cristo já realizou na cruz e que, portanto, não é necessária para aqueles que a alcançaram e confiaram nEle para a salvação. A Bíblia diz:

> E, tomando o cálice [...] dizendo: [...] Porque isto é o meu sangue, o sangue do Novo Testamento, que é derramado [na cruz] por muitos, para remissão [purificação] dos pecados (Mt 26.27,28; grifos do autor).

> A este [Cristo] dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão [como um dom da graça de Deus] o perdão [purificação] dos pecados pelo seu nome (At 10.43; grifo do autor).

Fica claro que a missa "não sangrenta" não tem valor para limpar os pecados. Como também que a missa não é necessária. O sacrifício de Cristo na cruz, que foi completo na época, pagou todas as penas por nossos pecados. Cristo, antes de entregar seu espírito ao Pai, da cruz, clamou em triunfo: "Está consumado" (Jo 19.30). Também sabemos que Cristo, tendo feito a purificação ou purgação de nossos pecados, ascendeu aos céus onde "está à

direita de Deus" (Rm 8.34; Ef 1.20; Hb 1.13; 12.2) e "já não morre" (Rm 6.9). A purificação de nossos pecados foi realizada por Cristo de uma vez por todas.

Uma Contradição-chave

Ao contrário da Bíblia, o catolicismo afirma que apesar de Cristo ter sofrido a punição *eterna* pelos pecados, devemos pessoalmente sofrer a punição *temporal* para nos tornarmos suficientemente puros para entrar no céu.[8] Não apenas a doutrina do purgatório contradiz a Bíblia, mas há também uma óbvia contradição no próprio dogma. Eles dizem que a morte de Cristo não pode nos purificar, pois a purificação, que é essencial para a admissão no céu, requer que nós *pessoalmente soframos* por nossos pecados.

Também ensinam que, após nossa morte, a celebração de missas, a recitação de rosários, as boas obras e o sofrimento dos vivos em nosso favor (como os estigmas de Cristo do padre Pio) e outros meios de obediência à igreja, podem reduzir ou mesmo eliminar inteiramente o sofrimento no purgatório. Na verdade, "Nossa Senhora do Monte Carmel" pessoalmente prometeu salvar do purgatório e conduzir para o céu todos aqueles que (tendo satisfeito outras determinadas condições) tivessem morrido usando seu escapulário.

Portanto, o católico fiel, afinal, não precisa *sofrer pessoalmente*! Eis aqui uma contradição tão séria que solapa toda a doutrina do purgatório. Surpreendentemente, o que a morte redentora de Cristo na cruz não pôde realizar, a repetição de missas ou rosários, a penitência, as boas obras, etc., supostamente podem efetuar ao livrar aqueles que estão no purgatório da necessidade do sofrimento.

A Palavra de Deus, em abençoado contraste para aqueles que acreditam nela, dá-nos absoluta certeza de que o sangue de Jesus Cristo "nos purifica de *todo* pecado" (1 Jo 1.7; grifo do autor). Não é necessária, nem possível, mais nenhuma purificação. Nossa certeza está em Deus, em sua Palavra e em sua promessa, não em alguma igreja ou sistema religioso, não importa quão antigo ou prevalente seja.

Jesus Morreu Espiritualmente?

Questão: Ouvi dizer que Jesus não apenas morreu fisicamente, mas que seu Espírito também morreu. Como isso é possível? Isso parece com a doutrina de que a "alma adormece". Se o homem, que é mortal, possui uma alma imortal e um espírito que irá para o céu, como seria possível que o Espírito de Cristo morresse? Posso entender como seu corpo humano podia morrer, mas se Cristo é Deus, que é espírito, como Ele poderia morrer? A Trindade estava separada? Se o Espírito de Deus morreu, quem estava no comando do universo enquanto Deus estava morto? Essa questão abala minha confiança na Bíblia e em minha salvação.

Resposta: A incerteza surge por causa de vários mal entendidos. Primeiro, o ensinamento acima foi confundido com o pensamento herege de Hagin, Copeland e outros "mestres da Palavra de Fé", a saber, que nossa redenção foi alcançada pelo fato de Cristo ter sido torturado, no inferno, por Satanás. Não é isso que se pretende dizer quando sérios mestres da Bíblia dizem que Jesus morreu "espiritualmente".

A Bíblia diz que Ele provou "a morte por todos" (Hb 2.9). Tudo o que merecemos, Ele sofreu, o que deve incluir a morte de seu corpo humano, alma e espírito. Não, Deus Pai e o Espírito Santo não morreram; *Cristo* morreu por nossos pecados. Então, a Trindade estava separada? Não, Deus é um. Ainda que Jesus tenha clamado em agonia: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Sl 22.1; Mt 27.46; Mc 15.34). O que isso poderia significar?

Aqui nos defrontamos com um mistério que está além de nossa compreensão. Como podemos entender a afirmação de que ao "Senhor Javé agradou o moê-lo, fazendo-o enfermar; quando a sua alma se puser por expiação do pecado" (Is 53.10; grifo do autor)? Apenas sabemos e acreditamos que a penalidade completa exigida pela infinita justiça de Deus contra o pecado foi paga por Cristo na cruz, e de que "Àquele [Cristo] que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Co 5.21; grifo do autor). Cristo foi punido por Deus como se Ele mesmo fosse pecador, por isso, pelo dom gratuito da graça dEle, podemos ser salvos e ter vida eterna.

O que Significa Morrer?

Há duas concepções errôneas: (1) de que a *morte* significa a cessação da existência consciente, e (2) que apenas o corpo morre. Nós somos corpo, alma e espírito (1 Ts 5.23; Hb 4.12). Essa confusão surge porque, ao contrário dos ensinamentos de que a "alma adormece", a alma e o espírito permanecem conscientes após a morte física.

Jesus disse ao ladrão na cruz: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43) — uma afirmação que não teria sentido se nenhum deles fosse estar consciente. Jesus disse que o homem rico estava consciente do tormento no inferno, enquanto no paraíso (para onde a alma e o espírito de Jesus e do ladrão convertido foram após a morte) Abraão e Lázaro, o mendigo, (e, por implicação, todos os outros) estavam em consciente estado de bem-aventurança (Lc 16.19-31). A alma e o espírito dos que estão no inferno e no paraíso estão conscientes, apesar da morte física e do corpo estar se deteriorando no túmulo.

A Bíblia claramente ensina que o corpo, a alma e o espírito morrem. A morte espiritual acontece primeiro, enquanto ainda estamos em nosso corpo físico. Na verdade, nascemos mortos espiritualmente enquanto a morte física está em progresso em nosso corpo desde o momento de nosso nascimento, fato que a ciência médica reconhece, mas não consegue explicar. Adão morreu espiritualmente (i.e., em sua alma e espírito) no exato momento em que comeu o fruto da árvore proibida: "... porque, no dia em que dela comeres, certamente morrerás" (Gn 2.17). Seu corpo, no entanto, não estava morto — ainda. Portanto, ele estava morto espiritualmente, como também todos seus descendentes desde o momento do nascimento. Mesmo antes de nosso corpo morrer estamos espiritualmente mortos em transgressão e pecado (Ef 2.1; Cl 2.13).

Morte Espiritual e Vida Nova

Entretanto, Cristo, o "segundo homem" (1 Co 15.47), não estava espiritualmente morto antes de sua morte na cruz. Ele era o

único homem na terra, desde Adão e Eva, que estava espiritualmente vivo; portanto, apenas Ele poderia morrer. Assim, é óbvio que Ele, como parte da penalidade pelos pecados, deveria experimentar a morte espiritual acarretada pelo pecado.

Esses mesmos versículos dizem que quando, por meio da fé em Cristo, renascemos, somos ressuscitados. Decerto, a condição de nosso corpo não muda, portanto, somos ressuscitados espiritualmente e, por meio disso, restituídos à comunhão com Deus. A morte física que já está em andamento em nosso corpo, entretanto, não é eliminada nem mesmo revertida.

A alma e o espírito dos cristãos, com a morte do corpo, são levados para o céu: "... antes, deixar este corpo, para habitar no Senhor" (2 Co 5.8). No arrebatamento, o corpo é ressuscitado e reunido à alma e ao espírito, que estavam com Cristo no céu e os quais Deus "tornará a trazer com ele" (1 Ts 4.14). O corpo dos que estão vivos na ressurreição é instantaneamente transformado e levado ao céu com aqueles que foram ressuscitados dos mortos:

> Eis aqui vos digo um mistério: Na verdade, nem todos dormiremos, mas todos seremos transformados, num momento, num abrir e fechar de olhos, ante a última trombeta; porque a trombeta soará, e os mortos ressuscitarão incorruptíveis, e nós seremos transformados. Porque convém que isto que é corruptível se revista da incorruptibilidade e que isto que é mortal se revista da imortalidade. E, quando isto que é corruptível se revestir da incorruptibilidade, e isto que é mortal se revestir da imortalidade, então, cumprir-se-á a palavra que está escrita: Tragada foi a morte na vitória (1 Co 15.51-54).

A "Segunda Morte"

A Bíblia diz: "... a alma [o termo hebreu *nephesh* usado no Antigo Testamento para designar alma] que pecar, essa morrerá" (Ez 18.4,20; grifo do autor). Isso quer dizer: (1) que as almas morrem, e (2) ao pecador está reservada uma morte pior do que aquela que já veio para a raça de Adão. Embora o homem já esteja morto em alma e espírito e esteja morrendo em corpo, a consumação do julgamento de Deus ainda está à frente do perdi-

do. O lugar que não é feito para o homem, mas para o "diabo e seus anjos" (Mt 25.41) é chamado de segunda morte e de lago de fogo. Nele será lançado "aquele que não foi achado escrito no livro da vida" (Ap 20.15).

Cristo, como o representante que morreu em nosso lugar, suportou a completa e infinita penalidade que o julgamento de Deus exigiu para o pecado, inclusive a segunda morte. Ele não estava perpetuamente separado de Deus; porém, sendo infinito — uma vez que Ele é Deus e homem — podia suportar naquelas poucas horas a plenitude da penalidade na cruz.

Como Deus poderia morrer? A morte é a separação de Deus, portanto, a questão também poderia ser: "Como Deus poderia ser separado dEle e abandonado por Deus?" Apesar disso estar acima de nossa compreensão, acreditamos que em decorrência do fato de que Cristo suportou a terrível e eterna separação que nós merecíamos foi que Ele clamou: "Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?" (Sl 22.1; Mt 27.46).

Apesar de não podermos explicar isso, é certo que Ele provou "a morte por todos" (Hb 2.9). Isso só pode significar que Ele experimentou o total horror e a separação eterna de Deus que aprisionarão, por toda a eternidade, aqueles que rejeitam a Cristo. Portanto, a morte de Cristo por nós deveria incluir também a morte (separação de Deus) do espírito humano. Não poderíamos ser salvos sem esse pagamento completo, pois a total penalidade pronunciada contra nós pelo pecado não seria cumprida.

Alguns Cristãos não Ganham completamente o Céu?

Questão: Jesus alertou que muitos dos que pensavam ser filhos de Deus "serão lançados nas trevas exteriores" (Mt 8.12; 22.13; 25.30). De fato, Mateus 24.50,51 diz que "virá o senhor daquele [mau] servo [...], separá-lo-á, e destinará a sua parte com os hipócritas; ali haverá pranto e ranger de dentes". Esses "servos" carnais são cristãos que devem ficar em um pátio externo do céu por um tempo, enquanto os cristãos mais espirituais vão diretamente para a presença de Deus? Como posso estar seguro de que serei levado da morte (ou do arrebatamento) diretamente para a presença de Deus?

Resposta: A garantia de salvação não depende das boas obras do crente, mas da obra completa de Cristo na cruz. A pessoa é uma coisa ou outra, cristão ou não-cristão, salvo ou perdido. Não há duas categorias de cristãos, uma mais baixa dos que têm de passar algum tempo em um estado intermediário de lamentação, e de lamúria, e de ranger de dentes (como o purgatório dos católicos) antes de ser admitidos no céu. Essa idéia não é encontrada na Bíblia. Lucas 12.46 usa o termo "infiéis", em lugar do termo "hipócritas", utilizado em Mateus 24.51.

É evidente que aqui as palavras de Cristo têm um duplo sentido que pode tanto ser aplicado aos judeus quanto aos gentios. Os descendentes consangüíneos de Abraão são, pelo nascimento, potencialmente filhos do reino davídico e, portanto, podem ser chamados de "servos", algo que não é verdadeiro em relação aos gentios. No entanto, a menos que tenham o mesmo relacionamento com Deus, mediante a fé em Cristo, esses descendentes de Abraão se perderão para sempre.

Cristo alertou que o pranto e o ranger de dentes seriam a lamentação e a agonia do condenado. Temos um exemplo dessa lamúria na parte do relato, em Lucas 16, em que o homem rico vê a distância Abraão e Lázaro em bem-aventurança enquanto ele está em tormento. Fica claro por estas palavras de Cristo, que aqueles que foram lançados em "trevas exteriores" não são, nem nunca foram, verdadeiros crentes (ainda que até tenham se apresentado como líderes cristãos):

> Muitos me dirão naquele Dia: Senhor, Senhor, não profetizamos nós em teu nome? E, em teu nome, não expulsamos demônios? E, em teu nome, não fizemos muitas maravilhas? E, então, lhes direi abertamente: Nunca vos conheci; apartai-vos de mim, vós que praticais a iniqüidade (Mt 7.22,23).

Jesus Desceu até o Inferno?

Questão: Li sua objeção ao ensinamento de que Jesus foi torturado no inferno por Satanás. Contudo, o Credo dos Apóstolos diz que Jesus "desceu ao inferno". Jesus desceu ao inferno ou

não? Pesquisei e pesquisei as Escrituras, e perguntei a inúmeros pastores sobre isso e ainda não recebi uma resposta satisfatória.

Resposta: Primeiro, o assim chamado "Credo dos Apóstolos" tem um nome inapropriado. Não há registro de que o mesmo sequer tenha sido composto ou recitado por algum dos apóstolos. Mesmo que tivesse existido, o que o catolicismo chama de "tradição apostólica", não haveria maneira de se ter certeza sobre isso por meio de seguir o passado dos apóstolos. Não havia gravador naquela época e isso não faz parte dos registros escritos, como as Epístolas fazem. Mesmo as enciclopédias católicas admitem que esse credo não provém dos apóstolos, mas é uma falsificação que foi composta em algum momento do século IV.

No Antigo Testamento, a palavra hebraica *sheol*, que significa o lugar dos mortos, é algumas vezes traduzida por "inferno" e, outras vezes, simplesmente por "sepultura". As palavras utilizadas no Novo Testamento que podem ser comparadas a essas são *hades* ou *geena*, o lugar dos que morreram. Jesus, ao contar o destino do homem rico "no Hades [inferno], ergueu os olhos, estando em tormentos" (Lc 16.23; grifo do autor) e de Lázaro, o mendigo, ensinou antes da cruz que havia dois compartimentos no *sheol* ou *hades*: um para os perdidos (inferno) e outro para o salvo, este conhecido como "seio de Abraão" (Lc 16.22) ou "paraíso".

Foi para esse último local mencionado que Cristo foi quando morreu, como aconteceu também com ladrão crédulo que foi crucificado com Ele, a quem Jesus garantiu: "Em verdade te digo que hoje estarás comigo no Paraíso" (Lc 23.43). Conforme a profecia, lá Ele permaneceu "três dias e três noites" (Jn 1.17; Mt 12.40). Sem dúvida, durante esse tempo, Ele declarou aos redimidos as boas novas de que sua morte na cruz pagara a penalidade total por seus pecados.

Os que estavam no lugar destinado aos condenados podiam ouvir as palavras de Jesus (veja Lc 16.23-31); e, inclusive, Ele dirigiu algumas palavras especificamente a eles. Portanto, Pedro escreveu: "No qual também foi e pregou aos espíritos [dos mortos]

em prisão [inferno], os quais em outro tempo foram rebeldes, [...] nos dias de Noé [...]" (1 Pe 3.19,20; grifo do autor).

Jesus, após sua ressurreição, levou a alma e o espírito dos redimidos para o céu: "Subindo ao alto, levou cativo o cativeiro" (Ef 4.8; cf. Sl 68.18).

Desde a ressurreição de Cristo, a alma e o espírito dos redimidos partem logo após sua morte para estar com Ele: "Antes, deixar este corpo, para habitar com o Senhor" (2 Co 5.8). A partir desse momento Ele os conduzirá para reunir seus corpos ressuscitados ao arrebatamento dos santificados (1 Ts 4.13-18). Toda a Palavra de Deus, nesse assunto como em outros, se ajusta perfeitamente e assegura aos crédulos a salvação eterna.

As Boas Obras São Essenciais para a Salvação?

Questão: Tiago declarou que fé sem obras é morta (Tg 2.20,26). Paulo escreveu: "Operai a vossa salvação com temor e tremor" (Fp 2.12). Portanto, podemos concluir que as boas obras são necessárias para a salvação? E também não estaríamos em uma posição perigosa se não reconhecêssemos que as boas obras são essenciais para a salvação? Cristo sempre afirma que se não perdoamos os outros não podemos esperar que Deus nos perdoe. O que pode ser dito sobre isso?

Resposta: Se as boas obras fossem essenciais para a salvação, então deveríamos ter alguns padrões para essas obras. O evangelho deveria especificar quantas boas obras são necessárias e de que tipo. Onde se encontra tal ensinamento? Em lugar algum. Não há menção a boas obras no "evangelho [...] pelo qual também sois salvos" (1 Co 15.1-4). Na verdade, Paulo argumenta que "o homem é justificado pela fé, sem as obras da lei" (Rm 3.28), e nos lembra que "não pelas obras de justiça que houvéssemos feito, mas segundo a sua misericórdia, nos salvou" (Tt 3.5).

Todavia, todas as religiões do mundo são fundamentadas em obras. A idéia de que para ser salvo devemos corresponder a um certo padrão de obras é fundamentado no paganismo. De alguma maneira, os deuses devem ser apaziguados pelo esforço ou

sacrifício do ser humano. Essa idéia é inata em todas as pessoas: "Deus, se o Senhor me tirar dessa situação difícil, então farei isso ou aquilo pelo Senhor!" Obviamente, Tiago, sob a inspiração do Espírito Santo, não está ensinando isso.

A mentalidade de obra-para-salvação caracteriza todos os cultos. Na verdade, mesmo os ateus justificam sua rejeição em relação ao cristianismo com base nisso. Roberto Ingersoll, famoso ateu, sarcasticamente, queixou-se contra o evangelho da graça de Deus:

> Eles [cristãos] dizem que uma crença verdadeira é necessária para a salvação. Não dizem que se você comportar-se, conseguirá alcançá-la; não dizem que se você pagar suas dívidas, amar sua esposa e seus filhos, for bom com seus amigos e vizinhos e com seu país [como os ateus são], conseguirá alcançá-la. Isso não o tornará bom; você precisa acreditar em uma determinada coisa.
>
> Você pode ser instantaneamente perdoado, não importa quão mau você seja nem quão bom você seja, mas se fracassar em acreditar em algo que não pode entender, no dia do julgamento, nesse momento, não restará alternativa para você a não ser a condenação, e todos os anjos gritarão: "Aleluia".

Apenas o cristianismo rejeita essa ilusão universal. Já vimos que guardar perfeitamente a lei no futuro não pode compensar o fato de não a ter cumprido no passado. Como Paulo afirmou: "Por isso, nenhuma carne será justificada diante dele pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado" (Rm 3.20). Portanto fica claro que não podemos ser salvos pelas boas obras.

Esclarecendo a Mensagem de Tiago

Tiago não afirmou que somos salvos pelas obras, mas que a fé professada que não está evidenciada pelas obras está morta e não pode salvar: "Se alguém disser que tem fé" (Tg 2.14; grifo do autor). Tiago nos alerta de que é vã a mera confissão de fé feita pelos lábios, mas não pelo coração, e de que se não pretendemos viver de acordo com o que professamos, então nossa fé não é genuína.

Tiago criticava a falsa fé. Ele não sugeriu que somos salvos pelas obras ou estaria contradizendo inúmeras outras passagens da Bíblia que, de maneira inequívoca, afirmam o contrário. Por

exemplo, conforme já mencionado, "pelas obras da lei, porque pela lei vem o conhecimento do pecado" (Rm 3.20).

A questão em Tiago não é como ser salvo, mas refere-se às boas obras que acompanham a salvação e demonstram que alguém já está salvo. Tiago fala das obras que emergem da fé e que demonstram que a pessoa tem fé verdadeira. Ele não disse que o homem é justificado pelas obras sem fé. Paulo, contudo, afirma claramente que o homem é justificado pela fé independentemente de suas obras na lei.

Tiago disse: "Mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras" (Tg 2.18). A fé é que salva, não as obras. Apenas a fé justifica a pessoa, não o fazer obras.

Alguns defensores de que as boas obras são necessárias condenam a adição do "apenas", porém se as Escrituras afirmam que o homem é justificado pela fé sem as obras da lei, então ele é justificado apenas pela fé.

Em 1 Coríntios 3.15, conforme já citamos, está escrito que mesmo se toda a obra de um homem é destruída, ele mesmo é salvo. Isso é a justificação apenas pela fé, sem que seja necessária nenhuma obra para demonstrá-la. Tiago fala do ponto de vista do ser humano. Não podemos conhecer o coração, portanto, devemos guiar-nos pelas obras. Entretanto, Deus conhece o coração do homem e não se baseia em nenhuma obra para que tenha a demonstração da fé de uma pessoa.

Portanto, observe que para a salvação de alguém, não se afirma: "A obra para sua salvação". Na verdade, devemos concretizar, em nossa vida, a salvação que já temos em nosso coração. Paulo não disse, nem por um momento, que devemos realizar obras para nossa salvação.

Tudo que foi dito acima não significa que um convertido pode viver da maneira que lhe agradar e ainda estar seguro da bênção de Deus em sua vida. As boas obras são o resultado de nossa salvação, e não o meio para obtê-la; e devem ser motivadas antes pelo amor que sentimos por nosso Salvador, do que como um meio para se obter a salvação. Paulo, de maneira apropriada, comparou a fé e as obras quando escreveu:

> Porque pela graça sois salvos, por meio da fé; e isso não vem de vós; é dom de Deus. Não vem das obras, para que ninguém se glorie. Porque somos feitura sua, criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas (Ef 2.8-10).

Quanto ao perdoar os outros, Cristo não estabeleceu os critérios para ser salvo; Ele está nos dando um exemplo prático para atestar se somos genuinamente seus. Ele afirmou que a pessoa que verdadeiramente recebeu a graça de Deus será benevolente com os outros. Ele nos desafiou a examinar a fé que declaramos ter. Como posso esperar que Deus me perdoe se eu não perdôo os outros?

Há pessoas que clamam ser cristãs apesar de, por anos a fio, nutrir animosidade contra outras pessoas em razão de ofensas que alegam ter sido feitas a elas. Cristo, nessa passagem e em outras, afirma que essa pessoa precisa se arrepender e permitir que o amor de Deus produza em seu coração o mesmo perdão que Cristo lhe ofereceu, ou, caso contrário, deve admitir que jamais foi salva.

NOTAS

Por que Crer?

[1]*Los Angeles Times,* 25 de junho de 1978, parte IV, pp. 1-6.

[2]*Harpers,* fevereiro de 1985, pp. 49,50.

[3]Douglas Dewar e L. M. Davies, "Science and the BBC", em *The Nineteenth Century and After,* abril de 1943, p.167.

[4]De uma entrevista da AP correspondente George W. Cornall, citação do *Times-Advocate,* Escondido, Califórnia, 10 de dezembro de 1982, pp. A 10,11.

Capítulo 1 – Evidência, Razão e Fé

[1]Citado em Samuel P. Putnam, *400 Years of Free Thought,* (NY: 1894), p. 56.

[2]Ibid., p. 120.

[3]Citado em Josh McDowell, *Evidence That Demands a Verdict,* (Campus Crusade, 1972), p. 136.

4. Paul E. Little, *Know Why You Believe* (Scripture Press, 1967), p. 53.

[5]Gordon Allport, "The Roots of Religion", *Pastoral Psychology,* abril de 1954, p. 20.

[6]Sir James Jeans, *The Mysterious Universe* (The MacMillan Company, 1929), p. 140.

[7]Paulo Yonggi Cho, *The Fourth Dimension* (Logos, 1979), p. 44; Paul Yonggi Cho, *The Fourth Dimension, Vol. II* (Bridge Publishing, 1983), pp. 25-28, 68.

[8]Sir John Eccles, com Daniel N. Robinson, *The Wonder of Being Human — Our Brain & Our Mind* (New Science Library, 1985), p. 54.

[9]Erwin Schroedinger, citado em *Quantum Questions: Mystical Writings of the World's Great Physicists*, ed. Ken Wilbur (New Science Library, 1984), pp. 81-83.

[10]S. Maxwell Coder e George F. Howe, *The Bible, Science and Creation* (Moody Press, 1965), p. 39.

Capítulo 2 – Quem É Deus?

[1]Carl Sagan, *Cosmos* (Randon House, 1980), p. 243.

[2]Putnam, *400 Years*, p. 64.

[3]Veja Dave Hunt, *A Woman Rides the Beast* (Harvest House Publishers, 1994), p. 424.

[4]*Vatican Council II, The Conciliar and Post Conciliar Documents*, General Editor Austin Flanery, O. P. (Costello Publishing Company, 1988, edição revisada), p. 367.

[5]Will Durant, *The Story of Civilization: The Age of Faith*, Vol. IV (Simon and Schuster, 1950), p. 163.

[6]Ibid, p. 163.

[7]Ibid, p. 163.

[8]Mary Long, "Visions of a New Faith", em *Science Digest*, novembro de 1981, p. 39.

[9]Herbert Scholssberg, *Idols for Destruction* (Thomas Nelson, 1983), p. 171.

[10]Eccles e Robinson, *Wonder*, p. 61.

[11]Samuel P. Putnam, *400 Years of Freethought* (The Truth Seeker Company, Nova Iorque, 1894), frontispício.

[12]Putnam, *400 Years*, p. 13.

Capítulo 3 – A Bíblia É Confiável?

[1]John Lea, *The Greatest Book in the World*, conforme citado em Frank Morison, *Who Moved the Stone?* (Londres, Faber e Faber, 1958), p. 15.

[2]Josh McDowell, *Evidence that Demands a Verdict* (Campus Crusade for Christ, 1972), p. 19.

[3]Abraham Rabinovich, "In pursuit of history", no *The Jerusalem Post International Edition*, fim de semana de 25 de novembro de 1995, pp. 18,19.

[4]Rabinovich, *History*, pp. 18,19.

[5]Bernard Ramm, *Protestant Christian Evidences* (Moody Press, 1953), pp. 230,231.

[6]F. F. Bruce, *The Books and the Parchments* (Fleming H. Revell, 1963), p. 178.

[7]J. Harold Greenlee, *Introdution to New Testament Textual Criticism* (William B. Eerdmans, 1964), p. 15.

[8]Irwin H. Linton, *A Lawyer Examines the Bible* (W. A. Wilde Company, 1943), p. 31.

[9]Linton, *Lawyer*, p. 46,47.

[10]Sir Arthur Stanley Eddington, *The Nature of the Physical World* (MacMillan, 1929), citado em *Quantum Question: Mystical Writings of the World's Great Physicists*, ed. Ken Wilbur (New Science Library, 1984), p. 5.

[11]Putnam, *400 Years*, p. 101.

[12]Wilbur M. Smith, *Therefore Stand: Christian Apologetics* (Baker Book House, 1965), pp. 425, 584.

[13]Professor Thomas Arnold, *Sermons on the Christian Life* (Londres, 1859), p. 324.

Capítulo 4 – Há Contradições na Bíblia?

[1]Citado em John W. Lea, *The Greatest Book in The World* (Filadélfia), pp. 17,18.

[2]*Los Angeles Times*, 28 de janeiro de 1989.

[3]John Elder, *Prophets, Idols and Diggers* (Bobbs-Merrill, 1960), p. 160.

[4]Will Durant, *The History of Civilization: Caesar and Christ* (Simon and Schuster, 1944), Vol. III, p. 231.

[5]Linton, *Lawyer*, p. 89.

[6]William Paley, *Horae Paulinae*, como citado em Linton, *Lawyer*, p. 88.

Capítulo 5 – Desafios à Fé

[1]R. A. Torrey, *Difficulties in the Bible: Alleged Errors and Contradictions* (Moody Press, data não informada), pp. 9,10.

[2]Larry Whitham, "Book backs theory Jesus visited India before public life", no *Washington Times*, 27 de novembro de 1987, p. E6.

[3]Torrey, *Difficulties*, pp. 14-16.

Capítulo 6 – Evidências de Autenticidade e Inspiração

[1]*Collier's Encyclopedia* (F. P. Collier & Son Corporation, 1959), Vol.10, p. 155.

[2]Mark Hopkins, *Evidences*, citado em Linton, *Lawyer*, pp. 165-169.

[3]Traduzido por William Whiston (originariamente publicado em 1737), *The Life and Works of Flavius Josephus* (The John C. Winston Company, Filadélfia, 1957), p. 535.

[4]Whiston, *Josephus*, p. 598.

[5]Thomas Hartwell Horne, *Introduction to the Holy Scriptures*, citado por Hopkins em *Evidences* e citado por Linton, *Lawyers*, p. 235.

[6]Hopkins em *Evidences* e citado por Linton, *Lawyers*, p. 164.

[7]Ibid, p. 164.

[8]Citado em Linton, *Lawyers*, p. 164.

[9]Simon Greenleaf, *The Testimony of the Evangelists*, p. 31.

[10]Linton, *Lawyers*, p. 231.

Capítulo 7 – E quanto à Oração?

[1]A. E. C. Brooks, compilador, *Answers to Prayer from George Muller's Narratives* (Moody Press, não datado, brochura), p. 10.

[2]Brooks, *Answers*, na folha de rosto.

[3]Robert Schüller, *Peace of Mind Through Possibility Thinking* (Spire Books, 1977), p. 14.

[4]Robert Schüller, "Possibility Thinking: Goals", em fita da Amway Corporation.

[5]Peter Kreeft, *Bookstore Journal*, fevereiro de 1992, p. 30.

[6]*NRI Trumpet*, outubro de 1993, p. 14.

[7]*Cathechism of the Catholic Church* (Libreria Editrice Vaticana, 1994), par. 971, p. 253; Austin Flannery, O. P., ed., *Vatican Council II* (Costello Publishing, 1988, edição revisada), p. 421.

[8]St. Alphonsus de Liguori, *The Glories of Mary* (Redemptorist Fathers, 1931), pp. 82,83, 94, 160, 169,170.

[9]Official Edition, *Devotions in Honor of our Mother of Perpetual Help* (Liguori Publications, não datado), pp. 46,47.

Capítulo 8 – E quanto ao Mal, Satanás e os Demônios?

[1]Charles F. Pfeiffer, *The Dead Sea Scrolls and the Bible* (Weathervane Books, 1969), na sobrecapa.

[2]Manly P. Hall, *The Secret Teachings of All Ages: An Encyclopedic Outline of Masonic, Hermetic, Qabbalistic and Rosicrucian Symbolical Philosophy* (The Philosophical Research Society, Inc., Los Angeles, CA 90027, 1969), 16ª edição, p. CXVIII.

[3]C. S. Lewis, *The Screwtape Letters* (Fleming H. Revell, 1976), prefácio.

[4]Eccles e Robinson, *Wonder*, p. 54.

[5]Eddington, *Nature*, p. 345.

[6]C. S. Lewis, *They Asked for a Paper* (Londres, 1962), pp. 164,165.

[7]Citado em Herbert Benson, M. D., com William Proctor, *Your Maximum Mind* (Random House, 1987), p. 46.

[8]"GeoConversation", entrevista com o Dr. Robert Jastrow, em *Geo*, fevereiro de 1982, p. 14.

[9]C. G. Jung, *Memories, Dreams, Reflections* (Pantheon Books, 1963), p. 183.

[10]C. G. Jung, *Collected Letters, Vol. 1* (Princeton University Press, 1973), p. 43.

[11]Citado em Harold Sherman, *You Mysterious Power of ESP* (Nova Iorque, 1969), p. 120.

[12]M. Scott Peck, *People of the Lie* (Simon & Schuster, 1983), pp. 184, 188.

[13]Peck, *People*, p. 196.

[14]Eddington, *Nature*, pp. 258, 259.

[15]Hall, *Secret Teachings*, pp. LXXXVII-LXXXVIII

[16]R. A. Torrey, *Difficulties in the Bible* (Moody Press, não datado), p. 53.

Capítulo 9 – E quanto ao Sofrimento e o Inferno?

[1]Putnam, *400 Years*, pp. 389,390.

[2]Ellul, op. cit., p. 60.

[3]Ibid.

[4]Linton, *Lawyer*, p. 122.

[5]Putnam, *400 Years*, pp. 389,390.

[6]Linton, *Lawyer*, p. 122.

[7]Percy Bysshe Shelley, de uma carta escrita na década de 1920 para Lord Ellenborough em favor de D. J. Eaton preso por publicar o livro de Paine, *Age of Reason*, citado em Putnam, *400 Years*, p. 341.

Capítulo 10 – Um "Arrebatamento" e uma "Segunda Vinda"?

[1]*Chalcedon report*, julho de 1988, p. 1.

Capítulo 11 – Evangelho que Salva

[1]Simon Greenleaf, *Testimony of the Evangelists* (Baker Book House), introdução.

[2]Fr. William J. Cogan, *A BRIEF CATECHISM FOR ADULTS: A Complete Handbook on how to Be a Good Catholic*, p. 49.

[3]Joseph A. Seiss, *The Gospel in the Stars*, p. 13.

[4]Seiss, *Gospel*, p. 15.

[5]Ellul, *Humiliation*, p. vii

[6]*Vatican Council II, Documents*, Vol. 1, pp. 102,103.

[7]*Vatican Council II, Documents*, Vol. 1, pp. 1.

[8]*Vatican Council II, Documents*, Vol. 1, pp. 103.

[9]Coriden, Green, Heinstschel, Eds., *Code of Canon Law*, p. 646.

[10]*Vatican Council II, Documents*, Vol. 1, pp. 103.

[11]John A. Hardon, S. J., *Pocket Catholic Dictionary* (Image Books, Double-day, 1985), p. 248.

[12]Kenneth Copeland, *Believer's Voice of Victory*, setembro de 1991.

[13]*Handbook of Medical Ethics for Nurses, Physicians, and Priests* (The Catholic Truth Society, Montreal, 1943), pp. 224-229.

[14]Schroeder, *Canons and Decrees*, pp. 33, 53.

[15]*Vatican Council II, Documents*, Vol. 1, pp. 412.

[16]*Vatican Council II, Documents*, Vol. 1, pp. 365.

[17]*Catechism of the Catholic Church*, pp. 224, 320.

[18]*Trent*, op. cit., pp. 22, 23, 54.

[19]*Coriden, Green*, Heintschel, *Code of Canon Law*, pp. 122, 614.

Capítulo 12 – Certeza da Salvação

[1]Essa é a penúltima sentença da oração oficial do Papa João Paulo II para o ano de Maria, 1988. Toda a oração é dirigida a Maria e pede-lhe que faça o que ela teria de ser Deus para poder realizar. Por exemplo: "Para a Senhora, Mãe da família humana e das nações, confidentemente confiamos toda a humanidade com esperanças e medos. Não deixe que se apague a luz da sabedoria verdadeira. Guie seus passos no caminho da paz. Possibilite que todos nós encontremos a Deus..."

[2]*The New York Times*, 1 de fevereiro de 1990, pp. A1, B4.

[3]Schroeder, *Canons*, op. cit., Can. 30, p. 46.

[4]*The New Saint Joseph Baltimore Catechism*, nr. 2 (Nova Iorque: Catholic Book Publishing Co., 1969), p. 171. Veja também o novo *Catechism of the Catholic Church* universal, pp. 284-304.

[5]*Baltimore Catechism*, p. 168, veja também Vaticano II e o novo catecismo universal.

[6]*Vatican Council II, Documents*, Vol. 2, p. 75.

[7]*Vatican Council II, Documents*, Vol. 1, pp. 102,103.

[8]*Vatican Council II, Documents*, Vol. 2, p. 63; o novo catecismo, etc.



DAVE HUNT

EM DEFESA DA FÉ CRISTÃ

Por que Deus permite o sofrimento e o mal?
Como explicar todas as "contradições" existentes na Bíblia?
Algumas pessoas estão predestinadas a ir para o inferno?
Em Defesa da Fé Cristã trata de assuntos espinhosos sobre os quais todos, cristãos e não-cristãos, indagam-se. Alguns deles incluem:

- Por que um Deus misericordioso puniria as pessoas que jamais escutaram falar de Cristo?
- Como responder aos ataques contra Deus e a Bíblia?
- Como especificar qual a diferença existente entre as obras de Deus e as de Satanás?

O amplo espectro de perguntas o guiará em uma exploração empolgante sobre as verdades bíblicas. À medida que as respostas são desveladas, você obterá uma compreensão mais profunda de quem Deus é e de como Ele trabalha. A constatação da incrível amplitude de diretrizes na Palavra de Deus fortalecerá sua fé e o ajudará a viver de acordo com sua verdade.

Dave Hunt é autor e palestrante reconhecido internacionalmente. Escreveu mais de 20 livros nas áreas de estudos bíblicos e apologética, e o conjunto de sua obra já vendeu mais de 3 milhões de cópias. Sua publicação mensal, *The Berean Call (O chamado bereano)*, alcança mais de 50 mil leitores.

ISBN 85-263-0745-2
9 788526 307452